





le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

ESCRITOS

E

DISCURSOS LITTERARIOS

DE

JOAQUIM NABUCO

DA ACADEMIA BRASILEIRA

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71-73, RUA DO OUVIDOR, 71-73 | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES,
RIO DE JANEIRO | PARIS

1901

ESCRITOS

e

DISCURSOS LITTERARIOS

DO MESMO AUCTOR :

Um Estadista do Imperio, NABUCO DE ARAUJO,
Vida, Suas Opiniões, Sua Epocha, 3 vols in-4°.

MINHA FORMAÇÃO, 1 vol. in-8°.

ESCRITOS

E

DISCURSOS LITTERARIOS

DE

JOAQUIM NABUCO

DA ACADEMIA BRASILEIRA

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71-73, RUA DO OUVIDOR, 71-73
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES,
PARIS •

1901

EXEMPLARE N° 41

A' MEMORIA QUERIDA

DE

SIZENANDO NABUCO

*cuja amizade foi para mim um abrigo
sempre seguro.*

P R E F A C I O

Ao reunir em livro estas paginas de epochas diferentes, sinto bem a inutilidade de luctarem sob uma nova fôrma contra o esquecimento em que entraram. Não digo que as reunisse sómente para morrerem ao mesmo tempo e serem conservadas sob a mesma capa. Quiz antes, com esta segunda vida que lhes dou, tão ephemera, eu sei bem, quanto a primeira, que se conhecessem umas ás outras, mesmo com risco de algumas se desconhecerem a si.

As porções ainda não publicadas d'este volume são sómente o discurso sobre João Caetano e um capitulo, Influencia de Renan, do mesmo livro intimo de que tirei para Minha Formação o capitulo Massangana, e como este vertido do francez, em que primeiro o escrevi.

N'esses vinte annos que medeião entre os primeiros e os ultimos trechos foram grandes as transformações das minhas idéas em religião, politica, arte, litteratura. Basta a mudança religiosa para affectar, pôde-se dizer, todas as outras idéas e sentimentos. Por isso

rogo ao leitor que ao percorrer estes escriptos se refira á data de cada um. Quanto á religião, antes de 1893 elle quasi não encontrará vestigio da reflorescencia catholica que então começa; quanto á politica, é visivel até 1888 a preocupação abolicionista; de 1888 a 1894, a preocupação monarchica, principalmente como fidelidade ao 13 de Maio, e de 1894 a 1899 (periodo da Vida de meu pae) como preservação da verdade historica e das tradições liberaes que são a herança politica dos brasileiros sob qualquer regimen. Da phase actual, em que me desprendi de todo da politica, quasi nenhum traço haverá ainda n'este livro.

Londres, 10 de maio de 1901.

J. N.

TERCEIRO CENTENARIO DE CAMOES ⁽¹⁾

(1880)

Quando em 10 de Junho de 1580 Luiz de Camões expirava em Lisboa na mais completa miseria, ao desamparo de todos, abandonado até de si mesmo, si alguém lhe dissesse que elle só morria para ficar immortal, talvez que o poeta, esmagado como o gladiador pelo seu proprio destino sem que no vasto amphitheatro uma voz, um gesto, um olhar pedisse compaixão para elle, afastasse com indifferença essa promessa de uma vida que não é mais do homem, mas tão sómente do nome e da obra.

Entretanto, senhores, por mais que a consciencia

(1) Discurso pronunciado em 10 de Junho de 1880 na solemnição do terceiro centenario de Camões, como oração da colonia portugueza. O auctor fez n'esta reproducção diversos côrtes e algumas alterações de accordo com o primitivo manuscripto. O discurso foi publicado em folheto com uma dedicatória a J. C. Ramalho Ortigão, alma d'esse movimento litterario no Brasil, irmão do estylista portuguez.

transforme n'uma tragedia pessoal cada um dos nossos soffrimentos, os quaes aos olhos de um espectador desinteressado que pudesse abranger o interior de todas as almas não pareceriam mais dramaticos do que a queda silenciosa da ave ferida no vôo, que são todos os infortunios reaes e verdadeiros do poeta comparados á gloria que nos reúne a todos tresentos annos depois da sua morte em torno da sua estatua?

O homem é o nome posthumo. A parte individual da nossa existencia, si é a que mais nos interessa e commove, não é por certo a maior. Além desta ha outra que pertence á patria, á sciencia, á arte, e que, si quasi sempre é uma dedicação obscura, é ás vezes uma projecção immortal. A gloria não é sinão o dominio que o espirito humano adquire de cada parcella ou inspiração que se lhe incorpora, e os centenarios são as grandes renovações symbolicas dessa posse perpetua.

Tomando a iniciativa que lhe competia por ser a primeira das fundações litterarias de Portugal no Brasil, o Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro quiz associar o seu nome ao terceiro centenario de Camões por uma triplice commemoração. A primeira foi o assentamento da pedra fundamental da bibliotheca portugueza, que terá á entrada, para melhor recordar o dia de hoje, as estatuas dos seus dois padroeiros : o grande poeta e o grande infante. A segunda foi a sua edição especial dos *Lusiadas*, que tomará logar de honra na camoneana do centenario. A terceira é esta imponente solemnidade artistica, honrada com a protecção de um soberano, que já mostrou, com Victor Hugo, que é para elle um

dos privilegios do seu officio de rei poder esquecer que o é deante de um grande poeta ; com a presença de uma rainha que só tem feito fallar de si pela sua bondade e pela sua benevolencia para com todos ; e com a representação da Camara dos Deputados, que interpreta bem com esta homenagem a Luiz de Camões, o sentimento unanime do nosso paiz.

Nesta festa uns são brasileiros, outros portuguezes, outros estrangeiros, temos todos, porém, o mesmo direito de abrigar-nos sob o manto do poeta. A patria é um sentimento energico, desinteressado, benefico, mesmo quando é um fanatismo. Este fanatismo admitte muitas intolerancias, menos uma que o tornaria contradictorio comsigo mesmo, a de recusar-se o concurso espontaneo da sympathia estrangeira nas grandes expansões de cada povo.

Si o dia de hoje é o dia de Portugal, não é melhor para este que a sua festa nacional seja considerada entre nós uma festa de familia? Si é o dia da lingua portugueza, não é esta tambem a que fallam dez milhões de brasileiros? Si é a festa do espirito humano, não paira a gloria do poeta acima das fronteiras dos Estados, ou estará o espirito humano tambem dividido em feudos inimigos? Não, senhores; em toda a parte a sciencia prepara a unidade, emquanto a arte opera a união. Até a patria é um sentimento que se alarga, abate as muralhas que o isolavam, e se torna cada vez mais, como tornou-se a familia entre os homens e ha de tornar-se a religião entre as egrejas, um instrumento de paz, de conciliação e de enlaçamento entre os povos.

N'um sentido mais especial, porém, pôde-se dizer que sejamos nós, os brasileiros, estrangeiros nesta

festa? Seria preciso esquecer muita cousa para affirmal-o.

Não foi o Brasil descoberto, colonizado, povoado por portuguezes? Não foi uma colonia portugueza durante tres seculos, que se manteve portugueza pela força das suas armas, combatendo a Hollanda, até que, pela lei da desaggregação dos Estados, e pela formação de uma consciencia brasileira e americana no seu seio, assumiu naturalmente a sua independencia, e corôou como o seu Imperador o proprio herdeiro da monarchia? Depois, apesar dos preconceitos hoje extinctos, não tem sido o Brasil a segunda patria dos portuguezes? Não vivem elles connosco em tal communhão de bens e entrelaçamento de familia, que se tornaria a separação dos interesses quasi impossivel?

Quanto ao poema, deixai-me dizel-o, elle nos pertence tambem um pouco. Quero esquecer a lingua portugueza que nos é commum e a successão legitima que nos faz tão bons herdeiros dos contemporaneos de Camões e do velho Portugal dos *Lusiadas* como os portuguezes do seculo XIX. Tomarei sómente a obra d'arte.

Qual é a idéa dos *Lusiadas*, si elles não são o poema das descobertas maritimas e da expansão territorial da raça portugueza? O descobrimento do Brasil não fará parte desse conjuncto historico? As antigas possessões de Portugal na India reclamam o poema como o seu titulo de nascimento e de baptismo, porque elle é o roteiro dos navegantes que foram a

... vêr os berços onde nasce o dia;

As terras do occidente, porém, encontradas ao acaso nessa derrota matinal, não poderão ter parte na obra que representa o impulso que as encontrou perdidas no mar e lhes trouxe a civilização, sómente porque nellas

... o claro sol se esconde?

Entretanto, a India portugueza é uma pallida sombra do imperio que Affonso d'Albuquerque fundou, ao passo que o Brasil e os *Lusiadas* são as duas maiores obras de Portugal.

Quanto ao poeta, que deve ter tambem uma palavra que dizer neste dia, é-lhe por ventura indifferente que a sua lingua seja fallada na America por dez milhões de homens, que serão um dia cem milhões?

Inspirando-se, estou certo, neste sentimento, a directoria do gabinete Portuguez de Leitura, sem olhar para a lista dos seus socios nem dos seus compatriotas, resolveu reunir nesta esplendida festividade Portugal e o Brasil, por fórma que as nossas bandeiras e as nossas côres nacionaes pudessem apparecer juntas e não faltasse a Luiz de Camões a homenagem filial de um só dos paizes que figuram nos *Lusiadas* como o grande corpo da monarchia.

A honra de ser o interprete da admiração de um seculo inteiro e de dois povos unidos no centenario de um poeta é desses privilegios dos quaes se deve dizer :

É melhor merecel-os sem os ter
Que possuil-os sem os merecer.

Confesso, porém, que acceitei este logar pela divida

de gratidão que temos para com Portugal, e na qual, como brasileiro, reclamo a minha parte.

Não preciso dizer, como aliás o podia fazer sem deixar de ser sincero, que nesta noite sou portuguez; basta-me dizer que me acho animado para com a pequena, mas robusta nação que fundou o Brasil e foi tanto tempo a mãe-patria, de um sentimento que, si não se confunde com o patriotismo, não deixa de confundir-se, entretanto, com o proprio orgulho nacional.

Não vou repetir-vos a historia de Camões; não tenho talento bastante para contar o que todos sabem de cór, nem erudição para contrastal-o; não posso, porém, render homenagem ao poema sem fallar rapidamente do poeta.

Camões descendia de uma familia de fidalgos da Galiza, que não se distinguiram só pelas armas; a imaginação nelles era tão nativa como a coragem. Eram pobres. Já nesse tempo a pobreza era o apanagio dos fidalgos em Portugal, talvez porque os *antigos*

Troncos nobres de seus antecessores

não lhes deixavam a liberdade de adoptar uma profissão lucrativa, ou porque uma longa selecção militar lhes havia dado um temperamento, que podia ser mercenario, mas não mercantil.

Dos primeiros annos de Camões sabemos ao certo muito pouco. Não ha muito tempo que se fixou positivamente o logar, e provavelmente a data do seu nascimento. Nascido em Lisboa no anno de 1524, parece que Luiz de Camões foi educado em Coimbra, sob as vistas de seu tio Dom Duarte Camões, e

Universidade. Quando apparece em Lisboa, vem armado de fortes e aturadas leituras; muito moço, é já um poeta que não tem rival, mesmo nessa poesia elegante que faz antes parte da historia da moda e vestuario de um seculo.

Não ha em torno do poeta nos primeiros annos da vida sinão pallidos reflexos da Renascença, a qual, como o sol converte ao morrer toda a sua luz em côr, se concentrava então no intenso colorido veneziano. O morticínio dos Judeus, o trafico de escravos, a Inquisição com os seus autos da fé, as intrigas hespanholas, o despotismo de um rei fanatisado, as pestes que se repetem, a alegria que desaparece no meio da miseria crescente, eis o quadro de Lisboa durante longos annos. Si em vez de ficar encerrado no horizonte moral de um povo que não sentia a arte e de ter que abrir caminho por si mesmo em todas as direcções do seu genio atravez de um circulo de ferro, Camões tivesse ido á Italia, e se houvesse misturado em Roma com os discipulos de Raphael, com os amigos do Ticiano, com os adoradores de Miguel Angelo, familiarisando-se com os frescos do Vaticano, e a tragedia humana da Sixtina; como elle não teria crescido pela arte e pela liberdade! A obra prima já estava em germen no sentimento, e elle, que levou a patria comsigo para Macáo, a teria levado tambem para Roma... A sua natureza poetica, porém, approximando-se da Grecia, teria sentido a acção directa daquella patria do bello, e quem sabe si além dos *Lusiadas*, que eram o peccado original do seu genio, outras obras primas não teriam vindo universalisar a sua influencia sobre o espirito humano?

É ao tempo que Luiz de Camões passou em Lisboa,

admittido á intimidade da sociedade elegante e aos serões do paço, que se prende o romance de amor que lhe inspirou D. Catharina de Athayde.

Os grandes poetas não parecem completos sem uma mulher que os acompanhe perante a historia. Só se comprehende que elles tenham inspiração, tendo amor. É uma illusão, senhores, do sentimento popular; mas, como qualquer outra, é melhor a respeitar que a destruir..... A illusão é uma parte de nós mesmos, e a melhor; não é possível arrancar-a sem que no espaço que ella occupa fique um vazio que nada enche.

Que Luiz de Camões amou uma dama do paço, pôde-se affirmar; mas quem foi ella? Sabe-se por um acrostico que foi uma D. Catharina de Athayde, mas infelizmente para os biographos, em vez de uma, elles encontraram no paço tres Catharinas de Athayde. Essa abundancia de Catharinas explica-se talvez porque era esse o nome da rainha. Actualmente, porém, a favorita é a filha de Dom Antonio de Lima. O seu partido é numeroso; o seu padrinho o Visconde de Jorumenha. Não posso discutir de passagem um ponto tão complexo; mas, si os versos de Camões têm valor biographico, e, si o *Parnaso* que corre sob o seu nome é o que lhe roubaram, a protegida do distincto biographo tem rivaes poderosas. Como conciliar com os seus direitos os dessa outra D. Catharina de Athayde, filha de Alvaro de Souza, fundados na tradição, no testemunho do seu confessor, de que lhe fallavam sempre no poeta, e no facto de ter ella morrido moça, depois de se haver casado com outro, o que explica certos sonetos que não têm dois sentidos, sobretudo para as mulheres :

Já não sinto, senhora, os desenganos
Com que minha affeição sempre tratastes...

A mágoa choro só, só choro os danos
De vêr por quem, Senhora me trocastes...

Ainda ha, porém, uma terceira D. Catharina de Athayde, e esta é prima do poeta. Não investiguemos. Deixeimol-as todas gozar da fama do poeta. A verdade, senhores, é divina, mas a certeza nem sempre vale mais do que a duvida.

Contentemo-nos com saber que D. Catharina de Athayde tinha cabellos louros e ondeados, as faces côr de rosa, o collo de neve, os olhos verdes, o olhar luminoso, a falla doce, que era alegre, cortez e suave, e possuia a belleza, que é antes de tudo a graça musical dos movimentos,

Esse compasso certo, essa medida
Que faz dobrar no corpo a gentileza...

Quanto ao amor do poeta, lêde as suas Canções, algumas das quaes parecem escriptas por um grego, de naturaes que são. A impressão que tereis é a mesma plenitude de vida que se aspira por um dia claro, sob o azul diaphano, n'uma atmosphaera pura, quando a alma se sente, como o *noús* de Anaxagoras, a mais pura e subtil de todas as substancias, e o ar nos torna não só melhores, como mais intèllectuales e mais livres.

Ao amor de Camões por D. Catharina tem-se attribuido o seu desterro de Lisboa. Qualquer que fosse a razão, porém, desde que pela primeira vez se partio para elle a cadeia da fortuna, nunca mais ella se reatou. Desterrado de Lisboa em 1546, no anno seguinte

bate-se em Africa, onde perde o olho direito; em 1550 alista-se para a India como soldado, e não parte porque a náu arriba; demora-se em Lisboa tres annos, um dos quaes na prisão, até que em 1553 segue para a India na náu *S. Bento*, para lá ficar dezeseite annos. Como vêdes, passo rapidamente sobre factos que conheceis para chegar ao poema.

No meio da depravação oriental, da sêde de dinheiro, da ausencia de toda a especie de sancção, ninguém podia escapar ao envenenamento produzido pela decomposição do dominio portuguez na India. Camões não era asceta nem excentrico; misturava-se livremente com a sociedade que o cercava; não era nem puritano nem hypocrita, e não tinha o poder de isolação que permite aos fortes e aos escolhidos conservarem-se interiormente estranhos ao movimento de que fazem parte. Si o homem, porém, adaptou-se sem velleidade de resistencia nem constrangimento da vontade á decadencia sem reflexo algum de idéal, de arte ou de nobreza, da vida militar na India, o poeta, pelo contrario, com a mesma espontaneidade reagio, traçou um circulo de heroismo em torno de si, creou na patria um isolamento para o seu genio, e compoz os *Lusiadas*, escrevendo cada novo canto obrigado pela emoção de que o enchia o canto que havia acabado. É esse o captiveiro da inspiração, da obra d'arte; ella força quem é digno d'ella a não a deixar incompleta; como Cesar, que fez da ambição uma arte, fal-o sentir que nada está feito emquanto resta alguma coisa por fazer. Si não fosse assim, quantas obras primas não ficariam, como o *S. Matheus* de Miguel Angelo, metade na pedra, metade na idéa do esculptor? Mil vezes antes ficar a obra

d'arte eternamente mutilada, como as estatuas gregas, do que eternamente increada.

Na partida de Camões para a India devemos vêr como quer que lhe chamemos, o acaso intelligente que leva o artista a collocar-se sem que o saiba, e ás vezes contra a sua vontade, nas condições unicas em que lhe é possível produzir a obra que dará a medida do seu genio.

A bordo da náu que o levava Camões repetiu, como tantos outros que não conhecem o seu proprio desinteresse : *Ingrata Patria, não possuirás os meus ossos! Ingrata Patria! Parvi mater amoris*, mãe de pouco amor, como chamava Dante a Florença. Mas essa vingança, pura ironia da arte que brinca com o artista, como o musico com o instrumento, elle a queria completa. Portugal não lhe possuiria os ossos, mas teria por elle o seu nome immortal. Era, como todas as vinganças que o homem de coração toma do seu paiz, uma vingança de amor. Elle queixava-se da viagem que ia fazer, e era essa viagem que devia tornal-o grande poeta, fazel-o o representante de Portugal no campo do espirito humano. Em Lisboa, com as occupações insignificantes, e forçadas da vida de côrte, com as pequenas conspirações da inveja e as feridas do amor proprio, com o espirito alegre, sociavel e superficial que é preciso ter nas salas, com a intervenção mesmo benevola da Inquisição e dos Jesuitas, que teriam sido os *Lusiadas*?

Foi em Macáo, senhores, na gruta a que se prende a devoção dos seculos, n'uma das extremidades da enorme teia que dá a Portugal o direito de ser chamado, antes da Hollanda, *a aranha dos mares*, que a patria appareceu a Camões como uma entidade di-

versa de tudo o que elle havia até então confundido com ella. O fetichista, d'aquelle grande ideal, tornou-se pantheista. A historia nacional representou-se-lhe como o puro accidente de uma substancia quasi divina e eterna. Até mesmo o Portugal do seu berço, da sua mocidade, dos seus amores, visto por entre as associações todas da memoria, deve ter-lhe parecido a incorporação transitoria e incompleta do grande espirito destinado a dominar o mundo, a converter-se em outras terras, a animar outros continentes... A patria assim, senhores, é uma religião, um mysticismo ardente; occupa todo o espaço destinado ao poder creador do espirito; é uma sorte de obsessão sublime, a hypertrophia de um sentimento heroico. Pois bem, os *Lusiadas* são o resultado d'essa comprehensão da patria, que se apodera da imaginação toda do artista, dando ás suas creações a fórma grandiosa do absoluto.

Esta é a ditosa patria minha amada;
 Á qual se o céu me dá, que eu sem perigo
 Torne, com esta empreza já acabada,
 Acabe-se esta luz ali commigo.

O perigo, senhores, não faltou ao poeta. A lenda apoderou-se do seu naufragio nas costas da Indo-China, e representa-o tentando salvar das ondas, não a vida, mas o poema. Os soffrimentos não lhe alteram a idéa fixa de terminar a obra. Aos cantos *molhados do naufragio* elle accrescenta mais quatro.

Não sei si os *Lusiadas* não deviam na primeira idéa do poeta terminar no canto VI, destinado talvez a ser augmentado com a *Ilha dos Amores*.

Os ultimos cantos do poema, preciosos como são,

parecem novas construcções accrescentadas á nave central. N'elles a historia portugueza, que se tinha desenrolado magestosa nos outros, torna-se biographica e individual; ornamentos são amontoados uns sobre outros; o imperio da India toma o logar proeminente; o poeta está cançado, é obrigado a repetir-se, queixa-se, irrita-se, recorre á satyra, e ameaça as nymphas de abandonar a obra si ellas o não inspíram mais.

Exceptuai o canto IX, accommodado, estou certo, ás exigencias e aos escrupulos da Inquisição, mas que, apezar d'isso e das explicações provavelmente forçadas do poeta, parece uma pagina da Renascença, um fresco da Farnesina, ou, melhor, a representação viva da *Caça de Diana* do Dominichino, natural, sadia, alegre, sensualmente ideal; exceptuae a *Ilha dos Amores*, que podia estar reservada na idéa do poeta para encerrar os *Lusiadas* primitivos, e que vêdes? Os ultimos cantos nos revelam que, depois da interrupção não sei de quantos annos havida na composicao do poema, — ou pela imposição de uma poetica consagrada da qual elle não soube desprender-se, ou pela idéa que uma grande obra deve ser uma obra grande, ou pela reflexão que tantas vezes destróe a belleza do pensamento espontaneo, qualquer que fosse o motivo, — o poeta, conseguindo egualar-se a si mesmo em eloquencia, não consegue mais renovar a sua força creadora. Fóra esta que enriquecera os dominios da arte com a figura colossal do Adamastor e com a figura poetica de Ignez de Castro, côm as telas epicas das batalhas e com os quadros risonhos da mythologia, com esses episodios todos que seriam n'um poema arido verdadeiros oásis para a imagi-

nação, mas que nos *Lusiadas* pódem ser comparados aos quatro rios que cortavam a relva do Paraiso, além de tantos incomparaveis versos, cada um dos quaes encerraria por si só a alma do artista, porque têm o verdadeiro veio de ouro da inspiração e nenhum podia ser obra sinão de um grande poeta.

Portugal, senhores, podia ter tido uma vida tranquilla; preferiu, porém, n'um dia encher o mundo e a posteridade com o seu nome. Um principe de genio da casa de Aviz teve a intuição da missão historica da sua patria, o infante dom Henrique.

A beira do mar, ás vezes azul, unido, luminoso, attrahindo mais e mais com sua calma, seu silencio e seu horizonte, a véla do navegante, o paiz não podia escapar á irresistivel fascinação do desconhecido, a cuja borda estava assentado. Que podia haver além de tão terrivel? A morte? Quando a morte certa, e inevitavel mesmo, impediu a nossa especie de realizar um desejo, de satisfazer um capricho, de descobrir uma verdade, de afirmar um principio?

Nada, porém, se faz de grande sem um consideravel emprego da energia lentamente accumulada no individuo ou na raça, e a energia que Portugal dependeu foi muito superior á que o seu organismo podia produzir sem aniquilar-se.

O seu destino pôde ser comparado ao das grandes aves que habitam as solidões do Oceano... Um instincto insaciavel o levava para os lados desconhecidos do Sul; a loucura do descobrimento apoderou-se d'elle, e, depois de ter voado sobre os mares descobertos e os mundos novos, quando quiz voltar ao seu rochedo, ao seu ninho de pedra, o organismo estava exausto, as forças o trahiram, e, abrindo as

grandes azas que o tinham levado á India e trazido á America, elle solta o grito estridente que repercute os *Lusiadas* e cae extenuado sobre as ondas.

Esse momento unico o torna, porém, tão grande como a Hollanda, como a Inglaterra, como a Hespanha, e desse momento, depois do qual a conquista consome as forças criadas, as quaes só mais tarde hão de ser réparadas pela colonisação dos novos territorios, Camões foi o poeta.

Entretanto, apesar de serem os *Lusiadas* a mais elevada expressão da patria, a nação não cooperou nelles, não teve consciencia do proprio genio, e recebeu com indifferença a sua glorificação. Camões, que havia cantado para ter um premio nacional, como elle proprio o diz :

Que não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno,

reconhece na conclusão da sua empreza que esse premio Portugal não o podia dar.

O favor com que mais se accende o engenho
Não no dá a patria, não, que está mettida
No gosto da cubiça e na rudeza
D'úa austera, apagada e vil tristeza.

Mas devia, senhores, o Portugal do seculo XVI colaborar com elle? Para mim é duvidoso. Imaginemos que, em vez do acolhimento frio que teve, o poema fazia de cada portuguez um partidario, incutia o fanatismo patriótico onde já havia o fanatismo religioso. O desastre de 4 de Agosto de 1578 teria occorrido seis

annos antes, e o poeta teria sido parte no suicidio nacional.

Camões, depois de dezeseite annos de ausencia, não conhecia nem o povo nem o rei, que, ambos haviam mudado. O que lhe inspirava confiança no povo, era o passado; no rei, era a dynastia. Mas o paiz era muito pequeno para occupar a Africa, a Asia e a America, para combater, conquistar e colonisar a um tempo... Quanto ao rei, a dynastia de Aviz acabava, como devia, com um heróe, mas um heróe que era um louco. Magnetismo da bravura e da mocidade, entretanto! Esse rei de vinte e quatro annos, só porque morre como um bravo envolto na nuvem dos beberes, só porque o seu cadaver não repousou ao lado do de Dom João II na Batalha, mas foi enterado, como o de um soldado, no primeiro comoro de areia do deserto, é transformado n'um mytho nacional.

Camões desejou partir com elle para ser o poeta official da campanha, e até começou um novo poema, que elle mesmo rasgou depois do desastre de Alcazer-Kibir. Felizmente, senhores, a dignidade do poeta não passou pela prova dessa palinodia dos *Lusiadas*.

Desde a publicação do poema, a alma de Camões, que fôra alegre e jovial na mocidade, communicativa e facil durante a vida, talvez porque a sua esperança toda se resumia nos *Lusiadas*, está acabada. A expedição africana, que elle havia aconselhado com a eloquencia de um Gladstone pedindo a expulsão dos turcos da Europa, déra em resultado a destruição da monarchia. O seu Jáo havia morrido, legando á historia um exemplo dessa dedicação que é a honra do

escravo. A mãe de Camões, D. Anna de Sá e Macedo, que viveu até 1585, para receber a tença do filho da generosidade de Felippe II, estava inutilisada pela idade. A miseria era extrema, e, si a tradição não mente, chegou até á esmola e á fome.

Como devia ser triste para elle morrer assim, recordar o passado, reconstruir a sua vida toda! « A poesia, disse Carlyle, é a tentativa que o homem faz para tornar a sua existencia harmonica. » « Quem quizer escrever poemas heroicos, disse Milton, deve fazer um poema heroico da sua propria vida. » Com effeito, senhores, que poesia é mais elevada do que a vida da mulher verdadeiramente bella, quando essa vida é tornada harmonica pelo respeito, pelo culto, pela adoração de si mesma, como a producção de uma arte superior, que é a natureza? Que poema heroico é maior do que esse em que o operario converte a officina, o marinheiro o navio, a mãe o filho, o rei o throno, a mulher o amor, o homem o dever, e o povo a historia?

Essa especie de material, porém, é mais rara de encontrar nas mãos do artista do que o mármore ou o verso. A nossa propria vida é a matéria mais difficil de trabalhar e de converter em poesia. Nesse sentido, talvez que lançando um olhar sobre o seu passado, Camões só visse nelle os fragmentos de uma existencia dispersa, da qual a memoria se tornára por fim o registro indifferente. Porque não renunciara elle para ser feliz á sua propria superioridade, á composição d'essa epopéa quasi posthuma da sua raça? Mas como se enganava! Essa vida, cujo nexo elle não achava entre as contradicções do passado e as incertezas do futuro, navio perdido no mar, cuja direcção

desde o principio escapára á sua vontade, tinha uma unidade que a torna harmonica, senhores, como o queria Carlyle, e heroica, como o pedia Milton, e essa unidade, da qual os *Lusiadas* são a expressão, é a necessidade que a nação portugueza teve de produzir uma obra universal no momento unico em que ella attingiu á faculdade do genio.

Por mais triste, porém que fosse para o poeta a consciencia imperfeita que tinha da sorte do seu nome, a sorte de Portugal devia commovel-o ainda mais. Imaginae que um espirito creador acaba de levantar um monumento á sua patria, e que esse monumento é a synthese da vida de muitas gerações, ao mesmo tempo o livro de ouro da nobreza e o livro sibyllino do futuro, a galeria das armaduras de tres seculos militares e o tomo das cartas de navegação, o arsenal onde jazem os navios que rodearam a Africa e os que descobriram a America, o campo santo onde dormem os heróes e a nave que guarda as bandeiras de cem batalhas; imaginae que o artista acredita que a obra viverá pelo menos tanto como a patria em cujo solo elle a levantou, e que de repente, em vez de ser o edificio só, é o chão mesmo que se abate e se desmorona.

Naquelle momento, Camões não separou a patria do poema, os *Lusiadas* de Portugal. O poeta das *Orientaes* e de *Hernani* assiste em vida á sua immortalidade. Mas como podia Camões acreditar que a gloria succederia á miseria e á indiferença no meio das quaes elle morria? Não, o poema não duraria mais do que a patria. E si durasse? Á confiança infundada que elle teve na hegemonia portugueza correspondia a certeza, tambem infundada, da eterna

anniquilação de Portugal. Pois bem, morto Portugal, si os *Lusiadas* lhe sobrevivessem, o poeta já via o poema vertido para o hespanhol...

Os poemas, porém, senhores, têm o seu destino como as nações.

Si a Hespanha, em vez de declinar, depois de Felipe II, tivesse, não crescido exteriormente, mas progredido internamente, — repellindo do seu seio a Inquisição e o absolutismo, e seguindo a parallela da Inglaterra, — e si ella fundasse a sua capital em Lisboa, em frente das suas colonias de além-mar, na embocadura do Tejo, talvez que a lingua hespanhola absorvesse a portugueza, e esta ficasse para sempre embalsamada, como as grandes linguas mortas, nas fachas de um poema; talvez a nação portugueza, que nesse tempo já havia realisado a sua grande missão, vivesse sómente hoje nas paginas dos *Lusiadas*. A sorte de Portugal, porém, era outra e com ella a do poema.

Que é a celebração deste centenario, sinão a prova de que Portugal não morreu em 1580, mas sómente atravessou a morte, e de que os *Lusiadas* não foram o tumulo, mas sim o novo berço da raça e da lingua?

Dos dois lados da fronteira, depois que se operou a cicatrização dolorosa, formou-se um patriotismo diverso. A nação creou nova alma, e o poema de Camões, que elle julgava condemnado ao esquecimento, tornou-se a patria do portuguez, como a Biblia é a patria do israelita e o Corão a do musulmano.

Si posso fazer um voto nesta noite, não é que se levante a Camões uma estatua na capital da America portugueza; deixo essa iniciativa aos que melhor a

pódem tomar; mas que os *Lusiadas* sejam distribuidos generosamente pelas escolas, para serem lidos, decorados e commentados pela mocidade. Não é um livro que torne ninguem portuguez, é um livro que torna todos patriotas; que ensina muita coisa n'uma idade em que estão sendo lançados no menino os alicerces do homem; que faz cada um amar a patria, não para ser nella o escravo, mas o cidadão, não para adular-lhe os defeitos, mas para dizer-lhe com doçura a verdade. Nelle se apprende que os principios e os sentimentos devem ser os musculos, e não sómente os nervos, da vida; que a existencia do homem se alarga pela sua utilidade exterior, e, em vez de girar o mundo em torno de nós, como no systema de Ptolomeo, devemos nós girar em torno do mundo, como no de Copernico. Elle ensina que a vida é a acção e condemna essa

... austera, apagada e vil tristeza

do organismo doentio que se dobra sobre si, em vez de se expandir na natureza da qual faz parte; condemna o ascetismo e a simonia, a justiça sem compaixão, a força sem direito, as honras sem merecimento; eleva a mulher no respeito do homem, o que é um serviço prestado ás raças meridionaes; mostra a linguagem que se deve fallar aos reis, sobretudo,

Se é certo que co'o rei se muda o povo;

incute a coragem, que deve ser a principal parte da educação; familiarisa o ouvido com a belleza, a medida e a sonoridade da nossa lingua, que será sempre chamada a lingua de Camões; mostra que a po-

pularidade é uma nobre recompensa, mas que não deve ser o móvel de nenhuma conducta, quando falla do

... que, por comprazer ao vulgo errante,
Se muda em mais figuras que Proteio ;

ensina que o homem forte leva a patria em si mesmo, ou como elle o diz melhor :

Que toda terra é patria para o forte ;

prega o desinteresse, que é a condição essencial de qualquer nobreza, sobretudo quando o templo, como em Jerusalem, e o forum, como em Roma, estão invadidos pelas bancas dos mercadores; fulmina a escravidão em dois versos que encerram a eterna injustiça das grandes riquezas accumuladas pelo trabalho alheio não retribuido, quando promette não louvar a quem

Não acha que é justo e bom respeito
Que se pague o suor da servil gente ;

indica, ao que se propõe a qualquer elevado e patriótico fim na vida de que arte

... o peito um callo honroso cria
Desprezador das honras e dinheiro ,

e aponta-lhe a unica fórmula digna de subir ao que chama — o *illustre mando*, e que ha de ser sempre para os homens altivos e firmes, onde quer que o governo não fôr uma conquista, mas uma doação :

Contra vontade sua e não rogando !

Tenho atravessado nesta noite comvosco o dominio inteiro da arte. « O yerdadeiro peregrino, diz um personagem de Shakespeare, não se cança, ao medir

reinos com os seus debeis passos. » Pois bem, acabo de medir o reino da poesia com a devoção de um peregrino, e agradeço-vos a attenção com que me ouvistes.

Senhores, a obra d'arte vive por si só : admirada, si o povo a sente; solitaria, si elle a não comprehende, mas sempre a mesma e sempre bella. Portugal tem razão em considerar os *Lusiadas* como o grande monumento nacional. Elles são um poema que, em vez de ser escripto, podia ser levantado sobre columnas doricas pelo compasso de um Iktinos, esculpido em relevo nas metopas do friso pelo cinzel de um Phidias, pintado a fresco nas paredes da pinacotheca pelo pincel de um Polygnoto, si Portugal fosse a Grecia. A grande estructura de marmore manoelino serve só para cobrir as estatuas dos deuses e dos heróes, e as pinturas nacionaes das suas muralhas; no seu architrave reluzem os escudos votivos; o navegante avista-a do mar na pureza das linhas horizontaes com que ella corta o azul; suas grandes portas de bronze abrem-se para deixar passar o cortejo das panathenéas da India, o prestito portuguez todo desde Affonso Henriques até D. Sebastião, a nação vestindo a purpura e cingindo a corôa pela via sacra da historia.

Agora só me resta inclinar-me deante da tua esttua, ó glorioso creador do Portugal moderno. Na pleiade dos genios que roubaram o fogo ao céo para dar á humanidade uma nova força, tu não és o primeiro, mas estás entre os primeiros. Tua gloria não precisa mais dos homens. Portugal póde desaparecer submergido pela vaga européa : ella terá um dia em cem milhões de brasileiros a mesma vi-

bração luminosa e sonora. O Brasil pôde deixar de ser uma nação latina, de fallar a tua lingua, dividido em campos inimigos: o teu genio viverá intacto nos *Lusiadas*, como o de Homero na *Illiada*. Os *Lusiadas* pôdem ser esquecidos, perdidos para sempre: tu brilharás ainda na tradição immortal da nossa especie, na grande nebulosa dos espiritos divinos, como Empedocles e Pythagoras, como Appelles e Praxiteles, dos quaes apenas resta o nome. A tua figura então será muitas vezes invocada; ella apparecerá a algum genio creador, como tu foste, á foz do Tejo, qual outro Adamastor, convertido pelos deuses nessa

occidental praia lusitana,...

alma errante de uma nacionalidade morta transformada no proprio sólo que ella habitou. Sempre que uma força estranha e desconhecida agitar e suspender a nacionalidade Portugueza, a attracção virá do teu genio, satellite que se desprendeu della, e que resplandece como a lua no firmamento da terra, para agitar e revolver os oceanos.

Mas até lá, ó poeta divino, até ao dia da legenda e do mytho, tu viverás no coração do teu povo; o teu tumulo será, como o de Mahomet, o iman de uma raça, e por muito tempo ainda o teu centenario convocará em torno das tuas estatuas, espalhadas pelos vastos dominios da lingua portugueza, as duas nações eternas tributarias da tua gloria, que, unidas hoje pela primeira vez pela paixão da arte e da poesia, acclamam a tua realza electiva e perpetua e confundem o teu genio e a tua obra n'uma salva de admiração, de reconhecimento e de amor que ha de ser ouvida no outro seculo.

JOÃO CAETANO ⁽¹⁾

(1886)

Senhores.

Quando o nosso artista popular, — que não me deixaria tratá-lo perante o publico sinão como o publico o trata, o Vasques, — organizou esta festa e offereceu-me n'ella o logar que hoje desempenho, accedi ao seu convite de modo tão prompto que elle fez annunciar nos cartazes que eu havia acceitado *com enthusiasmo*. A palavra *enthusiasmo* pertence ao vocabulario natural dos actores... Eu tinha, porém, para não precisar de reflectir, o amadurecimento prévio das resoluções, ainda as mais subitas, quando são tomadas em questões de sentimento. A tecla ferida não reflecte para dar a nota. Eu não devia hesitar por duas razões. A primeira era que pela primeira vez

(1) Palavras proferidas, em 1886, em uma das commemorações do passamento de João Caetano dos Santos organizadas pelo actor Vasques.

me proporcionavam ensejo de prestar um serviço, ainda que insignificante, á classe theatral, da qual me confesso um dos grandes devedores, porque lhe devo um dos intervallos mais agradaveis da vida : o que tenho passado nos theatros. Não posso fazer o calculo, teria mesmo acanhamento de o fazer ; somadas, porém, todas as horas que tenho vivido na platéa ou nos camarotes, sem contar os minutos dos bastidores, minha carreira de espectador ha de preencher talvez o espaço de um anno, o mesmo tempo que tenho passado no mar, e tanto um como outro tenho-os como dos mais bem empregados da vida. A segunda razão era que eu desejava honrar a iniciativa e as outras qualidades do organizador d'estas commemorações anniversarias : a perseverança, qualidade nada commum em nossa raça, o amor da sua classe, ainda menos commum em nosso tempo, e, mais raro que tudo, seu patriotismo filial. Creio poder chamar assim o culto da actual geração pelas gerações de que ella procede.

Fôra melhor entretanto que elle mesmo vos dêsse o retrato artistico de João Caetano : elle tinha para o fazer uma vantagem, a de ter com a sua memoria plastica, de actor comico, de caricaturista da scena, para os personagens que reproduziu e á custa dos quaes fez rir ao publico e a elles mesmos, podido comparar o nosso tragico com os tragicos estrangeiros que depois vieram ao Rio de Janeiro. Pôde-se dizer que o Vasques os viu, ouviu, e estudou a todos, sempre com a saudade do discipulo fiel a procurar as semelhanças e dissemelhanças da grande arte européa com a inspiração espontanea e sem precedentes do mestre brasileiro. Elle poderia, ainda mais, dar-

nos o theatro do tempo, representar-nos João Caetano no meio do seus camaradas, cercado dos seus amigos, na vida intima, tão feliz e serena quanto foi agitada e anciosa sua carreira; em uma palavra, poderia fazer-nos conhecer o actor e o homem, ao passo que eu não tentarei outra cousa sinão estabelecer sobre uma base que me parece racional, os seus titulos á gloria definitiva.

Deve ter sido uma vida cheia de movimento e de interesse a que se abriu com a partida do joven João Caetano para a guerra da Cisplatina como cadete no batalhão do Imperador. Filho de militar, elle seguia por instincto a carreira das armas, na qual deu provas de bravura. Não podia ter melhor escola para o theatro do que uma campanha. Para quem aprende a representar, como elle aprendeu sempre, não nos livros, nem nas escolas, e sim na vida, que é a verdadeira aula do genio em todas as vocações, a guerra é um admiravel curso de arte dramatica. Elle tinha alli o drama em acção, o theatro vivo, como nenhum Conservatorio lhe podia revelar. Na guerra vê-se a natureza humana no seu auge de energia, de elevação moral, de dedicação, de esforço; surprehende-se a nos seus diversos modos de fascinar, de esquecer-se de si, de soffrer e de morrer; isto é, nenhuma das paixões ou dos ideaes que fazem a substancia dramatica dos personagens que elle quizesse interpretar, deixava de ter na vida do soldado a expressão natural, verdadeira. Allí estava o amor e a morte que entre si resumem a tragedia, como resumem a vida e o homem. Com esse extraordinario preparo, como João Caetano não devia ter achado acanhado o pequeno palco onde, depois de ter deixado o exercito,

elle fez a sua estréa aos 19 annos de idade no papel de Carlos do *Carpinteiro da Livonia*? Poucos destinos se pôdem imaginar tão contrarios como o do artista que, sentindo em si o genio de um Talma, encontra a sua platéa de reis, o seu Erfürth, em um povoado como devia ser Itaborahy em 1827... Em taes circumstancias a superioridade do actor mediocre é grande sobre o actor de genio. Não bastava ter brilhado em tal scenario para no dia seguinte adquirir-se celebridade artistica. A ascensão do nosso actor foi longa, difficil, dolorosa.

No theatro S. Pedro, João Caetano tem um horizonte mais largo, mas ali o seu amor proprio soffre tanto como em Itaborahy o seu orgulho. A chronica refere uma serie de pequenas humilhações que lhe foram impostas durante mais de dez annos pela inveja professional e pelas rivalidades nacionaes, vivas n'aquelle periodo, entre Brasileiros e Portuguezes. Uma era darem-lhe pequenos papeis, nos quaes o seu gesto excedia o drama..... O publico Brasileiro vingava-o com applausos estridentes. Essa lucha durou até que Magalhães e Porto-Alegre, chegando da Europa como portadores do Romantismo, fizeram uma alliança intellectual e nacional com o seu patricio e crearam-lhe um theatro brasileiro. João Caetano desde então começa a crescer na admiração das platéas, até reinar sobre ellas, por longos annos; reinado legitimo e incontestavel e que reflecte na scena a varonilidade dos tempos, o grande sopro patriotico da epocha.

Por essa alliança o proscenio alargou-se para elle, que chegou á interpretar Shakespeare no papel mais popular d'esse vasto repertorio humano, ainda que intellectualmente um papel inferior... Inferior,

não de certo na composição, porque Shakespeare venceu em *Othello* uma difficuldade invencivel, a de nos fazer amar um homem que mata a mulher, e esta a mulher que o amava acima de tudo, que para o seguir, a elle, um mouro, poz de lado os seus sentimentos todos de patricia veneziana : sendo que nem mesmo Shakespeare nos teria feito amar a *Othello*, si *Desdemona* não fosse innocente, effeito mysterioso do amor da mulher que advoga e vence em nossos corações a causa do seu assassino, porque ainda assim o ama... Si *Desdemona* fosse culpada, o encanto que cerca a figura de *Othello* desappareceria todo. O que nos commove n'elle é que mata sem razão, que fere a innocente, isto e, aquéllo mesmo que mais o faria odiar, si não fossem as ligações impenetraveis da imaginação com o sentimento...

Othello era exactamente o papel, segundo tudo faz crer, que mais se adaptava ás faculdades de João Caetano. Estas eram de ordem physica ; as paixões que elle sabia expressar adequadamente, eram os grandes instinctos do homem ; a impressão que causava era magnetica, um como que effluvio da propria pessoa. A magestade do porte, a belleza mascula, sombria do rosto, a gravidade natural dos movimentos, a extensa sonoridade da voz, o brilho electrico do olhar, a mobilidade incomparavel da physionomia, os rugidos da alma, que parecia n'esses momentos uma caverna de leões bramindo, ao mesmo tempo, uns de colera, outros de vingança, outros de ciume, mas ouvindo-se acima de todas a nota do amor ferido... as qualidades, em summa, que podem fazer um grande *Othello*, eram as de João Caetano. É assim como o Mouro de Veneza que elle se apresenta á pos-

teridade, ainda que em um *Othello* em verso portuguez traduzido do verso francez, triplice dynamisação poetica da linguagem shakespeareana, inexcidível de força e amplidão.

Parece que me adeanto muito fallando n'estes termos de João Caetano, na fé apenas da tradição que elle deixou. Essa tradição, porém, parece-me um titulo bastante solido para fundar a sua gloria. É em muitos casos a fortuna, em outros a infelicidade dos actores, como se tem dito tantas vezes, não deixarem sinão a fama do seu nome. João Caetano gozou plenamente d'esse privilegio, que os actores de hoje e do futuro estão em risco de perder. Não ha nada, com effeito, que um dia se não venha a recolher na arte dramatica de modo a perpetual-a como as outras; as menores reliquias do minuto hão de viver para sempre, e ha de se poder comparar o actor de um seculo afastado com um actor vivo, sem que falte nenhum elemento de apreciação. Isto não é hoje mais uma conjectura, é uma certeza. Para João Caetano taes termos de confronto não existem; a sua physionomia nunca foi reproduzida sinão por interpretação, o seu jogo scenico foi apenas analysado em phrases geraes; e o futuro terá assim que julgar do que elle foi sómente pelo entusiasmo da geração que o applaudiu. Mas, aqui entra o privilegio a que me referi: quando mesmo se pudesse affirmar, como uma lei de critica, que a reputação de um artista vale sómente o que vale a geração que a consagrou, ainda assim elle nada teria que receiar, porque a sua intuição artistica, dramatica, foi superior á do seu tempo. A prova tivemol-a completa.

Não muitos annos depois da morte de João Cae-

tano, teve esta cidade a honra de receber a visita da Ristori, e depois as de Rossi e Salvini; então o nosso publico teve occasião de vêr o que era a arte dramatica do nosso seculo, porquanto esses artistas representavam o genio italiano, acclamado pelos applausos das outras nações artisticas. Pois bem, essa revelação de uma arte nova européa foi a justificação de João Caetano e da antiga arte nacional. Os defeitos que os seus patricios tinham notado n'elle, eram exactamente as grandes qualidades que admiravam por fé na Ristori, em Rossi e Salvini. As celebridades estrangeiras pôdem todas repetir entre nós o *veni, vidi, vici*; não têm que lutar para impôr-se nos paizes vasallos: tudo conspira em favor dellas; o perigo que correm é tão sómente o de vêrem os seus defeitos exaltados acima das suas qualidades. Mas quem teve a sorte proverbialmente tragica de ser propheta em sua terra, como João Caetano, tem que vencer um meio refractario, que não crê n'elle, porque não crê em si, e só recebe a consagração, ás vezes posthuma do seu talento, quando por acaso as idéas que elle creou por si mesmo chegam ao paiz de fóra... Sómente, depois da sua morte, depois que viram a Ristori, Rossi e Salvini, os seus contemporaneos renderam-se á admiração que sentiam por João Caetano, como a uma impressão segura em que pudessem ter confiança. É este facto que firma a sua reputação, porque lhe dá uma base muito mais resistente do que o simples enthusiasmo das platéas do tempo. Essa base é o confronto que os seus sobreviventes, cujas impressões estavam vívidas por effeito de um enthusiasmo que para elles era uma duvida, puderam fazer entre as creações espontaneas da

natureza inculta do nosso grande patricio e as creações dos genios dramaticos da Italia, aperfeiçoadas pelo estudo das tradições.

O que nos resta d'elle não é muito; ainda assim é bastante para affirmarmos que si o Brasil viesse a possuir outro actor como elle, esse seria proclamado no seu tempo um genio dramatico universal. João Caetano não tem hoje sinão o nome, mas esse nome, pela prova que vimos tirar aos seus contemporaneos, representa a superioridade do artista á sua geração em tal gráo de adivinhação do futuro, de presentimento da arte, que constitue o verdadeiro genio.

Ha dois annos, quem proferia este discurso era um actor portuguez, Furtado Coelho, cuja arte é uma ins-piração do nosso paiz, bello, insinuante, fluente, aristocratico, como a geração nova o conheceu moço e o amou, como a um heróe de romance que misturasse todas as noites no palco as aventuras de sua vida com as de seus papeis... Hoje associa-se a esta commemoração a pleiade dos artistas do primeiro theatro portuguez... Não vos parece bastante suggestiva a coincidencia, e que o monumento a João Caetano deve corresponder á impressão d'esta festa? Que não deve resultar d'ella nem um tumulo nem uma estatua, mas uma idéa que esse prodigo sublime possa applaudir como si partisse d'elle, e que esta não póde ser outra sinão uma fundação dramatica, na qual se ensine a sua arte? Si tomo a liberdade de suggerir ao organizador d'esta festa que procure dar essa fórma util e grande ao seu monumento, é para que João Caetano não se reveja no ermo de um cemiterio, mas nas glorias de um theatro; não em um marmore frio e solitario, mas em discipulos que

queiram imital-o, que se esforcem por attingir ao ideal, que será elle, e sejam outras tantas estatuas vivas levantadas ao iniciador. Ensinar a representar é ensinar uma serie de artes de elegancia, de polidez, de dicção, que, levantando o nivel do palco, farão tambem subir o da platéa, que é o povo. É o que devêra produzir este encontro de intelligencias unidas pelo mesmo sentimento : uma escola de arte dramatica, que eduque ao mesmo tempo o actor, o auctor e o publico, para que o talento se volte para o theatro, e possamos um dia ter um theatro nacional, depositario das tradições da lingua, archivo dos nossos costumés, restaurador da nossa historia, centro artistico do nosso desenvolvimento intellectual, onde a patria seja corôada a cada uma de suas victorias ou deante do qual se possa repetir, quando cheguem os nobres revezes a que só as nações egoistas escapam, o que nos versos de ouro de Banville diz Socrates á mocidade Atheniense :

Allons donc au théâtre apprendre des poètes
Comment dans un pays grandi par les revers
Les belles actions renaissent des beaux vers !

SARAH BERNHARDT ⁽¹⁾

(1886)

Em Sarah Bernhardt a vida da mulher travou um duello de celebridade com a carreira da artista. Nos seus mais esplendidos triumphos ella não terá tido muitas vezes sinão a sensação do vacuo. Realizando na celebridade o typo de Don Juan no amor, ella sonhou todas as glorias, conquistou-as todas, mas sómente pãra sentir sempre a decepção da posse depois da loucura do desejo. O conjuncto da sua existencia formaria um *pendant* feminino á vida de Nero, como a phantasiou Renan, mas de um Nero, com o genio de mais e o crime de menos, obrigado a ganhar, pelo seu talento, os meios de realizar a idéa neroniana. Para que tal existencia guardasse no quinto acto proporção com as emoções das outras scenas, ella deveria, como Theodora, encontrar um Justiniano e dar leis a um Imperio.

(1) Á chegada de Sarah Bernhardt ao Rio de Janeiro em 1886; artigo publicado no *Paix*.

Nós, porém, nada temos com esse drama do seculo XIX, intitulado *Sarah Bernhardt*, que se ha de representar perante as platéas do seculo XX, como hoje se representa o *Kean*. A viagem ao redor da America, que a grande actriz agora emprehender, que sedeve prolongar por mais de um anno, ha de ser para ella um longo intervallo de calma e de repouso em sua vida intima, da qual se póde dizer que a cabeça esteve sempre em febre, e o coração sempre em delirio. Nada, com effeito, póde dispôr tanto á volta gradual á serenidade, — que deve ser para ella uma recordação longinqua da infancia, — como a longa ausencia de Pariz, a peregrinação americana, durante a qual o Velho Mundo vae suppô-la uma desterrada da civilisação entre os indios, uma M^{lle} Clairon em vespéras de tornar-se uma Atala.

Sarah Bernhardt na sua carreira dramatica, — em qual as scenas intimas de sua vida são como que intervallos representados perante o mesmo publico que a applaude, — terá gastado mais força nervosa do que talvez fosse preciso a Bonaparte para tornar-se Napoleão.

Esse desperdiçar continuo e incessante da sorte, esse atirar ao fundo do abysmo, sem uma lembrança sequer, emoções de que se fariam milhares de existencias felizes, envolve um gasto immenso da propria pessoa. Semelhante carreira daria vertigem mesmo aos homens que conquistaram o mundo. Póde-se dizer que ella não tem em Pariz uma hora de vida privada, e que antes de apparecer em scena, á noite, a actriz já se extenuou de dia nos dramas reaes que viveu. Agora, porém, essa dualidade de representação vac cessar por algum tempo, e o pu-

blico será beneficiado, tanto como ella, pela economia de forças a que a viagem a ha de obrigar. Pariz está a poucas horas de communição comnosco pelo telegrapho, e os correios são muito frequentes. Mas o telegrapho não transmite a vibração da vida pariziense, e as malas, por mais carregadas que venham, têm intervallos certos. Tudo conspira para fechar a eminente artista nas quatro paredes do seu contracto. O que todos devemos esperar é que ella não ache insupportavel a sua prisão dourada deste lado do oceano.

Um critico francez lembrou-lhe que ella partia para paizes *de pouca arte e litteratura*, onde a platéa aprecia o genio conforme o preço das cadeiras, e conjurou-a, em outras palavras, a que ao voltar a Pariz não deixasse nada de si entre esses barbaros. Os adoradores do genio francez admiram-no bastante para perdoar essa fraqueza de alguns escriptores de acreditarem que Pariz é toda a materia pensante do mundo. Não é pouco ter recebido em partilha o dom que teve a França de embellezar tudo o que toca. Não é indispensavel á sua gloria a crença de que só ella estima devidamente os seus proprios talentos. As nações, como os individuos, só são amaveis quando sabem fazer-se perdoar a sua superioridade, e fazer a França menos amavel é diminuil-a. No Brazil a grande artista não encontrará por certo os criticos das suas *premières*, mas encontrará ainda a especie de publico que faz os grandes actores : o publico que os comprehende. Durante a sua viagem ella verá nas platéas de Buenos-Aires mais riqueza, nas de Santiago mais aristocracia, nas da Havana mais imitação pariziense ; em parte alguma, porém, encontrará, ao

lado de um auditorio tão apaixonado pelo theatro, uma minoria que tenha tanto do genio francez. Ella pôde assim estrear-se, certa de que neste paiz está ainda em territorio intellectual de sua patria. Em nenhum outro ella verificará melhor a exactidão do verso que tantas vezes ouviu em scena : — *Tout homme a deux pays : le sien et puis la France.*

Como eu disse em começo, ella chega precedida de uma fama que não é outra cousa sinão a gloria do nosso seculo. No livro de sua vida não ha nome illustre no theatro contemporaneo que não tenha escripto uma pagina de ouro. Pariz, Londres, S. Petersburgo, Nova-York, todas as grandes capitães procuraram vencer uma a outra na admiração que lhe mostravam. Ella tem sido a interprete, a collaboradora, a creadora, ás vezes, das maiores obras dramaticas do nosso tempo. A pleiade dos novos dramaturgos francezes, cujas peças, reproduzidas, plagiadas, refundidas, imitadas, alimentam a litteratura theatral dos dois mundos, está para ella na posição de subditos litterarios. Só um nome elevou-se acima do seu: o de Victor Hugo, a quem Doña Sol fez esquecer n'uma hora um exilio de vinte annos... Mas ao lado mesmo desse nome, o della não pareceu pequeno, porque eram ambos nomes unicos. Essa é distinctamente a especie de gloria que ella possui : a de ser unica, assim como Hugo, Lesseps, Renan. Tudo o que a admiração dos maiores espiritos, a adulação dos mais altos personagens, o delirio das platéas, a gloria de Pariz pôde dar a uma artista, lhe foi prodigalisado. Como Rachel, ella elevou-se a uma posição solitaria. Como a Ristori, recebeu as chaves de ouro da sua lingua. O manto da poesia cahiu-lhe sobre os

hombros e foram os seus labios que recolheram a alma de Musset. Da fama ella passará para as artes, e pelas artes para a tradição.

Com uma vida tão intensa que é um feixe de vidas distinctas, ella pôde se ter cançado da admiração do mundo, mas a admiração é o elemento dessas naturezas. Dentro d'elle pôdem sentir o tédio da existencia; fôra, nem siquer respirar. No Brasil, como em toda a parte, Sarah Bernhardt encontrará a monotonia da sua celebridade. A natureza mudou; ao sol amortecido do norte succedeu o sol ardente dos tropicos, mas o meridiano da gloria está sempre sobre a sua cabeça, a estrada que ella pisa é a mesma no Rio de Janeiro que em Moscow. É a estrada triumphal que as realezas artisticas do nosso seculo encontram em qualquer paiz onde a phantasia as leve, bordada da eterna multidão humana, que parece outra, mas é sempre a mesma.

Nós, entretanto, a acclamaremos duas vezes: porque ella nos vem como Sarah Bernhardt, e nos vem como a França. Pela primeira vez em nossa historia, temos a honra de receber em nosso paiz a gloria franceza. A actriz que continúa a tradição de M^{lle} Lecouvreur, de M^{lle} Clairon e de M^{lle} Rachel, é no mais elevado character a embaixadora do espirito francez. Ella representa o ponto culminante do theatro da nação que, unica em nossos dias, tem um theatro, e que foi a unica a ter no theatro uma tradição, uma escola, uma educação. Como na arte de escrever, assim tambem na arte de representar, só a França attingiu essa perfeição nas medidas sonoras e visuaes da expressão, a que se pôde chamar o estylo. Sarah Bernhardt nos traz assim uma fórmula desco-

nhecida do bello, a fórma de todas a mais precaria, como traz uma lingua que ainda não foi ouvida em nosso scenario.

As bellas artes, no pensar de muitos, não chegam até ao palco ; entretanto, quem é mais artista do que o actor ? A materia plastica a que elle imprime a sua concepção, o seu sentimento creador, não é menos digna do que o marmore, por ser o *conjuncto* das expressões humanas. Elle transforma-se cada minuto em uma obra d'arte, como o esculptor transforma o marmore. Quanto ao proprio texto do drama, esse não é mais do que o cinzel com que elle trabalha a sua materia prima, que é elle mesmo. Shakespeare escreveu um só *Hamlet*, mas quantos não têm sahido, conforme o sentimento e as idéas de cada epocha, do genio creador dos seus interpretes ? É essa a arte de que Sarah Bernhardt nos vem apresentar o mais perfeito modelo ; e temos para com ella uma divida de gratidão, por assim nos deixar vêr o original das grandes creações francezas de que só tínhamos visto copias pallidas. Neste momento, o primeiro dos theatros francezes não é a Casa de Molière, é o theatro S. Pedro de Alcantara.

Á eminente actriz que nos dá a occasião unica de escrever essa phrase, não hão de faltar provas da admiração que os brasileiros sentem por ella e por seu paiz. Os theatros em que ella representar hão de ser tão pequenos em toda a America para os que anceiam por ouvil-a, como ainda ha pouco o eram os theatros de Londres. Nem acredite ella que o desejo de vêl-a nos dramas emocionaes dos ultimos annos seja maior do que o de escutar a musica indefinivel da sua voz nos versos de Racine e de Hugo. Não nos

faça vêr incompleto o seu genio artistico. Não sacrifique á paixão a poesia, e deixe de vez em quando a musa acalmar as platéas que a tragica tiver assombrado e a mulher trazer revoltas.

Quanto a nós, tambem temos o que lhe dar em troca das nossas emoções ; temos que lhe offerecer, a ella, que nos traz uma nova fôrma d'arte, o que para uma natureza como a sua, tantas vezes artistica, ha de ser tambem uma revelação : o deslumbrante espectáculo que presentiu ao approximar-se de nossas montanhas, a magnificencia do incomparavel scenario que a cerca por todos os lados. Em sua curta visita é de esperar que ella leve da nossa natureza, como nos ha de deixar do genio da França, uma impressão unica. Neste momento só temos a dizer-lhe que ella não se enganará medindo o logar que vae occupar entre nós pelo vazio que deixou em Pariz. O que a França tem de grande nas artes e nas lettras está com os olhos voltados para a portadora de suas credenciaes artisticas. Os nossos applausos desde hoje dirão ao mundo como foi recebida por nós a emissaria da grande nação, de cuja gloria fomos sempre um satellite distante.

PORTUGAL E BRASIL (1)

(1888)

Senhores, O Gabinete Portuguez de Leitura não quiz esquecer que em 1880 fui o seu orador na comemoração do terceiro centenario de Camões, e hoje me confere a mesma elevada honra na inauguração da Bibliotheca Portugueza do Brasil. Entre 1880 e 1888 teve logar uma aspera campanha e assim como nas guerras antigas se convertiam em armas e escudos as proprias lampadas dos templos, eu me vi forçado a converter ora em invectivas, ora em supplicas, todo o interesse que antes sentia pela poesia e pela arte. Ir buscar-me, a despeito dessa lucha de tantos annos, para fallar em vosso nome, não é só uma prova de fidelidade aos que uma vez vos serviram com dedicação; é a melhor demonstração do desprendimento de espirito e da continuidade de pro-

(1) Discurso pronunciado na inauguração do novo edificio do Gabinete Portuguez no Rio de Janeiro em 22 de Dezembro de 1888.

posito com que os portuguezes levam por diante as suas grandes empresas. Eu descubro nessas qualidades as raizes profundas das creações portuguezas na America, das quaes, não é preciso dizer, a mais consideravel ficará sendo sempre o Brasil.

É um facto digno de analyse a adaptação do vosso patriotismo ao nosso paiz. Sómente n'um sentido consentirei em chamar ao Brasil paiz estrangeiro para vós, no sentido de sermos uma nacionalidade politica distincta. Nós nos constituimos em nação independente, ou melhor, diversa da vossa, porque tal era a lei da formação social da America. Foi um simples phenomeno de scissiparidade. A extensão do territorio que Portugal possuia deste lado do Atlantico excluia a possibilidade da união permanente dos dois povos. Si tivéssemos continuado unidos, a nossa representação nas côrtes seria um dia dupla da vossa e o primeiro acto da maioria brasileira havia de ser a mudança da capital de Lisboa, digamos, para o Recife, nosso ponto mais oriental. A lei do predominio europeu, sem fallar do mandamento — *respeitarás pae e mãe*, não consentiria, porém, que a Europa fosse governada da America.

Foi um romance de que não guardastes ao seu auctor o menor resentimento. Vós hoje fallaes do 7 de Setembro come se falla na Inglaterra do 4 de Julho. Estaes todos convencidos de que o Brasil se tinha feito homem, e a tutela paterna cessa com a maioridade do filho. Deixae-me dizer o que eu penso. Si nós não nos tivéssemos separado em 1822, quem sabe o que teria acontecido? Talvez não existisse hoje nem Portugal nem Brasil. Eu sou dos que por nada tocariam na historia. Penso que a humanidade, como o

homem, não deve lastimar-se nunca. Quiz sómente lembrar que entre nós houve um facto civil apenas — a nossa emancipação; não houve repudio dos laços de familia que nos prendiam. Também o vosso patriotismo adaptou-se ao nosso paiz sob essa firme persuasão.

O portuguez no Brasil tem orgulho de ter sido a sua raça que fundou este colosso, o qual se destaca no planispheriô com a cabeça sob o Equador, o coração sob o Capricornio e os pés sob o Cruzeiro do Sul. Sois em certo sentido mais pró-brasileiros do que os brasileiros. Podeis ter um sentimento incommodo, quando pensaes no futuro de Portugal, collocado como uma tentação na mais bella parte dessa península iberica, para onde as correntes vulcanicas da politica continental hão de um dia mover-se. Vossa fé, porém, no futuro desimpedido do Brasil excede a nossa. Tendes mais confiança em nós do que nós mesmos. Ao vosso lado nós somos pessimistas. Sentis tambem que não deveis deixar morrer a vossa tradição na memoria da nacionalidade que fundastes, e eu confesso que no vosso caso a tarefa é mais necessaria do que no caso da Inglaterra ou da Hespanha. É sómente deante da Inglaterra que em consciencia o americano do norte reconhece uma superioridade nacional, uma civilisação mais culta, ou é a ella sómente que elle paga o tributo da imitação, é ella só que elle copia. O fundo commum entre os povos hispano-americanos e a velha Hespanha é infinitamente menor do que entre norte-americanos e inglezes. A Hespanha no seculo XIX não pôde supprir as necessidades intellectuaes e admirativas de um povo que queira aprender. Sua atmospherã littera-

ria é ainda medieval. É preciso para os americanos ir beber á outra fonte. Mas si os editores hespanhóes não são os fornecedores intellectuaes, nem mesmo da propria Hespanha, os descendentes de hespanhóes, quer do Mexico, quer do Perú, são todos filhos de Pelayo, todos assistiram á entrega das chaves de Granada por Boabdil, todos, em uma palavra, sentem o mesmo respeito, que eu chamarei fidalgo, pelo conjuncto da civilisação peninsular, pela alma hespanhola, cujo biographo continúa a ser Cervantes, e que tem a sua expressão na palavra de Castelar, no pincel de Pradilla, e no verso do grande « hespanhol » do seculo — Victor Hugo (1).

Entre Portugal e o Brasil a differença é maior. O brasileiro nada sabe do vosso paiz; o que elle lê, é o que a França produz. Elle é pela intelligencia e pelo espirito cidadão francez, nasceu pariziense; em que lugar de Pariz, eu ignoro. Pariziense, vê tudo como pôde vêr um pariziense desterrado de Pariz. Não ha um brasileiro talvez que tenha pensado meia hora seguida sobre cousas portuguezas. Nós fallamos a mesma lingua, mas de que serve, se não lemos o portuguez? Para dizer a verdade, estamo-nos tornando um povo polyglotta. É uma condição séria. Eu a exponho com franqueza, como si este fosse já o primeiro conselho de guerra da nossa lingua sitiada e prompta a capitular. Mas quanto á falta de interesse reciproco, não vos impressioneis com isso. Quer dizer sómente que estamos longe uns dos outros, e o homem vive sómente do que vê e do que ouve, ex-

(1) A expressão — *le Grand d'Espagne de première classe de la poésie* de Paul Saint-Victor não é verdadeira sómente no sentido em que elle a empregou.

cepto nos momentos em que a vida mesma fica suspensa por uma dessas emoções como temos tido, como a França sobretudo costuma causar-nos, e em que os olhos procuram vêr e os ouvidos ouvir atravez do oceano. Não vamos a Portugal visitar como peregrinos os seus logares historicos, nem vamos mais a Coimbra, mas fazemos talvez melhor do que isso : formamos uma só familia com o povo portuguez, o que quer dizer que qualquer abalo mais forte da vossa patria vibraria com força egual d'este lado do Atlantico.

Não vos limitastes a levantar um monumento que falle ao povo como só uma obra d'arte póde fallar, suggerindo, inspirando, commovendo. O edificio está completo, a estructura material está prompta; ides agora insuflar-lhe o espirito, a alma, que o ha de animar. Que alma deve ser essa? Ella sáe destas pedras, senhores.

Deliberadamente, vós, portuguezes, construistes uma bibliotheca, a mais grandiosa das edificações desse genero na America, e a levantastes sob o duplo padroado de Luiz de Camões e do infante D. Henrique. A alma deste edificio é assim, antes de tudo, a propria alma nacional. Estas pedras são estrophes dos *Lusiadas*. Ellas deviam ser condecoradas com a ordem de Aviz. Está aqui o espirito dos grandes reis que escreveram na espuma das ondas virgens a vossa odysséa.

É a primeira significação deste monumento; é um monumento levantado á missão historica de vossa nacionalidade, e portanto uma affirmacão da vossa consciencia portugueza de patria intangivel, tão convencida, tão solemne e tão alta como é a Batalha

e como são os *Lusiadas*. Nesse sentido o vosso edificio é directamente filho de Camões, é uma petrificação da onda de patriotismo que irrompeu ha oito annos do seu sepulchro. Não vos admireis da fecundidade eterna do genio! Ainda hoje não se conhecem as estrellas todas que hão de compôr na historia essas constellações nacionaes chamadas Homero, Dante, Camões, em torno das quaes parece mover-se o resto da humanidade.

Mas este edificio tem um segundo character : é um padrão de posse nacional; com elle reclamaes para vós o dominio da lingua portugueza no Brasil em nome de Luiz de Camões. El tendes razão. A lingua é uma tradição preciosa. Quando me lembro que as palavras que estou pronunciando são em parte as mesmas que Cicero deixava cahir dos seus labios solemnes em periodos contados, confesso que deseja vêr essas medalhas gloriosas livres o mais possivel da mistura barbara que lhes corróe o contorno. Não é possivel restaural-as, eu sei bem, mas impeçamos pelo menos a corrupção maior, e em todo o caso limpemol-as, pesemol-as, façamol-as tinir ao lado das verdadeiras, para vêr o que lhes resta ainda do metal primitivo, da sonoridade que ellas tinham ao repercutir contra os marmores do Forum com o vigor do accento latino, o verdadeiro conquistador do mundo. Essa lingua é vossa, é propriedade vossa; seriam precisos seculos a qualquer das tres linguas europeas transplantadas para a America, á ingleza, á hespanhola ou á portugueza, para mudarem o seu centro de gravidade ou a sua séda de governó da Europa para a America. Nós podemos repellir as vossas innovações; as linguas não são alteradas pelo gosto, mas

em geral pela falta de gosto; a posse, porém, vos ficará pertencendo, e o que fizerdes della será sempre tido pela lingua portugueza. « Ainda não se viu citar um Imperio ou Estado, disse Milton, que não prosperasse pelo menos medianamente enquanto conservou o amor e o interesse por sua lingua. » A lingua portugueza é a vossa fronteira inexpugnável.

Ha uma terceira affirmação neste edificio: é o culto de Camões. Elle pertence ainda á commemoração gloriosa de que tivestes a iniciativa. Estamos aqui, senhores, no adro da religião camoneana no Brasil, e não preciso dizer-vos que essa é a base solida e indestructivel de toda a nossa litteratura, pois ninguem que não admire Camões ha de fazer em nossa lingua nada que seja grande, fecundo, nada que mereça viver e reproduzir-se. Tudo o que sáe da attracção dos *Lusiadas* precipita-se pelos espaços vazios. Uma geração educada em Camões só pôde ser uma geração forte, mascula, heroica. Elle só tem um rival como formador de homens, Dante.

Ahi estão os tres grandes traços desta criação: affirmação da patria, reivindicação da lingua portugueza, centro da cultura camoneana. Ha um quarto traço característico: a alliança intellectual luzo-brasileira. Este monumento é um symbolo de fraternidade. Não se fazem doações destas a uma nação com a qual não se está vinculado irmanmente. Não se fazem bemfeitorias tão importantes em casa alheia.

Agora vossas obrigações. Como fóco da vida patriótica, deveis ser o archivo, ou melhor, o reflector de tudo que interesse á vossa nacionalidade, desperte o vosso patriotismo, transporte portuguezes e brasileiros pelo espirito aos santuarios nacionaes de Por-

tugal, por tres seculos nossa patria commun.

Tendes, além da realza, o mais brilhante auditorio que podieis reunir... Deixae-me notar sómente os claros forçados. O primeiro, o de um dos pilares da Beneficencia Portugueza, ainda ha pouco derribado (1). O segundo, o de Manoel de Mello, auctor do vosso catalogo, lapidario do vosso escritorio, honra da vossa cultura litteraria. O terceiro, mas não devo falar dellé como de um morto neste recinto, onde elle estará sempre vivo... Eduardo Lemos.

Cada criação é um homem; tomae qualquer obra, seja uma sociedade, seja uma propaganda, seja uma politica. Ha sempre um homem em torno de quem se concentra o movimento. Quando uma instituição qualquer não tem por si um homem que se identifique com ella, um homem de fé, está visto, e de intuição, que pudesse creal-a de novo si ella morresse ou concebel-a si ella não existisse, essa instituição está morta ou pelo menos em decadencia de que só poderá outra vez levantar-se si tal homem apparecer. Eduardo Lemos associou-se a um amigo que pensava como elle; soube cumprir assim o primeiro dever dos fundadores, que é escolher o seu successor. A substituição reciproca estava assegurada para o caso de faltar algum delles. As directorias são collectividades, mas as collectividades que fazem grandes cousas, como a actual directoria do Gabinete Portuguez, têm consciencia de quê só as fazem porque encontraram o homem que a instituição exigia (2).

Eu vos felicito e vos agradeço como brasileiro a doação magnifica e o ainda mais magnifico exemplo

(1) O conde de S. Salvador de Mattosinhos.

(2) J. C. Ramalho Ortigão. Ve rnota, pag. 1.

que nos acabaes de offerecer. *Noblesse oblige*. Este monumento obriga. Obriga, senhores, os que vos succederem a inspirar-se na sua genealogia, no patriotismo, no amor dos seus concidadãos e no culto da gloria litteraria portugueza, de que vós lhes deixareis o fidei-commisso sagrado. Elevastes um monumento a vós mesmos, que dominará epochas de indifferença, attestando a vossa fé patriotica. Elle é o testamento de uma geração inteira de portuguezes, amantes por igual da sua e da nossa patria, conscios de que a riqueza tem deveres, e de que o exilio voluntario impõe obrigações dobradas para com a patria ausente, solitudine maior pelos seus patricios.

Tendes razão, senhores, de nos fazerdes admirar a vossa patria pela magnificencia das creações portuguezas no Brasil. Tendes uma ascendencia illustre; no vosso sangue misturam-se os sangues das velhas raças independentes da peninsula e da velha raça conquistadora do mundo; fostes civilizados pelos romanos, a lingua que fallaes foi nos acampamentos das legiões que a apprendestes; o vosso valor era tradicional, fallava-se delle em Roma e em Carthago batestes os arabes e os castelhanos; fizestes os *Lusíadas*; atravessastes a occupação estrangeira sonhando com D. Sebastião; descobristes o caminho das Indias; causastes pela agitação em que vivieis deante das ondas, o descobrimento da America; circumnavegastes a terra antes de todos, fizestes cousas extraordinarias.

Nós estamos passando neste momento o nosso cabo da boa esperanza, ao qual chamavam, antes, o cabo tormentorio, e ha muito quem queira representar o papel de Adamastor. Eu sei que as prophecias de

Adamastor sahiram certas, mas o velho Adamastor disse sómente o passado e os novos querem pre-dizer o futuro. Eu não espero que esses agouros sinistros se realizem : creio firmemente que, sem perturbações de especie alguma, sem manchar de sangue a tradição de tolerancia que já reina entre nós ha meio seculo, sem desfazer a grande obra do reinado que é a unificação da patria, sem macular a alvura desse pedestal de 13 de Maio sobre o qual a Grecia teria levantado a estatua de uma Amazona vencedora, o Brasil ha de atravessar unido e forte este fim de seculo onde o sopro de 1789 levanta ondas encapelladas. Assim tambem, meus senhores, estou certo de que o vosso Gabinete nunca deixará de encontrar quem continue a sua tradição, quem desenvolva o vosso pensamento de 1888 tão bem como vós desenvolvestes o de Rocha Cabral e dos seus companheiros de 1837.

Eu disse antes que as pedras deste edificio pareciam estrophes dos *Lusiadas*, e não sei si não estava copiando um pensamento do vosso illustre Ministro; deixae-me accrescentar que um dia o patriotismo portuguez as virá decifrar e interpretar... « Si um dia o nome de Portugal houver de desaparecer da carta politica da Europa, foram as palavras finaes de discurso de Ramalho Ortigão neste Gabinete, esta casa, será ainda como a expressão monumental do cumprimento da prophecia posta por Garrett na bocca de Camões moribundo :

Soberbo Tejo, nem padrão ao menos
 Ficarà de tua gloria? Nem herdeiro
 Do teu renome? Sim : recebe-o, guarda-o,
 Generoso Amazonas, o legado

De honra, fama e brio : não se acabe
A lingua, o nome portuguez na terra. »

Si o eclipse de que fallou o illustre escriptor portuguez se realisasse, nesse dia os Portuguezes não se esqueceriam de que o genio dos seus descobridores, a dedicação dos seus missionarios, a coragem dos seus colonos, fundou nesta parte da America desde o seculo xvi uma nação que nunca deixou de ser portugueza e que soube manter o seu caracter portuguez mesmo nos tempos em que Portugal perdera a sua independencia na Europa. Elles se lembrariam de que além do pequeno Portugal europeu existe um grande, um immenso Portugal americano... este havia de offerecer-lhes uma hospitalidade tão espontanea como em 1808, e até o dia infallivel da nova Restauração Portugal e o Brasil formariam uma só nacionalidade tão certo como elles hão de sempre fallar uma só lingua.

RESPOSTA ÀS MENSAGENS

DO RECIFE E DE NAZARETH

(1890)

Meus caros comprovincianos,

Tive a honra de receber as mensagens que me dirigistes chamando-me ao seio do povo pernambucano a trabalhar pela federação na republica, assim como havia trabalhado na monarchia. Sómente ha dias foi-me entregue a mensagem do Recife, a cujos termos faz referencia a de Nazareth recebida por mim no anno passado. É esta a explicação da longa demora de uma resposta que teria sido immediata si eu não devesse dirigir-me conjunctamente aos dois districtos que tive a honra de representar.

Agradeço-vos com o mais profundo reconhecimento este novo testemunho de confiança. Elle mostra mais uma vez que a vossa generosidade para commigo cresce sempre na razão das difficuldades

em que nos achamos reciprocamente collocados.

Tenho a mais imperiosa consciencia dos direitos que por ella adquiristes sobre mim. Conservo intacta, e hoje mais viva do que nunca, a minha aspiração autonomista. Aos dois compromissos de minha carreira publica, — a emancipação do povo e a emancipação das provincias, — guardo a fidelidade das obrigações moraes espontaneas. Sou entretanto forçado a pedir-vos que me dispenseis de associar-me á fundação da republica, porque me considero para isso politica e moralmente improprio.

Politicamente, porque tudo o que eu disse na Camara, perante vós, no *Paiz*, e, ainda no anno passado no Rio da Prata, em preferencia da monarchia, como a fiadora idonea da autonomia das provincias e a continuadora natural da obra de 13 de Maio, foi-me dictado pela mais profunda e desassombrada convicção que um espirito sincero possa formar sobre os problemas vitaes do seu paiz. Moralmente, pela humilde parte que tive no movimento abolicionista, na semana historica de Maio, e na sustentação da monarchia duas vezes libertadora, depois do seu *segundo alea jacta est*, ainda mais nobre e mais generoso do que o do Ypiranga.

A minha adhesão á monarchia teve quatro fortes razões, em phases historicas successivas.

Antes do movimento abolicionista eu era monarchista como liberal, por acreditar que a monarchia parlamentar com o seu systema de partidos, que mutuamente se fiscalizam e se limitam, e de responsabilidade ministerial perante as Camaras, permittindo a acção immediata, livre de prazos, da opinião no governo, era para nós um systema de garantias pu-

blicas e individuaes superior á republica presidencial, governo de um só homem, ou de um só partido, o que é talvez peor, nos povos de character ainda inconsistente e entre os quaes a independencia pessoal é uma rara excepção.

Desde a campanha da abolição em 1879, fui monarchista principalmente como abolicionista, pela razão negativa que a liberdade pessoal do homem deve preceder á escolha da fórmula de governo, e pela razão positiva da abstenção systematica do partido republicano, precipitado politico das duas leis de 1871 e 1888, que se desinteressou da abolição, declarando-a um problema exclusivamente monarchico.

Ao levantar a bandeira da federação em 1885, tive para sustentar a monarchia a razão de que sem ella, sem um eixo nacional fixo e permanente sobre o qual girasse o systema federal desimpedido, vêr-se-lia no Brasil o perpetuo conflicto que se deu em toda a America entre o unitarismo e o federalismo e do qual resultou a destruição d'este ultimo, excepto na União Americana, que poude sobreviver á maior guerra civil da historia causada por aquella lucta de forças. N'esse periodo a monarchia era para mim a conciliação da unidade com a autonomia.

A quarta phase da minha adhesão monarchica data de 13 de Maio. A attitude da monarchia n'esse dia creou entre ella e a parte do abolicionismo a que eu pertencia, um laço de solidariedade que no futuro, com o desenvolvimento da consciencia moral no paiz, se comprehenderá melhor do que hoje. « *É um crime toda a obra feita em proveito de ingratos* », li em um escriptor christão. Eu não tinha tanta certeza d'isso, mas tinha de que era um crime nacional a ingratição,

e seria ingratição, um anno depois da lei de 13 de Maio, derrubar a monarchia com o apoio da propriedade injustamente resentida. A Regente, ao assignar aquella lei, podia dizer, lembrando-se da lenda do almirante hollandez ao afundar em nossos mares: « A abolição é o unico tumulo digno da monarchia brasileira ». Mas as nações que acceitam sacrificios d'esses vibram o mais profundo de todos os golpes no seu proprio cerne moral. Propagava-se a republica fazendo os libertos dar *morras* á Princeza no quadrado das senzalas que lhes serviram de prisão, no mesmo anno em que ella os libertou. Era isto cultivar o senso moral da raça negra? E que sorte seria a do Brasil quando as raças sahidas do captiveiro sentissem que a sua liberdade estava manchada de ingratição?

Adam Smith pretênde que a sorte dos escravos e dos servos foi sempre peor nas republicas do que nas monarchias. Os dois ultimos paizes de escravos da America, os Estados-Unidos e o Brasil, a julgar pela força activa do preconceito de côr em cada um d'elles, parecem confirmar aquella regra. O mesmo principio deve estender-se ás raças apenas emergidas do captiveiro, e com muito maior razão n'um paiz onde a escravidão revoltada tivesse tido força para vingar-se da monarchia, abatendo-a. Não ha maior paradoxo do que pretender-se que uma revolução social como a de 13 de Maio podia ficar feita n'um dia.

Destruir com o auxilio do antigo escravismo a força nacional que livrou o ultimo milhão de escravos, não seria a logica do revólver de Booth, mas não era tambem a da raça negra, que até hoje nos Estados-Unidos se mantem fiel ao partido que a libertou, por

saber que a abolição não resolveu sinão o primeiro problema de sua côr.

N'este ultimo periodo a noção da monarchia para mim era esta : a tradição nacional posta ao serviço da criação do povo, o vasto inorganismo que só em futuras gerações tomará fôrma e desenvolverá vida.

Benjamin Franklin sempre que tinha um negocio importante a resolver, estudava as razões *pro e contra*, escrevia-as em duas columnas' defronte umas das outras, e, apagando as que se annullavam, decidia-se pelo numero e qualidade das restantes. A isto elle chamava sua *algebra moral*. Mais de uma vez, posso dizer, fiz sinceramente esse balanço mental a respeito da monarchia, e sempre foi grande o saldo das razões a favor. Eu começava por inscrever alguns dos principaes argumentos da propaganda republicana na columna da monarchia, notavelmente, o da *excepção na America*.

Si não fosse o acaso de termos no Brasil o herdeiro da corôa e a singularidade d'esse principe de querer representar com o seu proprio throno o papel de Washingtôn com o throno de Jorge III, o dominio portuguez na America, depois de uma lucta prolongada e de sorte varia entre as differentes capitánias e a metropole, ter-se-hia fragmentado, como o hespanhol, em diversos povos, a principio irmãos, logo rivaes, e mais tarde inimigos. Sem a acção da monarchia, antes e depois da Independencia, teriamos tido uma Republica mineira, uma Confederação do Equador, uma Republica rio grandense, e outros Estados independentes, assim como do primitivo vice-reinado do Perú se formaram nada menos de seis nações, e em vez da monarchia parlamentar, civil,

leiga e popular, que tivemos, em uma só patria, o mundo teria visto em uns d'aquelles paizes o dominio dos caudilhos, em outros o do fanatismo religioso, e em todos um ambiente politico de crueldade e de intolerancia.

A vantagem da *excepção*, porém, não parava em ter sido ella o instrumento providencial da unidade da America portugueza no periodo dispersivo da Independencia do Novo-Mundo.

Planta exotica, a monarchia tinha que manter em redor d'ella uma atmospheria de liberdade para poder existir na America, ao passo que a republica medra n'este continente em quaesquer condições internas ou externas, e resiste ao despotismo, ao desmembramento e á conquista.

Eu inscrevia, é certo, na columna republicana o argumento do *privilegio hereditario*, mas annullava-o pelas vantagens que este produzia : a permanencia, portanto a imparcialidade da magistratura suprema, e a defesa popular contra a oligarchia politica ou o monarchismo espurio, o caudilhismo da America.

Senti sempre, ousou dizel-o, pelo ideal republicano a attracção magnetica do continente, mas si os corpos não podem corrigir a lei de sua propria gravitação, o espirito póde. Herbert Spencer ainda ha pouco assignalava que a regra de conducta, em moral politica, não é querer realisar um ideal absoluto, mas tel-o deante de nós como um ponto fixo, de modo que caminhemos sempre para elle. Si o ideal do governo pudesse ser uma pura negação — a negação, por exemplo, da monarchia — eu teria, ha muito, sido republicano. Não ha, porém, ideal negativo. O ideal compõe-se de uma serie de aspirações com relação a

cada povo, e essas aspirações têm uma ordem em que ser realizadas e sem a qual, em vez de nos aproximarmos, nos afastariamos d'elle ideal. Como nos Andes ha grandes espaços entre as diversas cadeias e das primeiras não se pódem divisar as ultimas, tinhamos que nos elevar muito antes de poder calcular a distancia exacta a que estavamos da cumiada do ideal republicano, isto é, a republica.

A extensão entre a nossa condição social presente e os cimos nevados daquelle ideal pareceu-me sempre grande demais para se aventurar sobre ella a ponte suspensa da republica. Eu preferia que continuassemos com paciencia a abrir o nosso velho caminho na rocha, que era a tradição, o costume, e a unidade brasileira.

Toda reforma precipitada era tempo perdido, podia importar em um desvio consideravel do verdadeiro rumo. De que servia fazer uma republica em que o ideal republicano, desprezado pelos republicanos como pura ideologia, brilhasse menos do que na tradição liberal do Imperio? Serviria sómente para desacreditar a idéa; e qual seria a posição dos proprios republicanos no dia em que a fórmula republicana representasse aos olhos do paiz não mais uma aspiração abstracta, uma aventura generosa, um lance de futuro arriscado, porém brilhante; mas sim um conjuncto de erros, de violencias e de abusos, um jogo esteril de ambições, uma lista de nomes vulgares, uma litteratura de servilismo, a estagnação de um partido no poder, e o despotismo sem ao menos a gloria, que compensa a liberdade na imaginação das raças ambiciosas?

Nada podia ser mais doloroso para mim do que a

resistencia que a minha razão oppunha á corrente que arrastava a nova geração para a republica, mas eu tinha a mais absoluta certeza de que era preciso um largo periodo de governo para o povo e com o povo antes de ser possivel o puro governo do povo.

« O caminho para o ideal republicano só pôde ser a republica », dir-se-ha. De accordo, de certo ponto da estrada em deante, do ponto em que entram na marcha as raças consideradas até então inferiores, e em que os escravos e os senhores da vespera começam a formar uma só fileira democratica. D'ahi em deante o caminho para o ideal republicano é a republica, mas sómente d'ahi.

« Não se aprende a nadar sem entrar n'agua. » Tambem não se ensina ninguem a nadar atirando-o pela primeira vez no alto mar em noite de tempestade.

Para habilitar um paiz nascente a bem governar-se a si mesmo em sua maioridade, o melhor regimen será sempre o que o fizer crescer em condições moraes e materiaes mais favoraveis e zelar mais honestamente o seu patrimonio.

« *Ninguém é livre, disse o poeta, sinão quem conquistou a liberdade para si mesmo.* A liberdade da monarchia não era sinão tolerancia, e não podia crear homens livres. » Eu, porém, não chamo tolerancia á liberdade que a monarchia creou e constituiu para ella mesma poder existir na America. Dava-se uma verdadeira compensação entre a contingencia da instituição neste continente e a incapacidade do povo de combater pelos seus direitos, e esse equilibrio permanente estava longe de matar a altivez do cidadão brasileiro. Pelo contrario, elle sentia que a liberdade era um direito seu hereditario e perpetuo, e esse estado

de espirito podia não ser, mas parecia dever ser, mais favoravel ao crescimento da democracia do que a suppressão da liberdade a titulo de salvar a republica.

Não resolvi a questão da republica para norma de minha vida politica pensando no martyrio de Tiradentes, no centenario de 1789, na juventude rio-grandense de Garibaldi, na unidade exterior da America, ou na Humanidade de Augusto Comte. Não me preocupei de hobrearmos com os outros povos do Novo-Mundo. Os liberaes de todos esses paizes sabem pela mais triste das experiencias que entre a republica e a liberdade ha espaço para os peiores despotismos, e que não existe estellionato mais commum do que republica sem democracia. Os governos centro e sul-americanos, apesar dos elementos liberaes e progressistas de cada communhão, approximam-se quasi todos de algum d'estes typos : do caudilhismo, da theocracia ou da oligarchia territorial, a ultima variedade, o syndicato administrativo, não sendo um progresso, porque é a adjudicação do futuro nacional, por meio de emissões, bancos, emprestimos, concessões e privilegios, a quem offerece menos.

Havia uma razão summaria para eu attender antes ao Brasil do que ao pan-americanismo. Uma vez que não fossemos mais monarchia, a America deixaria de interessar-se por nós. Tendo entrado na regra commum, não sahiriamos mais d'ella. Perdendo territorio, scindindo-nos, ou cahindo no mais abjecto servilismo, seriamos sempre republica.

Não me era indifferente, notae bem, aquelle ponto de vista. Eu desejava que um dia completassemos a unidade exterior da fórma americana de governo, mas quando essa fórma, correspondendo ao nosso

desenvolvimento, o garantisse e ampliasse, para que não se dêsse comnosco a disparidade que se nota em tão grande parte da America latina entre a democracia effectiva e a nominal.

Em politica, nunca eu fui um nominalista ; não me movia a imaginação litteraria, muito menos a abstracção philosophica, mas a compaixão concreta pela sorte do povo.

A America Latina teve um grande momento. Desde os primeiros clarões de Buenos-Aires em 1806 e 1807 até o sol de Ayacucho que illuminou a liberdade do Perú, ella assistiu ao desenvolvimento de um magnifico drama de liberdade cuja impressão augmenta pela grandeza do seu abrupto scenario. N'esse periodo, dominado pelas figuras de Bolivar, San Martin, Miranda, O'Higgins, a America era uma tenda de combate que ora se armava no Pampa, ora na Cordilheira, sempre com a mesma bandeira. Parecem da historia das cruzadas as grandes marchas de Bolivar, e faz lembrar titães escalando os céus a subida dos Andes pelo exercito de San-Martin. Cidadãos de todas essas patrias que elles iam semeando com o seu sangue pela vastidão do dominio hespanhol, os libertadores não calcularam que a epopéa da Independencia se converteria por tanto tempo n'uma d'essas interminaveis peças do theatro japonéz, exclusivamente compostas de matanças e de vindictas.

Entre esses povos todos a ordem está ganhando terreno, os intervallos do patriotismo tornam-se frequentes, mas pôde-se dizer que a lei da America hespanhola é ainda um só *væ victis*, a lei do exterminio material ou moral do adversario, e que os seus perso-

nagens ou são complices do despotismo ou suspeitos politicos.

Sem tradição republicana sobre que basear qualquer expectativa, porque não tínhamos nenhuma, — os nossos movimentos republicanos no passado não foram sinão a fôrma exterior da aspiração de independencia, de nacionalismo, — qual era o ponto do nosso character, da nossa constituição social, a virtude, a força, a energia, que auctorisava a esperança de que seríamos como republica a excepção na America? Considerando o character civil e parlamentar do governo, a influencia da opinião pela imprensa e pela tribuna, livres e garantidas, a mais completa publicidade, a collaboração governamental das opposições, a applicação dos dinheiros publicos exclusivamente a fins publicos, a egualdade de todas as classes perante a lei, como aspirações republicanas; e quanto á estructura nacional, a autonomia dos Estados respeitada pela neutralidade e abnegação do poder central, o que é que podia alimentar em um espirito isento da superstição republicana a crença de que não atravessariamos como republica a *via dolorosa* em que a America latina se arrasta desfallecida?

Confesso-o, meus caros comprovincianos, era exactamente a analyse das nossas condições individuaes de povo, abstrahindo das causas e origens do movimento republicano, que me fazia acceitar como si já fosse historia escripta o perfil de republica que do atrazo ou da marcha regressiva do ideal republicano em diversos paizes do Novo Mundo eu induzia para o nosso.

Fui denunciado pelos zelotes da monarchia, hoje quasi todos adherentes, como sendo um alliado da

republica pelo meu programma *Abolição, Federação, Arbitramento*. Não ha duvida que as tres reformas eram todas passos para o ideal republicano, mas tambem eu nunca sustentei que a monarchia tivesse outro papel sinão o de conduzir a nação áquelle ideal. Na geração presente, porém, esse conjuncto de idéas só podia consolidar a monarchia. A abolição devia fortalecel-a com o tempo no coração do povo, mas emquanto o povo não pudesse protegê-la com a sua gratidão contra o odio levantado, a federação o fortaleceria no animo das provincias livres e o arbitramento na consciencia da America.

As tres idéas formavam uma só politica. A monarchia foi tentada, por medo do republicanismo escravista, a seguir outra. D'isto não me cabe a minima responsabilidade.

A federação entretanto não lhe fez outro mal sinão o de servir de carta de fiança á republica, quando foi proclamada, para obter o reconhecimento das provincias elevadas a estados. Não é sinão, por emquanto, um titulo, mas esse titulo teria servido mais á monarchia do que os que a fizeram distribuir. Quanto á abolição, não tenho que me justificar de a ter aconselhado.

No dia 13 de Maio houve republicanos, abolicionistas sinceros, que não sabiam si era maior n'elles a alegria por vêr a escravidão acabada ou a dôr de ter cabido á monarchia a gloria que elles sonhavam para legitimação absoluta da republica no campo mesmo da revolução. Eu não me preocupava com a instituição, e sim com o povo. « Todo o principe digno de sentar-se no throno, tinha eu dito na Camara, deve estar sempre prompto a perdel-o quando

essa perda resulte do desenvolvimento que elle tiver dado á liberdade no seu reinado. »

Acabaes de vêr as solidas e profundas raizes nacionaes, populares e liberaes, da minha convicção monarchica. Por isso tambem, emquanto em torno de mim os que deviam tudo á monarchia fallavam d'ella em linguagem sempre conciliavel com as contingencias do futuro, eu a defendia com a mesma altivez com que sustentei a causa dos escravos e o direito das provincias.

Convicções assim conscias do desinteresse e da pureza das suas origens não se mudam n'um dia. Si eu vos dissesse que os acontecimentos de que temos sido espectadores desde 15 de Novembro me converteram á republica, dar-vos-hia o direito de duvidar da minha sinceridade no passado e portanto no presente.

Sou obrigado n'este ponto a fazer uma rectificação ao topico da mensagem do Recife que allude a uma commissão do governo, em virtude da qual eu teria que partir para o estrangeiro. Nenhuma commissão me foi offerecida, e estou certo de que si o meu nome fosse lembrado, o illustre ministro das Relações Exteriores, defronte de cuja mesa trabalhei tres annos no Paiz, e de quem fui obrigado a separar-me por minhas convicções monarchicas, teria apresentado uma excepção a meu favor, ou contra mim, conforme se entenda, ao juizo que o Governo Provisorio possa formar dos antigos monarchistas.

Sustentei sempre, entretanto, a necessidade de um partido republicano, mas como partido de semeadores do futuro, não de segadores do presente, e auxiliar desinteressado da monarchia, emquanto ella fosse o melhor governo possivel, ou mesmo provavel, nas

condições sociaes do paiz. N'esse partido não sei si eu não mereceria tambem ser classificado, ainda que o fosse como um operario inconsciente dos fins ultteriores de sua tarefa. Parece, porém, que não pôde haver em politica partidos desinteressados e que trabalhem gratuitamente pelo futuro. Nas religiões politicas são os sacerdotes, como nos templos antigos, que para conservarem vivo entre o povo o culto dos principios se prestam a consumir por traz dos altares as iguarias offerecidas aos deuses.

Eu desejaria, posso dizer, que o sacrificio de throno feito a 13 de Maio em tão magnanimo espirito fosse acceito como expiação nacional da escravidão, e que a republica, desde que ella tem de ser a nossa fórma definitiva de governo, ficasse-o sendo desde já.

Acredita-me. Entre voltar atraz, a pedir soccorro para a liberdade ao principio monarchico, e seguir para deante, ainda que no meio de grandes soffrimentos, prodigalizando o nosso sangue, como o resto da America, na esperanza de abater, com o ideal republicano sómente, tudo que se lhe opponha, eu quizera aconselhar-vos desde já a renunciar de uma vez todas as tradições, o systema artificial de protecção para a justiça e o direito que tivemos até hontem na monarchia, e contar sómente com o fervor e a energia crescente da consciencia democratica no paiz.

Infelizmente, meus caros comprovincianos, não posso formar idéa alguma do que vae ser a republica, nem discriminar quaes são de tantas sementes espalhadas desde 15 de Novembro as que vão vingar e alastrar o nosso solo politico.

Acredito na força da cohesão nacional, e sei que o nosso povo não tem meios de resistir a nenhum go-

verno. Isto me faz receiar mais a perda da autonomia do que a da unidade, mais a supressão da liberdade do que as revoluções. O Brasil está sendo o campo das mais vastas experiencias de cruzamento no mundo, e ninguem pôde prevêr o resultado d'essas novas combinações humanas. O caracter do povo que ha de sahir da fusão de tantas raças, é uma incognita como o da republica que ha de resultar da lucta dos elementos heterogeneos que entraram na revolução : o ideal americano, o espirito militar, e o resentimento escravista. Não me atrevo a tentar inductivamente a synthese d'este producto organico de uma sociedade amalgamada pela escravidão em uma nação creada e formada pela monarchia.

A republica foi um facto de importancia universal. Como essa ilha do mar da Sonda cujo nome o mundo só aprendeu no dia em que uma erupção quasi a destruiu, o nome do Brasil entrou para a historia no meio do estrondo e da poeira de uma explosão longinqua. A Portugal, á Hespanha, á Italia, á Cuba, ao Canadá, á Australia, por toda a parte, chegou a vibração circular da nossa onda vulcanica. Ha de animar o orgulho dos auctores da revolução o terem assim feito historia universal, elles podem estar certos, que achará em todo tempo milhares de admiradores. Os republicanos europeus applaudiram o acontecimento com énthusiasmo, porque elle lhes deu mais um poderoso instrumento para a sua obra : a unidade republicana da America. A America, pela superstição republicana que lhe tem custado tão caro, mas que ella por nada abandonaria, applaudiu com sympathia sincera, mas não sem a ironia da experiencia. Nós, Brasileiros, temos, porém, que esperar algum tempo

para conhecer os effeitos d'esse ultimo phenomeno da cohesão americana sobre nossa propria nacionalidade.

Quizemos ter o nosso 89, e sem nos preocuparmos do contraste entre a copia, cujo motor social unico era o despeito da escravidão, cuja fórma foi o pronunciamento e cuja singularidade era a ausencia de povo, e o original revolucionario do seculo passado, destruímos a ultima Bastilha americana. Felizmente, não se acharam dentro d'ella outros ferros sinão os que alli mesmo foram partidos dos pulsos dos escravos. Comparando as duas revoluções, a social e a politica, e as duas scenas em torno d'aquelle palacio, a 13 de Maio e a 15 de Novembro, o futuro dirá qual foi o nosso verdadeiro 89, pelo menos o mais parecido com a Declaração dos Direitos do Homem.

Nós entravamos no periodo da liquidação forçada da escravidão quando a monarchia cahiu. Estavamos na grande crise da nossa vida de nação. Como nos terremotos e conflagrações, são esses os melhores momentos para os golpes ousados, porque todos só attendem á necessidade de salvar-se. Ninguem no meio de um naufragio se põe a discutir sobre o melhor modo de construir um navio insubmersivel.

Para comprehender o abandono da monarchia é necessario fazer entrar a sua queda no quadro geral de que ella fez parte, isto é, no vasto desmoronamento da antiga sociedade por effeito da abolição. Em taes epochas em que o systema da propriedade se transforma, as fortunas mudam de mãos e desapparecem umas classes para surgirem outras, parece que ficam paralyzadas a consciencia, a energia e a vontade collectivas, e que nada liga ninguem a nada ou a ninguem.

Não tenho que julgar os homens e os factos da revolução, e seria inutil qualquer juizo n'este momento. Estou longe de admirar a generosidade do governo, mas tambem acredito que outros homens, senhores de tudo, teriam feito peor. Nunca escrevi uma palavra em politica sinão para persuadir, e sei que o paiz está resolvido a assistir com paciencia, boa vontade, e até optimismo, ás provas completas da republica para então jugal-a. Não devia por isso mesmo haver a menor sombra de compressão na phase que um escriptor chama *a lua de mel de toda tyrannia nascente*. Seria porém um paradoxo declarar-me eu convencido da possibilidade de uma republica liberal sómente pela suppressão de todas as liberdades. Eu sei que ellas foram suspensas com promessa de serem restituídas um anno depois, mais amplas e florescentes. Mas supprimir a liberdade provisoriamente para tornal-a definitiva é como a medicina que matasse o doente para resuscital-o são. A liberdade uma vez confiscada não póde mais ser restituída inteira, ainda mesmo que a augmentem; ficará sempre o medo de que ella seja supprimida outra vez e com maior facilidade. A noção da legalidade continua recebeu um golpe de que esta geração não perderá consciencia, e n'esse estado de panico expectante, quanto maiores e mais brilhantes reformas o governo fizer, mais augmentará a incerteza.

« A monarchia está morta, diz-me-hão, não podeis ser um sebastianista. »

Eu poderia responder a esses que não comprehendem que se pare um momento entre a convicção de uma vida inteira e o facto consummado da vespera para reflectir desinteressadamente sobre o futuro da patria :

« Morta! Não vos fieis só n'isso. Nós vivemos n'um seculo que Renan chamou o *seculo da resurreição dos mortos*. Sebastianista! Oliveira Martins definiu o sebastianismo *uma prova posthuma da nacionalidade*. Eu espero nunca merecer esse titulo. »

Eu, porém, não tenho que indagar si a monarchia está ou não para sempre enterrada sob este singelo epitaphio : *7 de Setembro de 1822 — 13 de Maio de 1888*. Isto não é commigo, é com a mysteriosa loteria da historia, na qual o premio sáe ao absurdo tanto como ao verosimil, ao imprevisto muito mais do que ao infallivel. Limito-me a não affirmar uma crença que ainda não tenho. É em materia de convicções sobretudo que é verdadeiro o principio : « Só se destróe o que se substitue. » Não sei si não terei um dia na republica a fé de Thomé; sinto-me, porém, incapaz de ter a fé de Pedro e de seguir o mestre desconhecido em um novo apostolado.

Para acreditar nella, eu só peço como os Arabes para acreditar em Mahomet, que ella faça primeiro um milagre : o de governar com a mesma liberdade que a monarchia.

Que pensarieis de mim si eu me propuzesse para fundador, ainda que anonymo, da republica, sem esperar que ella seja um progresso moral, um estadio democratico, quanto mais a méta do ideal republicano?

Destruida a monarchia, deve pertencer aos que têm fé na republica dar-lhe as melhores instituições. Organizada por antigos monarchistas, a republica seria uma lei de bancarrota votada pelos fallidos. Todos temos interesse e direitos na communhão, e os republicanos não conquistaram o paiz para poderem dispôr

da fortuna publica como si fosse sua propria. Mas a primeira condição para bem guardar qualquer deposito é o character, e eu considero duvidosa entre as provas de character a de pretenderem organizar a republica os mesmos homens que, si ella tivesse succumbido a 15 de Novembro, estariam do lado dos vencedores.

Eu não sei mesmo como elles poderiam tomar a palavra perante os velhos *reduci delle patrie battaglie* ou a mocidade enthusiasta da Republica, e os imagino, como o constitucional Sieyès na Convenção, votando sempre nas Assembléas com os mais exaggerados com medo de parecerem *suspeitos*. Os republicanos do deserto devem, porém, estar surpresos de encontrar na terra da promissão essa quantidade de Chananeus que juram ter estado com elles no Mar Vermelho, no Sinai e na passagem do Jordão.

— « Abandonaes então a federação? »

Não, de certo. Não desconheço a obrigação que me incumbe de trabalhar pela autonomia de nossa provincia, hoje chamada Estado. O programma que o anno passado sustentei perante vós, não era um *modus-vivendi* para uma fórmula de governo, era o espirito da patria pernambucana que devera animar a nova e as futuras gerações de nossa terra. A federação não exprime sinão o lado nacional do problema autonomista, e sou tão autonomista, isto é, tão pernambucano, e tão federalista, isto é, tão brasileiro, hoje como era hontem. Não é a mudança de fórmula de governo que podia alterar sentimentos sem os quaes nada restaria da nossa identidade pessoal.

A primeira questão, porém, para os Estados, do ponto de vista da sua autonomia, é a do character do

poder central, isto é, de organizar um poder central capaz de respeitar lealmente o principio autonomico em quaesquer limites que o restrinjam. De outro modo, seja qual fôr a Constituição, as fronteiras dos Estados serão como o plano de Alexandria que, em falta de outro meio, Alexandre fez traçar no chão com farinha e que no dia seguinte as aves tinham devorado.

Devo entretanto dizer-vos, a neutralidade e o prestigio nacional da monarchia, como governo central, tornavam possivel a federação com um systema de garantias e defesas provinciaes, muito menos desenvolvido do que me parece ser indispensavel para a protecção da autonomia na republica.

Não pretendo desinteressar-me de nenhum dever de Brasileiro ou de pernambucano. Sempre considere a mais singular obliteração do patriotismo a declaração do partido republicano de que nada tinha com a abolição, proclamando-a um problema só da monarchia. O patrimonio, o prestigio e o credito do Brasil, a integridade do territorio, a liberdade dos cidadãos, a auctoridade da magistratura, a disciplina militar, a moralidade administrativa, não são interesses exclusivos de nenhuma fórmula de governo, como não é privilegio de nenhum partido o esplendor da nossa radiante natureza. Não é preciso ser republicano sob a republica, como não era preciso sob a monarchia ser monarchista, para cumprir os deveres de um bom brasileiro. Basta ter clara a noção de que nunca se tem o direito de prejudicar a patria para prejudicar o governo.

Ha um ponto, por exemplo, que nenhum republicano tem mais a peito do que eu. Desde a abolição, vendo as resistencias apressal-a mais do que as con-

cessões, convenci-me de que em nossa historia Deus escreve direito por linhas tortas. Das linhas de 15 de Novembro, a que eu posso decifrar está escripta direito. Eu julgo descobrir a providencia especial que protege o nosso paiz contra a nemesis africana no facto de ter sido a revolução feita pelo exercito, de modo que nem um instante estremecesse a unidade nacional, e o meu mais ardente voto é que se mantenha acima de tudo a unidade do espirito militar que considero equivalente áquella.

Para mim não era objecto de duvida que no dia em que abandonassemos o principio monarchico, permanente, neutro, desinteressado, e nacional, teriamos forçosamente que o substituir pelo elemento que offerecesse á nação o maior numero d'aquelles requisitos, e esse era exactamente o militar. A prova está ahí patente. No dia em que se fez a republica, viu-se a nação pedindo o governo militar, para salvar a sua unídade, por ser o espirito militar o mesmo de um extremo ao outro do paiz, isto é, nacional, e para conservar um resto da antiga tolerancia, por ser o exercito superior ás ambições pessoaes em que se resume a lucta dos partidos, a qual sem a monarchia teria barbarisado o paiz. Estranho como isto pareça, o governo militar é nos periodos em que o exercito se torna a unica força social e adquire consciencia d'isso, o meio de impedir o militarismo, vicio dos exercitos politicos e sem espirito militar, assim como a monarchia era o unico meio de abafar o monarchismo, que desde o proprio Bolivar até hoje sobrevive no sangue depauperado das nações americanas.

Ninguem mais do que eu respeitou nunca a farda do nosso soldado. Ainda o anno passado subi o Paraguay

até Assumpção, levado pelo desejo de fixar a minha imaginação nos proprios logares da sua gloria e de recolher vinte e tantos annos depois o bafejo immortal de patriotismo que se desprende d'aquelle immenso tumulo para vencedores e vencidos egualmente.

Por isso ninguem mais ardentemente do que eu deseja que a revolução de 15 de Novembro não atinja o unico substituto *nacional* possivel do prestigio monarchico : o militar, o qual depende antes de tudo da união das duas classes, depois da unidade da disciplina, e por ultimo de abnegação, isto é, de collocar o exercito, a patria acima de toda e qualquer superstição politica, e de não abdicar a sua responsabilidade em nenhuma classe, muito menos na classe politica, exploradora de todas.

Vós, eleitores de Nazareth, me elegestes por impulso proprio dentro do mez em que a Camara annullára o meu diploma de deputado do Recife, e vós, eleitores da capital, me elegestes a 14 de Setembro de 1887 contra o ministro do Imperio, n'uma eleição que por isso influiu na sorte dos escravos, e em 1888, quando, por ter sustentado o gabinete conservador de 10 de Março, entendi não poder acceitar dos meus correligionarios sinão um mandato não solicitado, me elegestes ainda por uma verdadeira unanimidade moral.

Foram grandes n'essas e em outras eleições os sacrificios que fizestes para mandar-me ao Parlamento. Sómente para ter uma posição, eu não teria tido a coragem de ser candidato depois de ter visto, de casa em casa de eleitor, de que soffrimentos e privações no presente e no futuro das familias pobres são feitas as victorias e as derrotas dos partidos. A

classe politica parece ter contrahido na bancarrota das promessas e dos compromissos a faculdade de tornar-se insensivel deante da miseria alheia. Era preciso, porém, que eu representasse uma d'essas causas que cegam inteiramente os homens para os sacrificios que fazem ou que pedem, para ter disputado tantas eleições sem sentir-me culpado do mesmo criminoso egoismo.

Procurei corresponder a tanta abnegação, unico modo que me era dado, praticando a politica, sem uma excepção durante os dez annos em que exerci ou aspirei exercer o vosso mandato, como uma carreira de completa renuncia pessoal. Posso dizer que considerarei a posição a que me elevastes, como um fideicommisso do povô, e não tirei d'elle o minimo proveito individual para mim, nem para outrem. A incompatibilidade que me impuz dentro e fóra do Parlamento, no paiz e no estrangeiro, para com tudo de que a administração pudesse dispôr directa ou indirectamente, foi tão absoluta como a dos republicanos mais intransigentes. Posso portanto prestar-vos sem medo as minhas contas de representante. Si a gratidão está em divida, a consciencia está quite.

Era intenção minha deixar sómente os meus actos vos provarem no decurso de minha vida a sinceridade do humilde papel que desempenhei em nossa politica. Talleyrand escreve n'uma de suas cartas : « É preciso fallar a cada um a sua lingua. É com 150.000 homens que nós fallamos ás potencias do Norte, e seria preciso uma esquadra para fallar á Inglaterra ». Antes de fallar ou escrever sob a republica, eu precisava vêr si ella entendia sómente a lingua da força e a do fanatismo. Vós, porem, me

interpelastes com o direito que tinheis para isto, e eu vos respondi com a franqueza que vos devia. Milton durante a sua estada em Roma formou a resolução de não ser nunca o primeiro a fallar dos seus sentimentos puritanos, mas tambem de confessar a sua sempre que o interrogassem.

A grandeza das nações, disse eu aos estudantes do Rio da Prata, provem do ideal que a sua mocidade fórma nas escolas, e as humilhações que ellas soffrem da traição que o homem feito commette contra o seu ideal de joven.

Sabeis agora qual foi o meu ideal, podeis julgal-o; conheceis a minha vida publica, podeis verificar si jamais o trahi.

Rio de Janeiro, 12 de Março de 1890.

UM PERFIL DE JORNAL ⁽¹⁾

A Rodolpho Dantas.

A influencia dos jornaes sobre a opinião não é sempre proporcional á sua tiragem, — o *Times* por

(1) A politica de certo não produziu entre nós uma apparição mais brilhante, mais promettedora, nem tambem mais enigmatica, do que a de Rodolpho Dantas nos ultimos tempos do Imperio. Entre outras vezes, occupei-me da sua passagem pela nossa scena publica quando elle a deixou, depois quando sob a Republica elle fundou em 1891 o *Jornal do Brasil*. O meu primeiro artigo a respeito d'elle, intitulado *O Pessimismo em Politica*, appareceu no *Paiz* em 1887; o segundo, agora reproduzido, appareceu no *Jornal do Brasil* com esse titulo *Um Perfil de Jornal*. Nem um nem outro, entretanto, tem a notação intima e pessoal que sinto não poder dar n'este livro, de uma figura, que como representativa e ao mesmo tempo excepcional, tanto me interessou sempre. Direi sómente que Rodolpho Dantas combinou em si qualidades e faculdades que entre nós nenhum outro joven politico reuniu e pertenceu a uma escola inteiramente diversa da de todos. Isto estabelece a singularidade da sua feição intellectual no antigo regimen. O attractivo maior que elle tinha e tem era a rara amenidade dos seus dotes pessoaes... A formula dessa combinação de força, agudeza, e distincção pelo lado do espirito com a doçura do caracter, junto aos accidentes da sua rapida ascensão e eclipse, é o

certo tem maior influencia do que o *Daily Telegraph* —, mas uma grande circulação é necessaria para uma folha poder ser chamada influente. Si é o merito intrinseco que lhe dá auctoridade, a circulação é a rêde pela qual sua auctoridade se espalha. Esta preliminar o *Jornal do Brasil* preencheu-a em pouco tempo. Neste numero que assignala o primeiro estadio de sua carreira, parece-me interessante deixar uns traços relativos ás suas origens mais remotas, como se enterram nos alicerces de um edificio todos os documentos que o possam illustrar.

Ao *Jornal do Brasil* applica-se a conhecida definição de uma bella vida; elle tambem é *um sonho de mocidade realisado na idade madura*. O seu fundador é uma das figuras contemporaneas em quem fôra mais curioso estudar o embate das aspirações com o meio politico. Rodolpho Dantas na estrada que percorriam os futuros presidentes do conselho, filho de um estadista que aos seus muitos predicados juntava o mais precioso de todos, uma boa estrella, alliado

que só se poderia reproduzir, a meu vêr, fazendo d'elle o principal personagem de um romance politico á maneira dos de Disraeli. Elle não é um d'esses que se podem descrever como espectadores por demais interessados nas peripecias do drama humano e nas paixões oppostas dos personagens para accetarem algum papel; que em todo caso os condemnaria á monotonia de um só sentimento e não lhes deixaria apreciar de fôra o conjuncto da scena; mas em parte elle foi isso, sob a sensação enganadora de enfado, que não era outra cousa sinão as paradas forçadas, a intermittencia natural da mais rica e da mais susceptivel das sensibilidades... Os espiritos de certa natureza não têm mais funcção em politica quando se convencem de que as idéas, complexas, frageis e delicadas, a que se affeioam só são realizaveis por meio de paixões alheias e desconhecidas, e essas collectivas.

pelo casamento á primeira casa territorial do Rio de Janeiro, retirou-se da politica logo depois de ter chegado, muito joven, ás primeiras posições. Discutiuse muito o motivo dessa retirada, simples e modestamente effectuada ; a verdade é que ella foi um acto de coragem moral. Era não a repugnancia passageira do actor por um papel que lhe distribuissent, mas o seu tedio profundo pelo proprio theatro. Entre os signaes da quêda da monarchia pôde-se contar tambem aquelle. Quando as instituições adquirem a consciencia de sua impotencia e duvidam de sua necessidade, como em redor da monarchia tudo duvidava (viu-se bem a adhesão até da côrte), os espiritos que não se empederniram no egoismo partidario, que aliás é tambem unia especie de dedicação, resignam-se ou resignam.

A repulsão que Rodolpho Dantas julgou invencivel entre o seu temperamento e o jugo partidario, não podiam, alterar a natureza do seu espirito por herança, estudos e inspirações, essencialmente politico. Era visivel que elle havia de procurar algum meio de entrar outra vez em communicação com a opinião. Dois, tres annos de recolhimento, queria dizer dois, tres annos de augmento da força productiva. E depois? Seu espirito melhor disciplinado, ricamente semeado pelos estudos systematicos, viagens de instrucção, relações com homens de idéas estrangeiros, reflexão demorada e imparcial sobre as nossas cousas, não daria nos annos seguintes sinão maiores searas. Que fazer de toda essa producção? A lei, mesma da vida lhe impunha a obrigação de descobrir, sendo preciso, de crear, algum modo de aproveitar-se a si mesmo. Nesse trabalho da individua-

lidade abrindo caminho para fóra, surpreendeu-o a Republica. Homem proeminente de um dos antigos partidos, e apezar de tudo sempre ligado a elle, Rodolpho Dantas estava ameaçado, emquanto durou a monarchia, de vêr apparecer na sua agradável cartuxa, no seu chalet pompeiano de Nova Friburgo, quem, em seu nome e em nome do partido liberal, com dupla auctoridade o desligasse dos seus votos, lhe impuzesse silencio aos escrupulos e o arrastasse outra vez para a batalha, em cuja confusão desaparece a personalidade. Eu sou dos que estão convencidos de que mais cedo ou mais tarde elle teria acabado por voltar á politica.

No seu espirito, entretanto, se estava operando durante esse período de recolhimento, que foi em sua vida o de maior accumulção intellectual, não exactamente uma transformação, (só ha transformação quando muda o eixo das idéas, digamos, por exemplo, o de um catholico que desconhece a auctoridade da igreja), mas a formação de um novo « ponto de vista » conservador, não por opposição a liberal, pelo contrario liberal, por opposição, sim, a radical ou intransigente.

Nesse ponto entre o pae e o filho dava-se uma diversidade de movimentos. O senador Dantas, como eu mesmo uma vez o descrevi, e ainda não tive motivo para variar, é um desses espiritos como fóra Thiers, como é Gladstone, que quanto mais envelhecem mais confiança adquirem no futuro, menos receio têm de que o equilibrio social venha a ser enfraquecido por grandes e profundas concessões ao espirito de novidade, e por isso se alliam sem constrangimento algum aos elementos transformadores, de

todos os matizes, certos de que mesmo os revolucionarios ficarão sendo sómente *transformistas*, porque o futuro na peor hypothese se encarregá de reduzir a revolução a simples reforma. O movimento de espirito em Rodolpho Dantas era exactamente em sentido contrario, era o movimento pelo qual o seculo XIX começa a criticar a Revolução Franceza, como um filho que fizesse a autopsia da mãe ; a exigir mais do que reflexão e prudencia, verdadeiro medo em relação ás mudanças radicaes, que não pódem ser calculadas em todos os seus effeitos ; a julgar preciosa cada particula do passado, porque é uma tradição ; a vêr, certamente, uma grande parte de enthusiasmo espontaneo, mas uma parte ainda maior de charlatanismo, e outra, a maior de todas, de especulação, nas cruzadas suscitadas de repente para desviar as sociedades do seu rumo immemorial.

Para um espirito que no seu isolamento procurava collocar todos as idéas e aspirações no fóco conservador, a revolução de 15 de Novembro não podia ter sido uma agradavel surpresa ; mas tambem pela mesma disciplina a que se habituára, uma vez completa a subversão do velho regimen, elle tinha que trazer a nova fôrma ao mesmo ponto optico.

Sob a Republica Rodolpho Dantas achava-se em posição de maior independencia do que sob a monarchia. Os laços de partido, cuja força só conhece quem já esteve ligado por elles, tinham-se espontaneamente desatado para todos. Afastado da politica activa, desta vez definitivamente, a não se prevêr uma dessas situações em que todos indistinctamente se devem á patria, elle sentiu pouco a pouco aclarar-se em seu espirito a noção exacta do seu dever e a ma-

neira de assumir a sua parte de responsabilidade na causa publica sem forçar as suas affinidades a um papel a que ellas mal condescenderiam. Foi assim que se concretisou e tomou fôrma em seu espirito o sonho que, como antigo jornalista, nunca o tinha deixado de fascinar, de um jornal que lhe permittisse collaborar activamente na vida do paiz, e ficasse depois delle como uma instituição nacional permanente.

Um jornal assim tinha que ser desde logo, pelas leis da concorrência, um desses custosos e gigantescos apparelhos que na sua parte material resumem a maravilhosa invenção scientifica deste seculo, dotado dos inumeros sentidos do jornalismo moderno, e deveria bastar como todo o grande diario deve querer bastar, por si só, não sómente á curiosidade cada vez mais excitavel do publico, mas a todas as necessidades intellectuaes de uma epoca que só lê espontaneamente os jornaes. Feito desse modo e uma vez fundado, elle seria uma força poderosa nas mãos do seu redactor, que a empregaria no serviço da causa que o inspirára a creal-o.

Mas, além do character que se póde chamar a physionomia moral, os jornaes têm cada um uma physionomia litteraria propria, desde que é impossivel, por mais que se queira abstrahir das lettras na imprensa, fazer um jornal que não pertença ou á boa ou á má litteratura. Cada jornal tem a sua feição distincta que o publico reconhece logo e o torna mais ou menos sympathico ou necessario a cada um, conforme as suas inclinações de espirito.

Foi nesse ponto que prevaleceu no *Jornal do Brasil* a nota pessoal do seu fundador, porquanto parece uma lei inevitavel que o creador faça sempre a creatura á

sua imagem. O traço característico do *Jornal do Brasil* é ser um jornal sahido de um gabinete de estudo. Não era preciso a contribuição dos mestres (Emile de Laveleye, Paul Leroy-Beaulieu) para se vêr que elle representa antigas sympathias pelas sciencias sociaes. A collaboração de tantos especialistas (cartas militares, cartas navaes, H. de Gorceix, Barbosa Rodrigues), revela o habito de buscar as informações nas melhores fontes. A critica litteraria (Theophilo Braga, José Verissimo) allia-se á litteratura pura (de Amicis, Fialho de Almeida), á critica de sciencias e d'arte (Schimper, Camarate), á historia nacional (Rio-Branco), enquanto a vibração da nota ephemera do dia (C. A., um pseudonymo que em outro tempo eu leria Joaquim Serra), sáe facil, matinal e sonora como um gorgeio de passaro. Quem quizesse levantar o reposteiro de sua redacção, encontraria no seu poderoso nós um grupo de escriptores, abstrahindo da minha presença entre elles, todos do mesmo nivel, da mesma elevação e da mesma escola, Rodolpho Dantas, S. de Barros Pimentel, Ulysses Vianna, Gusmão Lobo. Uma physionomia não se desenha n'um dia, mas os que têm seguido a marcha do *Jornal do Brasil*, pôdem descobrir em sua feitura litteraria e politica uma antiga familiaridade com o *Journal des Débats* ou o *Temps*, isto é, com a classe de jornaes que preferem a seriedade á sensação, os assumptos ás personalidades, e cujo ideal seria serem dia por dia paginas definitivas da historia.

O espirito de Rodolpho Dantas tinha gravitado em politica desde as suas primeiras manifestações para a educação nacional. Elle foi um dos que melhor comprehendiram o dilemna do Brasil, de resolver esse

problema ou desaparecer. Ora, a educação não é uma obra de que possam vêr a cornija, nem siquer o pavimento, os mesmos que trabalharam nos alicerces. *Quando deve começar a educação da creança?* perguntaram a Emerson; e o grande americano, o maior espirito que o Novo-Mundo até hoje produziu, respondeu: *Cem annos antes della nascer*. Muito mais do que a educação da creança a de um povo tem que ser preparada de um seculo atrás, e nessa tarefa de tão distante resultado e cujas primeiras colheitas hão de amadurecer quando não restar memoria dos semeadores, é que a flôr da intelligencia, da dedicação, e da coragem de cada uma das gerações preparadoras tem que ser consumida. Esse foi o pensamento cardeal, o objectivo que da politica Rodolpho Dantas transportou para a imprensa. Em sua esphera individual, porque a obra da educação é sem numero multiforme e no servil-a cada um deve procurar a sua especialização, a sua missão sera assim crear um grande jornal, que atravessasse, auxiliando e centuplicando os esforços de todos, o longo periodo da preparação nacional.

O jornalismo exerce sobre o talento e a ambição intellectual de nossa epocha uma attracção quasi exclusiva, porque é tambem quasi exclusivamente o que ella lê. Não preciso dizer que a educação de um povo não se póde, nem se deve fazer pelo jornal. Os povos que só lêem jornaes decaem logo do numero dos povos chamados de *cultura*. O jornalismo é mesmo fatal á producção litteraria de primeira ordem. É só o jornalista, porém, que póde ensinar o publico a não lêr apenas os jornaes. Seria um bello dia aquelle em que os melhores talentos do nosso paiz achassem

lucrativo entregar-se ao livro e se preparassem para fazel-o. O jornal, entretanto, terá sempre o seu logar no movimento das idéas, e, com a influencia crescente da imprensa, roubará ás lettras uma parte pelo menos egual á que a politica sempre lhes roubou. Como quer que seja, elle é d'ora em deante um dos factores essenciaes da vida nacional. Dia após dia elle levanta-se como o sol, e sua influencia augmenta na razão da força accumulada de suas tradições. Para a obra da educação o jornal póde ser assim ao mesmo tempo um accumulador de força e um irradiador de luz e por isso quanto maior fôr a cultura do proprio jornalismo, em um paiz onde só o jornal é lido, melhor para a civilização nacional. O *Jornal do Brasil* parece-me uma tentativa séria para utilizar a paixão exclusiva da nossa epocha pelo jornal em favor das grandes idéas que precisam do alento de uma litteratura toda.

O ENTERRO DO IMPERADOR

(1891)

I

O FUNERAL

Começa hoje a penultima jornada. Os restos mortaes do grande Brasileiro vão ser transportados da Magdalena, em Pariz, a S. Vicente de Fóra, em Lisboa, com toda a pompa de um sahimento regio. Desse grandioso espectaculo, como nenhum outro proprio para ferir a imaginação dos que acompanham com maior interesse do que as machinações humanas, os designios da Providencia, é impossivel dizer qual elemento é mais dramatico e mais imponente.

Tudo se reúne nessa demonstração unica para dar-lhe o cunho de uma grandeza original e suggestiva. O primeiro caracter desse luto é ser universal. O mundo inteiro toma parte nelle, sentindo que não faz sinão elevar a propria humanidade rendendo

esse tributo a um dos seus vultos supremos, e é a França, o cerebro e o coração da raça latina, que se faz o órgão da veneração unanime dos dois mundos, o conductor dessa epopéa funebre.

A scena em Pariz apresenta-se de uma grandiosidade indizivel ao coração brasileiro. A guarnição, sob o commando do general Saussier, prestará honras militares ao homem que durante cincoenta annos foi a alma do nosso exercito e de nossa armada, o chefe a quem morreram fieis os Caxias, os Hervaes, os Porto-Alegres, os Amazonas, e a multidão enorme das fileiras.

A guarnição de Pariz só por si é um grande exercito, e a formação d'elle em honra de um exilado pôde servir de exemplo ainda mais do que á magnificencia, á elevação e ao desinteresse da hospitalidade franceza. Na nave da Magdalena o cortejo funebre tomará as feições de um congresso do espirito humano.

Pela primeira vez se apresentam aos olhos da Europa, conduzindo os funeraes da realeza, as sciencias e as lettras. São ellas que elle preferia a tudo na admiravel cultura de que Pariz é o centro, e são os seus confrades do Instituto que elle si pudesse, apontaria para estarem mais perto d'elle, com precedencia a herdeiros de titulos antigos ou a occupantes de posições sociaes. Tambem nunca as sciencias e as lettras ter-se-hão incorporado ao cortejo de um imperante com tanta consciencia de que acompanhavam um collega ao seu descanço final. Nem a representação das grandes vocações especulativas se limitará na Magdalena, é licito presumir, ao genio da França. Sinão em pessoa, pelo espirito tomarão partê na demonstração os vultos intellectuaes dos outros paizes,

porque de muitos delles D. Pedro fôra um correspondente e amigo, e de todos um apreciador intelligente. Mas, si primeiras alli pela distincção e escolha do illustre morto, as sciencias e as lettras não occupam, socialmente fallando, sinão uma categoria modesta, porque em humilde e restricta comparação se pôde dizer que tambem o seu reino não era ainda deste mundo. Os primeiros, aos olhos da multidão naquelle sequito innumeravel serão os altos representantes da Europa monarchica e da França republicana, reunidos para prestar as ultimas honras ao chefe exilado da monarchia extincta da America. A cerimonia só por si dá perfeita idéa do progresso realisado nas idéas politicas do proprio povo parisiense. Pariz não é mais o ninho, que foi por vezes um instante, de um jacobinismo pervertido pela sensualidade que só encontra satisfação no crime, e gozo no sangue. A Republica Franceza não é hoje a imposição de uma insignificante minoria fanatica e autoritaria ás massas timorátas do paiz; funda-se na opinião e não na força, legitima a sua existenciã, não por um dogma politico de seita, mas pela preferencia expressa e conhecida do suffragio universal. Por isso ella, democracia culta, assim como não commette o erro grosseiro de confundir com as instituições democraticas o militarismo sul-americano, tambem reconhece na monarchia constitucional, systema que D. Pedro II tão admiravelmente representou por meio seculo, um regimen de liberdade parlamentar do mesmo genero, ainda que não, pela fôrma exterior sómente, da mesma especie, que os governos republicanos mais adeantados. É a largueza desse ponto de vista que faz a Republica Franceza, — e nesse

pensamento, pelas homenagens da sua imprensa se vê, os Estados-Unidos a acompanham duas vezes como democracia verdadeira e como primeira nação americana, — prestar o elevado tributo do seu respeito ao representante que foi na historia da America do Sul, sob a bandeira da monarchia constitucional, de uma extensa, calma e continua excepção a favor da lei, da liberdade e do bem publico.

A nação brasileira sente-se neste momento para com a França sob o peso de uma divida immensa. Si no paiz, a que elle dedicou a sua vida toda, cogitações muito diversas e provenientes do dismantelo causado na ordem moral e na ordem politica pela inadequada substituição de regimen, desviam no dia de hoje do seu passamento a reflexão de tão grande parte do nosso povo, dia virá em que, sem distincção de partidos, todo elle se coadune no sentimento de que foi a França quem generosamente se encarregou de cumprir para com o fallecido Imperador os deveres que por todas as leis naturaes incumbiam a esta nação. Não faltam, entretanto, e são innumerous, Brasileiros cujo pensamento no dia de hoje esteja inteiramente voltado para a primeira e lutuosa parada do cortejo funebre que a Princeza Imperial, como filha extremosa, vae ter a dôr e o privilegio de conduzir atravez da França e da Peninsula.

Os Francezes têm o genio das artes e em nada elle é mais distincto e brilha melhor do que na organização das suas grandes solemnidades publicas. Paris só por si é um scenario esplendido e sempre prompto para as glorificações populares. Accrescente-se á incomparavel perspectiva da estrada que o cortejo tem de percorrer, margeada de multidões de povo,

entre alas continuas de soldados, o imponente prestito funebre, e quem viu Pariz em uma dessas occasiões em que a cidade parece fazer appello a todos os seus recursos para manter a sua incontestavel preeminencia, pôde representar-se pela imaginação o quadro que alli se desenrolará hoje na apothese de D. Pedro II. Mais do que tudo isso infinitamente, elle preferiria ser enterrado entre nós e por certo que o tocante symbolismo de fazerem o seu corpo descansar no ataúde sobre uma camada de terra do Brasil interpreta o seu mais ardente desejo.

Ao brilhante cortejo da Magdalena elle teria preferido, em falta de tantos que reputára seus amigos, o modesto acompanhamento dos mais obscuros de seus patricios, e daria bem a presença de um dos primeiros exercitos do mundo em troca de alguns soldados e e marinheiros que lhe recordassem as gloriosas campanhas nas quaes o seu coração se enchêra de todas as emoções nacionaes. Mas foi a sua sorte morrer longe da patria, e é uma consolação para todos os Brasileiros que veneram o seu nome, vêr que elle na posição de banido recebeu ainda da gloriosa nação franceza as supremas honras que ella pôde tributar. No dia de hoje o coração brasileiro pulsa no peito da França.

9 de Dezembro de 1891.

II

O PRESTITO FUNEBRE

Não podemos infelizmente fazer sinão uma idéa geral da solemnidade que a população de Pariz

hontem presenciou. Dos seus innumerados detalhes não nos chegam sinão os que mais devem ter commovido os nossos correspondentes, todos brasileiros pela patria ou pelo coração, isto é, o lado moral da manifestação, feita, digamos logo a verdade, em honra do Brasil. Naquelle momento elles não tinham olhos para observar o conjuncto de um espectáculo que entretanto deve ter sido da ordem desses que nunca mais póde esquecer quem os viu. Para elles a scena revestia um character de grandeza antithetica; elles acompanhavam-na antes com a imaginação posta em todos os seus profundos contrastes do que com a admiração a que a vista mal poderia furtar-se. Por fortuna nossa houve ainda conselheiros de estado, servidores da antiga casa imperial, e altos funcionarios da monarchia em numero bastante para tomarem os cordões do feretro, fazendo assim crer ao mundo que o abandono do soberano desthronado pelas creaturas de que elle se havia mais de perto cercado, não fôra tão completo quanto se podia imaginar. Ainda sem elles o funeral teria assumido a feição de uma demonstração nacional, porque, os telegrammas nos referem, não faltaram no Hotel Bedford brasileiros de todas as classes para assumir responsabilidade do luto publico pelo imperador, mas é consolador vêr que os representantes da nossa nacionalidade no prestito que hontem atravessou Pariz, foram tirados do numero dos servidores a quem essa honra teria tocado si elle tivesse morrido no fastigio do throno. Dentre elles pela sua posição politica todos destacarão aquelle mesmo que na ultima hora, quando ainda se desconheciam as intenções e o alcance do pronunciamiento da manhã, elle acceitára

para seu ministro, Gaspar da Silveira Martins. O telegrapho nos representava hontem a tempera de ferro do tribuno rio-grandense estalando em lagrimas de dôr perante os restos inanimados do seu compa-
nheiro de exilio. Ninguem melhor do que elle, actor e espectador a um tempo, poderá contar aos seus patricios as emoções de um coração profundamente brasileiro durante a jornada de hontem. Dias antes, si não houvesse terminado a revolução de sua varonil provincia, que tantas horas de anciedade lhe deve ter causado no estrangeiro, o seu espirito formado em Plutarcho teria associado instinctivamente aquelle acontecimento á lembrança dos funeraes de Alexandre. Passado, porém, o eclipse na unidade nacional, só elle nos poderá dizer si prevalecia no seu pensamento durante a triste marcha a esperança de um futuro consolidado ou o irresistivel presentimento de uma desaggregação fatal. Postas de lado, porém, todas as contingencias reservadas ao nosso paiz, a recordação do passado devia no meio de todo aquelle panorama estranho inspirar aos leaes servidores da monarchia proscripta os mesmos sentimentos retrospectivos.

Para a massa incalculavel dos assistentes aquelle funeral era apenas um grandioso espectaculo. O morto Imperador não era um personagem que roubasse com o seu desaparecimento, como Thiers, um grande elemento pessoal de força a um partido politico, nem que privasse do seu melhor guia um reinado aventureoso, como o duque de Morny, ambos conduzidos naquelle mesmo coche.

Em torno dos seus despojos mortaes não havia pois a desolação de uma opinião nacional nem a luta de

sentimentos oppostos ; havia sómente a unanimidade da estima e da veneração. Pariz viu desfilár esse prestito, pôde-se dizer, com essa especie de emoção impessoal que produz uma grande pagina da historia, quasi uma fórma da arte. O velho soberano não era conhecido daquellas multidões sinão por sua legenda, a mais bella que a realza moderna conseguiu produzir. A glorificação mesma era de tal ordem que substituia no pensamento de todos a idéa da morte, que é triste, pela da immortalidade, que é radiante.

Para os brasileiros, porém, a serena apotheose exterior convertia-se em uma tragedia nacional. O que então lhes occupava o espirito, não podia ser o espectáculo que se desenrolava aos olhos de Pariz, nem mesmo a sublimidade do cortejo, que o genio pôderia reduzir a um drama shakesperiano. Grande, por certo, devia ser a impressão dos Brasileiros vendo a Princeza Imperial conduzindo em pessoa o luto de seu pae, em procura para o seu descanso final da terra européa que mais se parece com a da patria. Mas, apesar de tudo, o pensamento dos que acompanhavam com alma brasileira, ao longo da via triumphal do Sena, o ultimo prestito imperial devia concentrar-se na relação ainda mysteriosa e desconhecida entre o desaparecimento do grande morto e a sobrevivencia da sua obra abalada. Aquella manifestação era uma derradeira conquista sua para o nome e a gloria do Brasil. Foi a nação brasileira que se viu glorificada no representante de sua civilização, de sua liberdade, do seu adeantamento.

III

EM S. VICENTE DE FÓRA

A trasladação dos restos mortaes do Sr. D. Pedro II ficou ultimada com as imponentes cerimoniaes hontem descriptas pelo nosso correspondente especial, e ha dois dias que elles descançam ao lado do tumulo da Imperatriz. Não é mais sobre Pariz que a esta hora se concentra a attenção com que o nosso povo tem acompanhado os despojos do seu grande soberano. A Magdalena, despida de suas ricas armações, não offerece mais a ondas de visitantes a vista do soberbo catafalco. Ao passo lento e grave do prestito nas ruas de Pariz, demorado por vezes para receber alguma dessas tocantes homenagens com que a França, mesmo na hospitalidade e no luto, mostra não abdicar o privilegio da imaginação, succedera a marcha vertiginosa do expresso, devorando noite e dia a distancia entre a capella ardente improvisada na *gare* de Orléans e o jazigo da casa de Bragança. As noticias nos chegam de que por toda a parte foram rendidas ao fallecido Imperador as honras, — ainda que não todas as honras que elle teria outr'ora recebido, — devidas á sua alta gerarchia e, melhor do que isto, tributos de veneração e respeito, em parte prestados ao character do soberano e em parte á dignidade do exilado. Como já o eramos para com a França, somos hoje devedores á nação hespanhola e á portugueza por essas demonstrações, que são o commentario do mundo á benignidade do reinado.

A monarchia hespanhola resente-se n'este momento

de uma fraqueza de que, entretanto, a qualidade característica da raça tem feito a sua força. Republicanos mesmo cedem á estranha fascinação que não é outra cousa sinão a combinação dos dois prestigios, da maternidade e do infortunio, e assignam treguas nacionaes com a joven rainha que defende sómente com a sua fraqueza a corôa de seu filho. Lamartine em 1848 sentiu na camara dos deputados o poder dessa emoção e um instante pensou em proteger com a sua palavra victoriosa a joven duqueza de Orléans. Lafayette teve essa mesma fragilidade dos corações fortes, ao apresentar ao povo o delphim nos braços de Maria Antonieta. Conhecia as profundas correntes do sentimento popular o ministro de Luiz Felipe que pensou em aniquilar com a boa fama da duqueza de Berry as esperanças futuras de Henrique V. Mesmo Napoleão imaginou que a infancia do rei de Roma teria maior poder sobre o povo francez e a Europa do que a sua infinita trajectory de gloria. Si, em vez de passar com a rapidez da locomotiva, o prestito atravessasse a Peninsula com a lentidão dos antigos cortejos mortuarios, creando na imaginação quadros como esse que inspirou a téla de Pradilla, o povo hespanhol divisaria no segundo plano desses funeraes da realeza um grupo em profundo contraste de fortuna com o que elle se deleita em contemplar no luxuoso desfilar do Prado ou nas umbrosas alamedas de Aranjuez.

Em Portugal, os elementos para a formação do sentimento a respeito de D. Pedro II são diversos dos que possuem os outros paizes; em mais de um sentido são os mesmos que entre nós. A divisão dos portuguezes em dois campos, o monarchico e o republi-

cano, terá introduzido nas homenagens prestadas ao fallecido Imperador o fermento da dissensão partidaria? É de presumir que os proprios republicanos portuguezes tenham tido a sagacidade de reconhecer, com a massa dos seus patricios, antigos residentes no Brasil, que o finado Imperador tinha direito ás mais elevadas provas de respeito que lhe pudessem tributar. Nem o capital politico que o partido republicano por acaso pensasse extrahir de uma situação passageira, seria nunca tão consideravel que se possa comparar á hypotheca perpetua que Portugal ficará tendo sobre a nossa gratidão, pelo facto de ter acolhido os restos e de guardar a sepultura de D. Pedro II. A republica no Brasil deu um momento grande impulso ao republicanismo portuguez, mas si este não tiver forças proprias e se vir reduzido para crescer e triumphar a contar sómente com a propaganda feita em Portugal pelo exemplo das nossas instituições, o militarismo, os golpes de estado, o estado de sitio, e ainda agora as expedições para trancar as Constituições dos estados recalcitrantes, lhe tirarão tudo quanto a victoria facil e inesperada da revolução lhe possa ter dado em Novembro de 1889, sem fallar do tremendo proselytismo que a desorientação do cambio opéra em sentido contrario. É assim natural que o movimento republicano portuguez não tenha querido confundir a sua causa com a dos que se suppõem politicamente lesados pela glorificação do Marco Aurelio americano. É licito anticipar que os elementos todos da opinião portugueza se manifestaram com a espontanea e sympathica unanimidade com que o fizeram sempre em todas as graves contingencias a que o sentimento nacional brasileiro se tem achado

exposto e que o têm profundamente abalado.

Se o fallecido Imperador pudesse ter consciencia da mudança de scena, sentiria que está no meio dos seus. Por certo Portugal não é ainda o Brasil, os seus invernos são ás vezes rigorosos, a sua vegetação não é a dos tropicos, e o paiz não suggere de fórma alguma a lembrança do immenso territorio com o qual elle se havia identificado. Mas, por outro lado, Portugal e o Brasil tiveram até certa epocha a mesma historia, terão sempre a mesma litteratura e a mesma lingua, e d'ora em diante o tumulo de Pedro II será uma força de attracção entre elles mais poderosa talvez do que todas as outras. É cedo ainda para prevêr sob que fórma se accentuará o novo culto luso-brazileiro de que S. Vicente de Fóra vae ser o sanctuario, mas desde já se póde ter certeza de que as reliquias entregues á nação portugueza receberão della perpetuamente todos os officios de devoção e de respeito que os povos de alma e coração sabem prestar aos grandes manes de que são depositarios.

Teremos muitas occasiões para proclamar no decurso da nossa vida a divida em que ficamos para com Portugal e não ha duvida de que a permanencia dos restos do Imperador em S. Vicente de Fóra tem que dar logar a constantes episodios de sympathia, em nossas relações com a antiga metropole, até que um dia, extinctas as paixões, apagados os preconceitos, e destruidos os obstaculos, outra geração que comprehenda melhor o patriotismo, e offereça mais seguro abrigo á piedade nacional, se encarregue de ir buscar atravez do Atlantico os restos do homem que, no mais elevado sentido da expressão, foi o fundador de nossa patria. Com a França, porém, póde-se

considerar fechada a conta da nossa divida, e por isto mais uma vez é-nos grato reconhecê-la. Fez-se uma tentativa, mas sem resultado, para transportar para o campo das animosidades politicas, o acto de deferencia da França á alta gerarchia do seu hospede em uma cerimonia excepcionalmente privilegiada por todas as leis humanas, como é a dos funeraes. Nenhuma outra bandeira podia cobrir o ataúde do Sr. D. Pedro II sinão a antiga bandeira nacional, e seria exigir muito de uma nação soberana impôr-lhe que arrancasse de sobre um feretro o emblema da gloria e da personalidade do morto.

14 de Dezembro (1).

(1) Editoriaes do *Jornal do Brazil*

A REVOLUÇÃO RIO-GRANDENSE ⁽¹⁾

(1893)

Pediram-me para fallar esta noite sobre a caridade, e obedeci ao convite, irrecusavel pela sua procedencia e pelos seus motivos; mas não vos parece que não é de caridade que se trata? Brasileiros que recolhem brasileiros feridos no campo de batalha, não fazem o papel do bom samaritano; praticam um acto de solidariedade nacional. Julgo assim poder occupar-me do assumpto que está em todos os pensamentos, sem esquecer nesta tribuna neutra o que devo ao meu

(1). Reproduzo este discurso pronunciado na Kermesse da Cruz Vermelha em Julho de 1893 no Rio de Janeiro, por haver n'elle diversos trechos que eu quizera poder isolar da sua parte propriamente politica, ou partidaria, que em grande parte cortei. Hoje eu não fallaria n'esses mesmos termos da revolução rio-grandense, que se me figura de lado a lado ter sido um puro exterminio. Por isso mesmo, releio com prazer o pensamento d'esse discurso, que era de qualquer modo sustar-se essa sangria por meio de um arbitramento razoavel do poder central

proprio retrahimento politico. Não chegou, com effeito, o dia em que os politicos do antigo regimen que não repudiaram o seu passado, possam manifestar-se em nenhuma questão sem prejudicar o lado que abraçarem. Essa é a verdadeira morte civil que pesa sobre elles, porque nenhuma paralytia é mais invencivel do que o receio de tornar suspeitos com a nossa sympathy a liberdade, o direito ou a justiça.

Por isso tambem ha tres ou quatro annos que me quero habituar a acompanhar as cousas do nosso paiz com esse interesse especulativo com que o historiador no meio da sua bibliotheca se apaixona pelas figuras e luctas do passado.

« Como, porém, si hesitaeis pronunciar-vos nas causas do interesse publico, vos manifestaes nesta? » Por uma simples razão: porque esta já atravessou a phase em que as causas em litigio pódem receiar suspeitas e intrigas. Ella sómente corre hoje um azar, o do campo de batalha. Outros dirão tambem: « Si nada esperasseis desse movimento, não sentirieis sympathy por elle. » Que esperavamos nós, por exemplo, da victoria dos congressistas chilenos? Que esperava o mundo da liberdade da Grecia, de Veneza, dos Estados do Danubio? Neste caso, como nos outros, é a propria emoção do drama representado perante nós que nos subjuga como espectadores. A platéa não precisa de outro guia sinão do seu proprio instincto para descobrir a figura que domina a scena. Quem desconhecerá o protogonista historico do drama que se desenrola actualmente sobre as coxilhas e campos do Rio-Grande?

Os que condemnam a revolução, politicamente, por certas apprehensões, os que induzem o seu program-

ma, a sua bandeira, a sua resultante final, do ascendente deste ou daquelle personagem, possuem um sentido mais fino que o dos rastreadores dos Pampas, porque julgam de um tropel distante por um rasto que ainda não existe. Para mim a conclusão a que cheguei em materia de previsão politica é que os acontecimentos não são a ferramenta de quem os fabrica, mas de um poder occulto, do imprevisto. Politicamente, a revolução é um corpo amorpho, é um puro movimento reflexo, é o esforço que o organismo ao qual falta o ar, faz para respirar.

Podemos, pois, deixar de lado os aspectos politicos da revolução para estudar as causas da *sympathia* que ella inspira. Para isso é preciso começar por afastar as prevenções que se levantam contra ella.

A primeira é que ella veio comprometter a paz publica. A verdade é que ella irrompeu de uma situação profundamente conturbada já e na qual os governos se succediam como lavas em uma cratera. O Rio-Grande, exactamente por ter tomado a iniciativa da resistencia ao golpe de Estado, era o Estado onde a acção politica do centro chegaria mais tarde. A individualidade rio-grandense sentia que devia manter-se intacta, mesmo por se haver mostrado necessaria á defesa das fôrmas republicanas contra accessos periodicos de dictadura. Acima de tudo, vós vos recordaes, o que feriu o coração brasileiro foram as scenas de sangue de Porto-Alegre e outras que foram explicadas como uma retaliação contra atrocidades semelhantes do lado contrario. Isso era confessar que o Rio-Grande era uma Corsega politica, onde só havia de pé a lei da *vendetta*. Não havia, pois, ordem publi-

ca. Quando mesmo houvesse, os rio-grandenses podiam aspirar a outra especie de ordem.

O periodo critico do novo ensaio de governo são exactamente estes primeiros annos. Que especie de ordem brotará neste solo da semente enxertada que lhe confiaram? Será a ordem que alastrou a America latina? Tenho ouvido, ás vezes, na Europa e em paizes americanos, o que o estrangeiro deseja para ella. É muito pouco, a saber que o homem forte, uma vez manifestado, não desapareça mais. É assim que o Mexico inspira maior confiança do que as outras republicas, por causa de Porfirio Diaz. Esse homem nem sempre apparece; a sociedade debilitada não o póde ás vezes produzir, mas onde elle se mostra fórma-se uma dictadura espontanea em seu favor, provocada de fóra pelo credito, de dentro pela ordem publica. Ninguem mesmo deve fazer-se juiz das condições que elle impõe para se responsabilisar pela paz publica; é um pacto tacito entre elle e a communhão, que renuncia á liberdade para ter a ordem.

É natural, porém, que o Rio-Grande não se contente com essa transacção, que se tornou normal em tantos paizes. A condição do nosso sólo é privilegiada, como a do Chile, por cincoenta annos de cultura liberal; temos elementos de liberdade, mesmo no exercito e armada que só fizeram guerras de libertação, e esses não podem desaparecer de repente. A ordem que o torrão brasileiro deve querer produzir, não póde ser a planta que cresce estéril na America latina, e sim a que na America saxonica dá a liberdade como fructo. Renan figura uma hypothese: « Supponhamos as laranjeiras affectadas de uma doença que só se possa curar impedindo-as de produzir laranjas.

Valeria a pena? » Eu direi também: « Supponha-se a ordem affectada de um mal que só seja curavel impedindo-se-a de produzir a liberdade; valeria a pena? » Para mim haveria pouco interesse, fallando como brasileiro, não como estrangeiro, em salvar a ordem que não pudesse dar a liberdade, si não como seu fructo, ao menos como sua flôr.

O receio de perturbar a ordem é um justo receio, mas tem limites naturaes. A guerra civil chilena não fez o mesmo mal ao credito exterior nem ao organismo interno do Chile que fez á Republica Argentina, por exemplo, a acquiescencia docil á sua ruina financeira. O papel que o Rio-Grande parece querer representar no processo difficil da fundição republicana é talvez o de impedir que o metal fundido corra todo de um jacto a um molde definitivo insufficiente para contel-o, porque elle não leva sómente a ordem, extremamente contratil, leva instinctos e tradições de liberdade que nunca deixarão de expandir-se entre nós.

Outra prevenção é que as victorias são ganhas contra o exercito. Ninguem lerá sem pezar as noticias de baixas e soffrimentos nos quadros do nosso exercito. Ha, porém, nas guerras civis uma terrivel divisão de sentimentos no coração do soldado. Na guerra estrangeira o seu sangue lhe parece pouco para dar pela causa do paiz. Na guerra civil elle muitas vezes combate por obrigação contra uma causa que como cidadão deseja vêr triumphar. É por isso que nas guerras civis se devera enrolar a bandeira.

Na federação ainda a anomalia é maior. Todos sabem como os norte-americanos sulistas cobrem de flôres os tumulos dos seus grandes soldados da guerra

separatista. São elles os heróes nacionaes. Será porque o Sul pense sempre em separar-se, ou lamente a escravidão perdida? Não, é porque na federação o cidadão, e portanto o soldado, tem duas patrias: a menor que é seu Estado, a maior que é a União, e, tendo um só coração, elle o dá todo ao torrão natal. Foi assim nos Estados-Unidos; seria assim na Suissa. Onde esse sentimento não existe, a federação ainda não creou raizes. O que os sulistas honram nos seus grandes soldados é apenas o patriotismo, como elle crystallisa em uma federação verdadeira. As guerras civis pertencem á historia nacional com tudo o que ellas têm de heroico e de desinteressado em um e outro lado.

Outra prevenção é que a revolução vem do estrangeiro. Mais de uma vez temos tido questões graves com o valente e generoso Estado Oriental. Porque? Porque a sua zona da fronteira é povoada por brasileiros. Foi assim em propriedades brasileiras, em fogões brasileiros, que se organisou o movimento de regresso chamado invasão. Isso prova sómente as amarguras soffridas e as difficuldades encontradas. Mas, além disso, é muitas vezes nas fronteiras que se abriga a liberdade foragida de um povo. Esse direito de asylo tem mais de uma vez salvado a causa republicana. Nos tempos de Rosas era na emigração refugiada no Chile que estava a esperança nacional argentina.

Diz-se por fim que do lado da revolução não se batem sómente republicanos indiscutíveis, mas republicanos suspeitos e até monarchistas. Essa é uma prevenção puramente politica, que não affecta o sentimento geral do paiz. Nos movimentos nacionaes

obliteram-se as divisões partidarias. Elles arrastam homens de todas as crenças, nacionaes e estrangeiros, em sua onda. Republicanos e monarchistas combateram juntos pela independencia e soffreram nas mesmas masmorras; monarchistas e republicanos lutaram unidos pela abolição, entraram juntos no Paço em 13 de Maio. Os principios liberaes formaram durante um largo periodo a legitima inviolavel de muitas gerações nossas. É natural que todos tenhamos o mesmo interesse nella.

Afastadas as prevenções, de onde vem a sympathia? Ella procede, pôde-se dizer, da intervenção do centro, que alterou o character da lucta. Si a União não se tivesse envolvido nesse duello rio-grandense, sinão como testemunha e guarda da terreno, a lucta teria despertado pouco interesse além da fronteira do Rio Grande; e si durante ella surgisse alguma bandeira politica, como a parlamentar, por exemplo, as sympathias do paiz se grupariam de modo differente do que hoje estão. O dilemma do governo era este: ou elle assumia no Rio-Grande a dictadura da pacificação, ou, julgando-se impotente para essa avocatoria difficil, tolhido de o fazer por algum fetichismo ou beocismo constitucional, deixava a sociedade rio-grandense, que afinal tem que viver junta na mesma casa, desaffrontar a sua civilisação de qualquer modo. « Ninguém é mais partidario do que eu, disse um dos actuaes ministros da Inglaterra, da applicação a todo custo da lei, mas ficae certos, só ha um modo de levantar o alicerce de uma administração firme: é sobre uma imparcialidade de ferro. » Ao governo interven-tor faltava esse requisito, sem o qual não ha paz publica.

Então o coração do paiz fixou-se na desigualdade dessa lucta em que punhados de homens sem armas, sem munições, sem ração, sem roupa, sem abrigo, sem soldo, se atreviam a contestar o dominio politico do seu Estado ao exercito regular de uma grande nação. É da natureza humana admirar esses rasgos desinteressados. Quem dexará de admirar, por exemplo, o modo por que o Paraguay sacrificou até a ultima creança, luctando contra tres nações unidas? A chamada invasão rio-grandense é um desses movimentos que os povos fazem sem uma só contingencia a seu favor para salvar o que vale mais que a vida de uma geração : fibra da honra, que é o talisman de um paiz, e da qual exclusivamente procede a independencia, a liberdade, a altivez nacional.

Como então não se sentir commovido por esse esforço que está fazendo reviver aos olhos de todo pampa a tradição do valor rio-grandense, que deu ao paiz pelo menos a metade de suas legendas militares?

A *sympathia publica*, porém, não provem sómente da admiração pelo heroismo e da convicção do direito perfeito do Rio-Grande á sua autonomia; provem tambem de um duplo receio. Muitas vezes a *sympathia* por uma causa é o proprio instincto de conservação nacional que se revela. O primeiro receio é o de vêr afrouxar por uma reminiscencia ingrata o sentimento que une o Brasil inteiro. A federação é a fórmula natural de governo em um paiz que é quasi um hemispherio como o Brasil, mas a federação, si é a mais perfeita, é também a mais fragil de todas as cohesões nacionaes. Desde que o centro exorbite, o Estado autonomo tende a escapar pela tangente. Si os astros

rolam serenamente no espaço, é porque ha grandes distancias entre elles. Um Rio-Grande do Sul abafado, subjugado como uma colonia politica, seria uma porta aberta, a porta da desolação, a quaelquer tentativa contra o Brasil; um Rio Grande separado seria o Brasil desfeito de sul a norte.

Ha ainda outro receio. Eu fallo imparcialmente, porque reconheço as difficuldades invenciveis dos que estão querendo resolver um problema insolavel. A verdade, porém, é que nos estamos habituando a desarmar com uma indifferença, que será excellente optimismo internacional, mas que não é administração, sobretudo á vista dos sacrificios que o paiz faz para se proteger. Foi assim que estivemos a ponto de vêr afundar em nossa bahia um, sinão os dois, dos nossos grandes couraçados; que assistimos ao bombardeio da nossa principal fortaleza; que temos tido os nossos corpos de exercito distribuidos como guarnições politicas. Nenhum desarmamento, porém, é tão perigoso como essa *lição de cousas* que estamos dando gratuitamente ao estrangeiro sobre a nossa tactica, a nossa mobilisação, os nossos recursos, os nossos generaes, no que poderia ser eventualmente o proprio theatro da guerra. Para o estado-maior de uma nação que tivesse interesse nisso, o estudo das operações no Rio-Grande seria fóco de esclarecimentos tão luminoso, como foram os combates em torno de Valparaiso. Para dispôr sua politica, captar suas amizades, preparar o seu futuro, ahi estão todas as informações precisas. Só falta uma, felizmente: a differença entre o que poderia uma nação sob um impulso unanime e o que ella deixa de poder sob um constrangimento tambem unanime.

Estão ahi os motivos da sympathia geral que a revolução inspira. Isto não quer dizer que a opinião se pronuncie anticipadamente sobre o uso que os revolucionarios possam fazer da sua victoria, si a alcançarem; quer dizer, sim, que ella está convencida de que a sua derrota deixaria uma lesão incuravel no seio da patria, no seu proprio coração, que é a fronteira. Póde haver no fundo dessa emoção uma ou outra esperança de liberdade; no geral, porém, o que ha é admiração pelo heroismo, sentimento do direito da causa, e receio de estremecimento nacional. Essa sympathia não tolhe o interesse que todo o Brasileiro sentirá sempre pelo soldado ou marinheiro nacional que cumpre ordens por mais ingratas que sejam.

A Cruz Vermelha surge neste momento como um symbolo nacional apropriado. É o signal de perigo que se levanta em todos os pontos da costa á aproximação da borrasca. Ainda que ensopada em sangue, é sempre a cruz do Christo.

Eu não poderia pela minha parte negar-lhe o meu concurso. De um Rio-Grande do Sul abatido sobre a sua lança pelos *mannlichers* federaes, poder-se-hia dizer: o Brasil perdeu a sua vanguarda. Infelizmente, os que temos a mesma convicção estamos tolhidos pelo exclusivismo da suspeita de cooperar com os republicanos nas causas liberaes, como outr'ora os republicanos cooperavam connosco.

Pela minha parte resigno-me a viver nesse circulo de desconfiança; ha, porém, um extremo a que nenhum poder humano póde chegar: é exigir, como só na Divina Comedia o exige a justiça divina, dos que assistem á execução dos seus actos que não sintam compaixão pelas victimas. O direito da compaixão,

não o renunciaremos, e foi esse o que exerci esta noite. Olhando para os campos talados do Rio-Grande do Sul, não pronunciei uma só palavra que não tivesse antes passado pelo crisol do angustioso sentimento que o poeta da Gallia devastada tão bem poliu nos seus versos: « Guerras prolongadas deformaram os teus bellos campos, mas quanto mais tristes, mais direito elles têm ao nosso amor.... É crime menor esquecer os seus concidadãos nos tempos felizes; o infortunio publico reclama, porém, a fidelidade de todos. »

*Illa quidem longis nimium deformia bellis,
Sed, quam grata minus, tam miseranda magis.
Securos levius crimen contemnere cives:
Privatam repetunt publica damna fidem.*

INSTITUTO HISTORICO (1)

DISCURSO DE RECEPÇÃO

(1896)

Ao entrar hoje para o seio de vossa illustre e historica instituição, ficae certos, senhores, de que procurarei corresponder á honra que me fazeis, esforçando-me convosco para conservar o antigo brilho ás tradições d'esta casa. Quando um dos mais dedicados membros do Instituto, em quem se observa inalteravel o espirito dos fundadores, offereceu-se-me para patrocinar a minha admissão n'este recinto, tres motivos me fizeram desde logo assentir á sua proposta, como si fosse para mim uma quasi obrigação.

O primeiro procedia de um pezar que me ficára dos meus trabalhos e pesquisas para escrever a vida de meu pae, o senador Nabuco. Elle tinha o costume, desde joven, de guardar tudo o que lhe dizia respeito,

(1) Sessão de 25 de Outubro de 1896.

assim como a copia de sua correspondencia, e depois para os seus trabalhos do ministerio, do Senado e do Conselho de Estado, formára o que chamava *peculios*, grandes volumes em que reunia opusculos, artigos de jornaes, cartas, manuscriptos relativos a cada assumpto da administração ou da politica. Tive assim, para compulsar a respeito de sua vida e de sua epocha, um vasto material accumulado durante perto de quarenta annos; a abundancia, porém, de documentos a respeito d'elle não me fez sinão ainda mais lastimar a perda dos archivos de tantos homens nossos, archivos que desapareceram de todo. Onde estão os papeis dos Andradas, de Feijó, de Olinda, de Vasconcellos, de Paraná, de tantos outros, de quasi todos os vultos de nossa historia parlamentar? Ainda um filho em quem exista a preocupação do nome paterno poderá, por excepção, conservar os trabalhos e os documentos que illustrem aquelle nome; na segunda geração, porém, espalham-se, perdem-se, vendidos em algum leilão obscuro, queimados ou varridos como inuteis.

Nosso credito chegou a tal gráo de frangibilidade que é preciso passarmos todos perto d'elle em silencio, como um grupo de jovens brasileiros acaba de subir trechos do Monte Branco, onde o menor ruido, o som da voz, basta para despregar o immenso bloco suspenso... Si não fôra o medo de precipitar a avalanche financeira, eu suggeriria que se creassem logares de conservadores da historia nacional e que homens, como o Sr. Capistrano de Abreu, por exemplo, e outros que pertencem ao vosso quadro, tivessem a missão de recolher os espolios politicos ou litterarios de valor para o paiz e que achassem em perigo de ser destruidos. O Instituto me parece o abrigo mais tran-

quillo e mais seguro a que se possa confiar tão precioso deposito. Entrando para elle, eu fazia o meu protesto, si não alistasse companheiros para a campanha necessaria contra a indifferença que deixa desaparecer as fontes de informação historica, os pergaminhos de familia, o quadro intimo, quando mais não seja, de todas as vidas notaveis.

Meu segundo motivo, senhores, foi tambem um motivo de piedade nacional. Nossa historia está atravessando uma crise que se póde resolver, quem sabe, por sua mutilação definitiva. Uma escola religiosa — si se póde dar com propriedade o nome de religião a uma crença que supprime Deus — mais politica em todo caso do que religiosa, pretende reduzir a historia nacional a tres nomes : Tiradentes, José Bonifacio, Benjamin Constant. Abstraio de fazerem o Brasil datar suas tradições sómente da Independencia, attribuindo-se assim á historia portugueza, antes do que á brasileira, como si então não existissemos, a gloria, os esforços de quantos luctaram para povoar, crear, conservar esta nossa nacionalidade durante os seus tres primeiros seculos ; direi sómente que esquecer na historia do Brasil a lucta hollandeza é esquecer a pagina sem equal do heroismo e affirmação nacional do nosso passado. Tomarei, porém, a trindade em si. Não discuto o papel de Benjamin Constant, a quem aliás incontestavelmente pertence o titulo que lhe deu a Constituição de 24 de Fevereiro, de fundador da Republica. Não hoje, e sim dentro de vinte ou cincoenta annos é que se poderá julgar a sua iniciativa, o 15 de Novembro, do ponto de vista da humanidade, que é o da civilisação geral do mundo. Reconheço o direito que têm tanto Tiradentes como José

Bonifacio á mais plena glorificação dos Brasileiros ; não creio todavia, que Tiradentes resuma em si **todo** o ingente esforço pela independencia brasileira, a ponto de absorver, para não fallar dos outros, a gloria dos heróes pernambucanos de 1817 ; e não acredito tambem que o concurso de José Bonifacio pese mais nas balanças da historia do que o de Pedro I, cuja figura pretendem encobrir com a d'elle, triste e ingrato papel que mais de uma vez elle mesmo repelliu por lealdade patriotica. Os nomes de Tiradentes e José Bonifacio pertencem ao mesmo facto historico e no pensamento dos creadores da nova trindade nacional representam juntos a Independencia, — não é de certo o Imperio, que se quer concretisar na figura de José Bonifacio, para quem, entretanto, Antonio Carlos não achava outro titulo tão glorioso como o de *Creador do Imperio*. A idéa é que entre Tiradentes e José Bonifacio de um lado e Benjamin Constant de outro, isto é, entre a Independencia e a Republica, estende-se um longo deserto de quasi 70 annos, a que posso dar o nome de deserto do esquecimento.

Digo sómente aquillo que está em vossas consciencias, senhores: não é um trecho deserto esse espaço de mais de meio seculo.

Tanto o primeiro como o segundo reinado assignalam o constante progresso material, intellectual e moral do nosso paiz. Do primeiro escreveu o seu critico mais do que parcial (Armitage): « Apesar de todos os erros do ex-Imperador e de seus Ministros, o Brasil durante os dez annos de sua administração fez certamente mais progressos em intelligencia do que nos tres seculos decorridos desde sua descoberta

até á proclamação da Constituição Portugueza em 1820. »

Quanto ao segundo... É provavel que novas raças venham a repovoar o nosso immenso territorio, transformal-o como o sopro norte-americano transformou em um jardim a antiga California mexicana. D'esse *outro* Brasil nada posso dizer; é de crer, pela progressão em que vae o aproveitamento da terra e a multiplicação da humanidade, que o seu progresso se distanciará incalculavelmente de tudo o que vemos hoje. Do Brasil portuguez, porém, do Brasil da primitiva colonisação, composto dos mesmos elementos de raça, religião, costumes, sentimentos e ideal que no tempo da Independencia; d'esse Brasil *brasileiro*, tudo me faz pensar que o reinado de Pedro II marcará o apogéo. Esse foi, em todo caso, o plexo da unidade nacional e o nó vital da liberdade civil. Escrever a historia do Brasil esquecendo o reinado de Pedro II é como escrever a historia de França eliminando o reinado de Luiz XI e o de Luiz XIV.

Para caracterisar a suavidade d'esse reinado basta este facto: existindo no paiz um partido republicano forte, intelligente e disciplinado, esse partido em deferencia ao sentimento publico, e dando n'isto a prova mais completa que até hoje deu do seu atilamento, resolveu respeitar a monarchia enquanto vivesse o Imperador, e só por uma circumstancia fortuita foi o throno derrubado em vida de D. Pedro II.

Não, senhores, não se ha de dizer que foi uma epocha perdida para o desenvolvimento nacional essa dos dois reinados, em que cresceram as nossas instituições parlamentares com a força, a estabilidade e a florescencia proprias do crescimento natural. As duas

casas do Parlamento Brasileiro apparecerão reflectindo o espirito de prudencia e sizudez, a circumspecção, a nobreza e o patriotismo desinteressado de um periodo de funda cultura moral. N'aquelle theatro de nossas luctas politicas, tão diverso do campo da guerra civil, ninguem entrou com as qualidades e a marca de verdadeiro estadista, de *leader* de homens, que não chegasse á posição que lhe competia, e a nossa tribuna pôde figurar na historia parlamentar do seculo XIX como tendo o cunho da sua melhor epocha.

Não posso sinão repetir o que mais de uma vez terei dito : si o Brasil fosse uma das grandes nações da historia, seria tambem uma grande casa reinante essa curta dynastia que renunciou á metade de seu throno para fazer a Independencia e á outra metade para fazer a Abolição... Não conheço mais bello epitaphio de instituição humana do que esse que se pôde escrever com duas datas : 7 de Setembro de 1822 — 13 de Maio de 1888. Não comprehendo maior elogio para uma dynastia do que se poder afirmar que ella se preoccupou mais da dignidade dos seus concidãos que da segurança do seu throno...

Pois bem, pareceu-me, senhores, que no momento em que o passado nacional corre o risco de ser mutilado no que teve de mais glorioso, era dever meu entrar para esta instituição, á qual esse passado está entregue, onde a historia goza ainda do direito de asylo, onde o *audi alteram partem* conserva sempre seu sagrado privilegio.

Ha, porém, uma qualidade que ninguem ainda se atreveu a negar ao Imperador : o seu ardente e quasi exclusivo amor por este paiz. O Brasil teve para

elle a força de um verdadeiro ideal de vida, isto é, a fascinação que a sciencia tem para o sabio, a bandeira para o soldado, a cruz para o missionario. Para semelhante espirito o *quanto peibr melhor* do politico era um crime de lesa-patria; qualquer que pudesse ser o nosso Governo, seu acto de fé e de esperanza de cada dia era pela gloria, pela prosperidade, pela grandeza do Brasil... Elle fazia votos para que o progresso do nosso paiz não fosse um momento siquer interrompido e para que as instituições, cuja pedra elle lançou ou a cujo crescimento assistiu, tivessem todas a mais brilhante fortuna. Entre essas está, de certo, e em um dos primeiros logares, a vossa... A decadencia e a morte do Instituto seriam a morte de uma parcella de sua alma, de um raio do seu espirito, que desejamos vêr sempre dourando os pontos mais elevados da intelligencia e do sentimento brasileiro. Entrando para o vosso numero, não faço, senhores, sinão conformar-me á vontade que o Imperador, si vivesse, me teria manifestado do seu exilio. Foi este o meu terceiro motivo.

Acceitae agora todos os meus agradecimentos.

SIGNIFICAÇÃO NACIONAL
DO CENTENARIO ANCHIETANO⁽¹⁾

(1897)

« Infelizes degradados, que ficastes chorando nas praias de Santa-Cruz, quando Cabral seguia sua der-

(1) O Dr. Eduardo Prado foi o iniciador em S. Paulo da commemoração do terceiro centenario de Anchieta e traçou para ella o seguinte programma de conferencias :

* I. O apostolado catholico, pelo Dr. Francisco de Paula Rodrigues. — II. O catholicismo, a Companhia de Jesus e a colonisação no seculo XVI, pelo Dr. Eduardo Prado. — III. Anchieta : narração da sua vida, pelo Dr. Brasilio Machado. — IV. Anchieta em S. Paulo, pelo Dr. Theodoro Sampaio. — V. A pregação, o methodo de ensino e de catechese dos indios usado pelos jesuitas e por Anchieta. Missões e peregrinações, pelo padre Novaes, da Companhia de Jesus. — VI. Anchieta na poesia e nas lendas brasileiras, pelo Dr. João Monteiro. — VII. Anchieta e a raça e a lingua indigenas, pelo general Conto de Magalhães. — VIII. Anchieta poeta e escriptor, pelo conselheiro Ruy Barbosa. — IX. A sublimidade moral de Anchieta; historico e analyse do processo da sua beatificação, pelo conego Manoel Vicente. — X. Papel politico de Anchieta na obra da conquista portugueza e na constituição da sociedade colonial, pelo conselheiro Ferreira Vianna. — XI. A bibliographia e a iconographia de Anchieta e do seu tempo, pelo Sr. Capistrano de Abreu. — XII. Da significação nacional do centenario Anchieta, pelo Dr. Joaquim Nabuco. »

rota para as Indias, adoçae um pouco a força de vossa magua. Sabei que aquelle barbaros, a cuja voracidade ficaveis expostos, estão civilizados; que aquellas matas melancolicas que tyrannisavam vossos olhos já se transformaram em campanhas risonhas, em searas fructiferas, em sementeiras floridas; que do seio daquelles ermos émmaranhados que denegriam vossos corações, têm nascido villas e cidades florentes. »
Essas palavras de frei Francisco de S. Carlos, que acudiam a Octaviano ao vêr lançar nossa primeira grande via ferrea, contêm, ainda que na planta, a obra de Nobrega e Anchieta. Está ahi o primeiro esboço da fundação que elles deixam na America e que se tornou o Brasil. O presente centenario é o cumprimento do dever que tem cada communidade, seja nação, seja familia, de guardar a memoria dos que traçaram, quando ella era ainda embryão, o contorno, a orbita de sua individualidade toda.

É quasi escusado lembrar, o presente centenario não é a glorificação de um homem sómente, da fragil e invencível creatura que, em um perpetuo lance de fervor e castidade, vae através de mattas, rios, lagôas, montanhas, por um mundo novo, indifferente ao desconhecido, sem outra arma sinão sua fé, sem outra defesa sinão sua virgindade, em busca do martyrio que lhe foge, mas que elle pede sempre á Mãe Santissima.....

Sœpius optavi, Domino inspirante, dolores.

Duraque cum ipso funere vincla pati.

*At sunt passa tamen meritam mea vota repulsam,
Scilicet heroas gloria tanta decet.*

Antes de tudo, como separar Anchieta de Nobrega?

Podeis comprehender um sem o outro, vêr o joven irmão sem que o Fundador se mostre ao lado d'elle? Elles são as duas figuras de um quadro que só nos podemos representar na unidade de sua composição. E deverieis separal-os dessa primeira legião que a Companhia mandou ao Brasil, de Aspicuelta Navarro, Leonardo Nunes, Antonio Pires, Affonso Braz, Manoel de Paiva, Francisco Pires, Luiz da Grã, Ignacio de Azevedo, os fundadores com elles da Bahia, de S. Paulo, do Rio de Janeiro, typos, cada um, dessa raça de apóstolos cuja passagem é lembrada no interior da America, como a dos Pelasgios na Hellade, pelas ruinas de suas construcções cyclicas?

Podeis figurar qualquér dos quadros da vida ou de Nóbrega ou de Anchieta, sem que vos occorra também essa talvez a mais heroica pagina da christianisação de nosso paiz, o morticínio de Ignacio de Azevedo e dos 71 companheiros, padres e noviços, que elle trazia ao Brasil? Existirá episodio mais expressivo do contagio da graça que o do joven tripulante da *Santiago*, o qual, quando todos os padres e irmãos, suppliciados, cáem'mortos ou são lançados ao mar, pede a Jacques Soria que o acabe também, porque tinha a promessa secreta de Azevedo de ser um dia recebido, e, ouvindo a resposta desdenhosa: *Não trazes o habito*, arranca a roupeta ensanguentada de um dos padres agonisantes, e corre para os calvinistas, gritando: *Eu também sou jesuíta?*

Os jesuitas não foram todos, como quer Rocha Pitta, fallando desses mesmos companheiros de Azevedo, « imagens tiradas de um prototypo ». De certo, entre elles houve individualidades salientes, que não pódem deixar de se destacar do resto da Companhia,

e ás quaes ella é a primeira interessada em que se tributem homenagens especiaes; mas dessas nenhuma teve outra força, outro genio, outra virtude, que não lhe viesse da regra, do espirito, da disciplina da Ordem. Tomae qualquer dellas e vereis que a apparente unidade propria é um aggregado de qualidades alheias, collectivas, depois hereditarias; uma juxtaposição de caracteres, espiritos e temperamentos dissimilares; vereis que nesse homem ha muitos homens; nas suas inspirações subitas a experiencia de muitos juizos; nessa coragem que deixa o heroismo militar na sombra, nessa pureza a que Nobrega chamava o *sello virginal da castidade da Companhia* e em que Azevedo descobria um milagre; nesse desgastar inteiriço da vida, como se usa o gume de uma lamina; em tudo ha um effeito inexplicavel por forças proprias, que se alimentassem e renovassem no individuo só ou mesmo no mundo em redor d'elle.

No centenario de Anchieta é impossivel que se trate de glorificar só um homen. Esse homem é nada, é pó que se desfaz, é um instrumento que fica inerte e sem valor, si o isolardes do corpo moral a que pertence; si o destacardes, no intuito de melhor o honrar individualmente, da sociedade em que elle se fundiu. Não lhe poderieis fazer maior violencia, offerecer-lhe um calix mais amargo, do que pretender fazel-o valer por si só ou por si mesmo. Como unidade historica, Anchieta é tão inseparavel de Nobrega, de da Grã, de Ignacio de Azevedo, como de Simão Rodrigues e Ignacio de Loyola. Sua glorificação tem que ser forçosamente a do espirito que o animava e impellia, isto é, o da Sociedade de Jesus, á qual, como todo jesuita, elle amou acima de tudo, abaixo de Deus.

Só honrando nelle a Companhia é que se póde evitar a injustiça de esquecer ou postergar nomes que talvez não lhe sejam inferiores, jornaleiros que tenham recebido ainda maior salario. Nenhum mal lhe adviria, estejamos certos, quando mesmo fallassemos á equidade historica, escondendo a gloria de Anchieta na corôa da Companhia. Anchieta pertence a um calendario cujas biographias são todas a mesma, cujo tom dominante é o da vida interior que se não vê; calendario por assim dizer anonymo, em opposição ao da gloria que, esse sim, é todo pessoal, a saber, o calendario dos Santos, onde o unico successo é a perfeição, onde a *immortalidade* se eclipsa, desaparece, na eternidade. Não tenhamos receio de lesar Anchieta em um ceutil do que é seu. A verdadeira justiça do Brasil para com elle é de pagar, na data do seu centenario, como devia tel-o feito em 1870, no centenario de Nóbrega, como ainda o ha de fazer este anno no centenario de Vieira, não a elle individualmente, mas á grande Companhia, o tributo de devoção filial que toda a sociedade deve aos delineadores do seu traço perpetuo.

Acreditaes, si não fosse o catholicismo, que o Brasil seria o grande bloco de continente que vae das Guyanas do Amazonas ás Missões do Paraná? Acreditaes, si não fosse o catholicismo, que esse territorio não se teria pelo menos dividido em tres ou quatro immensos fragmentos, um huguenote, outro hollandez, o terceiro hespanhol, o quarto, apenas, brasileiro, como o somos hoje? Isso quanto ao territorio, o soberbo, incomparavel apanagio portuguez na America, intacto emquanto o morgadio hespanhol se desmembrou, e que faz deste paiz uma das tres ou quatro

maiores casas da terra. Quanto á população, acreditaes que sem o catholicismo tivesse sido possível fundir, pelo modo por que o foram, em uma nacionalidade homogenea, o indigena, o portuguez e o africano? O indigena? Duvidaes de que sem a acção do catholicismo o indigena teria sido exterminado pelo mais barbaro dos captiveiros após as mais terriveis de todas as razzias? O branco? Duvidaes de que a raça branca e os seus cruzamentos, adquiririam nessas atrozes correrias, nesses costumes de rapina humana, instinctos que fariam do brasileiro o egual do caçador de escravos sudanez? O africano? Suppondes, si não fôra o catholicismo, que o negro barbaro da Africa daria em pouco tempo esse sublime typo de resignação e doçura, que foi tanta vez o nosso escravo, o qual, escravo pelo captiveiro e pelo castigo, achava ainda meio de fazer-se escravo voluntario pela gratidão e pelo amor? Ou pensaes que tudo isso se teria dado mesmo sem a Companhia de Jesus?

Não, o catholicismo no Brasil foi por muito tempo, no periodo de formação, a sociedade de Jesus, e não só o catholicismo: o descobrimento, a exploração, a posse dos territorios na epocha da apropriação do Novo Mundo. Sem a larga passada do jesuita, Portugal não se teria antecipado assim em tão extensos dominios, e sem elle não teria mantido sua posse. É de todo duvidoso que existisse a unidade brasileira sem a unidade da Companhia; a probabilidade é que não haveria Brasil, si em vida de Loyola, Portugal não tivesse sido feito Provincia da Companhia.

Si não fosse Nobrega, acaso teriam os francezes sido expulsos do Rio de Janeiro, ou ter-se-hia quebrado o poder alliado de francezes e tamoyos? Não

era elle quem animava Estacio de Sá e lhe dizia, — quando este, hesitante deante da empreza, objectava: « Que conta darei a Deus e a el-rei si deitar a perder esta armada? » — « Eu darei conta a Deus de tudo e, si fôr necessario, irei deante de el-rei a responder por vós ».

Si não fossem os padres Manoel Gomes e Diogo Nunes, não estaria consummada a conquista franceza do Maranhão e com ella a do Amazonas? Não é tambem o padre Lopo do Couto quem suscita Antonio Muniz a repellir dalli os hollandezes; nas proprias palavras de Teixeira de Mello que commandava, não foi elle *que deu principio e foi o primeiro movedor desta guerra*, e quando morre de desgosto, não foi, são ainda palavras da mesma testemunha insuspeita, *às orações e merecimentos do padre Benedicto Amodei que se attribuiu a victoria?*

Qual teria sido a sorte da conquista em relação ás raças, pôde-se deduzir desse odio de morte de mame-lucos contra jesuitas que culmina no incendio e arrasamento das soberbas Reducções do Guayra, esboço de um grande imperio guarany, na morte e partilha dos seus habitantes, despojo que alguns calculam em oitenta mil captivos. Vêde o padre Montoya dirigindo a migração dos chamados selvagens do Novo Mundo, deixando suas casas, suas egrejas, suas plantações arrasadas, para escaparem á crueldade dos bastardos de europeus vindos para civilisar a America. Sem os jesuitas a nossa historia colonial não seria outra cousa sinão uma cadeia de atrocidades sem nome, de massacres como os das Reducções; o paiz apenas seria cortado de estradas como as que iam do coração da Africa aos mercados da Costa, por

onde só passavam as longas filas de escravos. Esse é que seria o destino da America do Sul, enquanto á margem dos seus rios restasse alguma raça por escravizar. A idéa do colono era reduzir o indio ao captivo e, não podendo ser, exterminá-lo; a idéa do jesuita era reduzir-o á liberdade christã e preservar, em cada um dos seus individuos, todas as raças autochtones. Entre essas idéas oppostas não havia conciliação possível.

Que historia ao mesmo tempo grandiosa e triste os jesuitas podiam escrever sobre os indios da America! Vós vos recordareis da lenda do papagaio do Atures que fallava uma lingua que ninguem mais comprehendia. Mais de uma lingua de tribu exterminada ou perdida para sempre podiam outr'ora repetir na solidão do seu desterro os jesuitas do Novo Mundo. Desde seu primeiro dia quasi até á sua expulsão, a vida dos jesuitas no Brasil pôde-se descrever como tendo sido uma lucta incessante pela liberdade dos indios. Quer tomeis a vida de Nobrega, quer a de Vieira; ou os vejaes no Paraguay ou no Amazonas, essa do principio ao fim é a sua missão por excellencia, sua utopia, si quizerdes: fazer entrar as raças americanas na grande especie humana, ou, para elles, resgatar tambem o indio com o sangue de Christo. Elles são os abolicionistas dessas epochas. Dahi esse odio, esse rancor contra elles, que fazia Nobrega dizer: « Eu, si houver de ser martyr, ha de ser á mão de nossos Portuguezes christãos e não dos brasis. » E essa lucta do jesuita no Brasil pela liberdade e pela vida dos indigenas não é sinão um episodio da sua campanha na America. Do Canadá á Patagonia elles levantam a mesma bandeira e vertem o seu san-

que pela mesma causa. O combate é o mesmo por toda a parte, e não têm conta os martyres jesuitas sacrificados ao apostolado das raças da America; o baptismo é para ellas uma carta de liberdade que elles assignam com o seu sangue. É uma verdadeira torrente de sangue jesuita que no Novo Mundo corre para os pés da cruz. E tendes acaso idéa dos supplicios que a imaginação indigena póde inventar, desde o baptismo pela agua fervente até aos ultimos requintes da anthropophagia? Não será isso que diminua em nenhum companheiro de Brébeuf ou Lallemand seu amor pelos Iroquezes; nada disso impedirá o padre Valdivia de só vingar a morte de Aranda, de Vecchi e Montalban, confirmando a liberdade dos Araucanios, dos Chilenos. Nas Montanhas Rochosas ou em Tucuman o principio é o mesmo, e é a esse principio, mantido a despeito de tudo, que nós devemos o maior beneficio dos tempos coloniaes. É por esse principio que o Brasil adquire sua individualidade nacional; é por esse principio que elle deve trazer gravadas, como a America toda, no frontispicio da sua historia as duas lettras magneticas — S. J.

São grandes iniciaes, aquellas, ficae certos. Esses homens todos, para tomar a expressão de um adversario da Companhia, são « colossos vasados em bronze ». São estatuas gigantescas das quaes a terra não é sinão o pedestal. Tomae qualquer objecto da natureza, seja uma planta, uma pedra, uma fórmula de vida e movimento, o que a caracterisa é a perfeição do plano, o definitivo, o acabado da execução. Ha obras do espirito humano, ha creações sociaes que têm essa perfeição, de modo a se poder pensar que ellas por sua vez entraram no plano da criação; que

o espirito que as delineou, a multidão que as desenvolve e completa, foi, como qualquer das forças physicas e chemicas que compõem e governam um organismo, automatos da Natureza. A Companhia de Jesus é uma dessas estruturas que têm o cunho da perfeição natural, e em que não se pôde deixar de reconhecer uma inspiração, uma cohesão, uma força de crescimento, superiores ao poder de qualquer homem isoladamente e aos recursos de qualquer grupo de homens fechados no planeta.

Ha factos na historia que preenchem a função de um accumulador de força muitas vezes secular e dos quaes se desprende uma corrente moral continua. Um delles foi essa communhão de 15 de Agosto de 1534 em Montmartre. Era uma companhia que se fundava sobre uma confiança como nunca se tinha visto maior. « A confiança em Deus é uma das maximas de Loyola, deve ser bastante para vos fazer, em falta de um navio, atravessar o mar em uma simples taboa. ». Nessa taboa, que era a fé, elles atravessam os mares e conquistam o mundo.

Quando apparecem, já não era o momento da debandada protestante que se vira passar entre a indifferença das nações latinas, inebriadas, transportadas, seduzidas por todos as impressões novas da Renascença, imaginando o papado como o summo pontificado das artes, sentindo os ultimos restos do ascetismo medieval dissolver-se em um paganismo esthetico. É justo dizer que a propria Companhia foi um signal da reacção catholica; que antes dos Jesuitas, vêm os Theatinos, os Capuchinhos; que Ignacio de Loyola é precedido por Giovanni Pietro Caraffa; mas é delle, é da Companhia, o impulso irresistivel que

levará o proprio Caraffa ao papado; que vasará a doutrina catholica nos moldes indestructiveis do concilio de Trento; que fará retroceder o protestantismo das fronteiras do mundo latino e irá conquistar-lhe a propria Allemanha. São elles que organisam a resistencia catholica, e, depois de salvo o papado, dão ao catholicismo os novos mundos da America; e lhe teriam talvez trazido as antigas raças da Asia si se deixasse livre na India e na China a inspiração genial dos continuadores de Xavier.

A differença entre as outras grandes ordens, filhas da Edade Média, e os Jesuitas, é que ellas suppunham a fé triumphante e elles a fé em perigo. Os outros retiravam-se do mundo, elles ficavam; vinham para o mais acceso da peleja. São, nas palavras de Ranke, um *exercito permanente espirital, escolhido homem por homem, exercitados individualmente para a sua função e commandados por elle mesmo, Loyolá, em nome e ao serviço do Papa*. Quereis vêr a marcha desse exercito? Ouvi o grande historiador protestante. « Ainda em 1551 não tinham base na Allemanha, e em 1566 sua influencia estende-se pela Baviera e pelo Tyrol, pela Franconia e pela Suabia, por uma grande parte do Rheno e da Austria; tinham penetrado na Hungria, na Bohemia, na Moravia. Esse foi o primeiro impulso em sentido contrario, a primeira impressão anti-protestante que a Allemanha recebeu. Mais que tudo, elles se esforçavam por melhorar as universidades, em pouco tempo contavam no seu gremio professores que podiam pretender ser collocados ao lado dos restauradores do ensino classico. Do mesmo modo applicavam-se ás sciencias exactas. Ingolstadt adquiriu uma influencia como a que Wittemberg e Genebra tinham

exercido... Uma tal alliança de instrucção apropriada e zelo incançavel, de estudo e persuasão, de pompa e penitencia, de influencia extensissima e unidade de objecto e principio director, nunca existiu no mundo nem antes nem depois. » A conquista não pára, porém, no oriente da Europa. « O Velho Mundo, dirá Macaulay, não era vasto bastante para essa extranha actividade. Os jesuitas invadiram todos os paizes que as grandes descobertas maritimas do seculo anterior tinham aberto ao empreendimento europeu. Elles eram encontrados nas profundezas das minas peruanas, nos mercados das caravanas de escravos da Africa, nas praias das Ilhas das Especiarias, nos observatorios da China. Elles fizeram proselytos em regiões onde nem a cobiça nem a curiosidade tinham tentado nenhum dos seus compatriotas a entrar; pregaram e disputaram em linguas de que nenhum outro filho do Occidente comprehendia uma palavra ».

Quaesquer que sejam as apreciações hostis á Companhia, — e ella será a primeira a reconhecer sua fallibilidade e deficiencia, suas zonas e suas phases, de esterilidade e aridez, — o facto incontestavel para todos, e que a nenhuma pagina empresta tanto brilho e eloquencia como ás dos grandes historiadores protestantes, é que no seculo xvi foi a Companhia de Jesus que salvou a Igreja.

A reacção catholica foi um bem, de qualquer lado que se a encare. É sempre um bem uma forte corrente de seriedade, de pureza, de virtude, de ideal, entrando em uma antiga instituição para renoval-a. Não foi o catholicismo que matou a Renascença. As artes tinham dado todo o seu fructo, as escolas italianas de pintura e esculptura, a poesia mesma, tinham tirado tudo o que

era possível tirar do mundo antigo resuscitado, e não seria o calvinismo que havia de alimentar a inspiração pagã. O sentimento, a imaginação catholica, o que fará é crear, pôde-se dizer assim, mais uma arte com a musica de Palestrina. Si se pudesse attribuir ao jesuitismo a morte do sensualismo naturalista na Italia, seria forçoso attribuir-lhe, por outro lado, o merito das artes francezas que vão nascer de suas escolas, o estylo, o theatro, a eloquencia, a polidez; a cultura moral de um S. Francisco de Salles, o sopro espirital de um Descartes. É essa reacção do seculo xvi que salva, quando mais não fosse, o genio francez da aridez calvinista e que conserva a primazia intellectual, a direcção da humanidade á raça latina. Não tenhamos receio de estar do lado do regresso ficando ao lado de Loyola na historia; foi essa a direcção que levou o mundo; teria sido o eclipse da humanidade a morte do catholicismo em plena vida, quando ainda, para não fallar de tantas outras creações, elle tinha que tirar da sua imaginação a poesia toda da caridade que S. Vicente de Paulo espalhou pelo mundo.

É impossivel não se reconhecer a grandeza da construcção jesuitica. Não quero oppô-la a Ordens muito mais antigas e que vivem ainda hoje de um sopro immortal, que as purifica e renova de epocha em epocha. Em Subiaco como em Assiz, em Tolosa como em Grenoble, nas galés de Marselha como na gruta de Manresa, o impulso é o mesmo para S. Bento, S. Francisco, S. Domingos, S. Bruno, S. Vicente de Paulo, Santo Ignácio de Loyola. Os *Exercicios Espirituaes* têm a mesma inspiração que a *Imitação* e a *Introduccão á Vida Devota*. Mas si alguma Ordem pôde sem injustiça receber mais do que lhe seja de-

vido, é aquella que no combate da cruz tem o dom de attrahir sobre si quasi que toda a força do ataque.

O factó é que ella tem traços *singulares* para uma criação humana. Já se disse que ella não teve infancia, e Paulo III via nos seus estatutos o dedo de Deus. Quereis, porém, um traço que ainda mais me fere? É o da sua resurreição quarenta annos depois de abolida tal qual era nos dias de Ignacio e de Acquaviva. Conheceis em instituição humana uma alma assim immortal? Quereis outro? Quando ella cáe, cáe com ella a antiga sociedade. Choiseul os expulsa, mas a França perde logo as suas grandes colonias da America: o Canadá e a Luisiana. Elles são retirados de Louis-le-Grand, mas a « primeira geração que se fórma sem elles no collegio são os Robespierre, Camille Desmoulins, Joseph Chénier, Tallien ». (Crétineau-Joly, IV, 235). A França os rejeita, mas a Prussia os recolhe, « quantos posso », dizia Frederico II, e no futuro a influencia desse pequeno contingente, como o dos calvinistas banidos por Luiz XIV, faz-se sentir na formação da mocidade prussiana.

Ha nada mais extraordinario na historia que essa legião de Jesuitas que atrás de S. Francisco Xavier parte para conquistar o velho oriente asiatico e africano; que vão ao Japão, á China, á côrte de Akbar, á Abyssinia; que são feitos mandarins em Pekim, que vivem como galés em Constantinopla, como escravos nas feitorias do Congo? Ha quadro mais impressivo que o desses padres, uns vestidos com toda a pompa de bramanes, outros na humilde posição de pariás, encontrando-se sem que estes ousem levantar os olhos para aquelles? E, como fallei antes em abolicionistas, houve algum Wilberforce ou Gar

rison cuja longa existencia fosse uma série de privações, de sacrificios da vida, como a de Pedro Claver, que ao entrar para a Companhia accrescentava aos seus votos — o de *escravo para sempre dos Negros*? Tomae o livro, aliás imperfeito, incompleto de Crétineau-Joly e me direis que não ha poema da heroicidade humana como os annaes da Companhia. Um momento parece haver uma excepção. É um padre, joven ainda, que recua deante das horríveis torturas japonezas; pois bem, esse « apostata » irá aos oitenta annos reclamar a morte que lhe era devida, mas que elle não tivera a coragem de affrontar, e morrerá como tinha visto morrer os outros: Podemos fechar esta pagina.

Nem tenhamos medo de voltar as costas á liberdade moderna e á sciencia livre, honrando a Companhia de Jesus. A liberdade em todas as suas manifestações sociaes não se póde basear sinão sobre a noção do livre arbitrio, e elles foram os grandes sustentáculos desse principio. Não acrediteis que perigasse a liberdade intellectual nos collegios de que sahiram Bossuet, La Rochefoucault, Montesquieu, Descartes, Diderot, Rousseau e Voltaire. Acreditaes que os calculos de um padre Secchi possam ser alterados por algum preconceito theologico? Nenhum texto da Biblia vedaria o passo a jesuitas decifradores de papyrus egypcios ou de tijolos da Assyria. Suppondes que a sciencia catholica não recolheria em suas jazidas os fosseis humanos com a mesma prohibidade que os naturalistas do Muséo de South Kensington? Haverá alguma censura em Roma em todo o dominio do telescopio e do microscopio combinados? alguma opposição a quaesquer raios Roentgen do

futuro ? Não, ha talvez mais impedimento á evolução scientifica nos limites que Augusto Comte lhe traçou. A religião, não deveis esquecer, é a unica força intellectual que não pôde perder terreno, porque, si a comprimis e apertaes, ella sobe. Quando de geração em geração tudo se altera, a lingua, o fervor, o alcance dos vocabulos, por fôrma que não ha quem possa lêr uma pagina de outra epocha com o espirito e o sentido que ella tinha para os contemporaneos, porque imaginar os jesuitas como um marco que nada pôde remover do ponto onde foi plantado ?

Imaginar uma sociedade impenetravel ás transformações das epochas é imaginar um corpo sem porosidade... Não partiu de um delles a sustentação da unidade das forças phisicas ? Pois bem, pensae na unidade das forças moraes. Não serão a religião e a sciencia movimentos, apenas de intensidade diversa, de um mesmo meio — a liberdade — commum ao universo todo ?

Não tenhamos receio de confessar que devemos á Sociedade de Jesus, como eu disse, o nosso traço perpetuo. Não ha outro molde em que se possam fundir para sempre raças, sociedades, individualidades mesmo, sinão o molde religioso. Si o Brasil tivesse sido lançado em outra fôrma, ha muito que se teria feito em pedaços. Qualquer que seja o nosso modo de pensar sobre a verdade da religião, em um sentimento estaremos todos accordes : que ella é o traço moral permanente, o traço por excellencia. Todos os outros contornos dados a instituições, leis, costumes, preceitos, como são, ao lado desse, irresistibles e ephemos ! Nós lemos no Genesis que Deus descansou ao setimo dia ; mesmo os que impu-

gnam a authenticidade do mosaismo, conceder-lhe-hão a antiguidade dos monumentos de Ramsés II, e só ahí está a féria divina, a interrupção do trabalho respeitada, mantida por mais de tres mil annos. Conheceis muitas leis humanas que tenham essa duração inquebrantavel ? Roma durou mais de mil annos protegida pela mesma divindade capitolina ; quando cáe , depois do saque, o grito que se levanta do seu íntimo , como si revivessem todas as reminiscencias do Velabrum, é que ella succumbe por ter repudiado os seus primeiros deuses, e então é a Jupiter que ella sacrifica em um panico espirital, em uma perturbação sem exemplo, que vive para nós immortalmente nas longas paginas da *Cidade de Deus*. Não se celebrou na mesma abbadia de S. Rémy ainda no anno passado o decimo quarto seculo do baptismo de Clovis ? Pensae o que é para a França essa tradição que começa, tomando-a só como a nação dos Francos, no seculo quinto, com os nomes de Genoveva e de Clotilde, e quasi dez seculos depois, apagando Agincourt, contendo a invasão, lhe dá Joanna d'Arc, a mais sublime encarnação de sua fé, esse milagre da sua historia militar, que inscreve na lista dos seus maiores generaes o nome de uma mulher.

Um momento, olhando-se para o mundo moderno, — no antigo deuses e fronteiras, religião e nacionalidade se confundem, — poder-se-hia pensar que a patria é mais forte do que a religião. O facto, porém, é que as nações quasi todas, pelo menos as que têm historia, têm sido creações de sua fé, jactos de religiões nascentes, destroços de religiões em conflicto, reliquias de religiões mortas.

E na ordem do governo? De certo a Constituição ingleza é immemorial; mas em que se parece a Camara dos lords com o Witenagemot, as idéas constitucionaes de um Pitt ou de um Peel com as de Simon de' Montfort? Compare-se, porém, o poder espirital de Gregorio Magno com o de Leão XIII. Onde está a differença? Acaso a Magna Carta teria existido sem o *exercito de Deus e da Santa Egreja*, como era chamada a insurreição? Haverá uma dynastia. que se compare á successão dos papas, dynastia electiva, a mais precaria de todas pela idade dos eleitos como pela mudança rapida da primeira familia do Estado, e que, no emtanto, caminha para dois mil annos de tradição continua? Si, acima dos moldes dos governos, estudarmos os das raças, qual é na historia o *pendant* de Israel, escapando á dispersão, fechado desde a tomada do Templo, em outro reducto, o Velho Testamento, que esse nenhum incendio póde consumir?

Conheceis alguma communhão civil que tenha existido gerações após gerações em virtude de um voto sempre renovado, de uma regra, de uma profissão de fé, conservada invariavel ou reformada segundo o espirito de sua fundação, como, por exemplo, os beneditinos? Que sociedade civil existe no mundo na qual tenha durado, ou possa durar perpetuamente, o espirito que uma vez lhe foi insufflado?

E na ordem das idéas? Pensae, como quizerdes, affirmae de qualquer modo vossa independencia, lançae as idéas mais arrojadas, mais originaes, aparentemente mais excentricas, e esperae pela acção do tempo; si ellas não morrerem de todo, hão de incorporar-se a algum dos systemas religiosos da

humanidade. Na ordem moral, como na ordem physica, a attracção exerce-se na razão directa da grandeza das massas, e as religiões são as grandes massas do mundo moral. O platonismo revive nos mysticos. A pureza, a grandeza dos estoicos filtra-se do seu orgulho humano através das Catacumbas e vae avolumar o christianismo nascente. A moral de Aristoteles perpetua-se na moral de S. Thomaz de Aquino. Assim ha de tambem consolidar-se um dia no catholicismo tudo o que exista de real e permanente no comtismo, no darwinismo, no spencerismo, o que não tiver morrido delles no tempo de prova que a religião impõe ás novas verdades postulantes.

Eu não pretendo que o espirito *consciente* de religião tenha feito tudo quanto tem um raio de ideal; além delle, o espirito humano tem avançado por outros impulsos, aparentemente alheios e até contrarios áquelle, como o espirito de liberdade, de independencia, de revolta, como lhe queiram chamar, cujas primeiras investidas são exactamente contra a tendencia subjugadora do espirito religioso, disposto sempre a parar, porque sempre se julga de posse da verdade absoluta; mas, ainda mesmo nesses esforços contra o immobilismo e a uniformidade, o espirito humano foi movido quasi sempre pela necessidade, desconhecida dos contemporaneos, de preparar o leito para novas religiões, sinão para novas religiões, para novas fórmulas, para outros pontos de partida, dentro da propria religião que se acreditava destruir.

O mappa da historia apresenta-se dividido em tantas bacias quantas são as grandes religiões da humanidade. A religião é a linha dos mais altos cumes que separa as vertentes do ideal humano; é

o *divortia aquarum* das civilizações. De um lado e outro descem as aguas que vão formar na planície os grandes cursos da vida moral, e é delles que saem e a elles que vêm ter todas as aguas do pensamento e da intelligência humana, quaesquer que sejam suas origens, qualquer que seja seu volume.

Pois bem, é esse o traço que, por honra mesmo dos seus fundadores espirituaes, o nosso paiz precisa hoje de recordar, avivar, prolongar como a linha directriz de sua vida. Até bem pouco era ao Estado que cumpria tirar essa linha; hoje temos que ser nós mesmos. Nossa consciencia enfraquecera, cessando a responsabilidade e ficando entregue inteiramente ao poder politico a conservação e graduação do sentimento religioso no paiz. Os cultos verdadeiramente fortes são os que vivem do interesse, da piedade, dos sacrificios dos seus crentes. Hoje a obrigação surprehende-nos quando a responsabilidade está entorpecida e quasi apagada pelo lapso de tantos annos. A verdade, digamol-o em toda franqueza historica, é que a deschristianisação do Brasil começou com a expulsão dos jesuitas. Todos os outros golpes acharam-no insensivel. A religião nas suas obrigações mais elevadas está entre nós reduzida á mulher, nem se póde hoje accrescentar — e á creança. No meio de todas as vicissitudes do seu caracter moral, o Brasil podia orgulhar-se de uma quasi perfeição, a mulher brasileira. Fazei, porém, desapparecer a religião em torno della, ao lado della, e o fóco irá perdendo o calor que concentra.

É risivel queixarmo-nos dos positivistas. A pequena egreja que vive entre nós pela dedicação de dois homens, os quaes sabem quanto devem á sua for-

mação catholica e que, na medida do temperamento nacional, seriam mais que humanos si não se deixassem fascinar pelo successo que teve em nosso paiz a phantasia de sua mocidade, essa pequena igreja não tem a mais remota possibilidade de fazer vingar no Brasil o seu apostolado mathematico. Quantas gerações não teriam que passar antes que a lei dos tres Estados substituísse a doutrina da queda; antes que Clotilde de Vaux tomasse no coração dos que soffrem o logar da Virgem Maria; antes que o dissabor da Escola Polytechnica de Pariz ferísse a imaginação humana como o supplicio da Cruz?

O successor do idealismo christão, do espiritalismo catholico, seria entre nós não o comtismo, mas o materialismo, nem mesmo o materialismo systematico, mas a mais profunda indiferença, a morte lenta de toda a vida moral. O nosso paiz já se acha todo elle neste momento coberto de manchas escuras que assignalam os logares em que se deixou morrer á mingua de alimento a fé virgem do nosso povo. Não, nós, os catholicos, nada temos que temer do Positivismo, que já foi chamado um catholicismo sem Deus. A mais bella de todas as *religiões da humanidade* será sempre a christã. Além do *Ecce homo* a imaginação não póde ir. Deus mesmo, fazendo-se homem para morrer pelo homem, isto é, o Christo, esse, sim, foi o verdadeiro fundador da *religião da humanidade*. Quando Deus soffre e morre pelo homem, que não deve o homem fazer pelo seu semelhante? Esse é o ponto final da evolução religiosa no mundo.

Não, senhores; o que ameaça o principio religioso no Brasil, é o indifferentismo que está em nossos espiritos; é o abandono das gerações futuras á sua

sorte, qualquer que esta possa ser, grave symptoma de atrophia nacional. Em taes condições, o centenario de Anchieta toma o character de um appello á nossa consciencia religiosa; a voz que nos vem do humilde santuario de Reritigbá é o generoso e largo hausto de vida dos espiritos e corações que qualquer presente asphyxiaria, por mais extenso que fosse, e que só pôdem respirar e mover-se em futuros que confinem com a eternidade; é a ambição infinita de Nóbrega, a quem « o Brasil todo parecia pouco para a dilatação e o conhecimento do nome de Deus ». Possa, por um milagre posthumo, a colligação, a communhão dos Nobregas, Anchietas e Ignacios de Azevedo fazer refflorir na terra da Santa Cruz o emblema que elles plantaram; possa o *amplius! amplius!* de Francisco Xavier chegar outra vez até ella, porque aqui ha de novo uma grande nação catholica a crear.

A RAINHA VICTORIA

(1897)

A REALEZA MODERNA

O observador do actual reinado verá visto as forças transformistas da historia ingleza continuar sua obra por tal fórma e com tal rapidez que parece se estarem descuidando de conservar. É que não se poderia reproduzir em nossos dias esse phenomeno da Commonwealth, o interregno republicano de Cromwell, passando sem deixar uma unica lei organica. (Gneist.) A propria Constituição, porém, — esse *nescio quid* que consiste em um pacto de lealdade e de honra entre a corôa e o parlamento, — essa pôde-se dizer que nunca foi reformada, como a regra dos Carthusianos; *nunquam reformata, quia nunquam deformata*. O poder que a rainha Victoria tinha em 1837 e que recebeu de Guilherme IV não é o mesmo que ella deixaria hoje ao seu successor; no emtanto, sua posição é maior. Hoje acha-se associado ao

throno, além do poder temporal, um poder moral, que augmenta á medida que elle vae renunciando o outro. O poder de Guilherme IV era sempre o poder pessoal, ainda que muito attenuado e dependente da condição dos partidos; na auctoridade da rainha o ultimo vestigio daquelle poder desaparece. Por preferencia e vontade propria a rainha não poderia hoje tomar um Primeiro ministro, e só póde tomar *esse*; não póde impugnar os ministros que o chefe do gabinete lhe apresenta sinão com a maior consideração e reserva; não póde demittir um ministerio com maioria nos Communs, como Guilherme IV demittiu lord Melbourne. De certo tudo depende da boa vontade do Parlamento e do paiz; um soberano que tem a confiança e o respeito da opinião, como tem a rainha Victoria, póde fazer muita cousa que de parte de outro rei seria mal recebida e daria logar a uma crise da propria instituição. A rainha tem força e prestigio pessoal para em tudo tomar a deliberação que lhe parecer, mesmo porque nunca iria ella de encontro a qualquer forte prevenção do paiz; mas, afastado, posto de lado, esse elemento pessoal, ou o credito que ella mesma accumulou e de que poderia lançar mão em dias difficeis, o poder pessoal da corôa cahiu em desuso. Si se póde descrever a realeza na Inglaterra, como o fez o talvez mais penetrante dos espiritos politicos que o reinado produziu, Mr. Bagehot, dizendo que *ella só tem funcções latentes*, foi no actual reinado que ella se retirou da lucta dos partidos.

Tão profunda mudança obedece ao processo historico pelo qual a Constituição ingleza se tem sempre transformado e é no fundo a adaptação da antiga

realeza, — que creou a Inglaterra no tempo em que della partia a iniciativa e a ella tocava a responsabilidade de tudo, — á democracia, principal feição da sociedade moderna. Só mediante essa adaptação pôde o velho throno de Egbert e Ethelwulf resistir ás novas correntes que da America, da Irlanda, do continente invadiram as grandes cidades operarias da Grã-Bretanha. Dos tempos de Victoria para os de Jorge III a differença era grande. Um grande reinado, como o delle foi incontestavelmente, tinha que ser agora vasado em um molde inteiramente diverso. O rei não podia mais ser 'o principal politico do paiz; a administração deixára de fazer-se no seu gabinete, para fazer-se no gabinete do Primeiro ministro; a politica passára a ser tratada sómente no Parlamento; a opinião combatia em dois campos: um, completamente transformado desde 1832 pela lei da reforma, os districtos eleitoraes, e outro, inteiramente novo, mas que será desde então o verdadeiro terreno da lucta, a imprensa diaria. Ficava, ainda assim, á corôa a participação nas grandes deliberações, as indicações ao Primeiro ministro sobre o maior interesse nacional, a influencia moral sobre a sociedade, a representação official do Estado, isto é, um poder moderador incalculavel, um conjuncto de attribuições, um poder de direcção, uma medida de acção e de influencia permanente, que a nenhuma ambição que não fosse extravagante ou insensata, a nenhum caracter energico e dominador que não fosse corruptor ou tyrannico, poderia parecer insufficiente. Para encher, entretanto, esse intervallo, essa passagem da antiga para a moderna realeza, da que conservava por atavismo as suas affinidades com o poder pessoal

de Jorge III, para a que presentia suas allianças com a futura democracia, nada podia ser tão favoravel como o longo reinado de uma senhora. Tal reinado começaria, com effeito, como una especie de neutralisação do throno, porque ninguem attribuiria a uma joven rainha de 18 annos capacidade e vontade para o governo pessoal.

UMA REVOLUÇÃO MORAL

Foi uma circumstancia afortunada o ter estado o throno de Inglaterra nessa epocha tão perigosa para as dynastias de toda a Europa occidental, entregue de alguma fórma á protecção e ao cavalheirismo do paiz; o achar-se assim privado de todo o poder aggressivo. Tanto quanto é permittido imaginar acontecimentos que não se passaram, teria sido provavelmente outra a sorte da monarchia ingleza si entre ella e as esperanças do duque de Cumberland não tivesse surgido a filha do duque de Kent. Pelo menos o primeiro acto daquelle filho de Jorge III, ao transportar-se para o seu novo reino de Hanover, foi revogar a Constituição, « cortar as azas, como elle dizia, á democracia. » Com um auctoritario teria ganho força a facção *tory* do começo do reinado, da qual disse Macaulay, na Camara dos Communs, que reunia o que tinha de peor o Cavalier e o Roundhead, o homem de Carlos I e o homem do Parlamento, e contra ella ter-se-hia formado outra muito mais temerosa do que foi o movimento carlista. Sem prêver factos determinados, a probabilidade é que com um rei da antiga escola o espirito de transacção e transição personificado no

seio dos velhos *tories* em sir Robert-Peel, — por volta dessa epocha já dizia um membro do Parlamento: « Russel é um Whig, Stanley é um Tory, e Peel é um Radical », — não teria tomado a preponderancia que veiu a ter, e graças á qual toda a adaptação democratica dos ultimos sessenta annos se operou sem maior abalo. Si da parte da dynastia não houve resistencia nem má vontade, si o paiz viu que ella cedia sem *arrière-pensée* de reaver o perdido, foi isso em toda a probabilidade devido a ser o reinado — de uma mulher. E esta circumstancia não concorreu sómente para facilitar a evolução democratica que remodelou o poder real em vantagem do Gabinete, como remodelou o poder dos Lords em vantagem dos Communs; fez mais: reconstituiu a força moral da realeza, renovou illimitadamente o contracto nacional da dynastia.

« Eu não sei, escreve Stockmar em 1854, si o ministro, si a Camara alta têm consciencia da salvaguarda que foi para elles contra a força desordenada da democracia a pureza moral da rainha. » A pureza moral da rainha levantou sobre outras bases o prestigio da monarchia ingleza, ao ponto de poder esse tão competente juiz consideral-a um elemento capaz de servir de contrapeso á lei da Reforma e de contraforte á politica de Peel.

« Não hesitamos em manifestar nossa profunda convicção (escreveu Mr. Gladstone em um de seus ensaios sobre a *Vida do Principe Consorte*), de que a côrte da rainha Victoria foi um elemento sensivel e importante no conjuncto de forças que ha vinte ou trinta annos tão felizmente elevaram o nivel social e moral das classes superiores deste paiz... Si

isso é certo, esta côrte terá um grande logar na historia. »

Nenhum outro soberano até hoje fundou a sua força, entre todas as classes do seu povo, publicando o diario da sua vida intima, deixando, por meio da leitura, o publico devassar o interior de seu palacio, familiarisar-se com sua vida domestica, associar-se ás alegrias e aos lutos de sua casa.

Essa adoração do povo inglez pela rainha, o interesse por tudo o que de algum modo a affecta, o prazer para cada um de lêr o que ella lê, de saber o que ella faz, de chorar e rezar com ella, é um facto do reinado que basta para caracterisar uma influencia nova. Essa influencia descobre-se em todas as direcções, em todas as correntes do espirito e da vontade nacional, em toda a vida moral, seja individual, seja social, do paiz, nos ultimos, digamos, quarenta annos, porque foi nos ultimos annos da vida do principe Alberto que a rainha começou com o seu exemplo a educar o seu povo, espalhando por toda a parte, introduzindo na vida de milhares o sentimento da responsabilidade moral.

Semelhante influencia nunca se vira partir do throno; uma communhão dessa ordem entre o povo e a realza é um facto sem precedentes, caracteristico de uma epocha, de uma nova phase da humanidade, o seculo XIX, em que a mulher apparece na historia das idéas como um factor de poder futuro incalculavel.

A INFLUENCIA FEMININA

« Tem havido epochas, é uma observação de Lecky sobre a Inglaterra moderna, em que a insensibilidade para o soffrimento era o vicio dominante da opinião publica. A nossa, porém, tem mais que receiar dos arrancos da emoção hysterica que não raciocina e não calcula. *As raças*, disse Buffon, *feminisam-se*. O justo sentido da proporção das cousas, uma subordinação adequada do impulso á razão, a attenção habitual ás consequencias ultteriores e remotas das medidas politicas, o juizo são, sobrio e sem exaggerações, são elementos que já fazem muita falta na vida politica, e a influencia feminina não tenderia de certo a augmental-os. » Qualquer que seja o valor dessa apprehensão do papel cada vez maior que a mulher vae assumindo na competição civil e industrial do mundo, o facto é que o reinado da rainha Victoria é assignalado pela intervenção na politica de um elemento novo : o senso moral feminino. Não se trata do romantismo litterario, sentimental como foi, mas indifferente, sinão em muitos casos opposto, á moralidade; porém, da opinião publica, para chamar-lhe assim, formada no lar, da familia sã e honesta, tão capaz de severidade como de compaixão, elevada *ao nivel da mulher*, e nesse sentido distinctamente feminina, ao passo que a opinião publica das epochas anteriores tinha sido exclusiva ou proeminentemente masculina.

A philanthropia do seculo xviii tinha dado grandes resultados. Howard, Raikes, Clarkson, Wilberforce são apenas alguns nomes de uma extensa lista, á testa

da qual talvez fosse preciso escrever o de Wesley ; ella era entretanto um movimento da razão antes que do coração, da justiça antes que da imaginação ; a caridade mesma era baseada, como a politica, no grande *desideratum* de Bentham : « a maior felicidade para o maior numero. » A fonte do novo sentimento não foi, nem o reformismo de Wesley, nem o utilitarismo de Bentham ; foi alguma cousa que não procedia, nem do ensino da Biblia, nem da *Riqueza das Nações*, mas da « cultura », da concepção da existencia humana, em nós e nos outros, individual ou nacional, como um desses *vasi a reticelle* de Veneza, o ideal sendo a bolha de ar presa entre o vidro transparente. Carlyle é o ultimo representante da granda epocha masculina. Ainda nesse sentido, pôde-se dizer que o reinado da rainha foi uma grande influencia moral esthetica, a unica que podia ferir a imaginação do paiz, depois que a moral por sua vez, com John Ruskin, entrou na esphera da arte, como a religião, a politica, a economia politica mesmo. Si da côrte da rainha no tempo do principe Alberto, Gladstone escreveu que « o exterior imponente, a acção regular e multipla, o cuidado delicado com que tudo era ordenado, fazia della como que uma obra d'arte, » que dizer da « obra d'arte » de sua viuvez ? Para bem se sentir a impressão sobre o povo desse throno apparentemente deserto, é preciso, entretanto, primeiro vê-lo um momento nos dias do esplendor. Podemos fazel-o com segurança, porque toda essa parte nos está contada com a auctorisação da rainha na *Vida do Principe Consorte*.

INFANCIA

« *Maiò* 19-1828. — Manhã occupada. Almocei com Dumergue e um ou dois amigos. Jantei, por ordem sua, com a duqueza de Kent. Fui muito amavelmente reconhecido pelo principe Leopoldo. Apresentado á pequena princeza Victoria, — tenho esperança de que lhe hão de mudar o nome, — herdeira presumtiva da corôa como as cousas hoje se figuram.

« Como é singular que uma tão numerosa e tão bella progenie como a do finado rei tenha assim morrido e entrado no declinio com tão poucos descendentes ! O principe Jorge de Cumberland dizem que é um bonito menino de nove annos, mas turbulento, de linguagem baixa e modos brutaes, como um rapazote creado n'um pateo de quartel. Esta moça é educada com muito cuidado e vigiada tão de perto pela duqueza e pela aia que nenhuma dama officiosa tem occasião de segredar-lhe ao ouvido : « Sois herdeira da Inglaterra ». Eu suspeito que, si pudessemos dissecar-lhe a cabecinha, veriamos que algum pombo ou outro passaro do ar lhe levou a noticia. Ella é loura, como a familia real, mas não promette ser bonita. A duqueza é muito attractiva e affavel de maneiras. »

É essa a referencia que no seu diario faz Sir Walter Scott á pequena princeza Victoria, — não lhe mudaram o nome, como elle esperava. Ainda tres annos depois dessa visita, ella não sabia que havia de ser um dia rainha. Sómente depois dos doze annos foi que se não viu mais perigo em dar-lhe a granda nova. « ...A lei da Regencia estava sendo discutida, é a propria

baroneza Lehzen, mestra da rainha, quem o conta em uma carta á sua antiga discipula. Eu então disse á duqueza de Kent que agora, pela primeira vez, Vossa Magestade devia conhecer seu logar na ordem de successão. Sua Alteza Real concordou commigo e eu puz a taboa geneologica dentro do compendio de historia. Quando Mr. Davys sahiu, a princeza Victoria abriu como de costume outra vez o livro, e notando o papel que eu tinha intercalado, disse : « Eu nunca vi isto antes ». « Não se julgou necessario que o soubesse, princeza », respondi eu. « Vejo que estou mais perto do throno do que pensava ». « Assim é, senhora ». Depois de alguns momentos, a Princeza continuou : « Muita creança se orgulharia, mas não sabem a difficuldade. Ha muito esplendor, mas ainda ha maior responsabilidade. » E estendeu-me a pequena mão, dizendo : « Eu hei de ser boa. Compreendo agora porque insistia tanto commigo para apprender latim. Minhas tias Augusta e Maria nunca apprenderam; a senhora me dizia que o latim é a base da grammatica ingleza e de todas as expressões elegantes e eu apprendi... agora entendo porque » ...Então eu disse : « Mas sua tia Adelaide é ainda moça e póde ter filhos e naturalmente seriam elles que haviam de subir ao throno depois de seu pai Guilherme IV... » A princeza respondeu : « Si fosse assim, eu não ficaria desapontada, porque sei, pela amizade que ella me tem, quanto tia Adelaide gosta de creanças ». Quando a rainha Adelaide perdeu sua segunda princeza, escreveu á duqueza de Kent : « Meus filhos morreram, mas a sua filha vive e ella é minha tambem ».

Ao pé dessa carta a rainha escreveu : « Chorei muito quando o soube, e sempre deploro essa contin-

gencia. » Olhem bem para ella, costumava dizer aos seus intimos o duque de Kent, porque ella ha de ser rainha da Inglaterra, e a morte d'elle; mezes depois do nascimento da filha, veiu augmentar as chanças da prophesia. A duqueza viuva era irmã do principe Leopoldo, depois rei dos Belgas. Este estivera, pouco antes do nascimento de Victoria, na posição de sentarse elle mesmo um dia no throno da Inglaterra, como marido da herdeira presumptiva, a filha de Jorge IV. Pela morte do cunhado era elle quem tinha de formar a sobrinha para o papel de rainha, que podia muito bem vir a tocar-lhe. A primeira influencia politica que soffreu, a primeira moldação, recebeu-a ella assim das mãos de um principe pelo qual os estadistas de toda a Europa não sentiram sinão respeito e cujo equilibrio mental parece ter tocado á perfeição.

STOCKMAR

A segunda figura que apparece de modo proeminente na formação politica da rainha, e que era conhecida de poucos sómente até á publicação da *Vida do Principe Consorte*, é o barão Stockmar, amigo do principe Leopoldo, depois confidente e conselheiro do principe Alberto, medico, diplomata, financeiro, e espirito politico, dentro das idéas de seu tempo, verdadeiramente de primeira ordem. Stockmar esteve de 1816 a 1831 ao lado do principe Leopoldo; não quiz, porém, acompanhal-o quando a Belgica, tornada independente, lhe offereceu a corôa, que o duque de Nemours recusára em 1834, e voltou á tranquillidade e retiro de Coburgo, sua terra natal. O rei da Belgica,

porém, não se despreocupava um instante da educação para o throno de sua sobrinha Victoria, e, quando ella attingiu á maioridade, em 24 de Maio de 1837, aos 18 annos, Stockmar estava a seu lado para servir-lhe de director, para guial-a com a consummada experiencia, com o profundo conhecimento do mundo que o rei Leopoldo lhe conhecia. O character de Stockmar era da mais pura integridade. « Na minha vida só encontrei um homem absolutamente desinteressado : Stockmar », disse delle lord Palmerston, e bastaria para se induzir o seu valor a confiança e o respeito que elle inspirou a tres juizes tão competentes, como o rei Leopoldo, o Principe Consorte e a rainha Victoria. A influencia do barão Stockmar exerce-se sobre a rainha, primeiro como reflexo da de seu tio Leopoldo, depois por meio do proprio principe Alberto.

A nomeação de Stockmar fez parte da campanha apprehendida pela casa de Coburgo para casar a joven rainha de Inglaterra com um de seus principes. O rei Leopoldo não teria tomado tão a peito essa idea de sua mãe, a duqueza viuva, si não esperasse tanto de seu sobrinho Alberto. Em 1836, tendo a princeza Victoria dezeseite annos apenas, os principes vêm a Londres. O mais moço, Alberto, tem a idade da futura rainha, tem mesmo alguns mezes menos : tanto elle como ella, sem o confessarem, sabem que a visita á duqueza de Kent é uma preliminar para o casamento. Do principe Alberto não consta manifestação alguma a respeito desse primeiro encontro ; da princeza Victoria, porém, existe uma carta ao rei Leopoldo que lhe communicára suas intenções : « Só tenho que lhe pedir, meu querido tio, que tome bem

cuidado da saude de quem hoje me é tão caro e que o tenha sob sua especial protecção. Espero e confio que tudo irá bem e felizmente, em um assumpto agora de tanta importancia para mim. » (7 de Junho de 1836.)

Stockmar era o homem de quem Leopoldo esperava a realisação desse desejo intimo e tão serio para elle que mais tarde (24 de Outubro de 1839), quando a rainha lhe dá a grande noticia, elle lhe escreverá : « Ao saber que sua resolução estava tomada, tive quasi o sentimento do velho Simeão : *Agora, senhor, despede o teu servo em paz...* » Ainda assim, Stockmar, apezar de sua dedicação por Leopoldo e da sua amizade ao joven pretendente, não podia ficar na cõrte da Inglaterra sómente como guarda das intenções da rainha, e mais naturalmente dedicou-se, a pedido do rei da Belgica e della mesma, a acompanhar o futuro Príncipe Consorte, quando este deixou a Universidade.

A rainha lhe offerecera nomeal-o seu secretario particular. O que se passou a esse respeito, contado por elle mesmo, é um curioso incidente do mecanismo occulto da realza na Inglaterra : « Quando a rainha Victoria subiu ao throno, discutiu-se, na roda dos seus amigos immediatos, a questão de saber si ella poderia dispensar um secretario particular. Ella desejava nomear-me para o cargo. Isso declinei por motivos pessoaes ; e, por motivos politicos, eu era inteiramente *contrario* a que se fizesse qualquer nomeação.

« Esses motivos eram que, quando fosse constitucional nomear a rainha um secretario particular, ainda assim a funcção podia facilmente ser desempenhada de modo inconstitucional ; que seria difficil

a escolha da pessoa e o resultado incerto, e si fosse errada, só podiam resultar questões entre a rainha e seus ministros e intrigas por parte do individuo que occupasse uma posição a meio caminho entre as duas. Como era esse o meu modo de ver, parecia-me procedente em todo o caso experimentar si a rainha podia ou não por algum tempo passar sem um secretario particular. Si ella casasse e se tornasse mãe, sem duvida a necessidade de um secretario particular se tornaria palpavel, mas então o marido da rainha seria pela natureza das cousas seu secretario particular. E em vista desse acontecimento devia-se evitar, sendo possivel, a nomeação de um secretario particular para que depois do casamento não surgisse uma terceira pessoa entre os esposos e a sua illimitada confiança mutua. »

Nessas razões vêr-se-hia o que ha mais fatal ao espirito de resolução, a saber, a faculdade de apprehender os inconvenientes todos da alternativa que se quer adoptar e as vantagens da que se rejeita, si não devessemos descobrir o que effectivamente havia: a preocupação de destruir de antemão qualquer possivel obstaculo ao pensamento do rei Leopoldo. Desde que não podia ser elle mesmo, por ser estrangeiro, sobretudo por ser allemão, Stockmar tinha um medo irresistivel de qualquer outro secretario para a rainha. Como descobrir um, entre inglezes proprios para tão « immediata » posição, convencido como elle de que a felicidade do reinado dependia de casar a rainha com um primo de Coburgo mais moço ainda do que ella?

A confidencia, porém, continúa do mesmo modo interessante: « Em uma conversa com lord Palmers-

ton, pouco tempo depois da rainha subir ao throno, em que o informei de que a intenção da princeza era continuar com o mesmo ministerio, elle me disse : « Nós seriamos um fraco ministerio. A princeza passa da *nursery* para o throno, a nação sabe portanto que em face do gabinete ella não póde manter de modo adequado a auctoridade real, e isso desagrada ao paiz mais que tudo ». Como nesse modo de vêr havia uma razão para se nomear um secretario particular, eu consultei lord Grey tanto sobre a materia como sobre a proposta que me fôra feita. A resposta foi : « Quanto ao senhor, as razões para declinar são boas, mas o direito da rainha de nomear um estrangeiro para seu secretario particular é egualmente bom. Ella póde nomear quem lhe agradar, um negro si quizer. A melhor cousa para a princeza é casar-se logo, e casar com um principe capaz. Elle, como seu amigo do peito, seria o seu mais natural e seguro secretario particular. Sendo de presumir que em breve a rainha estará casada, devemos arranjar-nos até lá sem secretario particular. »

LORD MELBOURNE

A terceira grande influencia que parece desenharse na historia da rainha é a do seu primeiro ministro, Lord Melbourne. As influencias do rei Leopoldo e a do seu *alter ego* eram por assim dizer restrictivas, como a da duqueza de Kent; a influencia de Melbourne será liberatoria, ou, por outras palavras, dar-lhe-ha a consciencia do seu largo poder proprio e o sentimento da sua individualidade, sem quebra do dever

filial e do respeito ao que até então se lhe impuzera. É elle, por assim dizer, a primeira influencia ingleza com a qual ella se acha livremente em contacto. Seu tio, o rei Leopoldo, sua mãe, a duqueza de Kent, Stockmar, a baroneza Lehzen, eram todas influencias allemãs, apesar de terem tomado as exterioridades inglezas. Lord Melbourne era o typo inglez por excellencia, a ultima personificação da éra Jorgiana, companheiro de escola do Beau Brummel, um *whig* dos de Fox, o marido de lady Caroline Lamb, o amigo de Mrs. Norton. A feição do seu primeiro Primeiro ministro devia imprimir-se politicamente em uma rainha de dezoito annos, a quem elle era o primeiro a revelar a illimitada extensão do seu mando e ao desempenhar para com ella em linguagem seductora, como uma serpente innocente, sem segunda intenção, o papel de *cicerone* desse paraíso onde ella vivia inconsciente do poder que lhe assistia. Foi elle quem tornou a rainha nós seus primeiros annos de reinado uma *Whig* de fortes prevenções contra os *tories*, como Sir Robert Peel e o duque de Wellington; foi a seducção com que elle representou o seu papel e fez com a joven estreiante, desde o acto da posse, a viagem em torno do throno que durou talvez quatro annos, e que um momento Sir Robert Peel quiz interromper bruscamente. « Nós, os *tories*, não temos chance neste reinado, disse uma vez Wellington; eu não tenho conversas e Peel não tem maneiras. » Melbourne tinha uma e outra cousa. Conta-se d'elle que não quiz acceitar a presidencia do gabinete á primeira vez que foi convidado, pensando que se enfadaria, e que só se decidiu depois de um amigo dizer que mesmo por dois mezes valia a pena ter sido Primeiro

ministro de Inglaterra. « Eu sinto, dizia Sydney Smith, o grande espirituoso do tempo, tocando o ponto sensível de Melbourne, ter que deitar por terra a esplendida fabrica de leveza e alegria por elle construida, mas accuso o nosso ministro de honestidade e de trabalho; elle não é sinão um homem de bons sentimentos e bons principios, disfarçado na eterna e já um tanto fatigante affectação de um *roué* politico ». Peel recusará a jarreteira para ficar sendo o que era; Melbourne recusa-a, porque com ella a rainha podia obter outra dedicação egual á d'elle. « Eu não posso corromper a mim mesmo ».

Foram annos difficeis os do começo do reinado da rainha. Os *tories* receiavam ou fingiam receiar que ella se tornasse papista pelo entusiasmo que seu nome levantava na Irlanda e pelas jactancias patrioticas de O'Connell, offerecendo-lhe quinhentos mil irlandezes para defendel-a contra os *tories* de Cumberland. O *Times* advertia-a de que para ella *imitar a familia de Coburgo*, — allusão a Leopoldo I, casando com uma princeza catholica, filha de Luiz Felippe, — implicava a perda immediata da corôa. Por toda parte soprava o mesmo temporal de descontentamento, que levantava em ondas ameaçadoras a immensa superficie e as insondaveis profundezas da miseria ingleza nessa epocha. A pobreza, sobretudo nas grandes cidades, era horrorosa; a população vivia nos porões de habitações esqualidas; familias diversas, homens e mulheres, velhos e creanças, habitando ás vezes um só quarto, aos quatro e aos cinco por leito. A reforma eleitoral de 1832, o acontecimento de maior alcance na evolução politica da Inglaterra, a valvula, o respiradouro da monar-

chia, aproveitára sómente ás classes médias; sur-gia, agora, o povo reclamando a sua parte. Esses annos difficeis a rainha e Melbourne os passaram juntos, ao lado um do outro, e a rainha lhe ficará reconhecida pelo sentimento de independencia que elle lhe inspirou com sua coragem e decisão; por tel-a feito tão verdadeiramente rainha como desde os primeiros annos ella se sentiu. « O senhor não espera que eu me prive da companhia de lord Melbourne », disse ella a Sir Robert Peel, quando este lhe punha condições para organizar o gabinete. « Verdadeira e sinceramente, escreveu ella no seu diario por occasião da morte de Melbourne, lamento a perda de quem foi para mim um amigo, o melhor, o mais desinteressado e sinceramente devotado. Foi elle nos dois primeiros annos e meio do meu reinado quasi que o unico amigo que eu tive, exceptuando Stockmar e Lehzen, e eu costumava vel-o constantemente, cada dia. Pensava e fallava muito nelle diariamente. » Nos ultimos annos de sua vida Melbourne, a quem a tristeza invadira, achava conforto na amizade que a rainha lhe conservava. Sua separação d'ella, quando deixou o ministerio, foi mais que o afastamento de um homem publico da soberana a quem estava servindo. « Durante quatro annos eu vi V. M. todos os dias, disse Melbourne á rainha, mas é tão diverso agora do que teria sido em 1839 », — quando houve a curta interrupção do ministerio, — « o principe entende tudo tão bem, é tão competente. V. M. disse-me, quando estava para casar, que o principe era a perfeição, e eu achei exaggerado; hoje, porém, penso que de algum modo se realisou o que V. M. dizia », e a rainha, ao despedir-se d'elle, sentia-se commovida e tambem orgulhosa. Alguem

que tivera grande parte em sua vida desaparecia do lado della, mas ella estava entregue para sempre ás mãos de um conselheiro que só a morte lhe podia tirar.

PEEL

O successor ministerial de lord Melbourne foi Sir Robert Peel, o mesmo a quem antes a rainha mandára esta curta nota : « A rainha, tendo considerado a proposta que hontem lhe fez sir Robert Peel de mudar as damas da sua camara, não pôde consentir em um acto que se lhe figura contrario aos precedentes e que repugna aos seus sentimentos ». Entre Peel e a rainha tinha desaparecido a prevenção, talvez reciproca, e já havia começado a ser lançada a base de uma amizade que mais tarde o principe Alberto expressará nestas palavras, ao saber da morte d'elle : « Perdemos nós o nosso mais verdadeiro amigo e o conselheiro da maior confiança, o throno o seu mais valente defensor, o paiz o seu estadista mais esclarecido e o maior. »

Peel, exercerá sobre a rainha uma forte impressão como estadista, mas nesse tempo tudo pôde-se crer que chega até ella atravez da estima e da admiração, e tambem das reservas e prevenções do principe. E' este, e não Sir Robert Peel, quem succede a Melbourne no espirito da rainha.

O PRINCIPE

D'esta vez não é mais uma influencia, é uma absorção; é a mudança da individualidade que Melbourne começava a formar em uma modalidade da nova figura que intervem. O casamento da rainha teve logar em 10 de Fevereiro de 1840, depois de quasi tres annos de reinado; até então pôde-se dizer que ella ainda era uma discipula de lord Melbourne. O principe, ao casar, é tambem apenas um estudante, a quem o barão Stockmar está explicando Blackstone, um rapaz de vinte annos, creado desde a infancia para a condição que vae occupar, mas necessitando ainda ao seu lado o seu eminente director. Felizmente para o principe, o homem em quem elle tanto confiava, era um entusiasta da Constituição ingleza : « É convencidamente, escrevia-lhe Stockmar em 1854, que eu amo e venero a Constituição ingleza, porque penso que, bem manejada, ella é capaz de realisar um gráo de liberdade civil legal que deixa a cada um toda a amplidão de pensar e obrar como um homem. Do seu seio só e exclusivamente sahiu a livre Constituição americana em toda a sua plenitude e importancia actual, em sua incalculavel influencia sobre a condição social de toda a raça humana, e para mim a Constituição ingleza é o alicerce, a pedra angular e a chave da abobada de toda a civilização politica da raça humana, presente e futura. » « Era da maior importancia para o principe, escreve o seu biographo, Sir Theodore Martin, poder ouvir nos primeiros annos de sua estada na Inglaterra os

conselhos de um amigo tão auctorizado e tão desprezado de prevenções de partido. « O barão Stockmar suppria-lhe o conhecimento dos homens e cousas, dos habitos e sentimentos inglezes, da posição dos partidos politicos, do character de seus chefes, das questões, sociaes, politicas e religiosas, que vinham á discussão, e das diversas forças pelas quaes a opinião publica era modificada e governada, de tudo, em summa, de que o principe precisava ser prompta e exactamente informado. » Amigo intimo de lord Aberdeen, de lord Melbourne, do duque de Wellington, de lord Palmerston, de sir Robert Peel, Stockmar tinha toda a opportunidade de conhecer os verdadeiros sentimentos dos principaes estadistas em relação ao paço e de desfazer qualquer intriga que procurasse desvirtualos. É assim que, mesmo antes do casamento, quando o parlamento reduz a £ 30.000 a dotação pedida para o principe Alberto, para este não suppôr que a nação recebe mal o casamento annunciado, Stockmar não perde tempo e escreve-lhe para Bruxellas, explicando o motivo da votação, que nenhum character tinha de hostilidade pessoal. Sir Robert Peel fôra quem sustentára a redução, ao mesmo tempo que na Camara dos Lords cahia o projecto dando ao principe a precedencia logo depois da rainha, onde e conforme ella ordenasse. A impressão desse primeiro attrito fez-se sentir por tal modo que só em 1857 o principe receberá o titulo de Principe Consorte. Para um joven principe de Coburgo que ia desembarcar como um estranho na Inglaterra, que elle mal conhecia, o effeito dessa primeira repulsa do grande Parlamento não podia deixar de ser profundo. A acolhida do povo inglez, desde Dover até Londres, as festas do casa-

mento, o amor da rainha, consolam-no d'esse revez, mas para apagar a desagradavel lembrança será preciso a lei que o investe da regência em caso de morte da rainha, deixando prole. Então, sim, o Parlamento dá-lhe uma posição propria, sua, de grande consequencia eventual, ainda que pouco provavel.

Nos primeiros tempos o principe Alberto acha-se em uma posição que a elle mesmo desagrada : « Na minha vida de familia sinto-me muito feliz e contente, escreve elle em Maio de 1840 ao principe de Löwenstein ; a difficuldade, porém, de desempenhar o meu logar com a precisa dignidade é que na casa eu sou sómente o marido e não o dono. » A posição a que aspirava, elle chegou a ter com o tempo, uma vez destruida a competição que no proprio seio da familia se queria levantar com elle, desfeita a prevenção dos *tories*, e á medida que a pureza da sua vida domestica se espalhava pelo paiz. Não foi sinão muito tarde que elle venceu a desconfiança da velha sociedade, cujas maneiras não conseguia perfeitamente imitar e cujas tradições innocentemente desconhecia, vindo, por exemplo, durante a lucta proteccionista assistir a um debate na Camara dos Communs, e outra vez em 1855, no jantar de Trinity-House, atacando a opposição a Lord Palmerston, como pouco patriotica e lançando a celebre phrase : « O governo constitucional está em prova. »

O modo por que o principe entendia sua posição ao lado da rainha foi por elle mesmo exposto e explicado na carta que escreveu ao duque de Wellington em 1850, quando este propoz que por sua morte elle assumisse o commando do exercito. As razões adduzidas em conversa pelo velho duque para assentarem nessa

resolução, não eram de natureza a persuadir um homem como o príncipe Alberto. « Esta posição, dizia elle, é muito peculiar e delicada. Ao passo que uma rainha tem muitas desvantagens, comparando com um rei, todavia, si é casada e o marido comprehende e cumpre o seu dever, ella tem vantagens que compensam e que tornam sua posição, com o tempo, mais forte do que a de um rei. Para isso, porém, é preciso que o marido faça desapparecer sua *propria existencia individual* na de sua mulher; que elle não queira nenhum poder para si ou por si mesmo; que evite toda a competição; que não assuma perante o publico responsabilidades separadas, e faça a sua posição inteiramente parte da della; preencha todos os intersticios que como mulher ella naturalmente ha de deixar no exercicio das suas funcções regias; observe continua e anciosamente todos os ramos da administração, para poder aconselhal-a e ajudal-a em qualquer momento nas innumeradas e difficeis questões e obrigações que lhe são sujeitas e impostas, internacionaes, politicas, sociaes ou de pessoas, como chefe natural que é da familia da rainha, superintendente de sua casa, administrador dos seus negocios particulares, seu unico conselheiro *confidencial* em politica e unico auxiliar nas suas communições com os agentes do Governo; elle é, além disso, o marido da rainha, o tutor dos principes, o secretario particular da soberana e seu ministro permanente. »

Com este programma, que desempenhou á risca, era não o príncipe Alberto quem fazia desapparecer sua existencia propria na da rainha, mas a rainha, que deixava desapparecer a della na do príncipe. Para a rainha o príncipe é verdadeiramente, como ella lhe

chama, « seu amo e senhor. » O subdito é que é o rei de Inglaterra, e não ella, Victoria, a herdeira dos Tudors e dos Stuarts. A posição é della; porém, a direcção, a influencia, a vontade, o que cabe na acção real, é delle, delle, é certo, collocando-se na posição della, mas, ainda assim delle, com suas idéas e inclinações proprias, com o seu fundo pessoal, fóra do qual homem algum pôde fazer nada que tenha sinceridade, probidade e valor.

O desejo intimo da rainha era esse : que o reinado fosse delle. Seu segredo, talvez guardado delle mesmo, era fazer que, á vista das provas que ella recolhia, authenticada cada inspiração, cada iniciativa, cada suggestão do principe, registrada no protocollo intimo cada conversa, cada palavra dita aos ministros, guardado cada rascunho, cada traço de penna seu nas minutas dos papeis de Estado, a Inglaterra, a posteridade dissesse « o reinado de Victoria e de Alberto », querendo significar o reinado do Principe Consorte. Infelizmente, a chimera, a simulação ingenua, o artificio desinteressado e tocante, inspirado pelo mais nobre dos sentimentos, não teve a cumplicidade que era indispensavel, a da sorte. Em Dezembro de 1861 o principe fallecia, depois de 21 annos, é certo, desse reinado que a rainha sonhára para elle, mas para deixal-a só no throno um espaço de tempo que excederá o duplo d'aquelle, isto é, fornecendo á posteridade a prova real de que elle fôra apenas um grande e romantico episodio no reinado de Victoria.

A SITUAÇÃO DO PRINCIPE

Não ha que contestar a grande influencia que o Principe exerceu; sua acção pessoal tem que ser reconhecida em diversas decisões e soluções diplomaticas, em brilhantes iniciativas, como a da primeira Exposição, que levantou em Hyde-Park o Palacio de Crystal; sua influencia moral, sobretudò, foi consideravel, permanente, pôde-se dizer, alteou o nivel social em todas as classes, sem excepção. « A posição, escreveu elle uma vez, — é uma phrase triste para exemplificar o que ha sempre pungente ainda nas situações mais culminantes, — a posição de ser sómente o marido da rainha é naturalmente aos olhos do publico uma posição desfavoravel, porque presuppõe *inferioridade* e torna necessario demonstrar, o que só pôde ser feito com factos, que tal inferioridade não existe. A influencia *calada* é a que opera o maior bem, mas muito tempo tem de decorrer antes que o valor de tal influencia seja reconhecido pelos que podem tomar conhecimento della, ao passo que da massa dos homens ella não pôde quasi ser comprehendida. Eu devo contentar-me com o facto de que a monarchia constitucional segue a sua marcha benefica e que o paiz prospera e faz progresso. »

Depois da morte do principe Alberto a rainha desejou levantar um monumento á sua memoria, mais valioso e perduravel do que o magnifico Albert Memorial ou Albert Chapel de Windsor, e esse foi a *Vida do Principe Consorte*, historia daquella « influencia calada ». Esta, porém, que tão bem se alliava

« ás funcções latentes » da realeza, infelizmente, por sua propria natureza, como que se evapora com a publicidade e com o ruido. Mesmo viuva inconsolavel, a rainha tinha que ficar dentro do seu papel, tinha que ser uma Artemisa constitucional, e assim muita cousa ficou reservada para a posteridade. A *Vida* do principe não podia tirar nada aos homens de estado do reinado, que affectavam não vêr nelle, segundo a expressão de Gladstone, sinão o *mensageiro da rainha*, e para com os quaes ella não podia exercer « uma só parcella da auctoridade real ». Pelo que foi publicado, porém, vê-se que a opinião da rainha é a do principe, como a deste em muitos casos é a de Stockmar, e vê-se tambem que o principe, pela rainha, só influe na medida em que pôde convencer o ministro responsavel, o que quer dizer que sua acção é apenas um elemento preparatorio, elaborador, da opinião do primeiro ministro ou do gabinete, como podia ser a do *Times*, a do embaixador em Pariz ou Constantinopla, a suggestão, a advertencia em summa de qualquer conhecedor da situação européa.

O PRINCIPE E OS MINISTROS

De certo é a elle que se deve attribuir a demissão de lord Palmerston em 1851, mas lord John Russell não se teria feito instrumento da expulsão de um collega, e « alliado politico de mais de vinte annos », si não fosse convencido de que elle tinha faltado á rainha e a elle mesmo, seu chefe no gabinete, e de que era justa a queixa da soberana. O proprio lord Palmers-ton, offendido com o bilhete da rainha, não quer re-

conhecer por traz della a mão da qual sabe que partiu o golpe; limita-se a dizer : « A nota fôra escripta em um momento de colera por uma senhora tanto quanto por uma soberana, e a differença entre uma senhora e um homem não podia ser esquecida mesmo no caso de ser ella a occupante do throno. »

Não era possível conflicto constitucional entre os ministros e o principe Alberto : entre elles estava a rainha. A Constituição, o parlamento, a imprensa, o paiz só conheciam poder, prerogativa, opinião na soberana; elle não podia ser sinão um conselheiro intimo, sem papel pela Constituição; tal posição era tão precaria para a lucta que esta praticamente dependia da boa vontade, da tolerancia, da longanimidade do Primeiro ministro. Fosse este Sir Robert Peel ou lord John Russell, lord Derby, lord Aberdeen, ou lord Palmerston, a acção politica do principe, desde que não era publica, ostensiva, moralmente responsavel, em um governo de opinião como é o inglez, só pôde ser tida pela historia como uma das muitas influencias, persuasões, experiencias que esclareceram na sua difficil posição o juizo dos homens publicos inglezes.

A EDUCAÇÃO DA RAINHA

Mesmo quando se quizesse dar ao principe Alberto todo o merito da attitude e da acção politica da rainha durante esses vinte e um annos de seu consorcio, apagando a individualidade desta, a pretensão naufragaria desde logo no ponto de partida, porque a attitude do principe já é um effeito do reinado. Nunca,

excepto uma vez, nos sessenta annos que acabam de passar, a rainha exerceu no governo da Inglaterra acção pessoal independente : foi em 1839, quando recusou Sir Robert Peel pela condição que este estabeleçêra para acceitar o governo ; nesse tempo ella era solteira. Póder-se-ha presumir que foi o casamento, e o casamento com um principe de grande prudencia e juizo como o principe Alberto, que preparou a rainha para ser a amiga de Peel e do duque de Wellington, para não se deixar seduzir pela sereia *whig*, que lhe segredava a doçura do poder pessoal a fim de attrahil-a cada vez mais para as profundezas da democracia, onde o throno havia de desapparecer?

A rainha fôra educada do modo mais estricto e reservado na côrte dos Jorges. Mr. Greville diz que a duqueza de Kent nunca permittira que a filha ficasse só com outra pessoa sinão ella e a baroneza Lehzen ; « nenhum dos seus conhecidos, nenhum dos empregados do palacio, nem mesmo a duqueza de Northumberland, sua aia, tem a menor idéa do que ella é ou do que promette ser ». Criada assim, nesse recolhimento de Kensington, ella viu-se de repente, sem preparo, sem transição, collocada á frente da sociedade ingleza, chamada a dirigil-a ; desde os seus primeiros passos, porém, mostrou ter em sua fibra pouca vacillação, e que se lhe tinha bem insinuado a primeira das qualidades de sua raça, o contar consigo mesmo. A primeira impressão que o seu modo, a sua naturalidade, a sua gracilidade produzem em homens como o duque de Wellington, Sir Robert Peel, Mr. Greville, é de assombro e admiração. Nunca se tinha imaginado nada tão extraordinario, talvez porque toda essa geração desconhecia,

depois de mais de um seculo de governo masculino, a impressão sempre nova e sempre singular do supremo poder entregue a mãos de mulher. Não se teriam de certo admirado tanto da facilidade com que Victoria ensaiou sem estranhal-a a corôa de Inglaterra, os Marlboroughs, os Bolingbrokes, os Walpoles, os que tinham visto a rainha Anna depois de Blenheim, e ainda menos os subditos da Grande Rainha.

O conde Pozzo di Borgo, nesse tempo embaixador da Russia em Londres, escrevia ao seu governo em officios que acabam de ser extractados, as impressões que ia tendo da joven rainha. Desde logo, segundo esse competente observador, ella emancipa-se da direcção e influencia da mãe, que esperava governar a Inglaterra sob o nome da filha; seu conselheiro unico é o rei Leopoldo da Belgica, seu tio. « Para com todos em redor de si ella conserva um impenetravel segredo e a maior cautela; nunca falla de ninguem que figure na politica ou na administração; quasi todo o dia convida alguém a jantar, excluindo systematicamente os personagens pertencentes á opposição. » Para Pozzo di Borgo a rainha é o primeiro « symbolo mystico do poder monarchico », um instrumento nas mãos de Lord Melbourne; é ainda peor para elle: o instrumento de uma subversão democratica. « Si a rainha, como se pôde suppôr por sua disposição, colloca-se á frente dos reformistas exaltados, ella acabará por destruir os ultimos vestigios da auctoridade politica, da aristocracia e da egreja, e por degradar o poder soberano a uma simples e insignificante formalidade. » Tanto elle como o barão Brunnow, seu successor, são levados a reconhecer que a rainha distingue-se, na phrase deste, « não por falta, mas por

superfluidade de energia. » De tudo o que se sabe da rainha antes de casar-se, póde-se inferir que o reinado seria, entregue a ella só, o mesmo que foi na sua linha principal, a saber, que o throno não teria politica sua contra a opinião. Na questão das damas do paço, a opinião esteve pelo menos dividida. Como o casamento da rainha foi um casamento de amor, o principe foi o refem que ella deu á opposição. Sem duvida foi elle que a approximou dos *tories*, mas a aproximação ter-se-hia feito só pelos acontecimentos. A rainha só precisava de energia, que todos agora lhe reconheciam, para se approximar do proprio partido do throno; as inclinações nesse sentido eram irresistiveis. O perigo seria si ella não pudesse ser persuadida a tolerar o liberalismo, e esse, felizmente, ella não correu. Si o principe Alberto influiu sobre a rainha, ella por sua vez influiu sobre elle, e dos dois o mais modificado foi elle, que tomou mais á Inglaterra do que ella tomou á Allemanha. Si elle fosse rei de direito proprio, seu reinado teria tido outra feição. É preciso não acreditar que o proprio rei Leopoldo teria sido em Coburgo o rei que foi no throno estrangeiro da Belgica. Essa modificação ingleza, o principe Alberto não a teria devido, acima de tudo, á rainha?

A FALTA DO PRINCIPE ALBERTO

O facto principal, em relação ao principe Alberto, é infelizmente que elle não chegou a usar da experiencia e auctoridade que estava accumulando e que, si tivesse vivido tanto como a rainha, teria sido um

quasi oraculo nacional na Inglaterra. Não é nenhum elogiador de principes nem corteção da realeza, é um espirito liberal de tendencia republicana e caracterisação democratica a Grote e a Mill, é Mr. Bagehot quem escreve assim a respeito do principe : « Si elle tivesse vivido vinte annos mais, teria adquirido na Europa uma reputação egual á do rei Leopoldo. Emquanto viveu, elle achava-se em grande desvantagem, porquanto os personagens politicos mais influentes então na Inglaterra tinham uma experiencia muito mais extensa do que a sua... Elle não podia dirigir lord Palmerston. O velho estadista, que governava a Inglaterra em uma idade em que a maior parte dos homens não pódem mais governar suas familias, lembrava-se de uma geração politica inteira desaparecida antes do nascimento do principe Alberto... O principe Alberto fez grande bem, mas morreu antes de poder exercer sua influencia sobre uma geração de personagens politicos menos experimentados do que elle e desejosos de ouvir as suas lições. »

O principe tinha um tempo soffrido por causa de lord Palmerston e chegou a escrever desabridamente contra elle, « o homem que amargurou as nossas vidas, forçando-nos constantemente á vergonhosa alternativa ou de sancionarmos os seus attentados por toda a Europa e fazermos aqui uma potencia do partido radical sob sua direcção, ou de provocarmos a lucta com a corôa, lançado assim no cháos geral o unico paiz em que a liberdade, a ordem e o respeito pela lei ainda existem juntos. » (Carta do principe ao duque de Coburgo nas *Memorias* deste). A reconciliação, porém, fôra completa, e é de presumir que o principe não se teria apartado da politica de neutra-

lidade nos acontecimentos que transformaram a Europa. Não seria elle de certo que induziria lord Palmerston a intervir, como tentou, em favor da Dinamarca; elle tambem teria qualificado tal idéa como lord Stanley : « um acto não de impolitica, mas de insanias » ; sua attitude teria, sim, impedido a Inglaterra de deixar a Dinamarca esperar uma protecção que não havia de receber. A politica do principe nesses annos de remodelação da Europa teria sido favorecer, facilitar a unidade allemã, como contrapeso, a favor da Inglaterra, da unidade italiana, em que elle só via um accrescimo de poder e influencia para a França. No anno mesmo de sua morte elle escrevia ao barão Stockmar, referindo-se á Italia, Polonia, Hungria, Dinamarca e Turquia : « No tratamento inglez dessas questões é impossivel descobrir qualquer principio ; uma cousa, porém, é certo, que se toma sempre com paixão o lado anti-allemão. Póde imaginar o desgosto que isso me causa ; eu nada posso fazer, e no emtanto vejo perfeitamente que o resultado ha de ser em vantagem da França e detrimento da Inglaterra. » E ao rei da Prussia, elle como que queria indicar o modo de fazer a unidade allemã : « A Austria mais uma vez tornou Napoleão proeminente como conquistador na Europa, deu-lhe a Italia para seu instrumento, e preparou a Hungria e a Polonia para o servirem da mesma maneira. A Allemanha vê-se face a face com o mais sério perigo e ainda em taes circumstancias, dilacerada, enfraquecida, dividida em secções, tendo mesmo sua existencia nas mãos de gabinetes divergentes uns dos outros e sobre os quaes o paiz não tem possibilidade de exercer a minima influencia. Será acaso máo si-

gnal do espirito da nação suspirar ella pela unidade geral e por uma cooperação activa no que possa decidir do seu destino? Não vos incommodeis nem vos deixeis desviar, si o povo aqui ou alli fôr culpado de alguma extravagancia. Elle é o unico apoio da Prussia e da Allemanha e a unica força que pôde fazer frente ao inimigo. Não é de um Cavour que a Allemanha precisa, é de um Stein. »

A UNIDADE ALLEMÃ

A unidade allemã foi talvez o ultimo entusiasmo do principe Alberto ; elle a desejava instinctivamente, como allemão que não tinha deixado, que não podia deixar de ser no fundo d'alma, pensando desejal-a principalmente como marido da rainha e inglez de adopção. Si elle estava ligado á Inglaterra, não o estava tambem á Allemanha por todas as associações da infancia, pela sua natureza, lingua, character, religião e poesia? Si elle era o pae do futuro rei da Inglaterra, não o era tambem da que viria, si os grandes acontecimentos que elle desejava se realisassem, a ser um dia a imperatriz allemã?

Foi sómente depois da sua morte que veiu a surpreendente revelação de Sadowa, e em seguida a tremenda confirmação de Sedan, Metz e Pariz. A nova Europa militar, que ellé deixou ainda nas faixas de Sebastopol e Solferino, tornou-se um gigante ; tomou proporções que elle nunca sonhára, e está hoje prompta nos seus quartéis para lançar uns contra os outros, não milhares, como d'antes, e sim milhões de soldados. Que diria o principe Alberto hoje desse alliado

que elle imaginava na Allemanha para a Inglaterra? Ou sua politica teria sido apertar cada vez mais os laços, a intelligencia entre os dois paizes, reunir de alguma sorte as duas forças em uma só? Estudando em Windsor o taboleiro da Europa com a proficiencia de um .conhecedor do xadrez da guerra, elle teria de reconhecer que a Inglaterra, como *unidade*, é hoje uma peça de menor importancia do que nos dias de Luiz Felipe ou Napoleão III. Os acontecimentos seguiram sua marcha, sem o concurso nem a intervenção d'elle; nem de nenhum ponto de vista ha que lamentar até agora que a Allemanha se tenha unificado. Pelo menos desde que ella tomou a primeira posição na Europa, a partilha do mundo disponivel tem sido feita em paz e a ella tem cabido os menores quinhões. A França queixa-se da Inglaterra ter posto a mão sobre Chypre e o Egypto, mas a França por sua vez teve Tunis, Madagascar e o Tonkim, o que faz um bom despojo para o curto espaço de tempo em que foi accumulado. O facto, porém, é que no mappa da Europa, como o principe Alberto o desenhava, a importancia da Inglaterra é quasi secundaria, comparada ao que era na carta do seu tempo.

A NOVA POSIÇÃO DA INGLATERRA

Isso era, é certo, inevitavel; nenhuma raça ou nação pôde ter todas as superioridades e vantagens. A Inglaterra não pôde gozar do privilegio e descanso de não passar toda ella na mocidade pelo quartel e ter uma das primeiras posições em uma Europa militarizada á prussiana. Ella está prompta a ter navios,

machinas de guerra, tudo o que o dinheiro póde dar, mas os navios não comportam sinão um pequeno numero de tripulantes, e o que é preciso na competição militar moderna para as nações defenderem sua posição, é o serviço pessoal de cada um. Como convencer a Inglaterra no auge de sua riqueza e liberdade de aquartelar como aquartelou a Prussia nos dias da pobreza e do absolutismo? A França converteu-se depois de rica ao serviço militar, ainda que fosse preciso para isso a mutilação do seu territorio. A França, porém, era ainda, é ainda uma raça militar e autoritaria, ao passo que a Inglaterra é uma raça commercial e independente, cujos instinctos individualistas e civis seriam tão completamente transtornados pela conscripção como seria a jerarchia de suas classes. A allemã é talvez uma raça ainda mais commercial do que a ingleza, mas por outro lado não tem o character marcado por uma independencia tão forte como a anglo-saxonia. A verdade é que a riqueza, o conforto, o bem estar de um longo periodo de paz e tranquillidade tiraram á raça ingleza o character de raça guerreira e que hoje introduzir na Inglaterra as instituições militares do continente, necessarias entretanto, segundo parece, para poder ella competir com as outras nos campos de batalha, é uma tentativa que exigiria quasi que outras instituições politicas ou então um terrivel desastre nacional.

O principe Alberto, si vivosse, soffreria vendo a Inglaterra tão longe, tão incapaz de sujeitar-se á nova condição da Europa, como si fosse a America do Norte e estivesse separada do continente por milhares de milhas e não por uma hora de travessia, em breve, talvez, por minutos. Esse soffrimento entretanto não

teria resultado sinão da realisação do seu mais intimo desejo, da sua mais funda esperanza. Quando morre, pôde-se dizer que elle já via os primeiros clarões da unificação allemã, e é a unidade allemã que assignala as duas grandes phases do reinado de Victoria I. Na primeira a Inglaterra é a mesma dos dias de Trafalgar e Waterloo, tem as mesmas defezas, tem o mesmo poder de aggressão, tem o mesmo expoente militar, e sua posição em consequencia é ainda igual á primeira. É a mobilisação prussiana, é a tactica de Moltke, é o serviço militar obrigatorio que extinguem, por assim dizer, até ella remodelar-se de novo, a carreira militar no continente da vencedora de Azincourt, Blenheim e Waterloo. A escolha para ella está entre chamar a população ao serviço ou desistir da lucta em terra contra a ultima das potencias protegidas, e a nação inclina-se unanime a que o poder militar da Inglaterra seja exclusivamente o de sua esquadra. Quer isso dizer que ella se retira da lucta; que assiste ainda como « espectador passivo » á marcha de rivalidades e coalições de cujo choque ha de sahir a hegemonia européa. Quer isso dizer tambem que o espirito de guerra morreu na raça; que a pugnacidade caracteristica é hoje só do individuo; que ella combaterá para viver ou para defender-se, depois de uma affronta ou si o inimigo procurar a lucta, mas que não fará mais a guerra espontaneamente, aventurosamente, para medir forças, para affrontar obstaculos, para vencer o insuperavel, nem por qualquer outro impulso de aggressão ou de coragem insoffrida.

De um arranco, de uma explosão, ella julga-se ainda capaz, mas de nada valem contra a tactica e a disciplina moderna esses turbilhões do desespero ou do

entusiasmo ; é preciso o sacrificio de um longo tirocinio ; é preciso que a nação toda entre em um molde que só tem valor *militar*, que esterilisa tudo o que disciplina, que não deixa a menor fenda onde crescer uma tendencia, um prazer, uma satisfação propria ; é preciso a renuncia da independencia e da personalidade, como em uma ordem religiosa, e tudo isso talvez em vão, porque gerações pódem ser preparadas umas após outras para a guerra, e ella ser sempre adiada, evitada pela propria enormidade dos preparos, pela instantaneidade da mobilisação, que é quasi um começo de guerra, e porque a guerra assim combinada, desenhada em suas menores acções é como que uma guerra feita, e a grande sangria imaginaria produz o mesmo horror, o mesmo effeito, a mesma impressão religiosa e humana sobre o sentimento dos responsáveis, como si elles tivessem deante dos olhos a immensa carnificina do campo de batalha, as esplendidas cargas varridas pela metralha de boccas invisíveis.

O PRINCIPIO DAS NACIONALIDADES

A unidade allemã foi por outro lado para a Inglaterra a consagração do principio das nacionalidades, e d'esse principio sahiram e estão sahindo colossos de raças unificadas que reduzem de muito na Europa as proporções da Grã-Bretanha, e a verdade é que o poder britannico mede-se sómente pelo valor da Grã-Bretanha. Para aquelle principio de certo a Inglaterra não encontrará compensação nas utopias até hoje inventadas, admiráveis construcções para o

tempo bonançoso e feliz, mas que precisam de passar pela prova dos ventos contrarios e mares tempestuosos. Para fundir as differentes partes do Imperio, a India, o Canadá e a Nova Zelandia, o Cabo e a Australia em uma nacionalidade homogenea, inseparavel, do typo da allemã ou da russa, é preciso mais do que tudo quanto a imaginação politica possa delinear no genero de *Zollvereins*, *Postvereins*, *Bundesstaats*, *Staatenbunds*, *Federações Imperiaes*, *Confederações Britannicas*; é preciso o sentimento commum da unidade, identificação de destino, a acção constante de uma força centripeta unificadora, força tanto de interesse como de imaginação, contra a qual não pudessem prevalecer a diversidade de interesses locais, as distancias dispersivas, as immensas discontinuidades e separações do todo fragmentario. De certo é um dos espectaculos unicos da historia o que neste mesmo dia de hoje offerecem por todos os mares do globo os galhos ainda os mais distantes da velha Britannia carregados da mesma flôr de liberdade. Ao receber o tributo voluntario de todos os continentes, á velha rainha hão de ter occorrido as palavras propheticas de Burke, germen da grande politica colonial do reinado : « Emquanto tiverdes a sabedoria de fazerdes da auctoridade soberana deste paiz como o sanctuario da liberdade e o templo augusto e sagrado da nossa fé commum, onde quer que a raça escolhida dos filhos da Inglaterra adorarem a liberdade, é para vós que elles voltarão os olhares. A servidão pôde vir-lhes de toda parte. É um joio que cresce em todos os campos. Elles pôdem ir buscal-a na Hespanha, encontral-a na Prussia. Mas a liberdade é sómente de vós que elles pôdem recebel-a. » Suppondo-se o

mundo governado pelo respeito á liberdade alheia, não ha razão para se duvidar um instante, até onde a vista pôde agora devassar, de que esse patriarchado das raças livres continuará a ser o que é hoje em dia, conservando indefinidamente toda a sua força de crescimento e expansão. A verdade, entretanto, é que toda essa immensa fabrica descança sobre a possibilidade, a probabilidade mesmo para a pequena ilha européa de manter a sua antiga posição, tanto quanto a teia depende da aranha para estender-se ou contrahir-se.

Imaginar qualquer golpe na vitalidade nacional da Inglaterra é imaginar para a liberdade e a ordem moderna um dilúvio universal. O que mudou consideravelmente para ella foi o character da lucta pela vida entre as grandes nações militares; outr'ora ella valia mais por si só; não está provado que hoje não valha ainda mais como auxiliar e alliado; em uma palavra, o isolamento tornou-se menos possível, ou é mais perigoso, do que no tempo de Palmerston, mas também as combinações que se lhe offerecem são mais numerosas e o seu concurso para a paz pôde fazer mais do que outr'ora o seu subsidio ou o seu contingente para a guerra.

A differença está em que o primeiro papel ella tem que o dar hoje á sua diplomacia; que tudo depende de ter a visão lucida da situação européa. Sua posição pôde até ter melhorado, sómente deixou de ser tão estavel. Seu privilegio de ilha não tem as mesmas immunidades seguras; qualquer solidariedade ou participação lhe imporá sacrificios; ella terá, de ora em diante, que estar de vigia e para ella, (tomando a expressão de um escriptor francez sobre a instabi-

lidade da terceira Republica), só é possível fundar « *um equilibrio perduravel sobre a amplitude calculada de oscillações incessantes.* »

A FORÇA PURIFICADORA

Ao passo, porém, que é impossível assignalar-se um ponto, um caso, em que a influencia da rainha e do principe tivesse contrariado, desviado ou prejudicado a marcha politica ingleza como a opinião a traçára, póde-se ter por incalculavel o effeito moral da realza como foi exercida por ambos. Si para isso concorreu a desistencia que a rainha fez sempre, ou de uma vez por todas, do seu poder proprio nas mãos do principe, seria preciso reconhecer nessa desistencia um acto de confiança e um exemplo de conformidade que só provaria a razão esclarecida da renunciante, ou, por outras palavras, seria forçoso vêr na desistencia uma fórmula superior de affirmação.

Uma cousa póde-se assegurar : a influencia da realza não teria sido igual neste meio-seculo, si as mesmas circumstancias não se tivessem combinado para fazer da rainha a esposa e a mãe que ella foi. Depois do influxo dessa felicidade domestica, que se reflectiu por assim dizer em cada lar de familia na Inglaterra durante vinte annos, veio a contraprova, outro influxo, talvez maior, o da grande viuvez, que não foi a viuvez do desespero, do abandono de todos os outros sentimentos pela absorpção em uma dôr unica; mas a da resignação, graças a outros deveres e mesmo a outras dôres; a continuação, depois da morte, da antiga communhão na mesma esperança e no mesmo

destino; viuvez de algum modo claustral, por estar fechada para tudo quanto não podia mais tocar-lhe o coração solitario e por estar voltada para Deus, mas por outro lado aberta para a familia e para a nação, votada ao cumprimento o mais minucioso de todas as obrigações da realeza. É um tronco que sorri, como uma dessas magestosas arvores de Kensington, aos novos rebentos de seus ramos, entrelaçados uns aos grandes troncos protestantes, outros, porém, ás pequenas côrtes da Allemanha ou á velha aristocracia da Escossia, como que conservando para ella uma impressão ainda do principe, lembrando Rosenau e o Highland. Nesse sentido o maior dos mausoléos levantados por ella é esse mesmo throno, ha perto de quarenta annos envolto na mesma atmosphaera de recolhimento, tão solitario que por vezes pôde parecer vazio.

Hoje, quando se olha para o longo espaço decorrido desde 1837, vê-se que o reinado de Victoria foi a acção continua e persistente de uma grande força purificadora. É isto que lhe dá o alcance, a importancia da mais nobre de todas as revelações da nova influencia feminina. O periodo, sob muitos aspectos, é de effeminação da raça ingleza, de perda dessa aggressividade e indifferença pelo soffrimento, em que talvez resida grande parte do caracter chamado masculino. Tambem a vida humana augmentou de valor á medida que os modos de conserval-a se foram aperfeiçoando e a dôr se foi tornando cada vez mais intoleravel á medida que se descobriam os meios de supprimil-a. A menor protecção dispensada ao homem importa em sensivel diminuição dessa coragem que elle recebeu intacta para a lucta da vida; á menor pro-

tecção da sensibilidade corresponde o enfraquecimento dos nervos que a transmittem; as epochas de conforto, ociosidade, prazer, não geram os mesmos caracteres que as de soffrimento, trabalho e esforço. O reinado da rainha Victoria é a epocha do antiseptico e do chloroformio; a viviseccção faz passar um calafrio pelos musculos da sociedade horrorizada; a protecção aos animaes toma em muitos o lugar da philanthropia no seculo xviii. A sensibilidade moral pretende aperfeiçoar-se e desenvolver-se aperfeiçoando e desenvolvendo a coragem physica; com effeito, a coragem voluntaria, de cultura, como o ponto de honra, o valor militar, póde exceder a coragem animal, como toda grande suggestão; na massa, porém, a cultura actua de modo insignificante ao lado do instincto, do arranco, da mola secreta que a natureza poz no fundo do organismo; no character da raça, no typo de cada geração desenha-se, accentua-se tão perfeitamente a segurança, a suavidade, a protecção dos tempos, como a incerteza, as perseguições e a guerra. É exactamente nas epochas em que o character da raça de qualquer modo se transforma, que o centro de gravidade moral precisa de ser fortalecido, que o idéal precisa de duplicar de acção, e a collaboração social da mulher, com o que o seu instincto tem de mais sagaz, seu coração de mais nobre, sua consciencia de mais certo, póde tornar-se nessas phases, d'ora em deante que ella é um poderoso factor de opinião, o elemento conservador por excellencia. O que characterisa o reinado é a crescente suavidade dos costumes, e para isso nada concorreu mais do que a purificação d'elles.

Em muitos pontos, é na Inglaterra que a sociedade trata mais rigorosamente o inimigo, o delinquente, o

desviado, o insubordinado; ella é, porém, a nação em que a personalidade é objecto de maior respeito, em que a esphera individual é mais sagrada, em que o direito é uma partilha mais igual para todos.

LIBERDADE RELIGIOSA

Foi assim que neste reinado se extinguiu nos espiritos a prevenção que por tanto tempo fôra o mais forte sentimento inglez e um tremendo explosivo politico ao alcance de qualquer imprudente: o fanatismo protestante. Si não em 1828 a elegibilidade dos protestantes dissidentes, de certo em 1829 a emancipação dos catholicos foi uma lei prematura para a opinião, um acto dos chefes dos dois partidos. O espirito de tolerancia, porém, foi crescendo no paiz; a igreja protestante deixou de ser na Irlanda a igreja de Estado; graças ao novo espirito, as maiores figuras do anglicanismo, Pusey, Newman, Manning, Keble, puderam operar com toda a liberdade de consciencia o grande movimento de Oxford, o maior movimento espiritual que a Inglaterra tenha originado, e que terminou dando á igreja catholica duas grandes figuras, e, o que é muito mais, á symbolica do catholicismo um prestigio de consequencias religiosas ainda hoje difficil de calcular. Esse mesmo espirito levou á emancipação dos judeus, inclinou a ultima barreira da desigualdade religiosa no parlamento deante do proprio atheismo, depois de um discurso de Mr. Gladstone de grande fervor religioso e que passará á posteridade talvez como a obra prima do seu genio.

Foi em outro reinado que se fez a emancipação dos catholicos, foi porém neste que a tolerância se consolidou nas consciencias; foi no reinado de Guilherme IV que se votou a lei da reforma, foi porém no actual que a Camara dos Communs e com ella a Camara dos Lords, o gabinete e com elle a realleza, se fundiram no novo molde. Foi em 1833 que a escravidão foi abolida nas Antilhas; foi, porém, reinando Victoria, que a Inglaterra travou contra o trafico de escravos a lucta que devia terminar pela conquista e civilisação da Africa.

Não é mais do que lisonja attribuir a um reinado descobertas, melhoramentos, progressos na condição humana, que pertencem á epocha, e por assim dizer, á humanidade, em qualquer paiz que se manifestem. Ao apurar a fortuna de um reinado deve-se fazer entrar nella sómente o que de alguma fórma recebeu um impulso, um estimulo, uma protecção directa ou indirecta do throno, e não o que brotou de fontes mais profundas e independentes como seja o genio da raça e da lingua, a vitalidade moral e religiosa, a marcha da evolução humana. Sem fazer, porém, um attributo ou uma homenagem especial á rainha Victoria daquillo para que em nada ella concorreu, do que possa haver de genial nos poetas, escriptores, artistas, pensadores de sua epocha, é permittido dizer que ao regimen que ella personifica deve a Inglaterra essa especie de ordem nos espiritos, de consciencia nas profissões, de assentimento ás gerarchias intellectuaes, sociaes e moraes, de que resultam para o ulterior desenvolvimento da propria sciencia, para a alimentação das fontes da arte e da poesia, para a disseminação da verdadeira cultura, incalculaveis

benefícios e impulsos. Existe no fundo de toda a elaboração mental, seja artistica, seja philosophica, seja litteraria, seja scientifica, uma especie de rhythmico que o individuo toma da sociedade a que pertence, e que em todas as direcções da actividade traça uma linha entre a producção de uma época e a de outra. O compasso, a normalidade, o bater regular e cadenciado do rhythmico victoriano já é por si só um grande resultado em um tempo em que se pôde vêr o abysmo do desconhecido um milhão de vezes maior, e em que a propria sciencia treme deante da contingencia de novas hypotheses. No todo o reinado, no ponto em que está, deixa a Inglaterra na posse de um imperio que não se pôde medir pelo antigo, e apresentando a mais esplendida raça livre que o mundo até hoje tem visto.

A VIDA

É impossível imaginar o spectaculo de Londres, transformando-se em um vasto amphitheatro a acclamar na passagem a soberana, sem admirar a vitalidade, a energia que a extraordinaria carreira da rainha demonstra. Ella attingiu a um reinado mais longo do que qualquer outro da Inglaterra; conheceu os extremos da alegria e da dôr, todas as grandes emoções da familia : o amor, a felicidade, a perda, a solidão; foi a mais feliz das esposas e a mais inconsolavel das viuvias; viu uma das suas filhas sentar-se no throno da Allemanha, um momento, para ficar viuva de um imperador que teria deixado, si visse, um grande nome entre os homens; soffreu com o mesmo golpe vibrado contra sua ultima filha, sua

companheira de longos annos. Não sentiu sómente pelas emoções que nella reflectiam de uma familia tão numerosa, como é a sua. Tudo o que se passou na vida do paiz, victorias ou revezes, calamidades nacionaes como a fome da Irlanda e do Lancashire, ou o motim da India, desgraças individuaes, accidentes que enlutavam a existencia da pobreza, tudo repercutia nella. A morte de Gordon fel-a soffrer, affectava-a o não ter tocado á Inglaterra a gloria de cortar o isthmo de Suez, inquietava-a, agitava-a qualquer facto que devesse custar o sacrificio de vidas britannicas. Na posição em que ella está não era sómente o que se passava na Inglaterra que a commovia ou abalava; e foi seu destino travar uma amizade intima com outra imperatriz, exilada e viuva, cujo filho devia morrer na Zululandia vestindo o seu uniforme. Em tudo a rainha tomou sempre grande parte, toda a sua parte; não recusou nada do que lhe tocava em nenhum soffrimento, não declinou tambem nenhuma alegria, e a tudo resistiu. Poucas vezes se terá provado assim no throno a tenacidade, a elasticidade, a robustez da vida moral. O mais bello elogio da rainha é poder ser apontada como o typo desse perfeito equilibrio, dessa inteira saude e harmonia de espirito, dessa sempre egual pulsação da vida, a que os antigos mais que ao poder intellectual davam o nome de Sabedoria.

20 de Junho de 1897 (1).

(1) Artigo do *Jornal do Commercio* em honra do *Diamond Jubilee* da Rainha.

ACADEMIA BRASILEIRA

DISCURSO DE INAUGURAÇÃO

(1897)

MEUS SENHORES, (1)

Uma vez que conversavamos sobre os nossos estatutos, achei ousado darmos, como tranquillamente se propunha, o título de *perpetuo* ao nosso secretario; pensava eu então no constrangimento do nosso collega a quem tocasse lançar aquelle soberbo desafio ao nosso temperamento. Não imaginava estar fallando em defesa propria. A primeira condição de perpetuidade é a verosimilhança, e o que tentamos hoje é altamente inverosimil. Para realisar o inverosimil o meio heroico é sempre a fé; a homens de letras que se prestam a formar uma Academia, não se pôde pedir a fé;

(1) Discurso proferido, na qualidade de Secretario Geral na inauguração da Academia Brasileira, em 20 de Julho de 1897.

só se deve esperar delles a boa fé. A questão é si ella bastará para garantir a estabilidade de uma companhia exposta como esta a tantas causas de desánimo, de dispersão e de indifferentismo. Si a Academia florescer, os criticos deste fim de seculo terão razão em vêr nisso um milagre; terá sido, com effeito, um extraordinario enxerto, uma verdadeira maravilha de cruzamento litterario.

A nossa formação não passará incolume; seremos accusados de nos termos escolhido a nós mesmos, de nos termos feito *Immortaes* e em numero de *quarenta*. Si não tivéssemos quadro fixo, receiariamos não ser uma companhia. Tendo-o, e sendo menos de quarenta, como não se diria: « A Academia Franca, que é a Academia Franca, e se reune em Pariz, precisou de quarenta membros para existir; entre nós, onde ninguem se reune, no Rio de Janeiro, donde se vive em Pariz, julgamos poder ter só vinte ou trinta! » Si fôssemos mais, estaes ouvindo o tom de desdem: « A Franca, que é a Franca, só tem quarenta academicos, e nós, que não temos quasi litteratura, temos a pretensão de encontrar cincoenta. » O numero de quarenta era quasi forçado; porque não dizel-o? tinha a medida do prestigio, esse *que* de symbolico da tradição, o cunho do *primi. capientis*. As proporções justas de qualquer criação humana são sempre as que foram consagradas pelo successo. Não tomamos á Franca todo o systema decimal? Podiamos bem tomar-lhe o metro academico. Nós somos quarenta, mas não aspiramos a ser os *Quarenta*.

Quanto á escolha propria, como podia ser evitada? Nenhum de nós lembrou o seu proprio nome; todos

fomos chamados e chamamos a quem nos chamou... Houve uma boa razão para nos reunirmos ao convite do Sr. Lucio de Mendonça; é que, excepto essa, só havia outra fórmula de apresentação: a official. Não seria de certo mais inspirada, podia não ser tão ampla, a nomeação por decreto, e uma eleição publica havia de resentir-se da côr local. De qualquer modo que se formasse a série dos primitivos, a origem seria imperfeita; resultariam eguaes injustiças. Não temos que nos affligir: todas as Academias nasceram assim. Que era a Academia Franceza quando a Richelieu occorreu insufflar-lhe o seu genio, associar-a á sua missão? Era uma reunião de sete ou oito homens de espirito em Pariz. E as Academias, as Arcadias todas do seculo passado? Qualquer pretexto é bom para nascer... Não se deve inquirir das origens. Quando a vida apparece, é que o inconsciente tomou parte na concepção, e com a vida vem a responsabilidade, que ennobrece origens as mais duvidosas. Quem nos lançará em rosto o nosso nascimento, si fizermos alguma coisa; si justificarmos a nossa existencia, creando para nós mesmos uma funcção necessaria, e desempenhando-a? Acaso tem o actor que provar ao publico o seu direito de existir? Não basta a emoção que desprende de si e faz passar por todos nós? E o pintor, o esculptor, o poeta? Não basta a obra?

Na formação do primeiro quadro era preciso attender á proporção de ausentes. A Europa exerceu sempre sobre a imaginação dos nossos homens de letras uma attracção perigosa. Houve, talvez, tempo em que Magalhães, Gonçalves Dias, Porto Alegre, Odo-rico Mendes, João Francisco Lisboa, Salles Torres

Homem, Maciel Monteiro, Gomes de Souza, Varnhagen, Joaquim Caetano, Pereira da Silva podiam ter formado uma Academia Brasileira em Pariz. Isso vinha de traz, e continúa hoje com mais força. Bem poucos dos nossos homens de lettras recusariam em qualquer tempo um desterro para longe do paiz. Ha felizmente muito entre nós, quem de coração, de sentimento, pela imaginação, pelo espirito, por todo o prazer de viver, prefira o quadro, o aspecto, a sensação do nosso torrão brasileiro a todos os panoramas d'arte da Europa. Para se ser assim tão sincero, tão definitivamente, brasileiro, — em alguns isso vem de uma reacção natural contra o egoismo esthetico, — parece, a julgar pelo nosso confrade, o auctor da *Retirada da Laguna*, que o melhor é ter tido no sangue a inoculação da propria arte européa. Como quer que seja, foi preciso contar com essa migração certa do talento nacional, com esse tributo que elle pagou sempre a Pariz.

Havia tambem que attender á representação equal dos antigos e dos modernos... Uma censura não nos hão de fazer: a de sermos um gabinete de antigualhas. A Academia está dividida ao meio, entre os que vão e os que vêm chegando, os velhos, aliás sem velhice, e os novos; os dois seculos estão bem accentuados, e si algum predomina, é o que entra; o seculo xx tem mais representação entre nós de que o seculo xix. Quanto a mim, já tomei o meu partido... Uma vez me pronunciei entre os dois, e como o fiz no livro de uma joven senhora do nosso patriciado, pedir-lhe-hei licença para reproduzir, creio que nos mesmos termos, essa minha ultima profissão de fé. «Nascido em uma epocha de transição, prefiro em tudo,

arte, politica, religião, ligar-me ao passado, que ameaça ruina, do que ao futuro, 'que ainda não tem fôrma... » É apenas, como vêdes, uma preferencia; resta-me ainda muita sympathia pelas chimeras que disputam umas ás outras o toque da vida, e muita curiosidade pelas invenções e revelações imminentes. Eu não sou o poeta do quadro de Gleyre, vendo passar a barca das illusões, dourada pelo crepusculo da tarde, e abysmado no seu proprio isolamento; o coração, que é a parte fixa de nós mesmos, está em mim voltado para o céo estrellado, para a cupola de verdades immortaes, de principios divinos, que succede ao trabalho, aos esforços, ás ardentes decepções do dia... É quando a vida pára, que se tem a plenitude do viver. Ao contrario de tudo o mais, a vida, fallo da vida intellectual, não é o movimento; é a parada do espirito, a absorpção infinita do pensamento em um só objecto, em um só gozo, em uma só comprehensão. *Quieta non movere*. Serei talvez um velho imaginario; é o meio de não ser um joven imaginario. Ha na vida uma coisa que não se deve fingir: — é a mocidade.

Devo confessar-vos que assim pensada, com uma ou outra lacuna, das quaes algumas se explicam pela recusa dos escolhidos, e com uma excepção apenas, a nossa lista de nomes parece representar o que as nossas lettras possuem de mais distincto. Algumas das nossas individualidades mais salientes nos estudos moraes e politicos, no jornalismo e na sciencia, deixaram de ser lembradas... A litteratura quer que as sciencias, ainda as mais altas, lhe dêem a parte que lhe pertence em todo o dominio da fôrma. Outros nomes, estes litterarios, estão ausentes; alguns, porém,

renunciaram ás letras. Devo dizer que comprehendendo a omissão d'estes : a uma Academia importa mais elevar o culto das letras, o valor do esforço, do que realçar o talento e a obra do escriptor. De certo, deixamos ao talento a liberdade de se apagar. Alguem fez uma bella obra ? Admiremos a obra e deixemos o auctor viver como toda a gente; não o forcemos, querendo que se exceda a si mesmo, a refazer-se, uma e mais vezes, a viver da sua reputação, diminuindo-a sempre. Não o condemnemos á série, deixemol-o desaparecer na fileira, depois de ter feito uma brilhante acção como soldado. A altivez do talento póde consistir nisso mesmo, em não diminuir. É a primeira liberdade do artista, deixar de produzir; não, porém, renunciar a produzir; repellir a inspiração, abdicar o talento, deixar a imaginação atrophiar-se. Isso é desinteressar-se das suas proprias creações anteriores, as quaes só póderão viver no futuro se perdurar essa cultura que perdeu para elle toda a primazia e encanto.

Não ha em nosso gremio omissão irreparavel; a morte encarrega-se de abrir nossa porta com intervallos mais curtos do que o genio ou o talento toma para produzir qualquer obra de valor. Nós, os primeiros, seremos os unicos academicos que não tiveram merito em sel-o: quasi todos entrámos por indicação singular, poucos foram eleitos pela Academia ainda incompleta, e nessas escolhas cada um de nós como que teve em vista corrigir a sua elevação isoladâ, completar a distincção que recebera : só d'ora em diante, depois que a Academia existir, depois de termos uma regra, tradições, emulação, e em torno de nós o interesse, a fiscalisação da opinião, a consagração do successo, é que a escolha poderá parecer um

plebiscito litterario. Nós de facto constituimos apenas um primeiro eleitorado.

As Academias, como tantas outras cousas, precisam de antiguidade. Uma Academia nova é como uma religião sem mysterios: falta-lhe solemnidade. A nossa principal funcção não poderá ser preenchida sinão muito tempo depois de nós, na terceira ou quarta dynastia dos nossos successores. Não tendo antiguidade, tivemos que imital-a, e escolhemos os nossos antepassados. Escolhemol-os por motivo, cada um de nós, pessoal, sem querermos, eu acredito, significar que o patrono da sua cadeira fosse o maior vulto das nossas lettras. Foi assim, pelo menos, que eu escolhi Maciel Monteiro. Nesse mixto de medico poeta, de orador diplomata, de *dandy* que vem a morrer de amor, elegi o pernambucano. A lista das nossas escolhas ha de ser analysada como um curioso documento auto-biographico; está ahi o sentido da minha. Entretanto, como nenhum de nós se preocupou de escolher a maior figura de nossas lettras, pôde ser que algumas dellas não figurem nesse quadro. Teremos meio de reparar essa falta com homenagens especiaes. Restam apenas cinco cadeiras: já não ha logar para entrarem juntos Alexandre de Gusmão, Antonio José, Santa Rita Durão, São Carlos, Monte Alverne, José da Silva Lisboa, Porto-Alegre, Salles Torres Homem, José Bonifacio, o avô e o neto, Antonio Carlos, J. J. da Rocha, Odorico Mendes, Ferreira de Menezes.

Basta essa curta historia de nossa formação para se vêr que não podemos fazer o mal attribuido ás Academias pelos que não querem na litteratura sombra da mais leve tutela, do mais frouxo vinculo, do

mais insignificante compromisso. É um anachronismo receiar hoje para as Academias o papel que ellas tiveram em outros tempos; mas si aquelle papel fosse ainda possivel, nós teriamos sido organizados para não o podermos exercer. Si percorrerdes a nossa lista, vereis nella a reunião de todos os temperamentos litterarios conhecidos. Em qualquer genero de cultura somos um Mexico intellectual; temos a *tierra caliente*, a *tierra templada* e a *tierra fria*... Já tivemos a Academia dos Felizes, não seremos a dos Incompatíveis; mas na maior parte das cousas não nos entendemos. Eu confio que sentiremos todo o prazer de concordarmos em discordar; essa desintelligencia essencial é a condição de nossa utilidade, o que nos preservará da « uniformidade academica ». Mas o desaccordo tem tambem o seu limite, sem o que começariamos logo por uma dissidencia. A melhor garantia da liberdade e independencia intellectual é estarem unidos no mesmo espirito de tolerancia os que vêm as çousas d'arte e poesia de pontos de vista oppostos.

Para não podermos fazer nenhum mal basta isso; para fazermos algum bem, é preciso que tenhamos algum objectivo commum. Não haverá nada commum entre nós? Ha uma cousa, é a nossa propria evolução; partimos de pontos oppostos para pontos oppostos, mas como astros que nascessem uns a léste e outros a oéste, temos que percorrer o mesmo circulo, sómente em sentido inverso. Ha assim commum para nós o cyclo; ha o meio social que curva os mais rebeldes e funde os mais refractarios; ha os intersticios do papel, da caracteristica, do grupo e filiação litteraria de cada um; ha a boa fé invencivel do verda-

deiro talento. A utilidade desta companhia será, a meu vêr, tanto maior quanto fôr um resultado da aproximação, ou melhor, do encontro em direcção oposta, desses ideaes contrarios, a tregua de prevenções reciprocas em nome de uma admiração commum, e até, é preciso esperal-o, de um apreço mutuo.

Porque, senhores, qual é o principio vital litterario que precisamos crear por meio desta Academia, como se compõe a materia organica em laboratorios de chimica? É a responsabilidade do escriptor, a consciencia dos seus deveres para com sua intelligencia, o dever superior da perfeição, o desprezo da reputação por zelo da obra. Acreditaes que um tal principio limite em nada a espontaneidade do genio? Não, o que faz, é sómente impôr maiores obrigações ao talento. A responsabilidade não póde ameaçar nenhuma independencia, coarctar nenhuma ousadia; é della, pelo contrario, que saém todas as nobres audacias, todas as grandes rebeldias. Em França a Academia reina pelo prestigio de sua tradição; exerce sua influencia pela escolha, pela convivencia e pelo tom; mantém um estylo *academico*; como toda a arte franceza, convencional, acabado, perfeito, e que só poderia parecer estreito a um genio do Norte, como Shakespeare. Mas não é do destino da França produzir Shakespeares... Nós não temos por missão produzir esse estylo, o qual, como toda concepção intellectual, escapa á vontade e ao proposito, póde ser guardado e cultivado, mas não póde ser creado, obedece a leis de crystallisação de cada idioma, á symetria de cada genio nacional. Nós pretendemos sómente defender as fontes do genio, da poesia e da arte, que estão quasi

todas no prestigio, ou antes na dignidade da profissão litteraria... Não tenhamos tanto ciume do genio, o genio ha de revelar-se de qualquer modo; elle faz a sua propria lei, crea o seu proprio berço, esconde o seu nascimento, como Jupiter infante, no meio dos seus corybantes.

Além da deferencia devida á companhia a que me faziam pertencer, confesso-vos que acceitei a honra que me foi feita, attrahido pelo prazer de me sentir ao lado da nova geração. Cedi tambem, devo dizer-vos, á necessidade que sente de actividade, de renovação, um espirito muito tempo occupado na politica e que de boa fé acredita ter voltado ás letras. Na Academia estamos certos de não encontrar a politica. Eu sei bem que a politica, ou tomando-a em sua fórma mais pura, o espirito publico, é inseparavel de todas as grandes obras : a politica dos Pharaós reflecte-se nas pyramides tanto quanto a politica atheniense no Parthenon; o genio catholico da Edade Média está na *Divina Comedia*, como o genio protestante do Protectorado está no *Paraiso Perdido*, como o genio da França monarchica está na litteratura e no estylo dos seculos xvii e xviii...

Nós não pretendemos matar no litterato, no artista, o patriota, porque sem a patria, sem a nação, não ha escriptor, e com ella ha forçosamente o politico. Até hoje, apesar do christianismo que trouxe o sentimento de uma communhão mais vasta, o genio nada fez fóra da patria ou, pelo menos, contra a patria. A patria e a religião são em certo sentido captiveiros irredimiveis para a imaginação, condições do *fiat intellectual*. Compreendeis o artista grego que em réplica a Eschylo esculpisse o Persa? Ou o poeta fran-

vez que depois de Sedan cantasse o Allemão? A politica, isto é, o sentimento do perigo e da gloria, da grandeza ou da quédia do paiz, é uma fonte de inspiração de que se resente em cada povo a litteratura toda de uma epocha; mas para a politica pertencer á litteratura e entrar na Academia é preciso que ella não seja o seu proprio objecto; que desapareça na criação que produziu, como o mercurio nos amalgameas de ouro e prata. Só assim não seriamos um parlamento.

Disse-vos, porém, que vim seduzido pelo contacto, eu quizera que se pudesse dizer o contagio, dos moços. Como as differentes edades da vida se comprehendem mal uma a outra! — é a observação que vou fazendo á medida que caminho. Asseguro-vos que eu não suspeitava o que é a vista da mocidade tomada da margem opposta... Os que envelhecem não comprehendem mais o valor das illusões que perderam; os jovens não dão valor á experiencia que ainda não têm. Ha dois climas na vida, o passado e o futuro. A Academia, como o nobre romano, tem a sua *villa* dividida em casa de verão e em casa de inverno. Podeis habitar uma ou outra, conforme o vento soprar. Eu direi sómente a todos os novos espiritos ambiciosos de abrir caminho para a gloria: não receiem a concurrencia dos mais velhos; sejam jovens e hão de romper tão naturalmente, como os rebentos da primavera rompem a casca da arvore enregelada. Basta a mocidade, si fôr verdadeiramente a vossa propria mocidade que expressardes, para vos dar o nome.

O escriptor que chegou á madureza é, só por isso, o representante de um estado de espirito que preencheu o seu fim. Não ha mocidade perpetua, o vosso

privilegio está garantido... Quando se falla da mocidade perpetua de um escriptor, como Molière, por exemplo, não se quer dizer que não envelheceu, mas que o fundo de verdade humana que elle recolheu e exprimiu continua a ser sempre verdadeiro. Não é que o escriptor ou a obra guardasse a sua deliciosa frescura; é que a humanidade sempre joven se reconheceu a si mesma sob os traços de outra epocha e acha em vê-los o mesmo prazer, si não maior, do que em sua imagem actual. Eu leio em *Elisée Reclus*: « Acima da sua grande quéda o São Francisco possui fórmulas particulares de peixes inteiramente diversas das que vivem abaixo; o invencível precipicio separou as duas faunas. » Não tenhaes medo da concorrência... estaes acima da grande quéda. Uma advertencia, porém.. Às vezes não são as gerações sómente que envelhecem uma após outra; sente-se também envelhecer a raça. A manhã torna-se então incrivelmente curta, como nos tropicos, e o perfume da mocidade cada vez mais inapprehensivel ao calor do sol que se levanta. « Não ha que se apressar nas cousas eternas », é uma dessas admiraveis phrases do grande mystico inglez (1). Não vos apresseis em compôr a obra que ha de conservar para vós mesmos a essencia de vossa mocidade.

Eu li ha pouco umas paginãs na *Biblioteca* de Buenos-Aires, assignadas pelo general Mitre, a quem sinceramente admiro; a idéa é que a litteratura hispano-americana não produziu ainda um livro. Que livro, diz elle, se tomaria para uma viagem, — eu accrescentarei, para o exilio? Senhores, hoje nenhum

(1) Faber.

de nós se contentaria com um livro; um livro em poucos dias está lido e não gostamos de relêr; — para uma viagem de dias precisamos de levar uma bibliotheca... Numa pagina seductora, Émile Gebhart pintava ultimamente Cicero, condemnado á morte, fazendo esperar a liteira em que se podia salvar, por não saber que livro levasse comsigo para os longos instantes da proscipção... Nós podemos comprehender-nos na sentença de Mitre : não tivemos ainda o nosso livro nacional, ainda que eu pense que a alma brasileira está definida, limitada e expressa nas obras de seus escriptores ; sómente não está toda em um livro. Esse livro, um extractor habil podia, porém, tiral-o de nossa litteratura... O que é essencial está na nossa poesia e no nosso romance. O livro não podemos fazer, porque o livro é uma vida; em um livro deve estar o homem todo, e nós não sabemos mais fundir o character na obra, sem o que não póde haver criação. Em um certo sentido toda criação é, sinão um suicidio, uma larga e generosa transfusão do proprio sangue em outras veias. Temos pressa de acabar. Estamos todos electrizados; não passamos de conductores electricos, e o jornalismo é a bateria que faz passar pelos nossos cerebros, pelos nossos corações, essa corrente continua... Si fossemos sómente conductores, não haveria mal nisso; que soffrem os cabos submarinos? Nós, porém, somos fios dotados de uma consciencia que não deixa a corrente passar despercebida de ponta a ponta, e nos faz receber em toda a extensão da linha o choque constante dessas transmissões que se tornaram universaes...

Esperemos que a Academia seja um isolador, e que do seu repouso, da sua calma, venha a sahir o livro

em que o general Mitre vê o signal da força, da musculatura litteraria... Eu pela minha parte não sei que opera não daria por uma só phrase de Mozart ou de Schumann e trocaria qualquer livro por uma dessas palavras luminosas que brilham eternamente no espirito como estrellas de primeira grandeza... A obra de quasi todos os grandes escriptores resume-se em algumas paginas; ser um grande escriptor é ter uma nota sua distincta, e uma nota ouve-se logo; de facto, elle não póde sinão repetil-a.

A principal questão ao fundar-se uma Academia de Lettras brasileira é si vamos tender á unidade litteraria com Portugal. Julguei sempre esteril a tentativa de crearmos uma litteratura sobre as tradições de raças que não tiveram nenhuma; sempre pensei que a litteratura brasileira tinha que sahir principalmente do nosso fundo europeu. Julgo, porém, outra utopia egual pensarmos que nos havemos de desenvolver litterariamente no mesmo sentido que Portugal ou conjunctamente com elle em tudo o que não depende do genio da lingua. O facto é que, fallando a mesma lingua, Portugal e Brasil têm de futuro destinos litterarios tão profundamente divididos como são os seus destinos nacionaes. Querer a unidade em taes condições seria um esforço perdido. Portugal, de certo, nunca tomaria nada essencial ao Brasil, e a verdade é que elle tem muito pouco, de primeira mão, que lhe queiramos tomar. Uns e outros nos fornecemos de idéas, de estylo, de erudição e pontos de vista, nos fabricantes de Pariz, Londres ou Berlim... A raça portugueza, entretanto, como raça pura, tem maior resistencia e guarda assim melhor o seu idioma; para essa uniformidade de lingua escripta devemos ten-

der. Devemos oppôr um embaraço á deformação que é mais rapida entre nós; devemos reconhecer que elles são os donos das fontes; que as nossas empobrecem mais depressa, e que é preciso renoval-as indo a elles. A lingua é um instrumento de idéas que póde e deve ter uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos de empenhar para secundar o esforço e acompanhar os trabalhos dos que se consagrarem em Portugal á pureza do nosso idioma, *a conservar as fórmulas genuinas, características, lapidarias, da sua grande epocha... Nesse sentido nunca virá o dia em que Herculano, Garrett e os seus successores deixem de ter toda a vassallagem brasileira. A lingua ha de ficar perpetuamente *pro-indiviso* entre nós; a litteratura, essa, tem que seguir lentamente a evolução diversa dos dois paizes, dos dois hemispherios. A formação da Academia é a affirmação de que litteraria, como politicamente, somos uma nação que tem o seu destino, seu character distincto (1), e só póde desen-

(1) Estas idéas devem ser entendidas de accordo com as que expressei em Junho de 1895 no banquete em honra a Thomaz, Ribeiro e que estão resumidas no seguinte trecho do meu brinde ao poeta de *D. Jayme* :

« Este brinde é complementar ao que se fez á união dos dois paizes, porque nada liga tanto como a litteratura. Portugal não nos presta maior serviço renovando nas veias de nossa nacionalidade a onda indispensavel de puro sangue peninsular do que lhe conservando nos labios o timbre latino dos seus vocabulos. Por uma lei historica que não procuro explicar, não se imaginaria ainda hoje a civilisação mais perfeita e adeantada n'um galho americano do que no seu velho tronco europeu. Não imagina litteratura norte-americana mais rica do que a ingleza; uma cultura chilena, columbiana, argentina, eclipsando a hespanhola; nem, — ignoro si ha *patriotas* litterarios n'esta reunião, — producção litteraria brasileira avassallando a portugueza.

* Não me recordo de ter lido uma phrase mais cheia de ver-

volver sua originalidade empregando os seus recursos proprios, e só querendo, só aspirando á gloria que lhe possa vir do seu genio.

dade moral do que este dito de Milton : « Sempre que as palavras de algum povo em parte offendem o gosto e em parte estão gastas pelo uso ou são imperfeitamente pronunciadas, é isso uma indicação de que os habitantes d'esse paiz formam uma raça indolente, que boceja na ociosidade e tem o espirito de muito longe preparado para toda a especie de servidão; pelo contrario, nenhum Estado deixou ainda de florescer emquanto conservou vivo o interesse e amor pelo seu idioma. » ... Saudo em Thomaz Ribeiro o mestrado das lettras portuguezas, que pela primogenitura do idioma commum e direitos que ella confere, ha de assignalar por muito tempo a direcção, e tambem o limite, das nossas proprias faculdades; brindo á mais perfeita, profunda, e sincera vinculação que se possa dar entre os nossos paizes : a pureza e a incorruptibilidade da lingua, das quaes depende, segundo o grande poeta, o proprio instincto de liberdade da raça. »

GUILHERME PUELMA-TUPPER (1)

(1898)

O meu livro *Balmaceda* estava no prélo quando os jornaes annunciaram a morte, em Santiago, de Guilherme Puelma-Tupper, cujo nome pensei inscrever na primeira pagina em recordação da nossa antiga amizade. Conheci primeiro Guilherme Puelma em 1879, quando veiu ao Rio de Janeiro como secretario de Legação, e tornei a vê-lo dez annos depois em Buenos-Aires, quando já tinha sido deputado e agitador no seu paiz.* Da primeira vez que nos falámos, elle era um radical, dominado pela preocupação anticlerical, ou, talvez melhor secularisadora; quando novamente o encontrei, dez annos depois, tinha-se tornado um sectario apaixonado de Augusto Comte. Tanto o radical como o comtista pareceram-me dogmaticos exaltados, excessivos, de uma infallibilidade estreita e iconoclasta, mas nem um nem outro desses

(1) *Revista Brasileira*, 1898.

papeis, puramente intellectuaes, interceptou a corrente de minha sympathia pelo homem que se possuira delles, a ponto de lhe chamarem no Chile « o inimigo pessoal de Deus ».

Inimigo pessoal de Deus? É certo que havia nelle para o poder ser, um traço longinquo de anjo; mas toda sua intelligencia era feita de amor, suas affinidades eram todas carinhosas, elle podia dar combate á idéa de Deus, podia ser um rebelde da criação; não podia, porém, ser um revoltado, um inimigo pessoal; si desafiasse a Deus para um duello, seria sem odio, sem má vontade, prompto a apertar-lhe a mão no terreno, qualquer que fosse a sorte da lucta. Elevado á potencia quasi infinita, o seu temperamento daria um Prometheu, não um Satan...

No fundo, o que nós dizemos, o que escrevemos, o que pensamos, o que sentimos, vale muito pouco; são impressões alheias, caprichos momentaneos, obstinações sem causa, suggestões ou auto-suggestões, plagios intimos, incomprehensão, ou deferencia, ou contraste; nada disso somos nós. Deus para lêr a nossa alma, a que elle creou, apaga primeiro toda essa escripta superposta, incoherente, de tantos annos e restaura o traço primitivo:.. No pergaminho de Puelma, raspando toda a phantasia infantil do espirito que acreditava vêr a verdade, ora sob uma fórma, ora sob outra, devaneios de *creator*, achar-se-hia o mesmo texto das almas simples e sem iniciativa, da *creatura* que só sabe e só quer saber uma coisa: que o é. *Expleto libro, referantur gratiae Christo*. A natureza, a pessoa, é uma camada muito mais profunda do homem do que o escriptor, o agitador, o sementeiro de idéas, o empreiteiro de re-

formas e transformações sociaes, e a natureza de Puelma era verdadeiramente atrahente, ingenua, cheia de caricia; aberta, dedicada, idealizando tudo, transformando em poesia, a seu modo, suas affeições, seus gostos, suas menores volubilidades, tanto como suas profundas admirações, as que o reduziam ao mais completo captiveiro. Naturezas dessa combinação são excluidas da politica entre as raças praticas e positivas, como a ingleza, que se governam a respeito da poesia como manda Platão. Com effeito, fere a vista o que essa ordem de espiritos tem de chimericos, de abstractos, de absolutos, de indomitos e de tyrannicos. Em nossos paizes, porém, não ha nem deve haver tal differenciação, porque elles têm uma utilidade politica manifesta, uma função propria : são elles que agitam o meio social indolente e estagnado; que servem de conductores ás idéas generosas.

De origem ingleza pela mãe e chilena pelo pae, Puelma era um specimen da instabilidade, da fluctuação que caracteriza o producto de raças de indole e creação diversa, ainda quando ambas superiores. Elle estava condemnado a viver em eterna oscillação. Havia nelle duas construcções differentes, egualmente solidas, a paterna e a materna, mas a ponte entre ellas era suspensa, movediça, com falhas perigosas; ou, mais propriamente ainda, tal ponte não existia, e elle tinha que se lançar de uma estrutura a outra atravez do vacuo intermedio. Suas ambições intellectuaes não eram sinão saltos sobre esses grandes intervallos.

Póde-se dizer que elle vivia num perpetuo *devenir*; que não era uma luz, mas uma serie de projecções intermittentes. Na politica chilena, porque não lhe

dava todo o seu pensamento e o seu interesse, sentia-se amesquinhado, enclausurado; aborrecido, queria fugir, e então attrahia-lhe a imaginação ora a Hespanha, onde viveria uma vida de letras, de arte, de cultura, na companhia dos litteratos que apreciava; ora Pariz, onde se engolfaria na sciencia, na embryogenia humana, de que pensou fazer a sua especialidade; ora mesmo Buenos-Aires, que lhe parecia uma estação cosmopolita entre o Chile, que o asphyxiava pela sua estreiteza e distancia, e a Europa, onde lhe faltava o Chile. O seu problema individual era assim insolúvel; a solução argentina era passageira, illusoria, para o seu mal: elle soffria moralmente de insufficiencia mitral. A valvula chilena, andina, era estreita para o orificio do seu coração, para impedir a marcha retrograda, depois de passar por ella, do ideal, que é o sangue do espirito. Sentia o Chile pequeno, ou antes, como eu disse, longinquo; mas o mundo, a civilisação, a arte, a sciencia, não tinha sem o Chile causa bastante, razão de ser para elle, asphyxiava-o do mesmo modo com a sua grandeza vazia...

Essa instabilidade, de que tinha consciencia, affligia-o, e tomando por vicio adquirido do espirito o que era um defeito, uma necessidade organica, elle procurava reagir contra a sua tendencia, fixando-se por uma occupação politica permanente, por uma vocação de proselytismo, até que travou conhecimento com o positivismo. O positivismo pareceu satisfazer-o completamente, dar solução ao seu problema, destruir a sua hesitação, fazer o que teria feito a religião si elle tivesse conseguido obedecer-lhe e conformar-se. Mas, de facto, o positivismo não fez sinão multiplicar os

seus escrupulos, entranhar as suas contradicções. Quando o encontrei em Buenos-Aires, Puelma julgava-se *systematisado*; era bastante, porém, vêr a sua bibliotheca, os amigos que reunia em casa, o seu modo de viver, o homem que continuava a ser, para não se ter duvida de que o comtismo era uma nova phantasia do seu espirito, não uma regra, ou sancção forte bastante para o seu temperamento intellectual.

Nesse tempo elle escrevia uma especie de poema comtista, uma synthese em verso da *Philosophia Positiva*. Partes d'esse trabalho elle me mostrou. A poesia e a philosophia têm entre si relações profundas; em certo sentido os maiores poetas foram os grandes philosophos, mas Puelma era destituído da faculdade poetica, não só no que respeita á sonoridade do metal interior, mas no que respeita á propria imaginação... O seu verso era naturalmente secco, arido, frio; um mau conductor do timbre cavalheiresco de sua alma. Elle era um cruzamento de Inglez e Hespanhol, duas raças que apezar de oppostas têm muito de commum e cujas litteraturas têm grandes similhanças; o Chileno deve parte de sua fibra metalica a essa combinação excepcional, ainda que fosse mais o Irlandez, o Celta, do que o Inglez, que se cruzou com elle; Puelma, porém, era unico da sua raça; na chimica moderna da immigração a sua formula intellectual terá sido exclusiva... Nós todos conhecemos seu tio, William de Lara Tupper, que foi no seu tempo o mestre da nossa *jeunesse dorée*. Em Puelma havia esse temperamento byroniano, em que se enxertára litterariamente o sentimentalismo amoroso de Musset, mas havia ao mesmo tempo, não o ideal ascetico, mas o orgulho, a revolta, a independencia

da castidade... Esses contrastes, essas limitações mutuas de raça, de educação, de patrias ideaes, tornavam-no improprio para a unica especie de poesia a que elle poderia em outras condições attingir : a expressão pessoal de sentimentos simples. Elle não poderia, com effeito, exprimir idéas universaes, *gravar* na alma moderna ; este é o privilegio dos *leaders* do pensamento. Nada impede, — ninguem conhece as leis da immigração, nem os seus fins, — que o genio *européu* comece, ou venha ainda, a nascer na America ; que os maiores espiritos do seculo sejam um dia para Pariz, Londres ou Berlin, transatlanticos : o facto, porém, certificado até hoje é a nossa incapacidade para outra coisa que não seja o simples reflexo, — mais ou menos presumido e crente de que a luz é mesmo nossa, — das idéas que fizeram ou estão fazendo a volta da Europa, de litteratura em litteratura...

Mas, em compensação, que alma cheia de poesia, de poesia que, por ser um resto transformado de sentimentos de outras epochas, nem elle nem ninguem poderia exprimir!... Que verdadeiro poema, por exemplo, — esse *para mim* immortal, era a idealisação de sua filhinha ! O seu modo de olhar para ella, como si ella fosse todo o seu mundo, e querendo ser todo o mundo para ella ! Nunca um pae sonhou mais ser a Providencia, só elle, sempre elle, do que Puelma para essa creaturinha a quem tomava, elle um gigante, nos seus braços e balançava a toda a sua altura, como sobre um abysmo... Ah ! meu caro Puelma ! Não é levar longe de mais o *systema*, a convicção do espirito, o valor das nossas proprias inducções e deducções scientificas, chegar até ahi ? substituir-nos a

Deus na imaginação da creança que olha para nós? insinuar-lhe que a protegeremos contra o destino? fazer-lhe crer que valemos qualquer coisa, — com a morte, a loucura, a doença, as contingencias todas da fortuna, a um passo de nós, rindo da nossa pretensão de tomar a parte de Deus na sorte de qualquer de suas creaturas?

A religião pôde ser uma grande illusão, mas é a illusão da humanidade toda, ao passo que a irreligião, quando seja a verdade, é a verdade de poucos. Para si mesmo, na plenitude, na soberba de sua independencia espiritual, o homem feito pôde escolher a irreligião; mas para a creança, para o filho, que elle não pôde saber si terá um dia capacidade para essas soluções independentes que só seduzem a um pequeno numero, não é a peor das tyrannias creal-os fóra das condições em que nós mesmos fomos creados, plantal-os em outro terreno, terreno de cultura toda experimental, onde não sabemos si elles não crescerão estereis ou degenerados por não terem as raizes comuns da especie? Não sei si Puelma foi até ahi. Elle estava, porém, nessa epocha em plena fascinação comtista... Quêria vir ao Rio de Janeiro para entender-se com o Sr. Miguel Lemos a respeito de certos pontos cuja natureza ignoro, mas de que fazia depender a sua futura attitude, sua retirada mesmo para a Europa. Era a epocha da lucta revolucionaria, e o estado do seu espirito pareceu-me ser de divisão. Em sua casa reuniam-se os proscriptos, os agentes da revolução, e pelas suas relações de familia, de partido, elle desejava a victoria do Congresso... Ainda me recordo que da ultima vez que o vi, a bordo do vapor em que eu deixava Buenos Aires, elle estava sob ter-

rivel pressão de anciedade pela sorte do exercito congressista que tinha desembarcado perto de Valparaiso e ia dar batalha a Balmaceda... Balmaceda, sentindo-se perdido, tinha lançado ao Chile algumas phrases que abalavam toda a alma de Puelma, cujo programma elle tinha talvez feito seu... O positivismo chileno estava com Balmaceda, a lucta interior no espirito de Puelma devia ser grande; elle convivia com a revolução, que fazia de sua casa o seu quartel-general, mas o philosopho, que nelle havia paralyzado o politico, duvidava, hesitava, fazia votos em contrario ao que o homem do mundo, o companheiro de luctas, o camarada do Congresso, o antigo adversario de Balmaceda parecia desejar...

Não posso resumir em uma formula o composto heterogeneo incompativel que foi Guilherme Puelma-Tupper; a parte fugitiva, occulta, de sua natureza parece-me muito maior do que a que se revelava mesmo na confiança da intimidade e da sympathia... Era visivel para mim que a sociedade chilena repelliria com a sua organização sadia e forte uma personalidade erratica, inconstante, oscillante como a de Puelma, e ao mesmo tempo que elle era um homem destinado a agitar profundamente as camadas subterranas de um paiz como o Chile. Si não fosse o comtismo, o seu destino era ser o Graccho chileno; com o comtismo elle nada podia ser, estava tolhido em sua espontaneidade, portanto impedido para qualquer acção politica...

Como eu disse antes, porém, esse era o *papel*. Não é do actor que outros viram em scena, que o publico applaudia, que a alta sociedade detestou, que eu teria guardado indelevel impressão. Que impressão se

guarda de mais um agitador politico, de mais um declamador popular, de mais um vulgarizador de systems? Por nada disso eu me lembraria mais de Puelma. O que o torna sempre saudoso para mim, é coisa muito diversa; é, por assim dizer, a dosagem de sua alma; é a profundeza transparente do seu coração de creança, do seu sorriso aberto, do seu olhar carinhoso; é o que elle não soube exprimir de si mesmo... o embryão d'alma que elle não deixou desenvolver-se, tomar todas as suas proporções.

Em uma palavra, elle pareceu-me uma creatura para cuja fabricação Deus empregou materiaes em que havia muito de luminoso, de transparente, de angelico, mas a que não deu o poder de crystallisar. Faltou-lhe desde o principio um eixo ideal sufficiente...

Sua vida foi assim uma serie de episodios que não se prendem entre si, e o seu talento por essa instabilidade não chegou a nada produzir que dê idéa da riqueza de suas faculdades... Apesar de tudo, não é pequeno privilegio ter tido em partes da alma um brilho, um esplendor de natureza que parece pertencer a entes superiores.

Não sei si entre os seus compatriotas a figura de Puelma attrahiu sympathias que não fossem politicas, isto é, das que não têm nada com a pessoa, e provêm só da idéa, da causa, do partido. Si ha uma especie rara é a de Chilenos a quem não basta o Chile, e Puelma era dessa especie. Ah! si o Chile estivesse na Andaluzia, todo o seu problema ficava resolvido; como elle teria vivido feliz, sem radicalismos, sem comtismo, sem nenhum de tantos fermentos que não tinham outra causa sinão esta: o Chile estar tão

longe, tão fóra da orbita do seu espirito, da sua curiosidade intellectual, das suas velleidades scientificas, dos seus gostos de toda a ordem ! Em vez de um *fau-teuil* de orchestra, bem junto á rampa, em frente ás actrizes e aos actores do mundo, tocou-lhe apenas um logar no mais alto do amphitheatro, donde elle via a scena tão longe que lhe parecia viver em outra epocha. Si Vina del Mar estivesse ao menos na costa do Atlantico como Mar del Plata ! Com a idade, em outro estado de espirito que viria, e eu creio que veio realmente, elle lastimaria esse tempo perdido, essa fluctuação continua... O Chileno teria acabado por triumphar, tornaria a plantar-se a si mesmo no seu proprio terreno, a amar dobradamente, para sempre, a Cordilheira, o Pacifico. Mesmo por causa dessa longa infidelidade do espirito, eu acredito que um dia Puelma voltaria as costas á Páandora estrangeira, cosmopolita, cujo segredo o seduziu na mocidade e lhe trouxe todos os tormentos da eterna indecisão... Deus não quiz, porém, que elle dêsse *toda* a volta de si mesmo... E quem sabe si elle não se estava tornando aos olhos de Deus cada vez menor; si não se estava reduzindo, a titulo de systematisar-se, a um pequeno nucleo escuro de theorias monotonas, como um cometa que abandonasse no espaço a sua brilhante cauda por inutil e informe; si não se estava petrificando em uma pura negação, refractaria a todo o carinho, a toda a ternura da criação?... Elle tinha, eu disse, ricos materiaes em si, mas improprios para a mesma obra, para a mesma vida. Com menos qualidades, teria sido uma figura saliente; com menos fortuna, teria escapado á bancarrota... ou talvez com uma qualidade mestra, suprema, dominando e con-

tendo as outras, teria sido elle mesmo e não a serie de *outros* que preferiu ser.

Infelizmente, ha sempre uma lacuna em nossas organisações, um vicio, um erro em nossa formula. As raças levam seculos a se formarem; nós, Sul-Americanos, que aspirámos no seculo XIX á vida superior, quizemos nascer antes de tempo e por isso ficámos todos falhos. Os melhores deixam um sulco; nenhum deixa uma obra. Puelma pertence a essa lista de insignes *manquês*, politicos, litterarios, philosophos, artistas, que compõem os nossos dictionarios de biographia nacional. Isto lhe pesaria pouco ouvir ou confessar...

Deus, porém, apaga as falsificações do seu desenho, toda a nossa *errata* ao seu traço, e do que elle esboçou em Puelma ainda hoje estará contente... Inimigo pessoal de Deus! Para mim que estou no extremo opposto das suas idéas, sua exuberancia, a espontaneidade, o *crystallino* de sua alma, desprezando *systemas* e *assimilações* de toda a ordem, foi um dos mais bellos espelhos em que vi reflectir-se a acção infinita, que é o amor... Que importa negasse a Deus, si todo elle palpitava do seu sopro? Que eram todos os problemas que o attrahiam, todo o *mysterio* que o cercava, o mel que brotava de seu coração ao menor toque de *sympathia*, a adoração pela mãe, a divinisação da filha, sinão *attracções*, *affinidades* divinas em sua alma? Não sei explicar esta *illusão*, mas eu sentia que a sua natureza *sahira* das mãos de Deus, que era *authentic*a; pareceu-me em alguns dos seus momentos interiores, *insondaveis*, que Deus trabalhava nelle, como trabalhou em Adão. Havia nelle para mim um *quid* de primeira creatura

Eu comprehendia, *mutatis mutandis*, que Adão fosse assim... No entanto, *nada* na sua vida exterior, publica, apparente, justifica essa minha impressão. Os seus partidarios, os seus conhecidos, os seus intimos mesmos não a comprehenderão siquer. Porque, com que fim, Deus se preoccuparia delle, trabalharia especialmente nelle? Quem sabe? Na criação a parte do apparentemente inutil, sem objecto, é infinitamente maior do que a do que tem um papel, uma função conhecida. •

ELOGIO DOS SOCIOS DO INSTITUTO (1)

(1898)

• GARCEZ PALHA. — PEREIRA DA SILVA
COUTO DE MAGALHÃES. — JOÃO MENDES DE ALMEIDA
PADRE BELLARMINO DE SOUZA

Este anno, senhores, o Instituto Historico pagou um bem pesado tributo á morte; primeiro, Garcez Palha e Pereira da Silva; em seguida, Couto de Magalhães e João Mendes de Almeida; por ultimo, o Padre Bellarmino. Estes nomes mostram em que extensa área o Instituto vae buscar os seus associados e tambem o egual apreço que, uma após outra, as gerações que se succedem têm pela sua escolha. Em nossa barca funeraria estão desta vez representadas, entre as cinco sombras que a guarnecem, não menos de cinco regiões distinctas do paiz, e ainda maior numero de vocações, pois todos elles representaram mais de um papel na vida. Entretanto, senhores, si esses nossos saudosos consocios eram por profissão,

(1) Discurso lido na sessão do Instituto Historico de 15 de Lezembro de 1898.

gostos, espirito, matizes provincianos ou pessoas, quanto possivel dissemelhantes, todos têm o mesmo ar de familia, que é o vosso, o do Instituto... porque a verdade é que todos aqui se parecem. Desprezadas as circumstancias fortuitas, a influencia da carreira de cada um, do meio a que se tiveram de adaptar e que portanto reflectem, todos elles sentiram a mesma inclinação para o passado, o mesmo desejo de viver a vida extincta da sua terra ou da sua classe em epochas que para todos nós já pertencem puramente ao dominio da imaginação. Tomae os quadros navaes de Garcez Palha, os perfis historicos de Pereira da Silva, as chronicas de João Mendes de Almeida, as excavações indigenas de Couto de Malgalhães, e a ancia de illustrar-se no meio de vós e de vos ser util do Padre Bellarmino ; não vos parece tudo isso a divisão do mesmo trabalho em serviços e especialidades diversas, a actividade mesma da colméa? Observando bem, não acreditaes que o conviver com outra geração, entre outros costumes, outras idéas, outro modo de ser, foi a aspiração occulta de cada um delles? que neste sentido elles pertencem como vós á ordem de espiritos, semelhantes á hera, que se prendem de preferencia ás ruinas? Elles agitaram-se longe deste recinto, mas era no Instituto que estavam para elles a paz e a serenidade; era a esta sombra que se acolhiam quando pensavam em deixar um nome ou crear uma obra que lhes sobrevivesse algum tempo... É isso que lhes dá a todos a physionomia que chamei vossa, a dos devotos do velho Brasil, para os quaes o Instituto será sempre o primeiro santuario, quando mesmo deserto e silencioso.

O primeiro, Garcez Palha, é official de marinha;

tem o fogo sagrado da sua vocação, fogo que o consome e calcina. É um inspirado do mar, da eterna sereia que só ama os heróes; um apaixonado de sua classe, apaixonado vibrante, que soffre e se contrae dolorosamente deante do indifferentismo exterior, da distancia a que a vida actual se colloca, quasi que **systematicamente**, de tudo o que parece epico, do que pôde dar ao organismo a emoção impessoal, a sensação do inconsciente, da combustão em qualquer das chammas divinas, para elle, a da patria. É por essa paixão, seu sentimento dominante, que escreve as *Ephemerides Navaes*, *A Marinha de Guerra na lucta da Independencia*, os *Combates de Terra e Mar*; que reanima a Bibliotheca e funda o Museu da Marinha; que rege na Escola naval a cadeira de historia e tactica do mar; que redige a *Revista Maritima*; que traduz os *Aphorismos Militares* de Fincatti e tantas outras lições de mestres, para uso da nossa armada... É um discipulo aproveitado dos seus chefes, os que se illustraram na guerra do Paraguay, aproveitado, porque tem em gráo superior a faculdade eminente que fórma as grandes escolas: a veneração; não é um presumpçoso que se acredite o ponto de partida de uma serie; sua ambição é que não venha a morrer nelle, mas que passe além por seu intermédio a tradição que foi posta á prova e produziu grandes feitos, deixou grandes nomes. Sabe aferir o valor dos commandantes, medir a envergadura de cada um; distingue tão bem, como si se tratasse apenas de differençar a escuna do brigue ou uma bandeira de outra, quem é proprio para obedecer de quem é proprio para mandar, o que saberia preparar, coordenar a victoria do que poderia em um impeto arrancar-a ao

inimigo, o homem da disciplina do homem do momento,... e como não é um ambicioso precoce, nem um intrigante ousado, mas um entusiasta, dedica-se ás figuras que o fascinam, e que são aquelles a quem no seu entender se poderia com mais segurança entregar a honra da classe, ou no momento do perigo o pavilhão que responde por este immenso territorio. Como official de marinha Garcez Palha póde ser julgado pelas suas admirações.

Infelizmente são profundas as influencias que impedem em nosso paiz, desde longo tempo já, a crystallisação perfeita da vocação desinteressada, qualquer que seja, militar ou religiosa, litteraria ou scientifica. As vocações chamadas desinteressadas não o são tanto que se contentem sómente com a realisação do seu ideal ; em regra, ellas precisam encontrar sympathia, conforto, estímulo ; precisam da presença, do interesse dos espectadores ; de sentir que os applausos, a approvação, são espontaneos, sinceros e competentes... A marinha, como o exercito, soffre ha muito entre nós de doenças, algumas dellas até parasitarias, que fizeram desanimar ou aberrar muitos dos que entraram nella com verdadeiro entusiasmo e abnegação ; mas o naufragio das carreiras que mais promettiam, o eclipsar-se de mais de uma estrella em que Garcez Palha adivinhava o centro de um futuro systema, não quer dizer que elle se enganasse sobre o valor das vocações... Quer dizer apenas que elle conhecia melhor a theoria do genio e da coragem do que a physiologia das paixões, ou que no calculo da orbita de cada um prescindia das intervenções externas, fosse o patronato, fosse a revolução. Seu instincto, porém, era seguro. O commandante que

o attrahisse, o inspirasse, podeis estar certos, tinha em si o magnetismo da gloria, quando mesmo ainda não revelada. Em quasi todos, entretanto, a revelação se tinha feito ; traziam um nome ou um titulo que lhes tinha sido dado pelas balas inimigas.

Para um homem assim, deve ter sido uma cruel provação o ter atravessado a mais critica de todas as phases para a nossa marinha... Esperemos, senhores, que a lembrança desses antagonismos e dessas dilacerações se apague de todo... Esse, estou certo, era o supremo desejo de Palha. Uma armada dividida entre si, um exercito incompativel com ella, querem dizer, de quem quer que seja a responsabilidade, sempre litigiosa, dos factos, a annullação do paiz perante o estrangeiro, o seu indifferentismo pelas defesas nacionaes, isto é, por sua propria existencia. É preciso, disse o grande pensador americano Emerson, tanta vida para conservar como para crear. Está-se sempre em perigo, em situação delicada, á beira da destruição, e não se pôde escapar sinão pela invenção e pela coragem. É este o sentimento que eu tenho hoje da nossa independencia ; para conserval-a é preciso a mesma previdencia, a mesma energia, a mesma resolução heroica, que foi preciso para crea-la ; para dizer toda a verdade, é preciso ainda mais, muito mais. Antigamente havia o equilibrio europeu ; hoje trata-se do equilibrio do globo. O Velho Mundo se está tornando extraordinariamente compacto e nós estamos terrivelmente dispersos. A soberania das nações, como a do povo, o direito e as outras chimeras desse genero que o *seculo da liberdade*, que está acabando, ideou na sua adolescencia ao sahir da lucta napoleonica e amou na sua madureza, agora na sua velhice

parecem esvaecer-se entre os sarcasmos e a irrisão dos fortes, como a ultima ingenuidade dos fracos. É desse ponto de vista que devemos conjurar as nossas divisões mais profundas... Archivemos esse doloroso episodio em que está, talvez, o germen fatal que roubou á marinha Garcez Palha, como lhe roubou tantos outros. Napoleão dizia em Santa Helena: « O successo da minha carreira consistiu em ter eu sido sempre uma amnistia viva. » A amnistia politica, porém, mesmo a mais sincera e leal, ainda não é a perfeita; a perfeita amnistia é a da historia... Aqui, senhores, não entram as paixões que azedam as fontes de todas as causas e os motivos ou pretextos de todas as luctas... Nós esterilizamos os acontecimentos antes de os usarmos.

Talvez por esse mesmo sentimento de que para defender a nossa posição a nossa marinha de guerra precisará egualar e mesmo exceder o esforço da Independencia, foi que Palha pensou em escrever a biographia do Marquez de Tamandaré, cujo valioso archivo lhe foi confiado. Tamadaré, Joaquim Marques Lisboa, é o elo que prende a marinha daquella epocha á da guerra do Paraguay, como Caxias o que prende os exercitos dos dois periodos... No meio da angustia mortal pelos soffrimentos de sua classe era uma consolação para Palha reviver os dias brilhantes de outr'ora, sobretudo os da Independencia, posta fóra de questão pelos navios de Lord Cochrane, o Lafayette sul-americano, o heróe da emancipação brasileira como da chilena, o qual transmite o seu influxo a essa possante cadeia dos Grenfell, Taylor, Jewett, Sheperd, Crosbie, Clewleg, Norton, Hayden, Manson, Eyre, Inglis, Parker, Carter, Steel, Browning,

Thompson, Mac-Erwing, Cowen, e outros, deixando em nossa marinha a indestructivel tradição ingleza que a manteve e á qual directamente se filiará o golpe de Francisco Manuel Barroso no Riachuelo... Em Marques Lisboa, Palha encontrava a tradição de disciplina, de vigilancia, de intelligencia, de altivez, de audacia, de valor, dos que se formaram naquella grande escola... Era um prazer, que todos já antecipavamos, esse de lêr a vida de Tamandaré, contada pelo biographo escolhido por sua digna filha... A morte, porém, o surpreendeu quando começava a recolher as reliquias para as quaes tinha de cinzelar a urna, e elle passou por sua vez, deixando em todos a impressão de que a marinha perdera nelle um dos seus filhos queridos, talvez da nossa geração o que maior zelo tinha por suas tradições e seu esplendor... Aquelles que o conheceram de perto apreciaram-no pela constancia e inteireza da sua lealdade para com ella, o que quer dizer que sua vida merece não ser esquecida na Escola onde se formam os nossos aspirantes... Ella é a melhor lição que elles possam receber...

Essa nova phase da Independencia, senhores, foi tambem a que mais fascinou a Pereira da Silva, que se fez seu historiador e que por isso recebeu do seu tempo o titulo de historiador nacional. Com effeito, depois da morte de Varnhagen, é elle quem arrecada essa grande herança jacente. A obra historica de Pereira da Silva começa do nosso passado colonial com o *Plutarcho Brasileiro*, encerra quadros do seculo xvi, como *Jeronymo Corte Real*, e do seculo xvii, como *Manoel de Moraes*; é insistente na figura de Thomaz Antonio Gonzaga e na Inconfidencia; mas

toda essa primeira parte é fragmentaria : onde elle constróe o bloco é da Independencia até os nossos dias, pela *Historia da Fundação do Imperio*, a do *Segundo Periodo do Reinado de Pedro I do Brasil*, a da *Menoridade de D. Pedro II*, e por ultimo as recentes *Memorias de meu tempo*, que vêm de 1840 até quasi a sua morte. É uma obra extensa, como se vê, pois vem seguidamente de 1800 a 1886. Dessa obra póde-se dizer que não ha outra igual : quem não quizer recorrer a ella tem que possuir uma verdadeira bibliotheca, porque ninguem mais escreveu a narração seguida dos acontecimentos desde antes da independencia até o fim quasi da monarchia.

Para o primeiro reinado póde-se trocar Pereira da Silva por Armitage e para os annos que precederam a independencia, por Varnhagen ; mas para o periodo da regencia e depois ? Qual será, porém, o lugar dessa historia na posteridade ?

É um lugar provisório, permitti-me dizel-o, porque nesse trabalho todo ha antes juxtaposição que elaboração e não ha critica, nem criterio certo ; mas, nem porque terá de ser substituida, deixa a obra de ter valor relativamente á sua epocha, á nossa epocha, em que nenhum outro se abalçou a fazer o que elle fez e que era preciso fazer. De certo com o seu modo de compôr, e além disso de corrigir as provas, numerosos enganos de datas e de factos inçam os seus volumes ; elle escrevia historia em viagem, em hotéis, nas escrevaninhas dos bancos, e naturalmente, com esses habitos nomadas, não podia recorrer a bibliothecas e archivos, nem sequer a livros de consulta ; feitas, porém, essas e outras concessões á critica, os seus volumes são ainda o melhor aperitivo que existe

entre nós para os que têm que estudar a historia. Reconhece-se, lendo-o, que elle ignorava muita cousa; mas reconhece-se tambem a massa ainda maior do que todos ignoram e que elle sabia... Ao menos elle tinha noção de todo esse passado, de todas essas figuras. Si foram diversas do que elle as desenhou para o povo, pelo menos não ficaram esquecidas. A que mais poderia elle aspirar? Escrever uma obra definitiva, de informações precisas, de vistas originaes, antes que ser um simples batedor da historia? Elle dizia que cada um tem a sua missão; a delle, por gosto e temperamento, era outra. Póde-se fallar delle com a liberdade com que elle fallou de Rocha Pitta, cujo papel tanto eleva. No seu ensaio sobre o illustre bahiano, Pereira da Silva exigira para o verdadeiro historiador tantos predicados que se comprehende que elle desistisse de o ser e tenha preferido a narração rapida dos acontecimentos á authenticação de cada um, á reconstrucção organica, cellular, da raça, da sociedade, dos personagens, das instituições, que é o que faz um Mommsen, um Curtius, um Fustel de Coulanges. Elle era sómente um vulgarizador, mas um vulgarizador convicto; o que queria era ser lido pelo maior numero; que a massa tivesse a mesma impressão que elle, as mesmas imagens que recebia ao manusear rapidamente o passado. Tinha a alma de um impressor, de um Guttenberg, antes que a de um Niebuhr.

O nosso illustre consocio soffreu como escriptor as consequencias da sua avaliação por demais modesta de si mesmo. Não teve toda a ambição que podia ter mostrado e que nelle seria justificada. O que falta em sua obra é o estylo, que elle mesmo tão bem definiu

« o mysterio do escriptor ». Não faz escolha nem de idéas nem de expressões; no entanto, em muitas paginas vê-se que só lhe faltou para ser escriptor o tempo de o ser, a pausa no escrever; que só não foi um estylista porque quiz ser um desenrolador de factos; que só o indifferentismo pela fórma o impediu de tel-a. Póde-se acaso censurar essa indiferença? É muito difficil dizel-o. Nós podemos enganar-nos, e isso acontece a todos, sobre o valor das nossas proprias qualidades; imaginar que o que tem o nosso cunho viverá por elle, quando esse cunho nenhuma originalidade tem, e por outro lado podemos pensar erradamente que não temos fórma, que não podemos aspirar a ter a nossa propria marca, que o melhor que podemos fazer é dar as nossas impressões das cousas, dos factos, dos personagens, para que que outros as aproveitem e modelem. Pereira da Silva enganou-se deste ultimo modo... Eu estou convencido de que, si elle se apreciasse melhor, teria deixado trechos que seriam lidos por tanto tempo quanto muitos dos que elle tomou de outros e imbutiu em suas obras, e teria deixado retratos que viveriam pelo traço do pintor. Ninguem fallou melhor do que elle de D. Francisco Manoel de Mello, essa grande figura do seculo xvii, nem do Padre Vieira... Ha movimento nos seus quadros, como, por exemplo, o da côrte de D. Maria I; ha nelle um homem de gosto, um homem de espirito, e tanta imaginação quanta é preciso; tem, porém, só o prurido, não a ambição litteraria. Dae sua obra a um artista para refundil-a e ficareis surpresdidos... O panno é bom, é superior; o feitto é que é sempre o mesmo; seus personagens vestem-se todos de roupas feitas elle não toma a

medida a nenhum. É um armador que não muda nunca o estylo das suas sanefas... Não ha negar, elle teve certa prevenção contra esses a quem chamou de *escriptores excellentes e mãos historiadores*, comprehendendo nelles Tito Livio e João de Barros. O que elle faz nos differentes livros, de que seu nome parece hoje viver, é macerar, castigar o poeta, o *dilettante* que se encontra nas obras de sua mocidade, quando voltava de Weimar, traduzindo Schiller. Nestas reconheceréis por vezes o tom de *Adolphe*, de *Werther*, de *René*, e sentireis que só dependeu d'elle aprofundar o seu proprio « mysterio » para ser um escriptor; confiar nas faculdades desconhecidas que tinha em si...

Sua escolha, entretanto, foi talvez a melhor... Si elle não é procurado pelo homem de letras que se deleita em uma forte pagina, em um traço profundo e illuminado, como o de um Burckhardt, é um companheiro util para quem quer travar conhecimento com o nosso passado, um *cicerone* habil... Sua vida foi assim utilissima; elle distribuiu o pão da historia aos milhares; são poucos os que sabem mais do que elle nos ensinou; elle é o mestre de primeiras letras da nossa historia constitucional, unica aula que ellas tiveram até hoje... E quando teremos outra? Quando apparecerá o espirito capaz de revêr e de refazer a obra de Pereira da Silva? Não será decerto tão cedo, e até lá elle ficará sem competidor... Não temos mais o espirito que suscita o historiador nacional; nem o interesse, a curiosidade publica que este satisfaz. Não é pela agitação em que tenhamos acaso entrado, porque a agitação é ás vezes vivificante; é pelo exgotamento da imaginação e pela tal ou qual fluctuação do

sentimento de patria... Nesse sentido, com a morte de Pereira da Silva ficará por muito tempo vago o primeiro *munus reipublicae* de nossas lettras, a sua mais bella dignidade.

Couto de Magalhães é antes o homem da nossa pré-historia, como se diz hoje. Decerto ha nelle outro traço profundo, o enthusiasmo por tudo o que é militar, que diz respeito ao exercito ; mas o que lhe escravisa a imaginação, constitue aos seus olhos o seu eu, sua causal, e se torna o *cartouché* de seu hieroglypho intimo, é a fascinação pelo mundo aborigene, o amor por todas as gradações do sentimento, da alma primitiva, em suas misturas com outras raças.

O que faz a toada do seu ouvido, o que elle retém como a expressão de seu proprio sentimento, são algumas « quádrinhas », todas ellas (a phrase é delle) « ouvidas entre milhares de outras, quando nas longas viagens, nos ranchos de S. Paulo, nas solitarias e desertas praias do Tocantins e do Araguaya ou nos pantanos do Paraguay, meus camaradas ou os tripolantes de minhas canôas mitigavam com ellas as saudades das familias ausentes, ou as tristezas daquellas vastas e remotas solidões ». Outros, a brilhante geração sua contemporanea na Academia, têm o espirito cheio dos versos de Lamartine, Hugo, Musset, Vigny; para elle o seu poeta favorito, o seu Gonzaga inedito intraduzivel, é o sertanejo contando ao silencio da natureza as ingratições, ou como approuve a Camões, as *pretições*, do amor.

Quanta laranja miuda ;
 Quanta florinha no chão ;
 Quanto sangue derramado
 Por causa dessa paixão!.

É essa a poesia que elle leva na alma por toda parte... Visita os castellos da Escossia, e vendo dansar nos solares da velha nobreza dos Stuarts o *scottish gig*, lastima que não se danse mais o *cateretê*, « *essencialmente paulista, mineiro e fluminense* », tão « *profundamente honesto e religioso* », que elle o filia a Anchieta... E como a dança indigena, a agilidade na lucta, o arremesso e a fuga do corpo, que lhe parece estar representada hoje pelo capoeira, cuja arte quizera vêr ensinar em nossas escolas militares como a arte nacional. Preferia dizer Iguassú a dizer Rio da Prata, Paraná-Pitinga a dizer o Amazonas, Pindorama a dizer o Brasil, e com as suas armas modernas sacrifica a Anhangá, o genio da caça.

Que será, senhores? — uma aposta comsigo mesmo, ou a inspiração da terra, da vida, do ambiente, da alma das florestas, rios e solidão? A conquista do interrogador pela esphinge que elle foi descobrir, do curioso pelo segredo que se lhe revelou? Todos nós, trazemos, como o gaulez, um collar — o do maior captiveiro da imaginação. Onde a imaginação ficou presa, ahi ficou o homem... Em certo sentido, todo o aborigenismo de Couto de Magalhães é uma phantasia... A alma que elle empresta ao selvagem não é a alma rüdimentar; é a interpretação do fundo primitivo por um civilisado, que entra nas aldeias do Araguaya cheio de idéas de anthropologia, sociologia, mythologia zoologica, *folk-lore*... Não se póde impunemente recuar na evolução humana, fazer-se adoptar por uma tribu selvagem, como Clodio se fez adoptar pela plebe... Essas fórmas intensas de vida primitiva de nossa propria determinação são sempre aberrações perigosas... Ainda nos desertos do Oriente ha o

grande scenario da Biblia; ha a bella poesia de uma civilisação completa, que a certos respeitos não foi excedida; ha uma das eternas soluções do problema divino, o unico. Comprehende-se um Wilfrid Blunt, um Burton, um Palgrave. Entre os indios, porém, na nossa selva, quando não ha a grande vocação do catechista, que trabalha para Deus, do naturalista, que trabalha para a sciencia, que estimulo, que alimento ha para a nobre vida moral do homem?

Couto de Magalhães não se tornou decerto um Robinson Crusoe; esteve sempre ao alcance do vapor, da estrada de ferro, do telegrapho, com o seu livro de cheques no bolso. Era um falso desterro. Elle dominou o seu interesse pela vida selvagem com a sua curiosidade pelas cousas da intelligencia... Voltou da floresta com o espirito industrial, que lhe trouxe a riqueza, a qual de certo foi para elle uma poderosa diversão. Nos ultimos annos praticava o indianismo, não mais nas cabeceiras do Tocantins ou nos proprios dominios do caapora e do curupira, mas em S. Paulo, á margem do Tieté ou no club da Caça e da Pesca, cujas collecções historica, militar, anthropologica, reflectem a extensa variedade dos seus gostos e conhecimentos... Pela imaginação, elle amou sempre mais que tudo o indio; o indio foi o seu *cherimbabo* (o animal que o indio cria), amou-o tal qual é. « Cada tribu, disse elle uma vez, que nós aldeamos é uma tribu que degradamos, e que por fim destruimos, com as melhores intenções, e gastando o nosso dinheiro. » Sómente o seu espirito era variado demais para ceder todo a essa paixão, que, aliás, como eu disse, dá o cunho á sua vida... Foi um homem de cultura, a quem todas as revelações interessavam... Ainda ha

pouco, o seu programma para a celebração do nosso 4º centenario mostrou a originalidade inventiva que desde o seu livro *O Selvagem* o destacava de todos...

Nenhum outro livro dá como esse a impressão magistosa e solemne do Brasil desconhecido e impenetravel, cujas fumaças elle divisou do alto da esplanada do Paredão... Elle foi mais do que pensava ser, mais que o Ollendorf do nheengatú : foi o *aedes* das lendas tupys. Nem mesmo Gonçalves Dias respira como elle o ardor, o enthusiasmo dos guerreiros da taba. E uma figura, senhores, que pertence ao romance americano e que só Capistrano de Abreu e Fenimore Cooper poderiam juntos reconstruir...

Elle pertence ao Instituto como actor e como auctor, como actor porque fez historia, como auctor porque a escreveu... Seu passo está ainda intacto em porções desertas do nosso interior ; circumnavegou o Brazil aléste do Araguaya e do Tocantins ; percorreu as duas grandes bacias, do Amazonas e do Prata, e como que as ligou ; o seu nome está associado á campanha que retomou Matto-Grosso dos paraguayos e da qual elle teve a responsabilidade. Foi um sementeiro de vida, um motor ambulante ; por onde passava fazia apparecer a actividade, o movimento, a idéa... O seu contaggio era o da perenne elaboração do espirito. André Rebouças poude comparal-o a Livingstone e dizer que homens como elle appareciam de seculo em seculo. Si a morte o não houvesse levado tão cedo, em toda a força e robustez do rejuvenescimento a que assistiamos, não se pôde dizer o que a anthropologia brasileira não teria devido ao seu apprehendimento, á sua invenção, á sua munificencia... Era uma intelli-

gencia dotada de fortes e delicadas antenas, recolhia innumerous factos, penetrava-se de sciencia e de erudição á vontade, quanto quera, sem que isso lhe custasse. Dependeu de muito pouco o não ter elle sido um *leader* : pelo temperamento e pelo character era um iniciador, um progressivo, um inimigo do atrazo, um emancipador, um liberal, e teria sido com esses predicados^d um segundo Tavares Bastos, com a imaginação a mais, si o tivesse querido. Outras cousas, porém, encantaram-no mais do que a politica, e elle verdadeiramente nunca entrou nella; preferiu ser o que foi, um dos brasileiros mais interessantes do seu tempo, mais originaes, mais notaveis, do ponto de vista universal.

Bem diverso dessa combinação singular era a do dr. João Mendes de Almeida. Neste o que predominava era a identificação da figura com o quadro; era a exuberancia da vida objectiva, sem nada que o attrahisse para fóra do seu elemento, que diminuísse o seu orgulho, a sua felicidade, de perfeito exemplar de sua raça. É que elle, desde que começa, vive da vida dos camaradas, dos desconhecidos, com quem se allia para fazer carreira e servir o partido. Attráe dedicações, inspira sacrificios, pede ao amigo, ao correligionario, ao transeunte, tudo o que elles lhe podem dar — o voto; mas em compensação escravisa-se a elles, e o seu sacrificio por elles é absoluto. Elle é quasi sempre um rebelde; faz vida politica á parte, tem a sua esphera de influencia exclusiva, trancada, hostile a qualquer intervenção, e um voto dado a elle pôde custar ao eleitor a perda ou renuncia do emprego, o que quer dizer a miseria, mas elle recolhe toda essa pobreza ao seu patronato, são seus clientes; a sua *gens*

crece enormemente á medida que o ostracismo dura, e mesmo para elle nunca a proscripção se interrompe... O povo assiste annos seguidos a essa sua existencia de cousa publica; elle não tem vida propria, não pôde fechar a porta, não tem horas de comida, não tem direito ao somno; só ha de descansar, morrendo; e é esse indiviso do chefe com a grey, com os que valem só por elle, durante as duas gerações em que S. Paulo, de pequena *ædes* academica, attinge a actual culminancia; é essa communhão perfeita que erige por sua morte no frontispicio da cidade o seu brazão popular. Elle é um desses chefes por nascimento, que têm consciencia do seu poder de attracção, um desses que devem ter em redor de si um fluido especial, que os Roentgen do futuro hão de poder photographar, que os torna centros, magnetes de grande força, que lhes dá uma extensa cauda, mesmo quando atravessam, como os cometas os espaços glaciaes e vastos, epochas de indifferentismo e abatimento. No fundo elle seria sempre um nucleo de resistencia a todos os partidos, porque pela sua impregnação catholica, de partidario do *Syllabus*, que confessa e predica, teria sempre pela frente partidos progressistas, para elle mais ou menos revolucionarios, mais ou menos schismaticos. Só com a quêda da monarchia veria todos os da sua opinião curvar-se ao seu prestigio; só tem jurisdicção quando fica chefe *in-partibus*, porque então ninguem mais lhe disputa o dominio... A um partido que não pleiteia o poder, que se limita a não se immiscuir na politica, a abdicar, elle pôde dar leis sem receio de contestação. Dahi, porém, nelle que era por essencia um luctador, um combatente, a transformação que causa essa ultima phase... A irreallidade da nova

lucta insensivelmente o penetra; acreditando-se ainda um politico, elle se vae tornando pouco a pouco um vidente, um propheta. Com effeito, senhores, a politica é a transformação continua, e quem não quer mudar, acompanhar o tempo, logo se petrifica... Quem faz da politica uma religião, sáe d'ella, é um anachoreta; pôde ser um stylita, viver sobre uma columna, não está mais no fluxo e refluxo da opinião, no vertice da corrente... É uma bella divisa o *manet immota fides* de João Mendes, mas não é um lemma de bandeira... *C'est beau, mais ce n'est pas de la guerre!* E bello, mas não é mais politica.

O homem publico que prefere resolutamente, como elle, acima de tudo o interesse da Egreja, tem que se inspirar só na politica do Evangelho. Sabeis qual ella é. É muito simples. É dar a Cesar o que é de Cesar, para que elle dê a Deus o que é de Deus. O catholico militante em politica, como João Mendes, não pôde ser inimigo por systema de instituição alguma; só o pôde ser accidentalmente. Si abre mão *in perpetuum* da alliança com os poderes de facto, não estará impedindo a Deus de ter alliados, de servir-se dos instrumentos que elle mesmo suscitou?... Não se pôde ter dois senhores, quando se serve a Egreja. Por mais que lhe custasse, elle tinha que preferir um Garcia Moreno a um D. Pedro II... Elle só podia querer a monarchia como restauradora da fé; *sinão. não.* A monarchia para elle não era assim uma forma de governo sómente; era um estado social completo, regido pela *Somma* de S. Thomaz. Entre a monarchia sem ideal catholico, sem a preocupação da Egreja, e a republica, não fazia differença. Em substancia, o que elle era, era sómente um

catholico; tudo mais era accessorio, corollarios politicos que tirava da sua premissa religiosa, meios de alcançar o seu unico *desideratum*. É assim que se pôde medir a verdadeira distancia a que elle se acha das idéas que hoje se respiram. Elle foi um desses politicos que trabalharam, não por uma epocha ou por um paiz, mas pela eternidade e pelo homem... Por circumstancias diversas, pelo antagonismo talvez que encontrou, nunca tendo tido uma parcella de governo, refugiou-se no absoluto; suas soluções tomaram o cunho da intransigencia... A restauração da monarchia era apenas o prologo que elle imaginava da acclamação que unica tinha o dom de interessar-lhe, a acclamação do Christo triumphante... Os politicos propriamente ditos fluctuam de uma situação para outra, obedecendo á lei da conveniencia e da necessidade, mas os que representam a perpetuidade dos systemas, esses não se pôdem mover do seu lugar... A mão de Deus como que pesa docemente sobre elles, para os conservar até a morte na posição que devem occupar perante as futuras gerações...

O Instituto soffre, senhores, uma perda sensível com o dr. João Mendes, que enriqueceu a sua *Revista* com importantes memorias... Elle só foi *A Guarda Constitucional* de 1871. Seu nome está inscripto no pedestal da lei de 28 de Setembro, da qual, dia por dia, foi o analysta. Só quem leu aquelles artigos durante a campanha pôde avaliar a utilidade que tiveram; eram como o oleo deitado sobre as ondas em torno do navio, permittindo-lhe romper a salvo a tempestade.

Com o Padre Bellarmino estamos, senhores, como que em frente de uma gaiola onde se ouve cantar um passaro do sertão; a gaiola é o sacerdocio; o pas-

saro é a alma nostalgica, leve, melodiosa, que havia nelle. Sua bagagem litteraria é muito pequena... é a descripção de uma visita do Bispo do Ceará, em 1884, ao sul da provincia; é a *Breve noticia sobre a fundação da Capella de Nossa Senhora do Rosario na cidade de Souza* e alguns artigos publicados no *Apostolo* e reunidos em folheto... O que elle nos deixou é, porém, profundamente interessante como expressão de uma alma que parece uma pura exhalação da nossa natureza. Não são mais do que notações muito simples, infantis mesmo, da sua adolescencia e mocidade; mas são tão distinctas que reproduzem a emoção do facto, do lugar, da vida intima do povoado... Não é um psychologo que escreve, um observador de si mesmo; são reminiscencias ingenuas como as proprias impressões, mas por isso mesmo suggestivas e preciosas... Sua natureza póde ser comparada a esses campos onde elle cresceu, inteiramente aridos e crestados durante a secca, mas que de repente, ao primeiro orvalho que cáe, ao primeiro sorriso do inverno, se cobrem por encantamento de flôres. Quando atravessava mãos tempos e encontrava o afastamento, a altivez, o escarneo em redor de si, ella como que se esterilisa e se empedernia na superficie; desde, porém, que lhe cahia sobre a alma uma palavra de sympathia, que sentia o interesse, o apreço, a bondade procurando-o, toda ella era renascimento, miragens, sensibilidade... Ao Instituto elle não podia trazer contribuições de erudito, de investigador, de sabio, que não era; dava-lhe, porém, toda a sua dedicação, todo o seu entusiasmo. Ao vêr o seu ardor, dir-se-hia um pequeno David prompto a deitar por terra qualquer grande Goliath; uma palavra, porém, o de-

sarmava. A doçura está em seus sermões, em sua de clamação suavemente emphatica, em suas pequenas illuminuras mysticas, no próprio latim, que elle se affeiçoou. A vida não lhe foi toda ella carinhosa ; mas elle teve momentos de alegria angelica, e em um desses, por uma graça de Deus, morreu... Morreu sorrindo á Irmã que o tratava na Santa Casa... Estaes vendo o quadro ? Não vos parece, senhores, desses que só Deus mesmo desenha ?

« Não sei porque, escreveu elle, tenho o espirito naturalmente inclinado ás impressões religioss... » É que elle nunca sahiu do circulo da infancia, desse tambem regaço materno, que é a terra do berço.

Elle mesmo refere, como que a tirando do seu sacrarario intimo, uma crença da sua cidade de Souza : a lenda das ovelhas guardando a hostia consagrada no lugar onde um sacrilego a abandonara. Sua ambição toda foi ser como uma dessas ovelhas. As grandes instituições, como a vossa, senhores, precisam mais da ternura e do encanto dos simples do que do apuro dos exclusivos e dos refinados. Na sciencia, como na arte ou na religião, em tudo o que se alimenta de admiração e enthusiasmo, antes a candura do *badaud* que o enfado, o ennojo do *blasé*... Não devemos aqui estimular o orgulho intellectual, nem ao proprio Instituto serviria a soberba do talento...

Esperemos, senhores, que o anno que entra nos seja mais benevolo e na sua ceifa esqueça este Instituto... Nenhum de nós tem pressa de morrer. Todos queremos assistir á aurora do outro seculo, vêr em que dá toda esta crise que o mundo moderno atravessa. Ganhar tempo hoje em dia é uma grande cousa, mesmo em relação á morte, porque ella está encon

trando por toda parte adversarios, que, si não têm o poder de vencel-a, têm o de fazel-a grandemente recuar... Que milagres não têm feito os grandes santos da sciencia, os Pasteur, os Lister, os Roentgen! Com pouco mais sabe-se o que é a vida, e só se morre porque a propria corda divina acabou e não por se ter ella puido. Vivamos muito ou vivamos-pouco, porém, trabalhemos até o ultimo momento. Neste sentido os companheiros de quem hoje nos despedimos, pôdem nos servir de exemplo... A realidade da vida é cada um dar até o fim o que foi creado para dar, o bombyx dando a seda, a ovelha dando a lã... Trabalham em vão os que trabalham pensando na gloria. Imaginae um buzio dotado de consciencia, ouvindo o seu eterno ruido, não podendo descançar d'elle; eis ahi o homem glorioso... Não vos parece isso uma especie de supplicio? O mais prudente é passar pela gloria como a raposa pelas uvas, que estavam altas demais, e contentar-nos com o dever e o trabalho, que esses nunca estão verdes para quem os quer alcançar... Para o que trabalha, a vida em si mesma já é um bello periodo de nomeada; depois vem o da geração que nos sobrevive, depois o dos curiosos, que encontram o nosso nome esquecido em uma revista, em uma capa de livro, em um jornal, e nos descobrem, nos desenterram, até que afinal entramos para sempre no silencio, que é o reino dos humildes... Não vos parece isto bastante? O trabalho não expõe á decepção nem a desastre e não depende de decreto, de favor, de *coterie*... O nosso, senhores, como corporação, é conservar de pé as paredes deste templo, guardar e augmentar as riquezas do seu thesouro, encarnar, quando o tempo as haja desfigurado, as velhas imagens dos seus nichos...

Ainda ha pouco o dr. Eduardo Prado observava no Instituto Historico de S. Paulo a estreita relação da nossa historia com os grandes movimentos dos ultimos quatro seculos no mundo, e accrescentava : « Para o cumprimento, porém, do nosso dever de amar e de estudar a historia do Brasil não é preciso que ella seja como é, bella e grande. Basta ser nossa. » O mundo todo caminha para uma situação de que só não de.escapar as nações patrioticas... Não salvará a nenhuma o ardor de suas paixões politicas, si a temperatura patriotica, nacional, não fôr thermica, não fôr vital...

Ainda não pesou sobre uma geração brasileira responsabilidade como a que pesa sobre a actual. Nenhuma precisou de tanta prudencia, de tanta abnegação, de tanto discernimento, de tanta coragem, para conservar o seu posto entre as nações. Nenhuma viveu em um tempo como o que está começando, em que toda raça doente do patriotismo é logo uma raça interdita... O barometro politico está cahindo em toda parte... Pois bem : no meio de tantos naufragios provaveis só o que não sossobrará será o patriotismo. A nação patriotica, sã, profunda, virilmente patriotica, essa, por menor que seja, não desaparecerá... Nesta casa aprende-se a collocar a patria acima de tudo... Aqui está o velho palladium ! Ah ! É hoje que é preciso recordar o que vos disse em 1854 o vosso magno orador, Manoel de Araujo Porto-Alegre : « Um povo só é grande quando tem grandes exemplos e grandes reminiscencias ; a palavra reflectora do passado é uma harmonia fugitiva quando não edifica uma virtude no futuro. »

ALFREDO D'ESCRAGNOLLE-TAUNAY ¹

(1899)

Meus Senhores,

Venho trazer ao contemporaneo illustre que o nosso paiz acaba de perder, as derradeiras homenagens do Instituto Historico, ao qual elle pertenceu por tantos annos e do qual se separou na exaltação de um sentimento generoso, e onde por isso mesmo não diminuiu nunca o affecto e a admiração que todos lhe votavam; trago-lhe tambem a saudade da Academia de Lettras, para a qual é esta perda uma grande provação, porque elle não era só um espirito radiante, era para nós um centro, uma força de presença... Não posso, porém, depôr no seu tumulo esses tributos das duas Associações, uma, theatro de sua invejada mocidade, a outra, retiro do seu inconsolado declinio,

(1) Palavras ditas á beira do tumulo de Alfredo d'Escragnolle-Taunay, visconde de Taunay, no cemiterio de S. João Baptista, em 26 de janeiro de 1899.

sem dizer meu proprio adeus ao companheiro, ao amigo, de quem me separo...

Acho-me sob a impressão de que tudo isto é um sonho: imagino ainda Taunay vivo no meio de nós, não o vejo morto, e algum tempo passará antes que eu conceda á realidade todos os seus tristes direitos... É preciso sentirmos a sua ausencia em nossas reuniões, perdermos um a um os habitos que elle formou em nós, para, os seus amigos da ultima phase da vida, comprehendermos em toda a sua extensão o acontecimento de hontem, o alcance desta cerimonia... Não é no dia seguinte que eu pelo menos posso sentir toda a tristeza da data de 25 de janeiro, que para mim escurece o anno... É um amargo que tem que ser sorvido aos poucos... Mas o que se póde, sim, calcular desde já é a perda que soffre o nosso paiz, já tão reduzido em sua gloria, com o desaparecimento de Taunay. É o caso de perguntar: quem nos resta? Que outro nome nosso adquiriu direito de cidade em outras litteraturas? A dôr de nenhuma outra morte brasileira repercutiria tão longe e se espalharia tanto como a desta... Ah! eu sei que ha muito quem julgue facil fazer a *Retirada de Laguna* ou *Innocencia*. O mundo, o estrangeiro, porém, não o julga... O natural, o simples parece ao alcance de todos, e é o que está mais longe... Mas não é sómente como litterato que elle avulta: é como individualidade, é pelo conjuncto das qualidades e da acção, é pelo fluido que elle desprende, pela electrificação do ambiente em redor de si, pelas correntes que transmittiu, pelo volume de opinião que deslocou em seu tempo... Nesse sentido, Taunay foi um modelador do novo Brasil, que será o campo das migrações europeas, como o outro o

fôra das importações, e dos ultimos residuos africanos... É, mais que tudo, pela supremacia em sua vida da aspiração nobre, do elemento ideal, como si ella fosse o seu verdadeiro romance.

Sua figura fórma quadro desde a adolescencia até á morte. Elle começa como um joven atheniense combatendo pela patria em uma expedição longinqua, e logo escreve para principiar uma narração dessa retirada, que o fez comparar a Xenophonte... Na mocidade está ao lado de Rio Branco, de quem se torna o pregoeiro... Morto Rio Branco, elle é o seu proprio *leader*, o esboçador de uma politica aberta de attracção e incorporação do estrangeiro, a qual deixa na sombra tudo o que o liberalismo havia sonhado de mais amplo até então. No movimento da abolição, si a principio receia a avalanche, tem logo a coragem de separar-se do seu partido e apoia o gabinete Dantas. Por ultimo, depois de 15 de novembro, só pensa em *acabar bem*, de accordo com seu passado, e, o que mais é, comsigo mesmo, com seu temperamento, com seus instinctos, com sua tonalidade propria, e então como que resume sua existencia em engrandecer a memoria de D. Pedro II. É que o seu espirito precisava de uma grande affeição para se sustentar de pé... Elle sentia que sua epocha tinha acabado; que se havia tornado estranho á nova geração; que lhe era impossivel tomar parte outra vez na vida publica, — mesmo quando resignasse a idéa de restauração, — sem subscrever uma serie de condições que seriam a apostasia dos seus principios, si não a renuncia de seu cavalheirismo, e nessa inactividade forçada via atrophiar-se-lhe a imaginação e a iniciativa...

Ah! senhores, tenho medo de insensivelmente des-

lisar, e é forçoso que partamos d'aqui... Adeus, meu caro Taunay! Tu sabes, tu sentes que te tornaste para nós ainda mais querido do que eras, deixando-nos; que tudo o que diz respeito ao teu nome, á tua memoria, á tua obra, serão outras tantas reliquias que havemos de recolher preciosamente; que tua lembrança será um élo de amizade e sympathia entre os que te foram affeiçoados... A morte foi o *bon à tirer* que Deus deu á tua vida... Cada de um de nós quer agora o seu exemplar, a edição definitiva. Si morreste em um momento de tristeza, morreste ainda, entretanto, em uma epocha relativamente risonha, pensando-se no que vae ser a aspereza, a esterilidade da jornada que resta, e não creio que tenhas inveja de nós... Quanto a nós, querido amigo, aqui te deixamos, inconsolaveis, mas certos de que não ficarás um instante só... Tens bem perto André Rebouças, que ainda hontem acompanhavas a esta morada, e que não te deixará entrar sósinho no reino das sombras;... virão amanhã teus outros amigos, Carlos Gomes, Rio Branco, com os quaes poderás falar á vontade de Pedro II e da nossa terra... Ella pareceu-te mais bella do que o mundo e parecer-te-ha, estou certo, mais bella do que o infinito... É que teu amor por ella foi o infinito que cabia em ti... Tua vida parece um voto por tres gerações, feito pelos teus antepassados que um dia ella acollheu : alguma coisa acima e além da tua propria vontade... Um dia esse amor supremo, que foi tua inspiração, te será retribuido... O Brasil inteiro terá orgulho de ti, já o tem... Adeus, meu querido Taunay, adeus!

BARROS SOBRINHO (1)

(1899)

A morte ultimamente tem feito cada dia uma nova presa em roda de mim, dentro de mim : ante-hontem Rebouças, hontem Taunay, hoje Barros Sobrinho. Os dois primeiros foram nomes universaes no paiz ; o ultimo, porém, não era conhecido fóra do Recife, e é-me forçoso vencer a dôr da separação e gravar em alguns traços a sua imagem no instante mesmo em que ella se some, porque ella merece em todo o Brasil outro tributo que não o silencio. É este tambem o momento em que todos quantos o conheceram, esperam ouvir de mim palavras de apreço e de amizade sobre elle.

Barros Sobrinho foi em Pernambuco, durante a campanha abolicionista, uma figura preeminente, um personagem sempre em scena, um redemptor de escravos para o qual não houve talvez *dies sine linea*,

(1) *Jornal do Commercio*, de 2 de Fevereiro de 1899.

dia sem uma liberdade, um dos chamados *cupins*, que organisaram contra a escravidão a conspiração das barcaças... Porque, si o Ceará teve a jangada, Pernambuco teve a barcaça. A differença foi que as jangadas cearenses negavam-se a transportar até aos vapores os escravos vendidos para o sul, e as barcaças pernambucanas levavam para o norte os escravos fugidos da provincia. As jangadas da Fortaleza, com o signal — *no porto do Ceará não embarcam mais escravos*, fizeram a grève de 27, 30 e 31 de Janeiro de 1881, que, de episodio em episodio, chega ao 25 de Março de 1884, quando o Ceará se liberta quatro annos antes do Brasil. As barcaças, ao contrario, não é pela immobildade que luctam, é com as velas; não rejeitam os passageiros propostos, recebem quanto a sua tonelagem comporta, o dobro mesmo; fazem o contrabando dos livres com a mesma audacia com que se fizera outr'ora o contrabando de escravos. Essa foi a obra do club do Cupim, que de certo não morrerá na tradição provinciana, e cujos nomes mais notorios eram João Ramos, José Mariano, Barros Sobrinho, Numa Pompilio, Guilherme Pinto, Nunda Fonseca, os personagens da peça popular de um actor, Thomaz Espiuca. Não sei bem si todo o abolicionismo do Recife tomava parte nas deliberações desse club; sei que era solidario com ellas e que todos auxiliavam as obras, facilitavam os embarques, aguardavam e guardavam as partidas. Como o abolicionismo era uma vasta rede espalhada por toda a cidade, é impossivel apreciar dedicações e serviços, porque ás vezes em taes casos os serviços mais importantes não transpiram e os auxiliares mais uteis ficam por modestia ou obediencia na

penumbra. Barros Sobrinho, porém, tinha entre todos uma *physionomia* particular, que merece ser notada. Era medico e utilisava-se da sua profissão para fazer mais facilmente transitar a perigosa, ou antes, a delicada carga que se tratava de exportar para o Ceará, o asylo seguro dos foragidos. Havia tanta franqueza e ao mesmo tempo dominio em seu semblante que a ninguem occorreria suspeital-o, apesar da sua fama, de estar disfarçando uma attitude ou encobrendo um plano no momento em que punha em execução uma dessas obras difficeis de salvamento. Tão simples e despretençioso quanto activo e dedicado, retrahido no que dizia respeito á sua pessoa e audaz nos conselhos e commettimentos, apaixonado pelas causas que servia e escravo sempre do dever, não medindo sacrificios, nunca pensando em si, nem mesmo nos seus, que adorava, quando se tratava de obra em que estivesse empenhado, Barros Sobrinho era tão geralmente respeitado quanto querido de todos os que trabalharam com elle... Póde-se dizer que no serviço dos escravos elle não attendia a nenhuma consideração pessoal; a campanha abolicionista poz fóra de questão para todos, amigos e adversarios, sua lealdade de caracter e modo exemplar de viver. Feita a lei de 13 de Maio, consagrou-se exclusivamente á familia, sobretudo á boa, graciosa e dedicada esposa, que foi como que a perola de sua existencia, a melhor metade do seu coração, e que logo a morte lhe tirou brusca-mente do seio, causando a lesão a que sem grande intervallo acaba elle agora de succumbir.

Barros Sobrinho era o typo perfeito de uma constituição cada dia mais rara. Desde joven traçára elle

mesmo a linha das suas pretensões na vida, e todas ficaram áquem da ambição ; seu ideal foi a felicidade na mediania e a mediania em tudo ; só de amor, de ternura dos seus, teve talvez sêde immoderada. Para tudo mais foi parco em seus desejos, como um philosopho antigo. « Á má fortuna só succumbem os que se deixaram illudir pela boa », diz o grande consolador pagão, que parece ter escripto para a nossa hora. A adversidade que destruiu a Barros Sobrinho foi a morte da mulher... Tambem elle não teve outra fortuna que lhe escondesse as suas contingencias sinão aquella presença fugaz ao seu lado ; essa, porém, entreteve-o no mais doce e profundo engano d'alma... De certo, elle nunca imaginou, elle que tinha expectativas de patriarcha, um tão rapido desemparceirar da sua vida e a consequente solidão, de que seus filhos não eram mais do que as lagrimas... Como a imagem lhe desapparecêra assim de repente do altar?... Acaso não teria sido ella mesma uma visão? Este foi talvez o seu pensamento intimo... Porque a verdade é que de D. Palmyra, que algum tempo tambem andou envolvida, mas como uma sombra, no movimento abolicionista, na *Ave, Libertas*, do Recife, póde-se dizer que ella não teve o passo, o equilibrio, as attitudes bem definidas de um puro habitante da terra ; parecia fluctuar, pisar de leve o chão como o anjo, pairar em um ether de bondade e de ternura, quasi compassiva, que era visivelmente uma região superior á nossa... Ella o envolveu toda a vida, bem como aos seus filhinhos, no seu manto de santidade... Sua mãe fazia vida religiosa em um convento da Bahia... Havia alguma coisa nella, na sua calma, na sua paciencia, na sua resignação, na sua fé, que não era do

mundo. « Não se póde exprimir a belleza de uma alma que morre na graça do Senhor », diz-nos S. Felippe Nery, que viu morrer muitos santos. Em vida mesmo adivinhava-se em D. Palmyra o brilho de uma alma que recebia os effluvios divinos para a lucta da vida e dos soffrimentos.

Depois d'ella Barros Sobrinho não tinha mais norte ; a estrella apagára-se no meio da tormenta, e elle sentia-se um conductor de orphãos para o desconhecido. Elle era de um pequeno grupo de amigos, affins do coração, que desde a minha passagem pelo Recife em 1884 quizeram em politica regular-se por mim, ser o que eu fosse. Digo-o em toda humildade e para descargo delles. Para onde, porém, os poderia eu guiar, não sabendo eu mesmo que direcção tomar, vivendo em um tempo, como os ultimos de Cicero, em que só o irresoluto é sincero comsigo mesmo, só elle realmente ama a liberdade e o paiz, só elle póde ter a religião da patria e a da consciencia ?...

A irresolução ! Só della não seria capaz a actividade do meu amigo. Seguir sempre um irresoluto, ainda era, da parte d'elle, resolução. Para nunca hesitar nem vacillar não basta fazer da abnegação, da amizade, a nossa divisa ; é preciso praticar na vida como elle o *ne sutor ultra crepidam* ; cingir-se ao dever de cada dia, deixar o futuro entregue a si mesmo, não abraçar nenhuma causa que possa atraiçoar as nossas melhores intenções... Servindo a abolição, elle tinha certeza de que não teria nenhum desgosto, porque servia a causa da eterna justiça. Praticando a caridade, espalhando os beneficios da sua arte entre a pobreza, multiplicando-se para ser util, elle não podia ter decepção... Essas são as causas que não trãem nunca

os que se dedicam por ellas... Muito differentes são os schemas, as alternativas politicas que se suscitam em um estado de profunda conturbação social, porque a prudencia, a sabedoria desses está no modo de os realisar, o que é quasi sempre obra dos seus contrarios... Não! Não seria elle que havia de querer jogar a partida, quem sabe si da propria independencia nacional, não contra homens como nós, mas contra o Destino, do qual a serie dos nossos governantes não são sinão os automatos que não erram uma jogada. A razão por que homens, como elle, não pôdem ser irresolutos, é que elles são os primeiros a renunciar a toda esphera de acção onde sintam que a constante irresolução seria para elles um dever de consciencia... É este tambem de ora em diante o meu caso, querido amigo. Ha muito que o conhecieis... *Secretum meum... tibi*. Quando um homem acredita, como eu, que o estado do seu paiz é tal, como se disse uma vez da França, que não pôde supportar nem a doença nem a cura, elle não tem mais papel em politica e deve refugiar-se nas ultimas esperanças que lhe restam, no que em seu paiz lhe parece ter ainda vida ou dever um dia resuscitar; na parte do genio nacional que acredita predestinada a contrastar a prematura decrepitude politica; a saber, no meu caso, as lettras e a religião. Ah! é uma grande consolação ter ainda esse asylo para quem pensa que a vida superior das raças, como a dos individuos, constste na fabrica, teia, ou labor, moral e intellectual, que chegam a produzir.

Não são demais estas palavras a meu respeito neste momento: uma vez prometti que quaesquer idéas ou suggestões politicas eu as transmittiria primeiro aos meus comprovincianos, e Barros Sobrinho não dese-

ava outra coisa sinão ser o meu intermediario... É a minha parte tambem um voto de amizade externar, com este adeus ao amigo, porque emmudece a voz de que elle queria ser o echo... Taes palavras são tambem o desafogo natural dessas tres mortes que tanto me contraem interiormente. A morte para nós nunca é para elle uma só pessoa, quando se trata de alguém a quem vemos em nosso coração uma parte igual á que tinhamos no d'elle. Si bem que parcial e limitada do lado de quem fica, é ella sempre de mais de um; é mais ainda, — de quantos formaram o mesmo fóco de affeição... *Jucundum est esse secum quam diutissime, quum quis se dignum, quo frueretur, effecit...* « É uma delicia demorar-se na propria companhia para quem soube tornal-a digna de si mesmo... » Quanto mais verdadeiro não é esse prazer de entreter-se consigo só para aquelle cujo coração se tornou em vida o columbario de tantas cinzas queridas e está todo elle cheio de inscripções, algumas gloriosas, outras que só a amizade póde decifrar?...

SOARES BRANDÃO (1)

(1899)

Devo á amabilidade do escriptor d'esta série e á do director d'*A Noticia* o privilegio concedido á amizade de ser eu quem dê o traço do conselheiro Soares Brandão na galeria dos ministros de Estrangeiros que esta folha está publicando. O que lastimo é não me ter occorrido pedir equal favor em relação a Villa-Bella (Domingos de Souza Leão), de quem Soares Brandão politicamente procede, como eu, com a differença que elle não recebeu só do nosso saudoso amigo o *fiat* parlamentar que eu recebi, recebeu tambem o molde, o rhythmo, o temperamento. Sem Villa-Bella, eu de certo não teria entrado para o Parlamento e não teria tido carreira politica sob a monarchia; Brandão, porém, mesmo sem elle, mais cedo ou mais

(1) *A Noticia*, de 23 de Maio de 1899. Ao deixar-lhe estas palavras de apreço, inspirava-me talvez o presentimento de que não tornaria a vêr Soares Brandão, que falleceu no 1.º de Setembro seguinte.

tarde, teria chegado á Camara, ao Ministerio, ao Senado, ao Conselho de Estado, e, combatendo um pouco a sua modestia, á Presidencia do Conselho, para a qual, pelo menos Saraiva, que pensava muito como o Imperador, dentro de alguns annos mais o indicaria de preferencia a qualquer.

É que as qualidades que lhe valeram a confiança de Villa-Bella lhe teriam conquistado a de todos os outros chefes com quem elle servisse, como conquistaram a do Imperador. «Sr. Soares Brandão, disse-lhe uma vez Martinho de Campos, quando Presidente do Conselho, não sei o que o senhor fez no Rio Grande do Sul, que sempre que trato de nomear Presidentes, o Imperador lembra-me logo o seu nome.» O que elle fizera é muito simples, dizer: fizera-se conhecer. A presidencia do Rio Grande, pela influencia de Silveira Martins, a quem o ligava sua admiração pessoal e sua gratidão pernambucana de *leão*, no tempo dos *leões* e *cachorros*, fôra a pedra de toque do seu quilate politico, das suas qualidades essenciaes, como a lealdade ao partido, dentro, porém, da auctoridade do *munus publicum* que exercesse; a affabilidade, e condescendencia natural do homem do mundo até o limite da sua responsabilidade; a dignidade de maneiras, a cortezia que não differenciava posições, simples, igual, espontanea, em todas as circumstancias; a reserva, o criterio, o sangue frio, o sentimento apurado da honra, a dedicação aos amigos, a sinceridade, na palavra e no silencio; a prudencia, o animo conciliador, o espirito arbitral de juiz que ficou sendo ainda depois de despir a toga.

Em politica, entregue a si só, elle seria o typo do

homem bem equilibrado, imparcial, equanime; a politica, porém, não admitte que ninguem conserve intacta a sua indole e natureza. O politico deve ter o temperamento médio do seu partido, e a vocação de Soares Brandão, sua marca, era a politica. Ainda assim, elle só fez as concessões que não poudé evitar, e na atmosphera tão viciada da lucta provinciana só se afastaram d'elle os exaltados, para os quaes passou sempre por *guabirú* pelas suas relações de familia com os Regos Barros e de amizade com os Souzas Leões.

N'esse tempo os artigos do moderado e commedido amigo de Villa Bella na *Provincia* mal se distinguiriam da linguagem apaixonada e vehemente dos outros redactores. Muito trecho seu de então o horripilaria hoje que elle se sente, cada dia mais, afastar do ardente liberalismo que professava n'aquelles tempos... Não tanto, tenho esperança, que se vá inclinando á escola da qual supponho ter sido eu quem descobriu o fundador e mestre incomparavel em Gomes de Campos, barão do Campo Grande, que julgava prematuras todas as reformas e innovações introduzidas em nosso systema politico desde a Independencia, inclusive a propria Independencia... A associação forçada do partido, a timidez natural dos provincianos deante dos homens e das coisas da côrte pela veneração que traziam e que só desaparecia quando por sua vez adquiriam aos olhos da provincia o prestigio de personagens do Imperio, a epocha agitada em que entrou para a Camara, a dissolução intestina dos partidos que produziu, pelo seu fraccionamento em grupos pessoaes, a decadencia do governo, onde no apogeo do Imperio só appareciam as capaci-

dades e as influencias, não consentiram que elle guardasse em politica todos os seus traços, alguns dos quaes trocou pelos do partido, da epocha, ou dos acontecimentos.

Por isso sua individualidade não teve tempo de afirmar-se e de ser conhecida, e foi infelizmente no retrahimento forçado dos annos que se seguiram á quéda do Imperio que o seu espirito, isolado do meio politico, readquiriu a côr nativa que a politica partidaria sempre destróe, e chegou a toda a sua livre expansão... N'esses annos foi que eu mesmo vim a conhecê-lo intimamente, e posso dizer que não conheci o seu igual... Não ha em suas affinidades d'essas inexplicaveis incoherencias que fazem que o homem aspire, por assim dizer, ao mesmo tempo, a subir e a descer. Não se formam precipitados em sua natureza intima; toda ella, sob qualquer reactivo, fica transparente e crystallina. Tambem sua vida passou-se na torre de marfim do seu primeiro e unico ideal: elle collocou sua ambição de moço em um sonho, em um amor, tão alto que, realisado, foi para elle o perpetuo encantamento...

Vivemos muito perto e muito juntos estes ultimos seis annos, meu querido Brandão, e o que acabo de imprimir não é um cliché instantaneo; é a placa exposta dia por dia ao mesmo objectivo e dando sempre a mesma imagem... Muita vez temos divergido, nossa attracção politica não tem sido ultimamente a mesma; a sua é cada vez mais para o passado, a minha é antes para me conciliar com os novos des-

tinios, quaesquer que elles sejam, do nosso paiz. Na sinceridade da nossa convivencia diaria essa differença ha annos se accentúa em discussões sem fim... Ninguem melhor do que V. póde attestar a transformação insensivel do meu espirito, que se reflecte em *Balmaceda*, na *Intervenção Estrangeira*, em *Um Estadista do Imperio*, porque a acompanhou *pari-passu* em nossas conversas intimas. Para mim conto entre minhas felicidades a nossa convivencia em um periodo em que a amizade se nos afigurava a ambos como o cumprimento do nosso ultimo dever publico. A sorte, pelo meu lado, interrompeu essa illusão, chamou-me á actividade, á mobilisação patriotica, fez um appello ao mesmo tempo á minha consciencia e ao meu pessimismo, leu-me uma pagina do *Kriton*, citou-me a maxima de Burke: «os deveres não são voluntarios», e assim durante um largo intervallo, si Deus me dér vida, não nos communicaremos sinão pelo telegrapho sem fios de duas memorias amigas que se procuram nas mesmas reminiscencias e se encontram na mesma saudade... Eu me contentava bem, entretanto, com o exemplo que dei, e quizera que me fosse poupada, depois d'elle, a expatriação; satisfazia-me a liberdade que conquistei: de servir o meu paiz sem captiveiro algum partidario; o ser-me licito fazel-o quando o entendesse... *contentus ero mihi licere*... Infelizmente, é nas vespervas da partida que escrevo estas linhas, com este inexprimivel sentimento, — o inverso talvez do de Bruto ao deixar Marcello no desterro, — *visum sibi se magis in exsilium ire quam illum in exsilio relinqui*: parecendo-me que não sou tanto eu que parto, como V que fica, o verdadeiro expatriado. Até quando será assim? Até á morte? E depois? De geração em geração?...

O paiz, esse, não morre; e ficará elle eternamente olhando para os monarchistas patriotas, como o grande rio para as esphinges meio enterradas na areia do deserto?

SOUZA CORRÊA (1)

(1900)

O saudoso amigo de quem hoje nos despedimos para sempre, não cultivou sinão aquillo que não dá celebridade : a affeição dos que amava, o esmero nos deveres de seu officio, a mesma singeleza de trato, por mais que o elevassem... Elle foi um dos cinco ou seis casos, observados por mim, que me deram a idéa, — sei bem que é uma superstição, — de que os filhos cujo amor pela mãe foi absoluto, têm a sua recompensa aqui mesmo... Quem sabe si esse amor, essa união de sorte do orphão com a mãe viúva, entregue sómente ao seu tão precario amparo, não foi o que deu a feição definitiva ao seu destino ?

Ter bastado á mãe, ter podido servir-lhe de apoio até o fim, não poder impedil-a de lhe ser reconhecida,

(1) Palavras proferidas em meu nome ao dar-se sepultura em Pariz aos restos do meu velho camarada João Arthur de Souza Corrêa, fallecido em 23 de Março de 1900, em Londres, onde era Ministro do Brasil.

foi o seu verdadeiro orgulho na vida. Nesse ponto ter-lhe-hiam achado o coração intumescido de prazer, hypertrophiado de gratidão... Depois disse que accrescentar? Seria, porém, injusto não dizer uma palavra sobre a sua carreira...

Ao fallecer, Souza Corrêa estava no primeiro plano da nossa diplomacia... Esse caminho elle não o fez graças sómente aos velhos amigos de seu pae, aos illustres protectores que teve, aos mestres que o formaram nas tradições da antiga diplomacia, e ao seu longo tirocinio; o exito foi sobretudo devido á sua rara flexibilidade, á calma e lucidez do seu juizo, ás medidas exactas que tomava, em cada negocio, para o calculo das probabilidades, á boa acolhida que lhe faziam nas diversas Chancellarias, que não são sinão o prolongamento ou o reflexo da alta roda de cada paiz, e ao seu manejo dos personagens, facil, natural, porém sempre discreto, de igual a igual, mas sem nenhuma pretensão... Nesse sentido uma circumstancia o favoreceu sobre todas: entre as amizades que soube crear e conservar, longos annos mesmo, intactas, — e que amizades! algumas eu conheci em, vi o que ellas tinham de affectuoso e de delicado, — elle teve a fortuna de poder contar a do Principe de Galles, que lhe deu provas de verdadeira predilecção...

A « sociedade » era até bem pouco tempo uma só em toda a Europa, — hoje até ella parece ameaçada pelas paixões que separam os diversos paizes, — e quem era acceito no seu circulo mais exclusivo, qualquer que fosse o logar onde recebesse a iniciação, pertencia em toda a parte a ella. Foi assim que Souza Corrêa, no intervallo que passou em outras

Legações, encontrou sempre o mesmo agasalho que em Londres, frequentou como intimo o ultimo recesso da aristocracia. Essa posição, excepcional do ponto de vista mundano, não o deslumbrou; muito menos quiz elle nunca deslumbrar os outros com ella; não fez para conserval-a o sacrificio de nenhuma de suas relações, de nenhuma das suas idéas; não fingiu ser o que não era : a encarnação de tradições, selecções, e preconceitos que não existem no nosso paiz; guardou sempre a independencia do seu modo de viver, de sentir e de pensar, o direito de não regular os seus affectos e os seus habitos pelo manual do perfeito *snob*... E foi esta talvez a principal seducção que elle exerceu : saberem-no simples, natural, sincero comsigo mesmo, e portanto com o mundo que o acolhia...

Corrêa não deixa obras nem actos que prolonguem por muito tempo a vida do seu nome... Mas quem o conheceu, sabê que elle não era susceptivel á aspiração de nomeada na vida, e muito menos na morte. Tudo o que fazia era em cumprimento do seu dever, e isso lhe bastava. Tinha a tempera e o temperamento dos funcionarios de escola, que só ambicionavam a aprovação dos seus superiores, e para quem todo o desejo ou pensamento de notoriedade, qualquer preocupação de applauso externo, tudo o que quebrava o character impessoal uniforme e anonymo do serviço publico, era já indisciplina. Assim para elle tudo está acabado d'este lado do tumulo. A gloria, abrangendo nessa palavra todas as reputações posthumas, é a sombra da vida; sua vida não deitará sombra sobre a terra... Estou certo de que elle estimará ser esquecido com os que amou, e que já viviam sómente em seu

coração... Nos modos de comprehender e sentir a belleza da vida, não entrou para elle o prazer de ser lembrado pelas gerações estranhas e desconhecidas do futuro, que acabam confundindo a todos. Ao que elle aspirou, sim, foi a não ser esquecido até o fim por um só dos que lhe eram caros... Não o será de certo... Comnôco, porém, sua lembrança desapparecerá de todo : deixae-me dizer que é uma grande pena.

CONGRESSO ANTIESCLAVAGISTA

DE PARIZ

(1900)

Senhores, vejo que o assumpto que tive a honra de ser convidado a tratar perante esta illustre reunião, foi formulado assim : *A lucta antiesclavagista no Brasil...* Pois bem, hoje que me acho a certa distancia dos acontecimentos, minha impressão, pelos menos no sentido de divisão nacional, é que não houve lucta... A abolição no Brasil teve um character particular. Não veiu como nos Estados Unidos depois de uma grande guerra civil que não podia ter outra terminação. Não foi devida á generosidade para com seus colonos de uma nação opulenta, como a Inglaterra, que pôde resgatar-lhes os escravos. Não foi nem, como em França, a consequencia de uma revolução republicana, que tinha á sua frente Lamartine, o mais eloquente dos defensores da emancipação; nem, como na Russia, a obra de um autocrata libertador, a

cujo nome está ligada a lembrança da transformação social mais vasta e mais consideravel do seculo. Em cada paiz a extincção da escravidão teve traços distinctos e realisou-se de modo differente : no Brasil ella foi um movimento espontaneo, uma corrente de opinião e de sentimento mais forte que os interesses, uma especie de renuncia intima da lucta por parte dos que teriam podido desafial-a, e assim uma victoria pacifica, uma emoção nacional crescente, que apagou em uma semana até mesmo a lembrança da instituição que tivera sempre o Estado e as leis por vassallos.

Tres, quatro golpes certos e profundos foram desfechados sobre a escravidão no Brasil. O primeiro, o de Eusebio de Queiroz, em 1850, seccou-lhe os mananciaes africanos, o trafico, tão importante que emquanto foi tolerado não se levavam quasi em conta os nascimentos. Depois, em 1871, veiu a lei Rio Branco, que declarou nascidos livres desde sua data os filhos de escravos. Era o fim de outro trafico, a que um dos nossos oradores chamou « a pirataria em roda dos berços ». Em seguida veiu a lei de 1885, reduzindo o prazo do captiveiro a pouco mais de uma dezena de annos, e quasi immediatamente depois a de 13 de Maio de 1888, que o extinguiu no mesmo dia.

A abolição do trafico e a emancipação das creanças por nascer foram dois actos exclusivamente politicos, inspirados um e outro aos estadistas, — sobretudo ao Imperador, que os sustentou com todo o seu poder, — pelas necessidades da situação nacional deante do mundo, pelo gráo tão adeantado da nossa civilização e pelo cuidado do futuro. A agitação popular, como motor distincto da razão de Estado ou da cons-

ciencia dynastica, não começa sinão em 1879 ou 1880. A escravidão tinha ainda legalmente mais de um seculo deante della, com dois milhões de corpos e de almas humanas em sua posse... As almas, ella não contava. Quando nos alistámos, acreditavamos todos nós que a campanha duraria além de nossa vida, mas no fim de alguns annos cada um recebia a sua baixa... Como explicar que um resultado politico e nacional de taes proporções fosse obtido de modo tão prompto e tão imprevisto, sinão pelo concurso geral do paiz, pela desistencia da lucta e defesas de que se podiam cercar, por parte dos proprios interessados? Não tinha havido guerra civil, nem indemnisação, nem revolução republicana, nem *ukase* imperial. É dizer que o paiz não se dividira; que se assistia apenas á marcha de uma idéa deante da qual os proprios obstaculos se convertiam em degrãos e as represas dobravam a força da corrente.

É preciso não imaginar que os propagandistas brasileiros correram perigos que teriam corrido os abolicionistas norte-americanos, si se lembrassem de convocar *méetings* na Virginia ou no Kentucky. A principio eramos apenas alguns, mas esses poucos bastaram para agitar a idéa até á sua primeira façanha popular, quatro annos depois, e nesse dia considerámos ganha a partida...

Os escravos do norte erão exportados em massa para o sul, onde os preços eram quadruplos. No Ceará, para chegarem a bordo dos paquetes que os levavam para os mercados de venda, elles tinham que ser trazidos na pequena embarcação chamada jangada. Movidos pelos abolicionistas, cujos chefes eram João Cordeiro e Amaral, os jangadeiros, com um chamado

Nascimento á frente, negaram-se a transportar a carga humana. Houve *grèves*, quasi combates, mas a cabotagem negra foi bloqueada, e a escravidão, fechada na provincia, dentro em pouco desapparecia por um esforço de amôr-proprio local, pelo desejo do Ceará de ser a primeira provincia de sólo livre do paiz. A jangada, o pequeno soalho á flôr das ondas, o destroço fluctuante no qual os pescadores percorrem os mares verdes do norte do Brasil, tornou-se o symbolo abolicionista.

Dentro de pouco era ella acompanhada pela barçaça de Pernambuco, outra especie de vela que faz o transporte do assucar entre os pequenos portos. Por seu officio e suas relações ao longo da costa, as pequenas equipagens d'essas pequenas embarcações, eram proprias para auxiliar a fuga dos escravos e sua installação em outras localidades. Os abolicionistas do Recife que formavam sob a direcção de João Ramos o *club do cupim*, a pequena formiga branca que tudo penetra e tudo toca invisivel, serviram-se d'ellas para o exodo que haviam imaginado. O escravo fugitivo escondia-se no fundo de uma d'essas barçaças, graças á cumplicidade geral da classe pobre, disfarçado em carregador de assucar, ou vendedor d'agua, e desembarcavam-nodias depois em logar seguro. Em S. Paulo, no Sul, não era mais a embarcação da costa, mas o *caminho do ferro subterraneo*, como se dizia nos Estados-Unidos... Um homem, o dr. Antonio Bento, pelo character o John Brown brasileiro, estava á frente desse movimento na provincia mais rica do paiz, e o escravo não tinha que ir longe para escapar. Bastava passar de um municipio para outro, e não tinha que temer nem o faro dos *bloodhounds* nem a carabina do

apanhador de negros... Mencionei a fuga dos escravos, mas este foi um dos menores factores da obra, e devo accrescentar que o escravo fugia por si mesmo; a alternativa, para o abolicionista em cuja casa elle buscava um refugio, era fazel-o partir ou escondel-o. Eu li o *Kriton*, o dever do cidadão é obedecer ás leis da sua patria, mas eu duvido que Socrates empregasse os mesmos argumentos que para elle, condemnado á morte, no caso do escravo a quem se offerecesse a liberdade pela fuga. E uma razão sufficiente para não terem applicação ao escravo, é que o methodo pratico da escravidão era o desconhecimento de todas as leis criminaes e moraes, e assim, recusando a liberdade, o escravo não provaria submeter-se ás leis do seu paiz, mas á violação d'ellas. Tudo isso prende-se ao impulso cearense.

A emancipação do Ceará foi o acontecimento decisivo para a causa abolicionista. O effeito moral da existencia de uma provincia livre, resgatada e desde então fechada para a escravidão, foi immenso, e o effeito politico immediato. Estavamos em 1884. Um dos dois grandes partidos constitucionaes, o partido liberal, adheriu logo a uma idéa que tinha realisado tal milagre sem dispôr de nenhuma outra força sinão da emoção que ella levantava, e formou-se um novo ministerio, o ministerio Dantas, votado á emancipação. Esse ministerio foi batido nas eleições que se seguiram á dissolução da Camara, mas nem por isso a idéa deixou de sahir menos triumphante do pleito, porque se impoz aos vencedores colligados contra ella. Três annos depois era a conversão do outro grande partido, o partido conservador, que sob o ministerio João Alfredo-Prado propunha a abolição immediata.

O projecto de lei, redigido em uma só linha : *É declarada extincta a escravidão no Brasil*, foi apresentado na segunda-feira, 7 de Maio de 1888, na quinta-feira tinha passado na Camara quasi por aclamação, e no domingo o Senado o levava á sancção imperial, que a Princeza Regente assignava no mesmo dia, em 13 de Maio.

A historia da abolição é escripta no Brasil de dois pontos de vista differentes. Uns querem vêr nella um movimento popular de tendencias revolucionarias, que acabou por forçar o governo e a dynastia, e ou fazem della um impulso inconsciente, das massas, dos espiritos e dos corações, ou, os que podem abstrahir da politica, a encarnam na pessoa de José do Patrocinio, jornalista, orador, agitador popular, mistura de Spartaco e de Camillo Desmoulins, tendo nas veias o sangue das duas raças, na palavra as queixas de uma com todo o poder de expressão da outra, e que, verdadeiramente, representou o impeto, o sopro, a espera e a exigencia do espirito popular durante essa campanha. Outros, por isso mesmo que a abolição, reforma das mais vastas consequencias para o governo e para as instituições, foi effectuada sem attritos e quasi sem dilações, como uma obra nacional realisada espontaneamente, pensam que se deve contar entre os grandes factores que a produziram, todas as influencias sociaes e politicas predominantes no paiz, e dão á dynastia uma grande parte no resultado, por sua iniciativa no verdadeiro começo (1871) e sua coragem e dedicação no fim (1888).

Com effeito, para bem medir o valor de cada uma das influencias que concorreram para a extincção da escravidão no Brasil, o historiador não se limitará á

campanha de 1879 a 1888; tomará a instituição, não tal qual era nos seus ultimos dias, mas sim no momento da sua maior força e fecundidade, isto é, antes de 1871. Em 1871 a escravidão recebeu o primeiro golpe directo pelo emancipação das creanças por nascer. Digamos que essas creanças até á maioridade eram de facto escravas e que o resultado liquido da lei foi sómente que não nasceriam mais no Brasil si não escravos até aos vinte e um annos; ainda assim o seu effeito liberatorio, estendendo-se a gerações sem numero, é incomparavelmente maior do que o da lei de 1885, que operou sobre uma geração sómente, e o da lei de 1888, que apenas recahiu sobre os poucos annos que a escravidão ainda pudesse durar... Pois bem, esse primeiro e immenso contingente para a obra da abolição não foi precedido de nenhuma agitação, de nenhum sopro que percorresse o paiz, foi resolvido inteiramente na esphera governamental, e a influencia maior que o quiz e que o determinou, foi incontestavelmente a do Imperador. Tambem, quanto ao ultimo acto, quando a escravidão tinha ainda aquelles poucos annos de duração, mas podia, si a lucta tomasse outro character, ensanguentar a nação no seu paroxysmo, a decisão de precipitar-lhe o fim veiu da Princeza Regente, a qual, como a Amazona antiga, foi ella mesma ferida no combate.

Senhores, posso fallar livremente... Nenhum regimen soffreu nunca por ter feito justiça inteira a seus predecessores. Antes de tudo, é dever, dever moral por excellencia, deixar cada homem, cada classe, cada instituição, beneficiar tão largamente quanto possivel do bem que fez, da medida e da justiça que realisou... Eu teria comprehendido tão pouco sob a

monarchia que não se lhes dêsse o grande quinhão que lhes pertence aos precursores da Independencia por a terem elles querido sob a fórma republicana, como comprehenderia sob a Republica que se quizesse por antagonismo politico reduzir a parte que pertence á dynastia na segunda emancipação do paiz... A força das instituições não é sinão o sentimento que ellas têm da continuidade nacional. Deante da Princeza Regente que, presidindo a Sociedade Anti-esclavagista Franceza, continúa ainda o papel que lhe veiu a tocar na historia, não preciso dizer que não ha sinão um sentimento no paiz a respeito do 13 de Maio, que é hoje uma festa nacional. A qualquer partido ou nação que se pertença não é licito experimentar sinão o commum sentimento humano deante da herdeira de um Imperio que sabendo ser fatal, ou pela expansão natural da corrente democratica após a queda da escravidão ou pelo resentimento inevitavel da grande propriedade desapossada, a oscillação do throno no dia seguinte á abolição, si não fosse mesmo submergido pelo encontro e junção das duas correntes contrarias, soube entretanto elevar-se acima de interesses, preocupações ou terrores dynasticos, e resolveu em um dia a libertação de uma raça...

Ahi está, senhores, o que foi a lucta antiesclavagista no Brasil. No sentido de espirito theorico inveterado, expansionista, como se viu nos Estados-Unidos, não houve esclavagismo no Brasil. O esclavagista de hoje era amanhã o emancipador, em massa, dos seus escravos, como no primitivo christianismo os perseguidores da vespera tornavam-se os martyres do dia seguinte... A esses esclavagistas emancipadores, a esses senhores resignatarios, cabe uma das mais bel-

las menções na historia do abolicionismo brasileiro, si não são de facto elles que formam a mais bella originalidade d'elle.

Esqueço, porém, que não estaes aqui para olhar para traz e só para caminhar para deante, e não quero acabar sem associar-me, em nome dos abolicionistas brasileiros, á obra que promoveis. A abolição no Brasil não foi uma chamma que tivesse espalhado sómente um curto clarão local; por uma circumstancia especial, antes de apagar-se ella transmittiu-se ao facho que brilha sobre o mundo... Por occasião do jubileu sacerdotal de Leão XIII, os Bispos do Brasil pediram que as offertas ao soberano Pontifice tomassem a fórma de doações de liberdade. Era tocar profundamente o coração do Santo Padre, e a resposta foi a admiravel Carta aos Bispos Brasileiros, em que o assumpto todo da escravidão foi tratado com o fervor de um apostolo e a imaginação de um poeta; de modo que quando o cardeal Lavigerie chegou a Roma em 1888, encontrou Leão XIII animado, para a cruzada antiesclavagista da Africa em que o ia investir, de um tão grande ardor e resolução, como si o exterminio do trafico e da escravidão devesse ser considerado, entre tantas outras grandes aspirações, a idéa do pontificado, *la pensée du règne*. Assim, senhores, vossa obra é a continuação directa da que nós concluímos na America, e vossa parte é ainda mais meritoria, porque não tendes para com a raça africana a mesma divida que nós.

Ah! permiti-me render aqui á raça negra, pelas mesmas palavras, o mesmo tributo que já uma vez lhe rendi... É um tributo de reconhecimento, e do reconhecimento póde-se dizer o que Lacordaire disse do

amor : que elle só tem uma palavra e que, dizendo-sempre, não a repete nunca. Combati a escravidão com todas as minhas forças, mas no dia em que ella foi abolida, senti que um dos mais absolutos desinteresses de que o coração humano se tenlia mostrado capaz; não encontraria mais as condições que o tornaram possível... Quando penso na alma escrava, que conheci na infancia, pergunto a mim mesmo si a escravidão, a domesticidade do homem, não teria sido a origem de toda a bondade no mundo, e a escravidão se me figura um rio de ternura, o mais silencioso que atravessa a historia, mas tão largo e tão profundo que todos os outros, o christianismo mesmo, parecem proceder d'elle... Quanto ao christianismo, não poderia haver duvida. É uma onda immensa de abnegação e de amor que a escravidão derrama no seio do christianismo nascente. Sem a escravidão elle não teria talvez encontrado em redor de si sinão a secca e a esterilidade e as sementes da caridade, cahindo das mãos de S. Paulo, teriam talvez ficado perdidas... Dir-se-hia que a religião do resgate humano precisava de ter escravos como seus primeiros clientes. Tambem é no serviço desinteressado, na absoluta dedicação, no reconhecimento provado dos escravos para com seus senhores, que as primeiras egrejas acharam o typo das verdadeiras relações do fiel com o Christo. Daquelle contacto infimo foi que resultou a ambição suprema : ser escravo de Deus. O escravo tornou-se um symbolo como o cordeiro. A aspiração á perda completa da liberdade em Deus, que é o traço christão invariavel, não significa sinão que o amor do escravo foi julgado o amor por excellencia... Entre nós Deus tambem conservou o coração do escravo, como o do

animal fiel, fóra do alcance de tudo que o pudesse revoltar contra a sua dedicação. Perdoae-me, senhores, esta reminiscencia, mas pela minha parte eu não trocava por nenhum outro o primeiro contacto da minha vida com a raça generosa entre todas, que a desigualdade da sua condiçã) enternecia em vez de azedar e que por sua doçura no soffrimento emprestava até mesmo á oppressão de que era victima um reflexo de bondade... Oh! essa não suspendeu os seus instrumentos nas arvores do paiz estrangeiro para não repetir no captiveiro os cantos do tempo em que era livre... *Super flumina Babylonis* ella cantou, e de suas palavras, de suas lendas, *verba cantionum*, espalhou-se em torno de nós um sentimento de gratidão pelos menores beneficios e de perdão para as maiores culpas... Esse perdão, espontaneo, completo, da vida do senhor pelos escravos reconhecidos é a unica prescripção possivel para as nações que cresceram pela escravidão, sua unica esperança de escapar a um dos peiores taliões da historia... Oh! a nobreza authentica das gerações de martyres que se succederam no captiveiro, os Santos pretos! Possam elles ser sempre os intercessores pela terra que, mesmo embebendo-a do seu sangue, abençoaram com o seu amor (1).

(1) Ver o capitulo *Massangana* em *Minha Formação*.

MOÇÃO DE AGRADECIMENTO Á MESA
DO CONGRESSO

É-me summamente grato secundar o voto proposto por Sir Th. Fowell Buxton, um nome que mostra bem na Inglaterra, como o de Broglie em França, que a causa abolicionista é muitas vezes uma causa hereditaria. O nome de Buxton appella para a recordação dos abolicionistas do mundo inteiro como sendo o do continuador de Wilberforce, o do philanthropo que no seu leito de morte, ao saber da grande victoria, agradecia a Deus ter vivido bastante para ver o Parlamento inglez votar vinte milhões de libras para a extincção do captiveiro.

Faço-o com tanto maior satisfação quanto o venerando presidente do Congresso, Monsieur Wallon, é um nome respeitado pelos abolicionistas de todos os paizes. O seu livro classico sobre a escravidão antiga formou duas gerações de abolicionistas e formará outras ; o exemplar que eu possuo foi o de meu pae, e em todos os Parlametos onde a questão fôï tratada nos ultimos trinta annos, recorreu-se largamente ás lições d'essa admiravel obra, que teve assim o privi-

legio de ter sido, ao mesmo tempo que uma obra de pura erudição antiga, uma obra de propaganda moderna, e poder-se-hia dizer de combate, pois ella forneceu aos partidarios da emancipação um immenso *stock* de idéas, — que foram as suas unicas armas.

Acceite a Mesa do Congresso os agradecimentos dirigidos aos seus membros, illustres por tantos titulos, e que juntos representam a grande foco, o Instituto, donde reflecte sobre o mundo o genio da França (1), como dirigidos á sua grande nação. A França, nos ultimos annos, perdeu tantos nomes universaes, dos que se impõem á admiração e ao amor de toda a humanidade, que bem podem quantos ignoram os seus recursos julgal-a exausta de genio. É um perigo a que ella não está exposta, porque o genio da França é impessoal, e o segredo d'esse genio, da fonte occulta que constantemente o renova, devemos procural-o nos livros e trabalhos, como os de Monsieur Wallon sobre a antiguidade : é que a França substituiu para o mundo Athenas e Roma e é por ella que continua a grande civilisação latina.

(1) O Cardeal Perraud e o duque de Broglie, ambos da Academia Franceza; M. Wallon, Secretario perpetuo da Academia de Inscriptões e Bellas-Lettras; M. George Picot, secretario perpetuo da Academia de Sciencias Moraes e Politicas; MM. Arthur Desjardins e Lefèvre-Pontalis, membros do Instituto.

BANQUETE AO BARÃO DO RIO BRANCO

EM LONDRES

(1901)

Reunimo-nos hoje, senhores, para festejar a grande victoria do Brasil perante o tribunal arbitral de Berna. Sahir de um arbitramento sem deixar nas mãos da outra parte sinão uma nesga do immenso territorio disputado é uma incomparavel conquista diplomatica. A probabilidade é que a sentença de 1º de Dezembro só foi possível porque o tratado de 1897 impediu as partilhas e compensações, obrigando o arbitro a declarar qual tinha sido o rio Oyapoc do tratado de Utrecht. Si não fosse isso, muito provavelmente teria prevalecido o espirito de transacção e a fronteira teria sido traçada pelo Calçoêne ou pelo Amapá. Mas por esse mesmo facto que o tratado do Rio de Janeiro forçou o juiz a entregar a região toda a uma das partes, uma região, si olhardes para o mappa, que desce quasi á margem esquerda do Ama-

zonas, podeis medir o perigo que corremos, a gravidade que uma sentença desfavoravel teria para nós, e a responsabilidade portanto do defensor a quem foi confiada a nossa causa.... O arbitro era obrigado a dar ao Brasil ou tudo ou nada, e ao barão do Rio Branco devemos o ter-nos sido dado tudo..... Foi um risco enorme, um perigo immenso em que estivemos, mas sahimos d'elle com todo o nosso territorio illeso, graças á escolha do nosso representante.....

Foi uma admiravel escolha, que reflecte a maior honra sobre o governo ou os governos que a fizeram..... Foi uma immensa fortuna para o Brasil possuir no momento em que os seus limites tiveram que entrar em litigio, tanto no Sul como no Norte, um defensor como a nossa causa não teria encontrado igual em nenhuma outra epocha..... E dizendo isto, tenho consciencia de não diminuir em nada o nome de Uruguay, de Pimenta Bueno, de Paranhos, de Joaquim Caetano da Silva.... D'este póde-se dizer que a victoria de 1° de Dezembro foi, em grande parte, sua... Ninguem faz nada de grande, senhores, por si só, e uma parte consideravel da grande tarefa de Rio Branco elle a encontrou feita pelo sabio que dedicou a madureza, a epocha fecunda e creadora do seu espirito, a essa obra hoje immortal para os Brasileiros, *L'Oyapoc et l'Amazone*, e com a superioridade propria do homem que tem consciencia do seu valor, Rio Branco mesmo foi o primeiro a reconhecer-o e a proclamal-o levando perante o tribunal arbitral a Joaquim Caetano, morto, como seu collega de defesa, associando-o ao patrocinio da nossa causa..... Porque não foi outra cousa o que elle fez, offerecendo aos juizes como parte da nossa defesa a obra de Joaquim Caetano, reeditada e

anotada por elle..... Isto foi um rasgo de nobreza do homem, ao mesmo tempo que um rasgo de genio do advogado, porque o que caracteriza Rio Branco como defensor das grandes causas historicas e nacionaes de que se encarrega, é a inventividade dos recursos que elle põe a serviço d'ellas. O que não lhe occorrer em defesa, em justificação ou em exaltação do Brasil, não occorrerá a nenhum outro. Para a posteridade a sentença de 1º de Dezembro ligou os dois nomes de Rio Branco e Joaquim Caetano da Silva... Podemos, senhores, orgulhar-nos da sentença que elles conseguiram, porque é uma sentença que não receia a revisão do futuro, — irrevogavel emquanto durarem as obras que um e outro deixam, os verdadeiros monumentos que levantaram....

Quantas medalhas poderíamos cunhar em memoria d'este facto! Quantos assumptos se offerecem! Uma seria o duplo perfil de Rio Branco e Joaquim Caetano... Outro a imitação do antigo colosso, tendo um pé nas Missões e outro na Guyana.... Para os amigos, porém, a mais grata de todas as inspirações seria a que representasse sob o mesmo laurel o pae e o filho, o pae emancipando as futuras gerações de escravos, o filho reconstruindo em todo o antigo contorno historico a carta definitiva do Brazil....

Grande gloria, senhores, fortuna de arrancar a todos que são capazes de emoção as lagrimas mais doces e consoladoras que ha muito tempo tenham rebentado de olhos brasileiros!.. Sim, a elle é que se deve o olharmos todos hoje com maior prazer e maior orgulho para o mappa da America do Sul! Como o Amazonas nos parece mais folgado n'elle! Mandemos ao nosso illustre compatriota e amigo este voto

de nossa admiração, a nossa humilde parcella do reconhecimento nacional.... Póde-se dizer que elle hoje se distanciou infinitamente de todos; que entrou para o alto circulo d'aquelles que por obras valerosas.

Se vão da lei da morte libertando.

Bebamos á sua saúde com o mesmo sentimento que transcende de sua tão apropriada divisa *Ubique patriæ memor*. É a divisa de quem sente que o seu destino será viver fóra do seu paiz... Hoje nem elle nem nós nos lastimaremos mais d'esse destino, porque foi o longo afastamento da patria e o sentimento que tal separação creava a causa da ambição intellectual da sua vida, do emprego que elle deu ás faculdades todas do seu espirito.... D'ahi como consequencia os seus estudos sobre a nossa historia e o nosso paiz, a livraria brasileira, os manuscritos, a cartographia americana que foi accumulando durante vinte annos, todo o seu preparo, em summa, para o papel inesperado que a boa fortuna do nosso paiz tinha reservado para elle.... Por isso, senhores, elle póde repetir convencidamente as bellas palavras : « Não me arrependo de ter affrontado trabalhos, dôres e exilio, porque labutando fui util, desterrando-me apprendi; porque encontrei em breves trabalhos um longo repouso, em leves soffrimentos um immenso gaudio, no apertado exilio uma patria amplissima.... » *In angusto exilio patriam amplissimam!* Essa patria amplissima, elle teve a fortuna de a dar, de a restituir ao seu paiz....

Honra a Rio Branco, senhores, em nome de quantos amaram verdadeiramente o Brasil; em nome dos que o precederam n'essa grande causa, como Uruguay e

Joaquim Caetano da Silva; honra em nome dos que mais o estremeceram na vida e não tiveram a emoção deste seu incomparavel triumpho, e do mais querido e o mais amante de todos os amigos que só a recebeu para expirar; d'esses, pelos que posso representar, honra em nome de Serra, de Taunay, de Rebouças, de Gusmão Lobo; honra em nome das novas gerações da nossa terra e dos seus futuros destinos... Os nossos votos, senhores, são que Deus fadembem os grandes e mysteriosos espaços que o Brasil hoje adquire *in perpetuum*, graças a elle....;

INFLUENCIA DE RENAN

(1893)

Das influencias litterarias exercidas sobre mim nenhuma egualou á de Renan. Eu seria incapaz de experimentar hoje, relendo-o, a impressão de outr'ora... Tiro da minha estante intima algum volume das suas obras, percorro os trechos que antigamente me embriagavam, não encontro mais as sensações da mocidade... Taes paginas são para mim notas que perderam o som, rosas de que se evaporou o perfume.

Minha imaginação religiosa estava provavelmente a ponto de se abrir quando a abelha de Ghazir appareceu trazendo o pollen litterario do christianismo... Até então minha grande fascinação fôra por Chateaubriand, mas Chateaubriand não possuia a gamma religiosa, não podia interpretar sinão o amor e a historia, não tinha as azas de um Novalis, faltavalle mesmo o lado todo de um Joubert, por exemplo. Sua prosa tinha uma grandeza incomparavel, muita finalidade humana, mas um imperceptivel veio de

infinito. Era soberbamente, dramaticamente terrestre. Renan surgiu com outra alma de escriptor, uma especie de buzio pythagorico que tivesse conservado a musica das esferas. Sua linguagem era por assim dizer immaterial, uma resonancia da alma universal... Suas phrases eram cadenciadas pelos compassos angelicos; pareciam reminiscencias innatas, o sussurro das coisas increadas esperando a predilecção divina... Elle de certo contava que a sonoridade da sua lingua e a suavidade da sua maneira seriam apreciadas pelos criticos superiores que formam as Academias de outros planetas... Era esse o seu publico escolhido, e não o *profanum vulgus* dos jornaes e das revistas. O dia em que fizesse recitar a sua defesa no theatro de Josaphat por uma joven actriz da *Comédie* seria a festa, o triumpho, pelo menos da lingua franceza.

Como grande escriptor elle só tinha uma nota, mas do mais puro soprano e distincta de todas as outras... Póde-se imaginar o duetto de um Bossuet com um Renan! Ninguem nunca escreveu n'esse tom na serie dos escriptores immortaes... O seu estylo é unico... Onde o achou elle? O estylo de Chateaubriand tem escalas conhecidas: a severidade do castello de Combourg, os ultimos esplendores de Versalhes, a Convenção e o Novo-Mundo ainda selvagem e virgem, a gloria deslumbrante de Napoleão, a belleza de M^{me} Récamier, a admiração universal pelo seu genio e por sua pessoa, o sonho da grandeza franceza reconstruida... Sua vida corre sempre como o Tibre entre grandes recordações. Relêde a pagina em que elle a resumiu: « Moi, fortune ou bonheur, après avoir campé sous la hutte de l'Iroquois... » Fundindo tudo isso, tem-se a sua grande maneira, a das

Memorias, a da Abbaye-aux-Bois. A metamorphose de Renan é outra. Este não vem dos castellos da velha nobreza decapitada pela Revolução, não representa perante uma platéa de reis, como o Talma dos *Débats* e da Camara dos Pares, não tem realeza propria nem clientela augusta... O que faz d'elle um grande escriptor é sua viagem ao Oriente, ou antes essa excursão ás margens do lago de Tiberiades, ao poço da Samaritana, onde elle encontra o seu ideal e suppõe encontrar o Christo. *L'Avenir de la Science*, apezar de toda a sua riqueza, não teria seduzido e encantado o mundo. Entre a primeira e a segunda maneira de Renan ha esse toque de perfeição, que começa a desaparecer no ultimo periodo pela consciencia de sua popularidade litteraria, fatal aos pensadores. Tambem via-se elle forçado a repetir-se, porque a provisão de infinito em qualquer espirito é bem pequena e gasta-se quasi de uma vez. Elle sacrificava por fim o prazer de pensar sósinho ao prazer de agradar pensando. Cahia n'esse transcendentalismo mundano, de que foi o pontífice... Como Chateaubriand, é fallando de si que elle attinge a sua fórma perfeita. *Souvenirs d'Enfance et de Jeunesse* é a sua obra mais bem acabada... A perfeição não é ás vezes sinão uma doença, outras é um choque interior que a faz brotar... O estylo de Renan parece ao mesmo tempo a incorporação a elle do espirito de Henriette e a mutilação da parte de sua alma que estava presa a ella. Associando á sua obra aquelle espirito de rara distincção, elle ficou tendo em si mesmo o seu revisor, ao passo que o matiz inapprehensivel que fórma o seu genio só um desmoronamento intimo, egual á morte de um ente complementar como ella, o teria podido produzir...

Para mim hoje a obra de primeira grandeza não se reconhece pelo brilho, mas só pela orbita. As impressões puramente litterarias como as que Renan me causou, eu as classifico entre os deslumbramentos passageiros... Um espirito de primeira ordem deve antes de tudo ser homogeneo, e Renan é um amalgama. Da superposição de espiritos differentes no artista resulta não ter a obra outro character sinão a sua fórma, o ser um continuo ensaio de nuances. Tambem elle cultivou por tal modo a ironia que ella imprimiu o seu sorriso involuntario em tudo que elle delineou... Si elle tivesse pintado a Madona, teria feito d'ella uma Joconda...

Para bem julgar o estylo de Renan, é preciso primeiro afastar a erudição que é enorme e que elle tem timidez em mostrar e o cuidado de deitar fóra como « des épluchures. » Parece ter tido a erudição espontanea. O que elle sabe, — e sabe tudo, foi a observação que me fez sobre elle George Sand, — bebeu-o em fontes ignoradas... Imagina-se onde está o bosque, mas não qual fosse a gruta... Nada sahiu da sua penna que não tenha a sua marca. Elle não é nem um imitador, nem um adaptador, nem um copista. Toma montões de manuscriptos illegiveis, jazidas semiticas, greco-romanas, rabbinicas, arabes, raizes de todas as linguas, funde tudo isso no seu crisol e, soprando como um operario veneziano no vidro, faz tomar a toda essa massa liquida as fórmas que quer, de uma transparencia e de um colorido immaterial como só tem o que são das suas mãos, a pura crystallisação do ar e da luz. Os allemães que o precederam, fizeram immensas reconstrucções do passado com outra grandeza e solidez... Nem, fóra dos historiadores, se

compara o poder intellectual de Renan ao de um Hegel, mas a erudição allemã ainda não é uma arte, um prazer, é massiça, cyclopica, corresponde em architectura á muralha ou á pyramide. Elles não procuram passar a historia na peneira litteraria, accumulam os materiaes todos sem excepção, consideram-se pedreiros anonymos de uma obra que não acabará nunca, mas será refeita cada seculo desde os allicerces; não são desenhadores de jardins aereos... Seus immensos trabalhos, elles estimam isso, desaparecerão pela simples elevação do solo, onde se sobrepõem a cada geração nova as novas descobertas... Nem por isso o papel de cada um d'elles terá sido menos essencial. Não pretendem, não querem fazer poesia, ou arte, musica nem chromatica litteraria, com a historia... Renan pelo contrario sente a completa inanidade da obra historica e serve-se d'ella apenas como de um andaime no alto do qual, olhando sempre e forçadamente para cima como Miguel Angelo ao pintar o tecto da Sixtina, componha como elle a mais bella obra ao seu alcance... A historia assim entendida é apenas o vehiculo da inspiração, como podiaser o romance, o dialogo philosophico, a auto-biographia mesmo, de que outros se serviram... Sob a fórma das sibyllas, dos prophetas, da criação que desenhasse, elle daria a medida de si mesmo, representaria os seus proprios enigmas insoluveis... Por isso escolheu a historia religiosa, — isto é, a religião mesmo, da qual aquella não é sinão um ramo, — como sua arte, porque era ella que correspondia ás parcellas creadoras que sentia em si...

Além da erudição é preciso pôr de lado as modali-

dades ephemeras, toda a parte mundana da obra, que representa o logar que lhe tinham dado em sua epocha e as concessões que elle fazia ao gosto, ao character d'ella. É a esse genero que pertencem tantos paradoxos, os quaes lembram pelo detalhe e pelo acabado as joias perfidas da Renascença, mas onde em logar da gotta de veneno elle não punha sinão um anesthesico ou um inebriante passageiro...

Afastada a erudição e a mundanidade, o seu estylo fica sendo uma verdadeira musica de idéas... A marca d'elle é a espontaneidade. Toda essa riqueza se dissiparia, como em uma caverna encantada, si elle fizesse o menor gesto de apanhal-a. Ha no fundo litterario de qualquer escriptor duas partes, a que a inspiração lhe dá e a que elle lhe toma. Em Renan tudo é livremente trazido por ella, tudo lhe vem das fadas. Elle foi verdadeiramente n'este seculo o bicho de seda da prosa franceza. A trama que elle produz é diversa, á vista e ao tacto, de qualquer outra, mas, elle mesmo seria o primeiro a reconhecer, as idéas que hão de sempre guiar a consciencia humana, não vestem sinão linho...

Foi Renan que operou em mim a separação da imaginação e do raciocinio em materia religiosa. A religião tornou-se com elle uma fôrma litteraria seductora, uma tentação apurada do espirito, mas não como d'antes uma prisão, um impedimento moral absoluto. Em taes condições, qualquer veneno que o seu estylo pudesse esconder, ter-se-hia espalhado nas partes mais exclusivas da minha razão... Foi assim que passei da duvida si Jesus-Christo teria sido um homem a idéa de que elle não fôra sinão um homem. No fundo de meu coração eu não renunciava inteira-

mente ao sentimento da sua divindade, mas o coração cessára de ser a séde da minha crença. A razão tornára-se forte bastante para embalar-o como uma creança que elle era e dizer-lhe que não procurasse inquirir de coisas fóra do seu alcance. Eu não confessaria abertamente a mim mesmo que não acreditava mais no Deus ao qual rezára toda a minha vida... A reza era no fundo o habito mais agradável para mim, minha amizade mais sincera; mas d'ora em diante eu tinha consciencia, como de um segredo guardado de mim mesmo, que uma parte consideravel da razão, a saber a faculdade ou o sentido da probabilidade e da verosimilhança, se havia separado da fé.

Hoje eu comprehendo melhor o modo por que esse rompimento se effectuou, o unico por que seria possível commigo. Tenho as notas que tomava então e por ellas vejo que foi sómente á força de amor que podia ter sido enfraquecido em mim o sentimento da divindade de Jesus. Não seria por sarcasmos nem por injurias, — que differença ha entre os gracejos de Voltaire e os dos judeus no Pretorio? — que se me teria feito renunciar á minha mais cara amizade de infancia. Foi pelo contrario accrescentando-lhe um sobrelanço de amor; foi por uma nova encarnação, que tinha para mim a fascinação de ser litteraria; por homenagens ao lado das quaes a apologetica empallidava para quem era incapaz então de apreciar-a, que se chegou a apagar para mim a sua qualidade divina. Não o diminuiam, parecia-me, augmentavam-no... Seu pedestal não era mais o céo, era a terra. Elle ficaria sendo perpetuamente o chefe moral da humanidade; em logar de filho de Deus, seria o pri-

meiro dos seus « creadores... » Embalsamavam-no uma segunda vez e para sempre em essencias mais preciosas do que os aromatas de Nicodemo... Desciam-no da divindade no seculo XIX com a mesma piedade com que elle foi descido da cruz... É dizer que elle continuava a ser Deus; sómente attribuia-se-lhe uma divindade ideal, que cada um podia dar-lhe á vontade do seu coração. A mudança custava-me pouco, porque eu não me separava d'elle. Havia uma simples troca de concepto... Eu continuaria a repetir cada dia a oração que elle ensinou, mas em lugar de dirigir-me a Deus n'elle mesmo, eu me dirigiria a Deus por elle e com elle... Meu coração continuava assim a tremer em suas mãos... Elle ficava sempre aquelle de quem a humanidade não é digna de tocar as sandalias...

Não foi só por uma renovação do amor que o apagamento da divindade do Christo tornou-se possível no meu espirito, foi também por uma objectivação poderosa... Collocada no verdadeiro quadro historico, a figura do Messias como que era melhor isolada do céo... Para reduzi-la á pura humanidade, comprehendeu-se que era preciso tornal-a mais viva. Para isso refazia-se o theatro com uma grande precisão de detalhe; revivia-se o horizonte, o poço, a paizagem, as flôres do campo, a belleza das mulheres, tudo o que cercou a Jesus... Era fazer com a critica religiosa o mesmo que a Renascença tinha feito com as artes. Esta, porém, humanisára o Christo para melhor divinisa-lo; humanisavam-no agora de novo para tirar-lhe a divindade. No seculo XV e XVI os artistas, pintores, esculptores, gravadores, quizeram renovar a fé pela belleza, pela vida, substituindo por um Christo

vivo e seductor o Christo livido e sangrento dos calvarios gothicos... Da mesma fórma, Renan pensou renovar a arte religiosa collocando ao lado do Christo asceta e mortificado da idade média um verdadeiro contemporaneo dos judeus de Flavius Josephus, trazendo a marca da sua raça e da sua epocha, da civilização hebréo-romana do tempo de Herodes e Pylatos... O encanto do homem faria esquecer o Deus, ou seria tal, de tal modo idealizado, que a qualidade divina não lhe accrescentaria nada e poderia ser-lhe tirada sem diminuil-o, como satisfação sómente á critica ou á sciencia...

O esboço do Jesus de Renan mostra que não se toca na divindade sem se ser por sua vez tocado por ella, e tambem que ninguem compõe uma figura ideal sem copiar os proprios traços e sem a limitar pelas proprias dimensões intellectuaes. O Christo de Renan, si eu o analyso hoje, parece-me uma especie de Hamlet hegeliano, isto é, o reflexo de uma philosophia quasi dois mil annos posterior a elle ; em parte é tambem uma criação pessoal, portanto sem personalidade propria, um anachronismo ingenuo de sabio e de artista que se retrata a si mesmo sem o sentir e idealizando-se fortemente, em vez do personagem que quer restaurar... Outr'ora, porém, a belleza e a verdade do quadro local, a frescura da paizagem e do lago, a luminosa materialidade do facto, do conjuncto historico, cegavam inteiramente quanto ao character e ao alcance da nova lenda.

A razão pela qual tantos espiritos acham em Renan uma verdadeira volupia litteraria é que não estão habituados aos velhos livros donde essa prosa foi em grande parte extrahida por delicadas e successivas

distillações. Para leitores assíduos da litteratura materialista, a casta idealisação renaniana traz uma emoção que não seria nova si elles lessem os mesmos livros que Renan tão intimamente assimilára... Então elles prefeririam os proprios succos das plantas ao mel perfumado em que a abelha os transformava... Os espiritos de verdadeira cultura religiosa acham com effeito maior sabor no Ecclesiastes ou no livro de Job do que nas variações do seu delicioso escoliasta. Outro encanto é que si a obra de Renan está cheia de palavras antigas das quaes elle tirou a perola, taes como Deus, espirito, alma, dever, religião, verdade, tambem está semeada de outras, como illusão, belleza, poesia, amor, sonho, infinito, ideal, absoluto, a que elle deu como que uma sensação nova... Elle fez das litteraturas sagradas um uso que ninguem fizera antes... Eu disse que elle era o bicho de seda da prosa franceza; a religião comparada, da qual a philologia não era para elle sinão um ramò, foi a amoreira em que elle viveu... Na religião é preciso fazer entrar as artes e os moralistas... Paginas inteiras em sua obra não são sinão refrações de uma phrase de Epicteto atravez de uma idéa de Spinoza... O que o caracteriza é ter sido só; ninguem influiu mais no seu tempo, nenhuma influencia foi no emtanto mais visivelmente esteril. Fóra de Renan o renanismo desaparece de todo, porque não era sinão um condão pessoal... Si a escola de Renan fosse possivel, chegaria ao culto da Madona, a religião que reune o culto pagão da belleza á idéa christã de immaculabilidade. Elle escreveu sobre o desvendamento da castidade christã linhas que vestirão para sempre a nudez das virgens e dos martyres... Essa será tam-

bem a parte perduravel da sua obra, os sentimentos religiosos que elle tratou como puro moralista... Destacae esses trechos, ponde-lhes outro nome de auctor, tornaes-os anonymos, e elles serão para todos eguaes ao que Platão compoz de mais harmonioso... Renan não tem originalidade philosophica: todos os seus motivos proprios ficam muito áquem das notas dos grandes iniciadores; mas ninguem soube ferir delicadamente como elle as idéas de que não é dado á linguagem reduzir e fixar... Si elle esfumou talvez demais o contorno moral das coisas, por outro lado reproduziu o infinito com uma perspectiva, uma distancia e uma diaphaneidade sem equal; deixou-o inacessível ao pensamento, mas pô-lo ao alcance do coração. Si se figurasse a prosa de alguns dos escriptores francezes do seculo como partes de uma cathedral, a de Renan seria a rosa colorida que decompõe e pulverisa a luz exterior... Si tivesse vencido como historiador, elle teria substituido a religião pela lenda, sem se poder dizer em que a differença consistia.

Foi esse sub-caracter religioso da litteratura renana o segredo de seu prestigio sobre mim... Toda a sua estructura historica cahirá; a musica mesma de sua phrase pôde passar como passou a de Bellini, mas as idéas e sentimentos que elle trabalhou com as duas ou tres ferramentas da infancia, esses viverão como obras primas de graça e de frescura... Elle mesmo comprehendeu a verdadeira natureza da sua obra quando previu que a reduziriam um dia a um livro de Horas... Seria possivel fazel-o, sem o nome. Si elle tivesse escolhido qualquer assumpto fóra da religião, não se teria elevado até á arte... No intimo,

elle era tão reconhecido á Biblia como o virtuose ao seu stradivarius...

Esse character religioso da sua obra revela-se mesmo pelo receio de tocar desnecessariamente na fé. Elle quizera manter todos os effeitos da fé, adormecendo a causa... É assim que elle trata á Jesus como si fosse Deus, depois de mostrar que o não podia ter sido... Reforma-o com as honras e o apanagio da divindade pelos serviços que prestou e pelo amor que elle mesmo lhe conserva... Sente-se que para elle abalar nos espiritos maior porção de fé do que indispensavel para abrir caminho á sciencia é uma destruição inutil de felicidade, o que a terra custa mais a produzir. Vê n'isso um mal feito ao homem. Esse mal elle causa-o apezar de tudo ; mas como procede ? Procurando tocar na fé sem roçar, o que é impossivel, no amor que ella encerra, e de facto substitue-a por um pezar de não crer, que só serve para enganar o coração e que o materialismo não distingue da devoção verdadeira. Em todos os seus livros encontram-se como nas excavações antigas d'esses lacrimatorios sem numero... Sempre que emprega uma palavra religiosa, não renuncia a nenhum dos sentidos successivos que ella teve desde a origem. Os materialistas não vêm n'essa piedade de Renan pelo Deus que repudiou, sinão uma fé que não quer morrer. A criação renaniana parece-lhes uma transformação da divindade material do Christo, tão perigosa como esta. Não ha duvida que Renan procurou congraçar em volta de Jesus, em uma especie de accordo litterario, o mundo dos crentes e o mundo dos scepticos, sem lhe importar a qual dos dois' aproveitaria o beneficio... O respeito que por vezes elle mostrou á Egreja provinha prova-

velmente de ter comprehendido que fóra d'ella não ha alliança possivel entre a élite e as outras camadas sociaes. Por isso pertencia ao partido da conciliação a todo o custo. « É a tendencia dos espiritos fracos, diz em alguma parte Lacordaire, querer unir o que é incompativel. » Renan acreditava pouco em incompatibilidades. Os fanaticos são operadores ingenuos que não conhecem a chimica.

Corpora non agunt nisi soluta.

O phenomeno mais commum na ordem moral é exactamente o que se chama em chimica acção de presença, quando dois corpos inertes em frente um do outro se misturam desde que um terceiro se manifesta. A historia das religiões não é sinão uma longa serie de acções d'esse genero. O germen de todas as coisas nobres é só um ; ellas não se particularisaram sinão na fórma e para mais agradar umas ás outras. Foi isso obra do meio, do momento, do grupo humano que reflectem... Será quasi a despeito d'elle que Renan destruiu a fé em espiritos incapazes de refazerem por si mesmos as mutilações que recebem... Elle era d'esses que estimam ser admirados, sem se preocuparem de ser seguidos... Não tinha para onde levar ninguem. Sabia bem que seu pé não deixava vestigio, porque pisava o ar... Elle era o Don Juan do infinito... Como moralista, entretanto, sentia a necessidade cada vez mais de pontos fixos, mas faltava-lhe tanto a força de separar-se do seu rastro de paradoxos como a São Jeronymo para queimar o seu Cicero e o seu Plauto. « Onde estiver o teu thesouro, ahi tambem estará o teu coração : » ouvia elle tambem censurarem-no, como ao asceta.

Ha muitos traços das boas intenções de Renan para com a idéa de Deus. Pela minha parte, por uma especie de pantheismo que consistisse não em vêr Deus em tudo, mas em acceitar todos os modos de vêr a Deus, recebi bem a idéa de Renan, adaptada de Hegel, que Deus está em estado continuo de formação, a collaboração universal na formação de Deus, como uma grande Encyclopedia do Universo de edições successivas... Pelo vago da notação, ao contrario do *processus* hegeliano preciso e d'antemão conhecido, a idéa parecia-me ter uma orbita infinita; mais tarde reconheci-lhe a extrema estreiteza. O Deus formado parcella a parcella pelo esforço, pelo instincto, pela adivinhação do homem, não seria nunca sinão um bem insignificante infinito, um mui precario absoluto. Mesmo si em todos os astros se trabalhasse na mesma obra, a eternidade não bastaria...

Quanto á terra, porém, é, de certo, exaggerar o alçance dos factos humanos, imaginar-se que alguns reflexos exactos das coisas, raros e fugazes como são, no cerebro de alguns pensadores escolhidos, possam ser contados como verdadeiras parcellas de Deus... A idéa entretanto não deixaria de parecer consoladora no meio do materialismo reinante, a ser verdade essa outra insinuação renaniana de que Deus, uma vez sua evolução acabada, poderia desobrigar-se de sua divida para com os que tivessem tido parte n'ella, resuscitando-os e chamando-os a uma nova existencia. Essa possibilidade tornava-se, pelo simples facto de ser admittida, uma probabilidade e não differia em nada da immortalidade de essencia. O optimismo renaniano toma sempre a fórma aristocratica, e a sua immortalidade seria assim para uma

bem pequena categoria de intelligencia, de belleza e de bondade... Com os ascendentes intellectuaes de Deus, elle constituiria um Prytaneu, onde elle mesmo se acharia em companhia de sua escolha, em uma especie de Academia de todos os tempos... Felizmente para os outros, a natureza é profundamente democratica e equalitaria; ella opera sempre por grandes massas. Deus teria que achar logar no seu paraizo para as oito categorias de humildes e de simples aos quaes elle foi promettido em seu nome, e o arrependimento, que é o Lethes christão, teria as suas margens invadidas pelas multidões. Por fim seria a mesma coisa que a idéa catholica. Esse Deus, que ennobrece os seus antepassados como um soberano chinez, saberia levar em conta o maior de todos e reconheceria Jesus como o proprio Verbo encarnado.

A philosophia de Renan, como se vê, não era de natureza a saciar em mim a sêde de infinito ou de divino que ella mesma aguçava... Estudando-o mais tarde, aconteceu-me ser mais attrahido pelo residuo que elle esqueceu no fundo da retorta do que pelas syntheses artificiaes que formulou. O seu dilettantismo desviou-me; sua seriedade, porém, ajudou-me a voltar. Aconteceu-lhe tomar a vida como uma villegiatura e não como residencia fixa por causa da companhia que encontrou. Foi a companhia que decidiu de sua sorte. Sósinho, elle teria sido um Fra Angelico; em uma sociedade encantadora, quiz ser um Corregio... Elle ficará sendo, porém, o rival de Platão pela belleza inexprimivel da linguagem...

A mim, parece-me que Renan creou o instrumento com o qual elle mesmo deve ser combatido e a imagem de Christo restaurada nos pontos em que elle a desfi-

gurou. A Igreja, quando encontra qualquer arte pretendendo combatel-a, póde sempre dizer-lhe: « Tu és minha obra. » É sómente a arte que mata as religiões, não a sciencia, e felizmente para o Catholicismo foi elle que deu vida ás ultimas artes... Desde que a arte se conservou até hoje ao serviço da religião, continuará até o fim; não se poderia imaginar outra arte capaz de crear uma religião nova ou de sobreviver ao sopro christão. O Christianismo e a arte estão assim destinados a perecer juntos. A arte anti-religiosa é uma novidade d'ora em deante impossivel na historia. Tal arte, a esthetica do atheismo, digamos, teria contra si toda a arte religiosa da humanidade, e as fórmas definitivas do bello, como as estatuas gregas, por exemplo, ou os frescos da Renascença, tornam-se mais imponentes á medida que recuam no passado... A que potencia teriamos de elevar o genio humano para imaginarmos no futuro uma arte capaz de eclipsar o periodo religioso da arte? De facto, religião e arte são termos conversiveis. A arte renaniana é um botão da antiga roseira mystica...

Não é dado em todo caso a ninguem calcular si, vindo depois de Voltaire e em pleno materialismo scientifico, Renan fez mal, ou bem, ao Christianismo... Elle de certo lançou uma ponte entre as duas margens afastadas do espirito moderno, pela qual, si passa muita gente do lado religioso para o lado sceptico, — e grande parte d'esses voltam mesmo por ella, — passa ainda mais do lado sceptico para o lado religioso. Elle não terá sómente por si as vozes dos sybaritas intellectuaes, dos degustadores do falerno opimo que elle nos serviu. O futuro muito distante o tomará por um amigo do Psalmista ou por um dos que não

estranharam a Maria o preço do perfume que ella deramou sobre o Christo... A caridade dos interpretes dirá que elle se disfarçou em incredulo para insinuar o interesse pelo Nazareno a uma camada impervia a tudo o que não é a alta cultura, como os Jesuitas que na China simulavam seguir a Confucio para abrirem caminho a Christo... O infinito não tinha tido ainda um humorista, e elle quiz talvez sel-o... A vingança do infinito será incorporar a si as scintillações e reflexos divinos que se encontram em sua obra, e deixar esquecer, talvez até com o seu nome, o que foi apenas tentativa pessoal, vôo de Icaro, irresistencia ou desfallecimento do coração, a pressão insensível que em má hora elle fez sobre o leme da sua vida, e que a levou para tão longe do rumo onde ouvira as vozes dos anjos...

Certamente não se poderia armar o navio que leva a bordo a direcção moral da humanidade com a seda renaniana; elle tem necessidade de outro velame, muito mais forte... Quanto a mim, que me alistei um dia na sua equipagem e naufraguei com ella, eu ficarei sempre reconhecido ao mestre desgarrado. A absoluta insufficiencia das suas soluções, tanto quanto a resultante occulta da sua obra, concorreram para arrancar a minha fé na mocidade ao abraço fatal da sciencia, á morte pelo frio. A elle eu devo, em parte, ter ella guardado o seu calor durante essa amnesia de vinte annos... Sem elle eu teria seguido o mesmo declive, porque era o declive da originalidade, da imitação, da moda do meu tempo, mas qualquer outro guia ter-me-hia conduzido a circulos mais profundos donde muito poucos terão voltado e onde eu vi immersos, cên-

gidos á terra, tantos dos meus melhores amigos, nos quaes a imaginação religiosa se atrophiou para sempre... Sem Renan eu não teria sentido durante todo o meu afastamento da fé essa nostalgia que experimentam sempre aquelles a quem Deus reserva ainda a volta. Graças a ella, reconheci logo a superioridade da *Cabana do Pae Thomaz* sobre a *Vida de Jesus*... No fundo elle não fez sinão dar demasiado relevo em meu espirito a está phrase de Christo, tomada litteralmente: « meu Pae é maior do que eu, » e o Pae restabeleceu o Filho... Elle operou a destruição pelo amor, mas o amor acaba sempre recompondo o seu Deus... Si ella tivesse tido logar pela sciencia, o espirito mutilado não teria guardado siquer a recordação da sua divina cicatriz....

Petropolis, 1893.

INDICE

Terceiro centenario de Camões.....	1
João Caetano.....	25
Sarah Bernhardt.....	35
Portugal e Brasil.....	43
Resposta ás mensagens do Recife e de Nazareth.....	55
Rodolpho Dantas.....	79
O enterro do Imperador.....	89
A revolução Rio-Grandense.....	103
Recepção no Instituto Historico.....	115
Significação nacional do centenario Anchietano.....	123
A Rainha Victoria.....	145
A Academia Brasileira.....	191
Guilherme Puelma Tupper.....	207
Elogio dos socios do Instituto Historico.....	219
Alfredo d'Escragnolle-Taunay.....	243
Barros Sobrinho.....	247
Soares Brandão.....	255
Congresso antiesclavagista de Paris.....	265
Banquete ao barão do Rio-Branco em Londres.....	279
Influencia de Renan.....	285



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).